

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Juventude do contexto rural: perspectivas sobre escola no processo dos
projetos de vida**

Wanderson Diego Bramé

RIBEIRÃO PRETO
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Wanderson Diego Bramé

**Juventude do contexto rural: perspectivas sobre escola no processo dos
projetos de vida**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão
Preto para obtenção de título de Mestrado
no Programa de Pós-Graduação em
Psicologia

Área de Concentração: Psicologia:
Processos Culturais e Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio dos Santos
Andrade

Ribeirão Preto
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Bramé, Wanderson Diego

Juventude do contexto rural: processos de subjetivação nos encontros entre escola e projetos de vida. Ribeirão Preto, 2023. 182 p.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.

1. Juventude Rural. 2. Projetos de Vida. 3. Esquizoanálise.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, por estar vivo depois do período catastrófico da Pandemia. E por não perder nenhuma pessoa que amo, apesar dos esforços renitentes de um poder genocida.

Agradeço a minha mãe, Cuca. Que com sua simplicidade me ensinou muito mais do que qualquer universidade poderia fazer. Assim como minha tia, Rita, com seu amor incondicional. Agradeço, ainda, meu irmão Tiago, quem me inseriu na vida adulta, com os primeiros ensinamentos sobre relacionamentos, trabalho e vida social. E que recentemente nos presenteou com uma nova vida, Elloáh.

Agradeço também a minha esposa, Sam. A quem dedico este trabalho. Companheira de todos os momentos, jornadas e aventuras. Agenciamos uma relação de diferenças, produções a dois corações. Juntos, somos de outro mundo.

Não poderia deixar de agradecer de maneira especial, meu amigo e compadre, Marelo. Pelas longas e longínquas conversas, debates filosóficos, políticos e histórias, muitas delas intermináveis, madrugada adentro, mas sempre afetuosas. A meu outro amigo de República Canabrava Filho, Rodriguera, também deixo meu agradecimento. Não posso me esquecer dos queridos Lika e Donato, especiais camaradas.

Aos amigos encontrados na graduação, Vitinho, Sossego, Rafa Pai e Rafa Pastor, também agradeço. Nossas experiências foram recheadas de aprendizado sobre a psicologia e sobre a vida, seja nas salas de aula ou nas mesas de bar. Essa dissertação tem um pouco de cada um.

Agradeço aos meus professores, mestres que me dedicaram seus ensinamentos. Em especial, ao Toninho, orientador que me abraçou com sua potente gentileza e meticulosidade, sem titubear. Também agradeço ao Leandro, que me mostrou ser possível. Possível pensar, falar, ocupar espaços e produzir, assim como qualquer pessoa. Aos professores Renato e Ramiz, também dedico minha gratidão.

Por fim, agradeço a todas as vozes em minha cabeça.

RESUMO

Bramé, W. D. (2021). *Juventude do contexto rural: perspectivas sobre escola no processo dos projetos de vida* (Dissertação de Mestrado). Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Diante das condições históricas e contextuais do espaço rural, estão complexidades profundas como a dificuldade de acesso a serviços básicos, vulnerabilidades socioeconômicas, precariedade de moradias, além de questões contemporâneas, ligadas à globalização como conflitos por espaço e dinheiro e necessidades sobre sustentabilidade. Nessa conjuntura surge a juventude rural. Intimamente relacionada com as questões de seu contexto de vida, as experiências do período vão além das do mundo urbanamente normatizado, ligados à terra e agricultura familiar e suas relações de poder geracionais, ao isolamento, falta de referências, bem como às constantes movimentações nesses segmentos. Concomitantemente, estão presentes nesses jovens os processos de escolarização; questões sociais e comunitárias; e preocupações concernentes ao futuro e seus projetos de vida. Diante disso, o objetivo da pesquisa é acompanhar e cartografar os processos de subjetivação de jovens moradores da área rural, considerando as especificidades desse contexto de vida, sobre a participação da educação escolar em seus projetos de futuro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, com base teórico-metodológica na Esquizoanálise e no método cartográfico. Utilizamos como instrumentos, entrevistas individuais e diário de campo. Participaram 6 jovens, entre 15 e 18 anos. Os convites foram feitos através da estratégia de bola-de-neve. A análise ocorreu através de 4 movimentos: transcrição; reconhecimento dos elementos dos agenciamentos; acompanhamento dos índices desterritorialização; e construção do texto. Os resultados foram apresentados através da metodologia de casos múltiplos, respeitando a apresentação e discussão de cada caso singularmente. Um tema por vez, os blocos da entrevista foram organizados, seguidos da argumentação das movimentações. Os processos de subjetivação foram cartografados, destacando pontos de intensidade de cada agenciamento. No primeiro caso, acompanhamos e discutimos principalmente a existência de relacionamentos abusivos e quais as implicações no ambiente escolar. Na segunda entrevista, foi possível destacar as movimentações sobre carreira e a relação cidade e sítio. Com Gustavo, o terceiro caso, apareceram enunciados sobre a reprodução social na terra e as formas de aprendizado com a família, bem como aversão ao sistema escolar e às pedagogias tradicionais, pensadas exclusivamente para o mundo urbano. A quarta entrevista teve material extenso. A experiência com a rotina na roça, encontros com temas polêmicos de maneira criativa, desafios que teve enquanto mulher para tentar alcançar a continuidade no ensino superior e as nuances do isolamento social enquanto moradora da área rural, foram resultados da entrevista. Bruno, o quinto caso, nos demonstrou como os papéis de gênero no universo rural vêm se desconstruindo e reconstruindo. E a última entrevista mostrou a participação da arte, viabilizada pela escola. Também destacamos, de maneira geral, a experimentação do futuro enquanto um agente de criação, o apreço pelo rural, embora dificuldade em permanecer ali, as dificuldades do ensino à distância para os moradores da roça e as multiplicidades do encontro entre jovem e escola. Concluímos que foi possível alcançar os objetivos propostos, resguardando algumas limitações da pesquisa.

Palavras-chave: juventude rural; projetos de vida; Esquizoanálise.

ABSTRACT

Bramé, W. D. (2021). *Youth in the rural context: perspectives on school in the process of life projects* (Dissertação de Mestrado). Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Facing the historical and contextual conditions of the rural space are deep complexities such as the difficulty of access to basic services, socioeconomic vulnerabilities, precarious housing, in addition to contemporary issues linked to globalization such as conflicts over space and money, and the need for sustainability. In this conjuncture the rural youth emerges. Intimately related to the issues of their life context, the experiences of the period go beyond those of the urban standardized world, linked to the land and family agriculture and their generational power relations, to isolation, lack of references, as well as the constant movements in these segments. Concomitantly, the processes of schooling, social and community issues, and concerns about the future and their life projects are present in these young people. In view of this, the objective of this research is to follow and map the processes of subjectivation of young people living in rural areas, considering the specificities of this life context, about the participation of school education in their future projects. This is a qualitative, descriptive and exploratory research, with theoretical and methodological basis in Schizoanalysis and in the cartographic method. We used as instruments individual interviews and field diary. Six young people, between 15 and 18 years old, participated. The invitations were made through the snowball strategy. The analysis occurred through 4 movements: transcription; recognition of the elements of the agenciements; follow-up of the deterritorialization indexes; and construction of the text. The results were presented through the multiple case methodology, respecting the presentation and discussion of each case singularly. One topic at a time, the interview blocks were organized, followed by the argumentation of the moves. The processes of subjectivation were mapped, highlighting points of intensity of each agency. In the first case, we mainly followed and discussed the existence of abusive relationships and what the implications were in the school environment. In the second interview, it was possible to highlight the movements about career and the relationship between city and place. With Gustavo, the third case, there were statements about social reproduction on the land and the ways of learning with the family, as well as aversion to the school system and traditional pedagogies, thought exclusively for the urban world. The fourth interview had extensive material. The experience with the routine on the farm, encounters with controversial issues in a creative way, challenges she had as a woman trying to achieve continuity in higher education, and the nuances of social isolation as a rural dweller, were all results of the interview. Bruno, the fifth case, showed us how gender roles in the rural universe have been deconstructing and reconstructing themselves. And the last interview showed the participation of art, made possible by the school. We also highlighted, in a general way, the experimentation of the future as an agent of creation, the appreciation for the rural, despite the difficulty in staying there, the difficulties of distance learning for rural residents and the multiplicity of the encounter between young people and school. We conclude that it was possible to achieve the proposed objectives, safeguarding some limitations of the research.

Keywords: rural youth; life project; Schizoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
O Aporte Esquizoanalítico.....	17
JUSTIFICATIVA	27
OBJETIVOS	28
PERCURSO METODOLÓGICO	29
RESULTADOS	40
Juventude Rural e Futuro: levantamento bibliográfico	41
A Abordagem da Ciência Latino Americana	41
Família e gênero	43
Trabalho e renda	46
Educação e escola no mundo rural	49
Outras questões socioespaciais	52
Novas ruralidades.....	53
Estudo de Casos Múltiplos.....	56
Caso Jaque.....	56
Caso Maria Clara	71
Caso Gustavo	85
Caso Felipa.....	102
Caso Bruno.....	141
Caso Ricardo	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170
APÊNDICE A	183
APÊNDICE B	184
APÊNDICE C	185

APRESENTAÇÃO

A ideia de estudar juventudes rurais começou ainda na graduação e de maneira tímida, pois relacionar ruralidades e psicologia não foi comum no curso.

Para o pesquisador, vindo de um município rural, era estranho olhar para a psicologia e os exemplos apresentados em sala de aula, sempre europeus, norte-americanos, vindos de grandes centros urbanos.

Discutíamos durante as aulas e em grupos, se aqueles estudos, caso fossem feitos em lugares distintos, não seriam totalmente diferentes. Incomodava obrigatoriamente olhar para a cabocla e ter de distorcê-la para formar um teatro grego psicanalítico, ou reduzi-la a um esquema de três fases, por exemplo.

O embaraço ganhou mais espaço quando, em um dos estágios escolares, acionamos os alunos a produzirem temas sobre seus futuros. Alguns, ali chamados pelas professoras de “alunos problema”, que pouco participavam da aula e, quando faziam, tumultuavam, sugeriram falar sobre o rodeio e a profissão do peão de boiadeiro. A partir dali a participação nas atividades mudou e acabou mobilizando a turma toda. O envolvimento espontâneo desse grupo no pensar seus futuros de maneira caracteristicamente rural nos despertou para a óbvia necessidade de se ancorar no real; até porque não haviam referências bibliográficas prévias que conhecêssemos. Ninguém esperava, por incrível que pareça, que os alunos trariam aqueles interesses.

Percebemos a gritante invisibilidade gritante daquele território, município e região, esperando o estereótipo do adolescente urbano, mais ligado ao consumismo, entretenimento da moda e com perspectivas produtivistas, como muitas vezes é praticado (Furlani e Bonfim; 2013).

A experiência ocorrida no estágio movimentou nossa procura por novos espaços do saber, evidenciando a necessidade de uma transdisciplinaridade, para além da psicologia colonial. A graduação terminou, mas encontramos no processo de mestrado uma chance de explorar e aprofundar aquela provocação.

Dessa forma, com intuito de olhar para processos de subjetivação pouco vistos, conhecer e apontar linhas de fuga, nasceu um projeto de pesquisa que, mais tarde, se transformou nesta dissertação.

O leitor encontrará aqui três grandes seções: introdução; percurso metodológico; e resultados. Iniciamos com uma breve contextualização aos primeiros

espaços abordados, ou seja, o contexto rural e sua relação com a juventude. Posteriormente, apresentamos alguns conceitos da Esquizoanálise, aporte teórico e metodológico que utilizamos e finalizamos a introdução com justificativa e objetivos.

Seguindo, no percurso metodológico falamos sobre as trilhas percorridas para a pesquisa bibliográfica, ferramentas da metodologia cartográfica, apresentação do local de pesquisa, os participantes, os procedimentos, aspectos éticos e a forma de análise.

Por fim, no último bloco da pesquisa, comunicamos os resultados, sendo eles a revisão bibliográfica e depois os casos estudados, mesclando com as análises realizadas, um entrevistado por vez.

INTRODUÇÃO

O rural é um universo social específico, espaço de produção, trabalho e convivência, altamente complexo e rico em vida, cultura e interação, atravessados por valores urbanos e um grande dinamismo de sociabilidades (Otero, 2013). Possui características próprias, embora não definitivas, tampouco homogêneas; seu universo cultural, simbolismos, bens e expressões dependem da rede social e seus diversos atores, costumes, histórias, vivências, etc (Carneiro, 1998). Além disso, o rural não está isolado e nem imune às consequências da globalização e às rápidas alterações do mundo contemporâneo, constituindo-se assim como um local de experiências em que se transita cada vez mais, reciprocamente, entre as idiosincrasias rurais-urbanas (Moraes & Vilela, 2013).

Ao revisitarmos a história, vemos que o rural está profundamente engendrado com as construções cíclicas do Brasil e suas organizações e dispositivos, seu povo, núcleos familiares, reprodução social e construção de subjetividades.

Desde antes da invasão européia, os povos tradicionais já estavam estabelecidos e se movimentavam através da terra e seus proventos. Foi a terra também que motivou a ocupação pelos portugueses, gerando conflitos que desembocam na atualidade (Souza, 2016).

A divisão em capitanias hereditárias, o sistema de sesmarias, as invasões, e, como um marco histórico, a Lei de Terras no ano de 1850, são alguns informes de como o espaço-tempo brasileiro foi construído para a concentração de um rural em grandes latifúndios, na mão de poucas pessoas, sempre de origem européia (Souza, 2016).

A organização do campo foi planejada para construção e manutenção de pontos de poderes em âmbito nacional (Souza, 2016). A própria Lei das Terras (1850) foi uma resposta aos movimentos progressistas. Pequenos agricultores estavam tomando posse de espaços de produção de maneiras espontâneas. Na mesma época havia pressões para o fim da escravidão, conseqüentemente, do término da exploração animalésca da mão de obra que gerava o lucro das fazendas. Dessa forma, a lei de 1850 formalizou a criação de latifúndios e impediu que pessoas pretas, mesmo que livres, e imigrantes pobres fossem donos de terras, sob a justificativa de que pequenos espaços não seriam produtivos para a nação e, agricultores menores não conseguiriam administrar lotes maiores (Martins, 2010).

Essas grandes fazendas eram movidas por pessoas indígenas ou africanas, quase sempre de origem escrava. Com isso, embora de maneira violenta e forçada, o espaço rural foi preenchido por suas produções (Martins, 2010; Sant'Anna, Castro, & Jacó-Vilela, 2019).

Com a proibição do tráfico de escravos, os latifundiários, ainda que pudessem possuir negros, passaram a substituí-los por mão de obra europeia. A obtenção de escravos ficou cara, e com a lógica racista, pessoas pretas não eram contratadas. Assim, a exploração de colonos em situações insalubres permitia o maior lucro (Martins, 2010).

Com o tempo, a vinda de mais forasteiros foi estimulada pelo estado brasileiro, inclusive com incentivos que garantiam doações de terras para produção rural e agrícola, reconstruindo espaços de pequenos produtores. Dessa forma, os imigrantes, sobretudo vindos da Europa e Ásia, também constituíram espaços nos universos rurais do Brasil (Bassanezzi, 1995).

Já dentro do século 20, a partir dos anos 40 e aprofundados nos anos 60, movimentos de modernização do campo, com revoluções tecnológicas e industriais aconteceram, trazendo mudanças que aprofundaram as diferenças entre o grande e o pequeno produtor. O dinheiro e conhecimento exigido, bem como a criação de grandes centros industriais sedutores de capital e de uma nova vida, pressionaram a saída das famílias e resultaram na apropriação das terras por grandes ruralistas (Souza, 2016).

A partir daí, o agronegócio se expandiu e, em grande escala, passou a ser mais rentável a exploração pecuária e de monocultura, gerando ainda mais concentração de riquezas e poder, em detrimento da produção de alimentos variados, ou produção familiar (Souza, 2016).

A crise rural nesses moldes, se arrasta até os anos 90. Com cenário dominado por ideários liberais, haviam poucos esforços pelo estado para combater o detrimento dos núcleos de agricultores familiares. Nesse contexto, começa a surgir um debate mais sistemático sobre a juventude rural nos ambientes acadêmicos e de movimentos sociais (Martins, 2021).

O contexto rural, então, sempre foi dividido em pelo menos dois segmentos. De um lado os grandes produtores, latifundiários defensores de um ideal conservador e selvagemmente exploratório que prega o uso taxativo de agrotóxicos para monoculturas quilométricas maiores e maiores lucros, independente dos

prejuízos. O chamado agronegócio sempre foi forte e utilizou-se de seu poder para assim o manter (Sauer, 2008).

Por outro lado, existe o pequeno produtor. Escapando nos entremeios da história, no fim dos anos 90 e início dos anos dois mil, a academia, agrupando seringueiros, quilombolas, indígenas, pescadores artesanais, comunidades de fundo de pasto e pequenos roceiros, visto que tratavam de produções em conjunto da família e para o seu provento e reprodução, conceituou-os como agricultura familiar (Sauer, 2008).

A pressão realizada por movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a Pastoral da Terra, por exemplo, e a organização política-acadêmica surtiu efeito, assentando a categoria de agricultura familiar, produzindo e ampliando políticas públicas para o segmento nos anos 90 e com maior força nos anos dois mil (Martins, 2021).

Entre as principais políticas públicas, podemos citar o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Criado em 1996, trata-se de uma linha de crédito específica para agricultores familiares, que oferece juros mais baixos e prazos mais longos para pagamento, além de assistência técnica, capacitação e outras medidas de apoio aos produtores, tratando-se de um dos principais programas de incentivo ao pequeno agricultor (Cazella et al., 2017).

Outra política pública foi o Programa Luz Para Todos, criado em 2003 com o objetivo de levar energia elétrica para toda a área rural, ainda com grandes lacunas de luz (Brasil, 2003). Também podemos citar o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), iniciado em 2009, que teve e tem como objetivo principal promover a inclusão social no campo, por meio da melhoria das condições de moradia das famílias rurais. Com a construção ou reforma de moradias dignas, o programa buscou contribuir para a redução das desigualdades sociais e desenvolvimento sustentável, além de estimular a permanência das famílias no campo (Buonfiglio, 2022).

Cabe também comentar sobre o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), também fundado 2003, que incentiva a compra de alimentos produzidos por agricultores familiares para serem distribuídos em escolas, hospitais, presídios, entre outros locais, bem como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), regulamentado em 2009, que exige que pelo menos 30% dos alimentos adquiridos para a merenda escolar sejam provenientes da agricultura familiar. Ambos ajudam a

promover a segurança alimentar e nutricional, além de estimular a produção e a comercialização dos produtos da agricultura familiar (Cazella et al., 2017).

Contudo, mesmo com todas as tentativas de avanço, ainda atualmente, considerando critérios socioeconômicos, é o campo que concentra as maiores taxas de pobreza e insegurança (Miranda & Tiburcio, 2013; Silva & Macedo, 2017). Ximenes e Moura Junior (2013) ressaltam que é nas áreas rurais que estão as mais precárias realidades do território nacional, com os índices mais baixos de qualidade de vida e diferenças sociais. É no espaço rural, também onde mais são encontradas pessoas em trabalho análogo a escravidão (Souza, 2016).

Ademais, problemas e vulnerabilidades ganham maior proporção devido a especificidades do campesinato, que além de ser de população historicamente marginalizada, ignorada em meio ao modelo de desenvolvimento produtivista industrial ligado ao estilo de vida urbano (C. Miranda & Tiburcio, 2013), ainda possui dificuldades como acesso à saúde, mobilidade, educação, saneamento básico, serviços públicos, moradias, menor autonomia e geração de renda (Brasil, 2015).

Discussões mais recentes trazem atualizações sobre o tema em consequências do mundo globalizado (Silva & Macedo, 2017). A transição e ressignificação para processos de vida mais ligados à natureza e autossustentáveis, as especificidades da era digital, necessidades e ânsias pela inclusão e participação nos ambientes virtuais, além de disputas territoriais, sociais e políticas expressas em interesses variados, são alguns exemplos (Silva & Macedo, 2017).

Dentro desta complexa e esmiúça conjuntura, surge a figura do jovem.

Discorrer sobre o assunto por si só já pode ser uma tarefa difícil, pois há diversas formas de se abordar ou visualizar a juventude, dependendo do foco das ações empregadas, grupo social, assunto tratado ou recorte histórico, o jovem pode ser visto de um jeito ou de outro (Martin et al., 2019).

Genericamente falando através das visões biológicas ou médico-centristas, o jovem pode ser visto como aquele ser que entra na fase de puberdade após o término da infância, acarretando mudanças físicas, fisiológicas, emocionais, intelectuais, que caracterizam a fase e que termina com a maturação do corpo, por volta dos vinte e um anos de idade (Freitas, 2005)

Outra forma de se perceber o jovem, é aquela que a própria psicologia muitas vezes utiliza e reproduz. Sendo a adolescência uma consequência das alterações

biológicas, contudo, enfatizando o comportamento, relações, interesses e afetos, bem como seus desarranjos a partir daí (Freitas, 2005).

Concepções sociológicas ou históricas, ainda, olham para o jovem como um segmento da população, atores de um contexto social, uma categoria de determinada movimentação. Inclusive, era comum a sociologia abarcar como o fim da juventude não uma idade, mas algumas características como sair da casa dos pais, casar e ter filhos, por exemplo (Freitas, 2005).

Essas condições não se aplicam mais na sociedade atual, visto que não se trata de uma realidade, necessariamente, todos saírem das casas dos pais, casarem ou desejarem filhos. Inclusive, hoje em dia a não linearidade de tradições é um elemento da juventude (Zaninelli, Caldeira, & Fonseca, 2022).

Vemos que tratar de juventude envolve multiplicidades e especificidades inúmeras que dificultam o caminho, contudo não significa que não se possa destacar condições ou problemáticas próprias da fase, pelo contrário. Entretanto, antes, vamos resgatar os caminhos com que os jovens foram abordados ao longo do tempo, no Brasil.

Até por volta da década de 1970, a juventude era abordada basicamente de duas maneiras.

Pensada a partir de famílias mais abastadas e com maiores possibilidades socioeconômicas, o jovem era tido como o futuro do Brasil. Aquele que daria continuidade a sociedade ou que traria transformações e modernidade. Dessa forma, eram discutidas maneiras de formação daquela juventude como ensino escolar, acesso aos novos conhecimentos econômicos, políticos e sociais, ou seja, como prepará-los. Com isso, a juventude também poderia ser vista como fonte de energia, criticidade e rejeição às tradições (Abramo, 2005).

Enquanto isso, os jovens em outros segmentos sociais, como os rurais, sequer estudavam, ou quando faziam, logo iniciavam a rotina de trabalho e não continuavam os estudos. Por vezes nem eram tidos como jovens, a não ser aqueles que se desviavam da moralidade. A juventude pobre só era vista para debates voltados para a marginalidade, criminalidade ou como captação, mais cedo possível, para o mundo ocupacional (Abramo, 2005).

Vemos aqui duas formas de abordar a juventude. Uma como alguém em um período de preparação para a vida adulta; outra como etapa problemática (Abramo, 2005).

Já nos anos 1970, o cenário se transforma. Movimentos sociais e culturais contra a ditadura militar ganham força, muitos deles de estudantes, resgatando a possibilidade de organizações coletivas entre os mais novos (Ramos, 2009).

Na mesma época, ondas de crime envolvendo jovens e crianças em situação de rua, bem como as respostas violentas e cruéis do estado contra os menores, muitos abandonados, ganharam atenção da sociedade. Debates sobre os “meninos de rua” conseguiram força, envolvendo diversos campos sociais defendendo o cuidado e garantia dos direitos dos sujeitos, para serem tratados como crianças que eram, não como criminosos. A luta evoluiu e compôs o que culminou, mais tarde, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), referenciando uma legislação verdadeiramente revolucionária na compreensão e defesa da civilidade das crianças e adolescentes até os 18 anos (Abramo, 2005).

Todavia, a urgência dos direitos infantis acabou desconstruindo a visão de juventude para uma abordagem mais delimitada e jurídica, focando no período de adolescência na criação de políticas públicas, deixando de fora do escopo de ações, os jovens maiores de idade. Por outro lado, é inquestionável a visibilidade e avanço trazido na promoção de feitos em todos os âmbitos relacionados com a infância e juventude que o ECA trouxe, tanto que nos anos seguintes, a juventude além da adolescência voltou a ser debatida (Castro & Macedo, 2019)

No final dos anos 90, grupos de jovens de setores populares saíram a público para chamar atenção às suas questões culturais, de vida estudantil, lazer e comunidade. Dessa forma, questões singulares se formaram nos contornos da juventude, emergindo seus coletivos além da visão polarizada e dando maior visibilidade a diversidade que a faixa etária demanda. Entre elas, surgiram maiores revelações sobre a juventude rural (Furiati, 2010).

Já nos anos 2000, novos contornos apareceram com a atuação de ONG's, partidos políticos e empresas, nas maneiras de abordar os jovens como sujeitos estratégicos de desenvolvimento, solucionadores de problemas, para além da visão de etapa problemática (Furiati, 2010). Abramo (2005) também argumenta a abordagem da juventude cidadã, como sujeito de direitos. Visão ainda pouco aplicada, na qual a juventude é entendida como uma fase com singularidades para desenvolvimento pessoal e social, deixando de serem vistos como incompletudes ou problemas, passando a serem considerados por suas especificidades e direitos. Uma

tentativa da efetivação dessa noção enquanto política pública se materializa com a criação do Estatuto da Juventude, em 2013 (Castro & Macedo, 2019).

Os primeiros estudos sobre a juventude rural ganharam proporção na última década do século passado. Na época o principal objetivo era compreender as configurações relacionadas com a massiva saída dos jovens para áreas urbanas e como a reprodução social na terra seria afetada. Motivação essa que por muito tempo se manteve como propulsora de pesquisas na área e é até hoje é uma das categorias de compreensão dos estudos sobre movimentações geracionais campesinas (Martins, 2021).

Na década seguinte, com a expansão dos conhecimentos, ações e políticas públicas nas categorias de juventude e na agricultura familiar, novas temáticas surgiram, entre elas a masculinização dos espaços rurais, as vivências femininas, trabalho, a possível permanência e movimentos sociais e políticos (Martins, 2021), entre outras, das quais abordaremos com maior profundidade em nossa revisão bibliográfica.

Vimos até aqui as diversas variações no modo de se abordar a juventude em suas dobras históricas, o que nos coloca a necessidade de um conceito para ser utilizado na compreensão dessa diversidade encontrada.

Visto que uma constatação é a de que a movimentação da e com a juventude nos leva a noção de mudança para a vida adulta, ou seja, um período pessoal e social que transaciona entre a saída da infância até o que chamamos de maturidade. Sendo assim, podemos dimensionar como ponto de referência essa correspondência na faixa etária, mesmo não sendo possível, ou sequer necessário fixar com exatidão um início e fim datados (Freitas, 2005; Furiati, 2010).

Não há consenso sobre a faixa etária à qual a juventude pertence, especialmente no contexto rural. Organizações internacionais classificam como jovens, pessoas entre 14 e 29 anos, para o IBGE é a população entre 15 e 25 (Lopes & Carvalho, 2017).

Essa fase de transição não é suspensa, a se esperar finalizar. Ela possui suas características e desafios próprios que a nomeiam. Ao mesmo tempo, a pressão dos papéis do adulto em expectativa implica a rotina do sujeito, ou seja, pessoas sem experiência ou autonomia financeira, procurando algo para chamar de seu, buscando entrar no mercado de trabalho, sair da casa dos pais ou iniciando relações amorosas íntimas a partir do que estão aprendendo pós educação básica formal e com o mundo.

Isso para o ser humano é um importante período de construção dos processos de subjetivação, sobretudo enquanto projetos de vida, visto a indefinição dela (Alves & Dayrell, 2015; Rodríguez, 2009; Sili, 2005).

Entretanto, não é a fase que define suas próprias características, como vimos as concepções acerca dos pontos da transição são construídos histórica e socialmente, permeados por questões de ordem territorial e contextual que depende de parâmetros de diferentes locais e épocas. Ao mesmo tempo, a juventude constrói e desponha mudanças sociais coletivas e de estilo de vida, emergindo em novas gerações. Por isso a juventude, além de contextual e marcada pelo período de passagem para a adultez, é também uma transição coletiva entre gerações (Martin et al., 2019).

A partir daí, podemos diagramar uma juventude do contexto rural. Conceito esse principalmente trabalhado nos estudos de ciências sociais e humanas, no qual o jovem mora e está imerso na rotina com a terra e suas especificidades e cultura, implicando seus processos de subjetivação, trocas entre seus coletivos territoriais e a própria transição como formação singular e geracional para com a roça ou não (Quattrini & Rosales, 2012).

A escola se tornou um dos principais locais para o jovem, reunindo políticas de formação enquanto cidadão e de preparação para o futuro, ou seja, para projetos de vida. O acesso à educação para os moradores da área rural, sempre foi um desafio. O Brasil avançou nesse sentido, com a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), em 1998; Programa de Educação do Campo: implementado em 2002; e o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (PNATE), instituído em 2004, este voltado para o transporte escolar até escolas rurais próximas ou, como no caso deste estudo, moradores do campo que precisam ir até a cidade para estudar. Contudo, ainda se discute a efetividade e lacunas do ensino rural (Castro & Melo, 2014; Evangelista, Santos, Santos, & Silva, 2021; Queiroz, 2011).

Enfim, neste estudo, compreendendo o jovem enquanto ser em transição, contextual e geracional, em preparação para vida adulta, mas também como sujeito de direitos e dono de escolhas; tendo a escola como um dos principais locais de formação estudantil e de cidadão/ processos políticos e; partindo de uma juventude do contexto rural enquanto categoria minoritária invisibilizada, nublada para acesso aos seus direitos, nos perguntamos quais processos de subjetivação existentes na percepção do jovem rural dentro da intersecção entre seus projetos de vida e escola.

Para isso, realizamos esta pesquisa a partir de uma cartografia esquizoanalítica, com jovens moradores da área rural de um pequeno município na região noroeste do estado de São Paulo.

O Aporte Esquizoanalítico

Nos embasamos teórica e metodologicamente na Esquizoanálise, nos conceitos produzidos por Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992).

Gilles Deleuze, filósofo, se aprofundou nas obras de seus antecessores e desde a faculdade assumiu postura crítica e desejo transversal às principais tendências ideológicas da época: estruturalismo e fenomenologia. Defendeu sua tese em 1968, já experiente professor e escritor. *Diferença e Repetição* foi um marco na obra do autor, cravando suas ideias e assinatura (Dosse, 2010; Gallo, 2003).

Entre seus intercessores, se destacam Nietzsche, Bergson, Hume e Espinoza, além do resgate aos Estóicos num processo de reversão do platonismo (Dosse, 2010; Oneto, 2015). Cabe ressaltar também os encontros e tangenciamentos com Michel Foucault. Embora nunca tenham escrito genuinamente juntos, ambos foram responsáveis por uma edição crítica das obras completas de Nietzsche, participaram de eventos, resistências coletivas e entrevistas juntos e, em momentos diferentes, um comentou a obra do outro. Foucault foi uma figura determinante na vida e obra de Deleuze por suas afinidades filosóficas, interesses e perspectivas (Dosse, 2010; Gallo, 2003).

Guattari, filósofo-militante-psicanalista, primeiro da família que pôde se entregar aos estudos e à possibilidade da Universidade. Iniciou no curso de farmácia, mesmo já tendo aproximações com a filosofia. Interrompeu e ingressou de vez em Sorbonne (Dosse, 2010). Desde a adolescência, militou em grupos comunistas com diferentes atividades e momentos, decisões juvenis acaloradas, mobilizações operárias até boletins e jornais acadêmicos, inclusive quando universitário.

Leitor assíduo de Sartre, posteriormente de Lacan – do qual também foi analisando; aos 20 anos, foi apresentado ao psiquiatra Jean Oury, que serviu como mentor e posteriormente colega de trabalho compartilhando a coordenação de uma instituição de saúde mental (Dosse, 2010). La Borde, um castelo na zona rural, foi o instituto que geriram a dois cérebros. Na contramão dos hospitais psiquiátricos, buscava construir um espaço democrático, coletivo, colaborativo e descentralizado,

quebrando a ideia de loucura no que posteriormente ficou conhecido como *Psicoterapia Institucional* (Agostinho, 2020; Dosse, 2010).

Em 1969 um amigo em comum apresentou Deleuze a Guattari. A junção, catalisada pelas críticas à psicanálise e ao capitalismo, resultou na publicação de *O Anti-Édipo* em 1972 (Dosse, 2010; Liblik, 2015). Juntos, também produziram *Kafka - Por uma literatura menor* em 1975, *Mil Platôs*, em 1980 (no Brasil dividido em 5 volumes), e por fim, *O que é a Filosofia*, publicado em 1991. A obra é extensa e vem sendo utilizada para pesquisas e intervenções em diversas áreas, como educação (Gallo, 2003; Vinci, 2014); sexualidade (Zamboni, Balduci, & Org, 2013); psicologia clínica (Adaime, 2007; Lourenço, 2006; Silva Sobrinho, 2016); saúde mental (Amorim, Severo, & Romagnol, 2015; Santos, 2017); psicologia social e política (Domênico Uhng Hur & Júnior, 2016; Domenico Uhng Hur & Sabucedo, 2020), entre tantas outras.

Segundo Deleuze e Guattari (1996), o fazer filosofia é criação de conceitos, tais quais sempre se remetem a um problema em busca de solução. Para nossos problemas de pesquisa, utilizaremos alguns conceitos esquizoanalíticos como ferramentas na estratégia de planejamento, abordagem e análise e aqui os apresentamos, longe do intento de nos aprofundar, tão pouco apreender a vasta, esquiza e rizomática composição dos autores, com o cuidado para não normatizar, fechar em verdades absolutas, ou simplesmente reproduzi-las.

A Esquizoanálise surge e se aprofunda na crítica das filosofias que recorrem aos conceitos de representação, hierarquias, individualização; deterministas, estruturantes, generalistas. Propõe o resgate à superfície, adentrando meticulosamente os saberes e fazeres em potência do devir, produção desejante, do múltiplo, processual, relacional, transversal, imanente, rizomático e eternamente em diferenciação (Deleuze & Guattari, 2011; Dosse, 2010; Mansano, 2009).

Partindo do desejo, são avessos à concepção platônica e psicanalítica de tê-lo como existente a partir da falta de um objeto real. A ele nada falta, pelo contrário, é puramente potência criadora, o que falta ao desejo é o sujeito. Ele não vem depois da falta ou da castração, a partir da estruturação de um aparelho psíquico. É anterior a qualquer organização, propulsor de potência e também das forças repressivas. Ele é produtor e produtor de realidade (Corrêa, 2006; Deleuze & Guattari, 2011).

A partir do desejo enquanto energia, fluxo de produção, o inconsciente é, então, não um palco de representações teatrais gregas, mas uma máquina: produz, transforma energias, composto por diversas peças em funcionamento e é, também,

engrenagem de outras máquinas (Corrêa, 2006; Deleuze & Guattari, 2011). Ao propor uma crítica ao Édipo, os autores discorrem:

Porque o inconsciente da esquizoanálise ignora as pessoas, os conjuntos e as leis; as imagens, as estruturas e os símbolos. Ele é órfão, assim como é anarquista e ateu. Ele é órfão, não no sentido de uma ausência designada pelo nome do pai, mas no sentido de que produz a si próprio onde quer que os nomes da história designem intensidades presentes (“o mar dos nomes próprios”). Ele não é figurativo, pois seu *figural* é abstrato, a figura-esquiza. Ele não é estrutural nem simbólico, pois sua realidade é a do Real em sua produção e mesmo em sua inorganização. Ele não é representativo, mas somente maquínico e produtivo (Deleuze & Guattari, 2011, p. 410).

A máquina desejanete funciona entre múltiplos fluxos que se encaixam, interrompem e se conjugam num corpo social, coletivo e não limitada a familismos simbólicos e fantasmagóricos (Corrêa, 2006; Deleuze & Guattari, 2011). Aliás, para os autores, tudo é máquina e assim funciona. Além da possível ironia ácida para o mundo capitalista que tudo objetifica e monetiza, o conceito de máquina foi investido enquanto algo que produz, transforma energia e matéria em novo e diferente, que está ligada a outras peças, porém, não são definidas nelas, mas separadamente, esquizas (Deleuze & Guattari, 2011).

Assim, a subjetividade cartesiana, ou seja, do EU, cogito formatado, dada de forma inata ou mesmo construída é revista para uma sobra rizomática dos processos de produção. Para os autores a subjetividade sequer existe, pois para isso seria necessário a finalização dos processos, que nunca acontece. O que há é um eterno movimento de subjetivação formado pelos múltiplos processos coletivos, impessoais, heterogêneos e infinitos, ou seja, rizomáticos (Corrêa, 2006; Rolnik & Guattari, 1996).

O Rizoma se faz por oposição ao modelo hierárquico e estrutural de árvore, trazendo para o real a colocação da multiplicidade enquanto ela mesma, em sua imanência, além de superar as formas binárias e de organização de fluxos que buscam organizar o desejo (Deleuze & Guattari, 1995a).

As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são singularidades; a suas

relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são hecceidades (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modelo de realização, que é o rizoma (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 8).

Ao crescimento das dimensões na multiplicidade a partir das conexões e os movimentos que provocam mudanças na natureza territorial, dá-se o nome de agenciamento (Deleuze & Guattari, 1995a).

Os agenciamentos, em resumo, são tetravalentes, orientados em um eixo horizontal, onde por um lado são *agenciamentos maquínicos*, mistura de corpos uns sobre os outros, ações e paixões; por outro lado, *agenciamento coletivo de enunciação*, ligado ao processo da linguagem e fala, em que o enunciado é sempre atravessado pela polivocidade esquiza, por isso, inevitavelmente coletiva (Deleuze & Guattari, 1995a, 1995b). Como exemplo, temos um trecho em que os autores falam da produção a quatro mãos do Anti-Édipo:

Escrevemos o Anti-Edipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 10).

Num outro eixo ainda, vertical, em sua base, o agenciamento está territorializado, ou reterritorializado. Estável em estrados organizados ou atingindo picos de desterritorialização. A noção de agenciamento está continuamente em transformação num movimento eterno que pode atingir picos arrebatadores constantes – devir em platô, mas que eventualmente sempre reterritorializam, ou predominantemente estratificado, em graus de agenciamento que pouco fogem (Deleuze & Guattari, 1995b):

Um exemplo: o agenciamento feudal. Considerar-se-ão as misturas de corpos que definem a feudalidade: o corpo da terra e o corpo social,

os corpos do suserano, do vassalo e do servo, o corpo do cavaleiro e do cavalo, a nova relação que estabelecem com o estribo, as armas e as ferramentas que asseguram as simbioses de corpos – é tudo um agenciamento maquínico. Mas também os enunciados, as expressões, o regime jurídico dos brasões, o conjunto das transformações incorpóreas, principalmente os juramentos com suas variáveis, o juramento de obediência, mas igualmente o juramento amoroso, etc: é o agenciamento coletivo de enunciação. E, de acordo com o outro eixo, as territorialidades e reterritorializações feudais, ao mesmo tempo que a linha de desterritorialização que arrebatou o cavaleiro e sua montaria, os enunciados e os atos. Como tudo isso combina nas Cruzadas (Deleuze & Guattari, 1995b, p. 30).

O agenciamento coletivo de enunciação nada mais é que inúmeras vezes ecoando, acionadas pela experiência na linguagem que processa a atualidade. Para os autores a linguagem não é algo informativo, códigos expressivos para comunicar algo. A unidade elementar da linguagem é a ordem. Existe para, antes de mais nada, se fazer obedecer e não necessita mais que isso. Toda palavra carrega uma ordem, ainda que no cerne como discurso indireto (Deleuze & Guattari, 1995b).

Não estamos falando de uma categoria, mas do ato imanente que o enunciado pressupõe sempre que há linguagem. A *palavra de ordem* e seus pressupostos implícitos como um simples “bom dia!”, que carrega a implicação de convenções sociais inaceitáveis quando não cumpridas e atribui a ordem, também, da responsabilidade da resposta do outro “bom dia!” (Deleuze & Guattari, 1995b).

as formas fundamentais da fala não são o enunciado de um juízo nem a expressão de um sentimento, mas "o comando, o testemunho de obediência, a asserção, a pergunta, a afirmação ou a negação", frases muito curtas que comandam a vida e que são inseparáveis dos empreendimentos ou das grandes realizações: "Pronto?", "Sim", "Vamos". (Deleuze & Guattari, 1995b, p. 8).

As palavras de ordem estão em cada voz espalhada pelas máquinas em movimento pelo mundo e essa tal ordem que designa ocorrências de um coletivo, gerando, instantaneamente, *transformações incorpóreas* que atribui uma sentença direta aos corpos que ali estão (Deleuze & Guattari, 1995b).

Numa sociedade dada temos o exemplo do judiciário em que uma única palavra dita pelo magistrado define uma transformação sobre o corpo do acusado. Nesse momento não importa mais a realidade do fato, transforma-se por ordem em uma palavra: culpado ou inocente, em seu corpo nada muda, mas a relação deste com o meio social passa a ser outra (Deleuze & Guattari, 1995b).

Os corpos têm uma idade, uma maturação, um envelhecimento; mas a maioridade, a aposentadoria, determinada categoria de idade, são transformações incorpóreas que se atribuem imediatamente aos corpos, nessa ou naquela sociedade. "Você não é mais uma criança...": esse enunciado diz respeito a uma transformação incorpórea, mesmo que esta se refira aos corpos e se insira em suas ações e paixões (Deleuze & Guattari, 1995b, p. 14).

A unidade ordenativa e transformação incorpórea provocada é o que procuramos num enunciado para uma esquizoanálise dos agenciamentos (Deleuze & Guattari, 1995b).

Os autores também dissertam sobre como as vozes agenciadas territorializam e desterritorializam formas de expressão linguística, constituindo *Regimes de Signos* ou Semióticas (Deleuze & Guattari, 1995b).

São incontáveis os regimes e não há como rotular algum a um povo específico, tampouco simplesmente utilizá-lo para explicar uma era. Mesmo porque as Semióticas acontecem de maneira mista, entrelaçando regimes múltiplos. Por outro lado cabe acompanhar e buscar mapear suas dimensões, especificidades, acontecimentos e agenciamentos que designam, aí sim, uma prevalência relativa do regime com seu coletivo (Deleuze & Guattari, 1995b).

Quatro foram os regimes de signo que Deleuze e Guattari escreveram. Um deles foi o *Regime de Signo Significante*. Sua fórmula é que um signo remete a um signo e assim infinitamente. Não há relação com coisas ou seus significados, mas somente a definição de uma cadeia contínua que leva a outro signo, que leva a outro e a outro continuamente sem fim (Deleuze & Guattari, 1995b).

Nada é terminável neste regime, uma vez que o enunciado passa a ser ao mesmo tempo receptor e emissor, ou ainda, devedor e credor eternamente, mesmo que tentando burlar sua própria circularidade pulando para outro círculo significativo ou outras espirais de círculos, mesmo tentando se aproximar de seu centro o que se faz é expandir sua rede, retornando a desesperadora cadeia infinita de signos (Deleuze & Guattari, 1995b).

Os autores expõem como a Semiótica Significante garante sua expansão através da tentativa de se criar um dispositivo secundário que quebraria o *continuum amorfo* e recolocaria o signo como algo correspondente a um significado que podemos conhecer e determinar. A interpretação, então, é outra tentativa de burlar a malha significativa, mas que acaba servindo e alimentando. Os profetas interpretativos se fizeram cervos que buscam incessantemente encontrar algo que pula para si mesmo,

talvez apenas em outro lugar, não renovando nada a não ser o próprio desespero doentio da rede. Psicanalistas, linguistas e sacerdotes são alguns exemplos dos agentes da interpretose (Deleuze & Guattari, 1995b).

Os autores ainda apresentam outras características sobre este regime: um significante maior ao centro do círculo, igualmente apresentado como falta e excesso, sua substância Rosto (princípio de rostidade) e a desterritorialização extrema do regime (Deleuze & Guattari, 1995b).

Por fim, cabe ressaltar que o *Regime de Signos Significante* não se trata da avaliação de um período histórico político monumental, mas é facilmente visto em qualquer grupo em que o poder se organiza.

Outro regime de signos é o *Pós-significante* ou de *Subjetivação*. Aqui ocorre uma desterritorialização absoluta do círculo significante a partir de um ponto de subjetivação, um agenciamento intenso e arrebatador, que leva o signo a traçar uma linha própria e passional e buscar reivindicar o processo para si (Deleuze & Guattari, 1995b).

um grupo de signos se destaca da rede imperial egípcia da qual fazia parte, começa a seguir uma linha de fuga no deserto, opondo a subjetividade mais autoritária à significância despótica, o delírio mais passional e o menos interpretativo ao delírio paranoico interpretante, em suma opondo "o processo ou a reivindicação" lineares à rede circular irradiante (Deleuze & Guattari, 1995b, p. 62).

Aqui já não há mais significante e significado nem circularidade, mas a partir do ponto de subjetivação uma duplicação em sujeito de enunciação e sujeito de enunciado. Um que enuncia passionalmente o ponto (de enunciação) e o outro (de enunciado) que deriva deste e ao qual o sentimento se refere (Deleuze & Guattari, 1995b).

A duplicação e sujeição dos sujeitos um sobre o outro cria uma espécie de linha da Semiótica, substituindo a centralização extrema da significação pela dominação entre sujeitos subjetivados. Nessa perspectiva caberia apenas obedecer um dos sujeitos, na realidade dominante, para chegar a razão pura, um Eu que é consciente de tudo, escravizando o corpo à eterna luta de duplos (Deleuze & Guattari, 1995b)..

Outra característica do Regime de Subjetivação é sua finitude. O sujeito duplo criado a partir de um ponto sempre tem um fim e começa mais um, retomando a passionalidade ou reivindicação (Deleuze & Guattari, 1995b).

Deleuze e Guattari ainda falam de outros dois regimes de signos. *Pré-significante*, em que a sobrecodificação da linguagem é mais próxima de uma “naturalidade” dos signos. São enunciados múltiplos e literalmente coletivos antecedentes a uma significação de signos e relacionados com o próprio conteúdo, com expressões como danças, ritos, corporeidades rítmicas. É destinada a, justamente, impedir a impregnação e aparelhamento dos significantes de Estado, déspota e interpretóses (Deleuze & Guattari, 1995b).

A última semiótica é a *Contra-significante* ou de máquina de guerra. O código aqui é o número e a conquista. Quanto mais e maior, mais próximo ao seu objetivo de abolição de um aparelho significativo, como faziam os nômades guerreiros ou inimigos do Império (Deleuze & Guattari, 1995b).

Ao que é chamado território, estão as unidades de análise dos processos. Nele ocorrem os movimentos de forças, linhas, fluxos e matérias, sempre atualizadas entre si. O que é complexo e aparentemente caótico, revela máquinas de produção e existência (Hur, 2019)

Um dos componentes dos emaranhados do campo virtual é a segmentaridade. Ela está por todos os lados, e nós, seres humanos, conseqüentemente somos segmentados e segmentarizados em todos os estratos. Por onde olhamos existe um segmento codificado. Na rotina, trabalho, escola; nas convenções sociais, como namoro, casamento, aposentadoria; em relações com os familiares, padrões e amigos, ou até na arquitetura da casa onde moramos (Deleuze & Guattari, 1995; Hur, 2019).

Ela tem suas formas e composições, desdobrando em duas principais linhas. Uma, mais dura, com funcionamento rígido, valores de mesmice, regido por regras invariáveis, na qual encontramos a centralidade do estado, leis, regras institucionais, controles morais, enquanto que na outra uma maior flexibilidade, onde existem aberturas da multiplicidade e de suas atualizações (Deleuze & Guattari, 1995).

Claramente, não basta opor ou simplificar a visão sobre as linhas. Elas se entrecruzam em espaços e uma compõem a outra. Seja em uma sociedade, grupo ou em uma pessoa, elas ocorrem ao mesmo tempo, embaralhadas. Enquanto uma flexível tem nós sólidos, a outra, rígida, terá seus espaços de fuga (Deleuze & Guattari, 1995). Inclusive, adiciona-se aqui um terceiro tipo de linha de segmentaridade: a linha de fuga.

Acontece que os fluxos, linhas e matérias, arrastam as experiências, desejos e crenças a novas jornadas, vibrando em agenciamentos que, hora ou outra extrapolam

e acabam fugindo daquele próprio território. Esse movimento é chamado de desterritorialização e é ele quem aciona atualizações, desconstruções e revoluções, seja em uma instituição, sociedade ou sujeito (Deleuze & Guattari, 1995; Rolnik, 1997).

Contudo, por um outro lado, esse grau de diferenciação e energia, em algum momento se dissipa e a jornada passa a ser conhecida, deixando de ser nova, assim os fluxos se contraem e se depositam, encontrando uma nova linha rígida de segmentarização, misturando-se com referências anteriores, estratificando em um movimento de reterritorialização (Deleuze & Guattari, 1995; Hur, 2019).

Podemos imaginar esses movimentos em constantes atualizações, em encontros e reencontros de cada engrenagem ou máquina segundo por segundo. Com isso, podemos olhar para os estratos, aberturas, escapatórias ou novas paradas, a maneira de acompanhar e mapear o emaranhado da realidade, que antes parecia impossível, transitando para o que pode ser chamado de subjetividade ou subjetivação.

O debate contemporâneo sobre os conceitos de subjetividade se alastram na psicologia e, inclusive, pode ser confundida aqui como algo para explicar os indivíduos, suas personalidades ou modos de existência. Ainda que, muitas pessoas sejam levadas aos vícios da procura por identidade, subjetividade aqui não é entendida como algo pronto, inato ou que está dentro de nós como um pensamento (Rolnik, 1997).

Claro, somos rodeados de hábitos. Crenças, rotinas, pensamentos, vontades, aprendizagens. Até a procura por um Eu, ou padrões de personalidade, não passam de hábitos. Modulações de experiências no plano do tempo, produzem os hábitos, mas não como algo interior ou individual (Hur, 2019).

Para a esquizoanálise a subjetividade nada mais é do que o território. Aquele, cheio de emaranhado de forças, linhas, segmentos e fluxos, acontecendo em agenciamentos entre si e com o mundo, sempre se atualizando. Deleuze revela, através do hábito, o funcionamento de uma outra linha no espaço virtual, uma que dobra (Hur, 2019; Rolnik, 1997).

Quando uma força intensa, sentida por uma experiência no plano de existência, não mais age sobre outras forças, passa a afetar a si mesma. Dessa forma, no plano diagramático do território, visto em transições dentro e fora, a linha se pressiona à convergência até que, em algum momento, ela se dobra, criando um pequeno círculo,

fechado para a troca com o fora (Hur, 2019; Rolnik, 1997). Assim se corporifica um novo universo ou o que seria um funcionamento de subjetividade. Cada vez que o jogo de intensidades se pressiona e a linha passa a se afetar, dobra-se um novo núcleo de subjetivação, como hábito de existência, até que essa linha se estende novamente, desfazendo o círculo e sendo levada a uma outra movimentação (Rolnik, 1997).

Acontece que alguns territórios acabam realizando com maior fluidez seus processos, surfando as forças e fugas, rompendo com alienações e curvando para produções desejantes; enquanto outros relutam às linhas de fuga e ao desfazer de suas dobras, buscando um ilusório controle e segurança que os estratos e sobrecodificação poderiam fornecer e que é propagado por vozes e forças dos próprios territórios: psicologia, psiquiatria, religiões, grupos políticos ou identitários, mídia e tecnologia, até charlatanismos, drogas e por aí vai (Hur, 2019; Rolnik, 1997).

Enquanto a subjetividade pode ser entendida como um hábito, constelação dobrada de um funcionamento se repetindo, estratificada e formatada pelas máquinas rígidas, predominantemente sedimentada. A subjetivação pode ser considerada como um processo mais criativo, onde há encontros criativos, processos de desterritorialização e diferenciação. Como visto em Hur (2019):

Considero que a subjetivação pode ser entendida como um processo de desterritorialização, produção que transita pelo território, em que a subjetividade emerge no cruzamento entre linhas e planos de materialidades distintas. É resultante da inflexão pelas afecções das forças e assume uma apreensão subjetiva, um posicionamento perspectivo. Então, o que singulariza o ser não são as linhas segmentárias de identidade proporcionadas pela subjetividade e códigos, senão a variação e mudança dos processos de subjetivação: a ação desejante das linhas de fuga que desdobra a dobra codificada e que porta um quantum de indeterminação e criação nos processos. Portanto, subjetivação refere-se ao processo, é a expressão instituinte, transformadora, magmática, insurgente e intensiva, ao passo que a subjetividade alude ao produto, é extensiva e assujeita o indivíduo, embora sempre instável e em movimento (Hur, 2019, p. 99).

Ao esquizoanalista, cabe buscar o acompanhamento das linhas e de seus processos de subjetivação, procurando descrever e encontrar, bem como implicar, quais suas movimentações: flexíveis, rígidas, estratificadas, buscando fuga, desterritorializada, etc.

JUSTIFICATIVA

A pesquisa parte dos seguintes pressupostos: o contexto é um forte implicador dos processos de subjetivação e movimentações de vida das pessoas; a juventude é uma fase em que o sujeito passa por interesses e toma decisões que formam seu

referencial de experiências que desdobram em situações futuras, logo é um momento importante para sua configuração e singularização; a educação é uma maneira de transformação pessoal e social, conseqüentemente também um forte segmento na produção dos processos de subjetivação.

A partir da Esquizoanálise, podemos conhecer agenciamentos possíveis no encontro entre o jovem e o pesquisador, com as intersecções temáticas do contexto rural, escola e futuro, e discutir suas possibilidades e potencialidades para com processos de produção.

Dessa forma, estudar a intersecção da juventude campesina com escola e futuro através da Esquizoanálise, se faz necessário para a existência de um olhar inovador, a partir da multiplicidade e das diferenças, possibilitando ajudar na ressonância de vozes e de possíveis processos criativos para atualização e desenvolvimento da temática.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Propor agenciamentos com jovens moradores da área rural, num contexto de entrevista, com o intuito de produzir e conhecer os movimentos ou linhas existentes e discutir seus processos de subjetivação e diferenciação.

Objetivos Específicos

1. Compreender quais aspectos e especificidades do contexto de vida rural de jovens que ali são evocados num Agenciamento entre o jovem e o entrevistador, a partir de temas propostos por este;
2. Acompanhar os Agenciamentos que ocorrem quando o entrevistador propõe aos jovens camponeses o tema escola em suas vidas;
3. Conhecer os Agenciamentos referentes aos planos de futuro de jovens moradores do campo, quando este tema é proposto pelo entrevistador;
4. Revelar processos múltiplos que acompanhem os Agenciamentos referentes às experiências de jovens moradores da área rural, provocados a partir dos temas rotina, escola ou futuro, propostos pelo entrevistador;
5. Experimentar recursos e estratégias para extrair do material produzido nas entrevistas os processos de subjetivação produzidos com jovens rurais, buscando mapear hábitos e encontrar diferenciações.

PERCURSO METODOLÓGICO

Delineamento de Pesquisa

Em coerência com as bases teóricas e os objetivos pretendidos, construímos uma pesquisa de estudo qualitativo, descritivo e exploratório. Realizamos, em um primeiro momento, uma revisão bibliográfica para situar a abordagem da juventude rural pela ciência na América Latina, que se desdobrou no próximo capítulo desta dissertação. Além disso, utilizamos da Esquizoanálise, principalmente em Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), como perspectiva teórico-metodológica para buscar acompanhar os processos de subjetivação e as articulações dos participantes perante seus aspectos de pessoa, contexto de vida, visões e perspectivas sobre educação e futuro. Como método para formar o material empírico a ser tratado, realizamos entrevistas individuais dentro da perspectiva cartográfica.

Caminhos trilhados na pesquisa bibliográfica

Antes do corpo de resultados empíricos, buscamos conhecer como a ciência vem abordando a temática da juventude rural. Para isso, focamos a busca aos trabalhos realizados na América Latina e Caribe considerando as aproximações históricas e geográficas. A busca e as primeiras impressões desta revisão foram feitas durante a disciplina “Revisão Bibliográfica: Mapeando o Campo do Conhecimento e Situando seu Objeto de Estudo”, obrigatória para mestrandos do Programa de Pós Graduação.

Inicialmente definimos as bases de pesquisa. Para tal, exploramos as informações disponíveis na Base de Dados do Sistema Integrado de Bibliotecas Universidade de São Paulo (SIBi-USP) e também do Portal de Periódicos da CAPES/MEC. Como forma complementar, buscamos possíveis Bases de Pesquisa também na ferramenta de busca Google.

Selecionamos 9 bases como potencialmente relevantes para a temática: Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto (oasisbr); Scientific Electronic Library Online (SciELO); Red de repositorios de acceso abierto a la ciencia (La Referencia); Dialnet; Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico (REDIB); Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (Redalyc); Taylor & Francis; Scopus e; Web of Science.

A montagem das palavras-chave de pesquisa foi escolhida após algumas experimentações. As utilizadas foram: Juventude Rural; Jovens do Campo; Juventude Campestre; Formação; Desenvolvimento; Subjetividade; Projeto de Vida; Projeto de Futuro e; Projeto Profissional. A pesquisa também foi feita em espanhol e inglês.

Foram considerados para inclusão na pesquisa: artigos científicos; trabalhos realizados na América Latina ou Caribe; pesquisas com a participação direta dos jovens; idioma português, espanhol ou inglês. Os critérios de exclusão: documentos que não artigos científicos; trabalhos realizados fora da América Latina ou Caribe; trabalhos fora da temática ou que, mesmo na temática, não tiveram a participação direta dos jovens, por exemplo: pesquisas bibliográficas, documentais ou discussões teóricas.

Não estabelecemos limite de ano para busca, abarcando tudo que foi realizado até o momento da pesquisa, novembro de 2021.

Cada trabalho encontrado foi analisado primeiramente por título, em seguida resumo e, quando necessário, por metodologia de acordo com os critérios de inclusão e exclusão.

Foram retornados 2337 artigos. Todos foram analisados preliminarmente e 70 selecionados para leitura na íntegra. Após, 9 foram desconsiderados e 61 formaram a pesquisa.

Base	Retorno	Selecionados
Scopus	173	9
Web of Science	241	3
Redib	102	8
Dialnet	49	3
La Referencia	82	10
Redalyc	343	13
Scielo	33	9
Taylor & Francis	1256	4
Oasis	58	2
Total	2337	61

Quadro 1- resultados preliminares da pesquisa bibliográfica
Fonte: acervo pessoal

A disparidade de resultados retornados pela base de dados Taylor & Francis se explicou pelo fato de o serviço não oferecer ferramentas de filtragem condizentes com os critérios de inclusão e exclusão elencados. Sendo assim, a grande maioria dos documentos levantados pela Base foram realizados fora da América Latina ou Caribe, logo, apenas 4 dos artigos foram selecionados.

Conceitos da pesquisa cartográfica

A cartografia é uma proposta metodológica decorrente da Esquizoanálise, vista pela primeira vez com Deleuze e Guattari (Deleuze & Guattari, 1995a). O termo traz conjuntamente o movimento de mapear, desenhar, diagramar os fluxos, linhas e multiplicidades espaço-temporais do desejo e agenciamentos, em resumo, dos processos de subjetivação. O mapa cartografado é uma construção em acompanhamento com a realidade experimentada e dentro dela, ao contrário do decalque representativo. Assim, o cartografar possui como compromisso o exercício crítico de se ancorar inteiramente na experimentação do real, não se contentando com as representações ilusórias que se reproduzem nelas mesmas (Deleuze & Guattari, 1995a; Prado Filho & Teti, 2013). Cartografar é a substituição do representar, é traçar as linhas que compõem o real, em seus fluxos e agenciamentos, em lugar de construir representações sobre ele, pois o real é fluxo, devir, agenciamento.

Faremos uso aqui principalmente dos conhecimentos organizados por Passos, Kastrup e Escóssia (2014; 2016) na tarefa deles de produzir pistas para o método de cartografia.

É impossível prever totalmente uma realidade em fluxo. Tentar, limitaria o caminho em formas geométricas que enquadram os participantes, deformando-os ao invés de lhes acompanhar. Assim, o conceito tradicional *metá-hódus*, que postula metas (*méta*) para definir o caminho (*hódus*), foi invertido, apostando na experimentação do trajeto e contexto primeiramente para aí então traçar as metas, ou seja, *hódus-metá*, o que não exclui a necessidade de fundamentar e garantir a confiabilidade do estudo (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2014).

Em acordo com o cuidado da não representação, a noção de coleta de dados não se sustenta. Fazemos parte da experiência enquanto agente produtor do material, ou seja, o encontro pesquisador e pesquisado, teoria e prática fica evidenciado no percurso da pesquisa (Barros & Kastrup, 2015).

Cartografar é acompanhar e descrever processos. Opera na multiplicidade e possui o papel esquizoanalítico de intervir em estratos, transgredindo hierarquias ou formas reativas a elas e busca produzir um conhecimento que transforma, força os limites tradicionais. Sendo assim, pesquisar é também, inevitavelmente, intervenção e ação com forças políticas em um campo de experiência continuamente em construção, em que é necessário caminhar com os que ali estão e constituir conjuntamente com eles (Passos & Barros, 2015).

Na prática, significa ir ao campo e deixar-se ser afetado pela rede de relações existente e seus valores, expectativas, sentimentos entrecruzados. É se aproximar como estranhos que visitam e aos poucos habitam aquele território existencial por meio de olhares, sentimentos, gostos e produções. É estar junto e participar das existências mesmo que se crie angústias e embaraços, afinal faz parte do processo de existir. Inclusive, é nos momentos de diferença, conflitos e incertezas que reside a possibilidade de ir além das redundâncias e permitir a emersão do desconhecido (Passos & Barros, 2015).

Para isso, o pesquisador deve questionar sua experimentação, deixando de reagir de forma instantânea ao que pensa. Não é desejado aqui impedir a experimentação, pelo contrário. É permitir que ela aja sem sua impulsividade e automatismo. É relutar à performance impregnada nas representações cíclicas do coletivo e aparecida no corpo, buscando abrir a possibilidade de incorporar-se aos afetados de forma inusitada e própria, por mais difícil que possa ser (Passos & Eirado, 2015).

Não interessa na cartografia o dizer sobre as experiências, são representações conjugadas, passado. O objetivo é acessar a experiência no dizer. Para isso, cabe ao entrevistador intervir, tateando a entrevista e evitando palavras de ordem que direcionam às tradições representativas.

Além disso, visto que a realidade é multiplicidade e o humano é desejo em agenciamento, interessa na entrevista cartográfica buscar e acessar a pluralidade das vozes, polifonia do inconsciente em agenciamento. Não há resposta certa ou errada, coerente, conclusiva ou definitiva, mas sim experiência e diferenciação.

Até aqui elencamos alguns passos utilizados na caminhada da pesquisa cartográfica. São eles: a inversão *hódus-meta*; produção de índices, indicadores ou linhas; pesquisa-intervenção; abertura da ferramenta pesquisador; dissolução do

ponto de vista representativo e foco na experiência como instrumentos que norteiam a ida ao campo, coleta e análise.

Ainda como estratégia de acompanhamento dos processos, utilizamos a entrevista individual que merece maiores aprofundamentos. Na perspectiva esquizoanalítica, ou seja, cartográfica, a entrevista objetiva acessar e habitar o lugar de existência do entrevistado e acompanhar seus processos. Para isso, interessa acessar a experiência no dizer e não o dizer sobre a experiência. É importante atentar às variações extralinguísticas como ritmo da fala, expressões corporais e faciais, entonação, pausas. São esses que sinalizam o contato imediato do sujeito com suas forças extra formas, carregadas da intensidade da própria experiência.

Ao entrevistador é essencial confirmar a experimentação ou, então favorecer o processo para além das respostas automáticas, visando o plano de imanência. Não há resposta certa ou errada, mas a princípio o participante não pensará assim, pois toda pergunta possui implicitamente o pressuposto em conformidade com a razão. Ao cartógrafo cabe perceber a insegurança da resposta, possíveis avaliações sobre fatos ou puramente raciocínios e garantir para sua desconstrução, abrir aos volteios do dizer, aos afetos (Tedesco et al., 2013).

Primeiramente asseguramos um local em que o participante se sinta menos vigiado, mais à vontade para expressar-se. A forma de realizar a pergunta – e de escutar – também pode garantir a abertura ou fechamento das questões (Tedesco, Sade & Caliman, 2015). É recomendado evitar as formas “por que”, “o que pensa sobre”. Privilegiar “como” “e então” ao perguntar, que são menos determinantes e diretivas e chamam o sujeito a navegar pela sua experiência. Outro recurso é reformular a fala do participante de maneira que ele retome sua experiência, convidando-o a falar sem pressão e com suas próprias palavras (Tedesco, Sade & Caliman, 2015).

Estratégias de entrevista cartográfica

Coerente com os princípios acima apresentados para a entrevista cartográfica, optamos por adotar algumas estratégias que afastaram a entrevista do lugar comum de perguntas e respostas, assumindo um aspecto menos estruturado possível, no qual cartões com o tema a ser desenvolvido pelo entrevistado(a) eram apresentados, sendo concedido o tempo que fosse necessário para pensarem sobre eles, num

primeiro movimento, para depois, se achassem conveniente, anotar palavras ou frases chaves que lhes permitissem lembrar posteriormente, compondo um segundo momento da entrevista, após o qual passava-se ao diálogo, no qual o entrevistado era solicitado a discorrer sobre as palavras-chaves como preferisse. Assim, o primeiro momento pode ser considerado como evocações de associações livres com o tema, o segundo um registro de âncoras mnemônicas e o terceiro o relato completo de cada uma delas.

Por serem estratégias que requerem uma certa familiaridade, foi realizada uma primeira entrevista, denominada de piloto, na qual se partiu de uma lista mais extensa de temas a ser refinada.

A entrevista piloto ocorreu com uma moça de 17 anos e foi primordial para o desdobramento das demais participações, bem como para a proposta metodológica. Se tratando de uma experimentação no campo para depois estabelecer objetivos, foi aqui que conseguimos perceber e refinar nosso olhar.

Antes da entrevista piloto, como dito acima, tínhamos mais temas a serem abordados, o que acarretou na necessidade de duas visitas de mais de uma hora, além da repetição de alguns aspectos na fala da entrevistada, revelando que fichas diferentes acabavam fazendo a mesma pergunta. Com isso, pudemos concentrar, sem sair dos objetivos nem correr o risco de desgastar os participantes.

Ademais, foi de grande importância para a descoberta do entrevistador, podendo oportunizar o início prático da desconstrução da maneira “padrão” de se entrevistar visando o dado e aguçar a abertura e procura da experimentação com a fala.

Assim, ao partirmos para as entrevistas coletadas traçamos aproximações com os participantes. Após os contatos por telefone, combinávamos uma data e hora na casa da pessoa, de preferência com algum responsável familiar presente. De início, conversávamos para apresentações iniciais e uma breve criação de vínculos. Geralmente o pesquisador falava do trajeto até ali e respondia perguntas sobre sua moradia, família e relação com o local. Em seguida, explicava os objetivos da pesquisa, direitos da participação, tratamento dos dados e o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em caso da existência de dúvidas, eram esclarecidas.

Aí, então, o pesquisador demonstrava o funcionamento da entrevista: quatro cartões eram colocados com a escrita virada para baixo, cada um contendo um tema

(rotina; cidade; escola; futuro e sonhos). O participante era convidado para, assim que virar e ler o tema, deixar fluir tudo o que viesse. Se necessário, estavam a postos papel e caneta para utilização opcional. A partir dos disparos ocorridos, a gravação de áudio se iniciava, bem como a conversa. Ao finalizar um tema, o procedimento se repetia até o quarto e último.

Por fim, as seis entrevistas realizadas ocorreram com no mínimo quarenta e cinco minutos e no máximo uma hora e trinta minutos de duração.

Contextualização do local da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no município de Pirangi-SP. Localizado há 418 quilômetros da Capital São Paulo e há 116 quilômetros de Ribeirão Preto-SP, referência da mesorregião.

A fundação da cidade ocorreu em 1895 com abertura de uma trilha entre um riacho e o alto de uma colina. A ideia de um aglomerado já existia entre os antigos moradores e forasteiros, principalmente boiadeiros, que transitavam longas distâncias para compra e venda de suprimentos, que então aproveitaram a localização e as paradas e fundaram um cruzeiro como marco de encontro para reuniões religiosas (Massabni, 1988; Massabni, 1995).

No mesmo ano, a terra foi doada pelos proprietários da Fazenda Boa Vista à Igreja Católica, com intuito de obras para Santo Antônio. Assim nasceu o povoado de Santo Antônio da Boa Vista, primeiro nome do local. Aos domingos as missas juntavam os moradores. Com os anos veio escola, cemitério, lojas e famílias ao entorno da capela (Massabni, 1988).

Ao lado, existia o povoado de Urupi, com mais famílias e comércio. Contudo, entre os anos de 1924-1929 um surto de febre amarela dizimou os moradores, afastando-os para Pirangi e Paraíso (outro município próximo), concentrando, assim, novos moradores (Massabni, 1988; Massabni, 1989).

Atualmente o município possui uma população estimada de 11.362 pessoas e tem suas atividades econômicas e culturas alicerçadas na exploração de recursos naturais, mais precisamente nas plantações de cana-de-açúcar, usinas de açúcar e álcool e agricultura familiar (IBGE, 2018a). A cidade se encaixa no que Veiga (2003) chama de municípios com características rurais.

Tem área de 215,809 quilômetros e é cercado por sítios e fazendas, fazendo limite com as cidades: Bebedouro, Taiapu, Vista Alegre do Alto, Ariranha, Palmares Paulista, Paraíso e Monte Azul Paulista (IBGE, 2018b). Todas, com exceção de Bebedouro-SP, também são municípios rurais, formando uma espécie de macrorregião.

Pirangi possui uma escola municipal de Ensino Fundamental e duas escolas de Ensino Médio, sendo apenas uma da rede pública, que abarca toda a população de secundaristas, inclusive os moradores da área rural, que se deslocam diariamente com recursos próprios ou com o transporte público disponibilizado.

Participantes

Participaram desta pesquisa, jovens entre 15 e 18 anos da área rural de Pirangi-SP, sendo estes os únicos critérios de inclusão. Jovens fora da escola não foram excluídos, uma vez que sujeitos que concluíram o ensino médio ou evadiram fazem parte dos objetivos aqui explicitados. Os critérios de exclusão foram pessoas abaixo de 15 anos, acima de 18 anos ou que não residiam na área rural. Levando em conta o delineamento de pesquisa e o aporte teórico-metodológico, entrevistamos 6 pessoas, 4 homens e 3 mulheres, todos solteiros, como visto no Quadro 2.

Nome fantasia	Idade	Gênero	Estado civil
Bruno	17 anos	Masculino	Solteiro
Felipa	18 anos	Feminino	Solteira
Gustavo	17 anos	Masculino	Solteiro
Jaque	18 anos	Feminino	Solteira
Maria Clara	18 anos	Feminino	Solteira
Ricardo	15 anos	Masculino	Solteiro

Quadro 2 – participantes da pesquisa

Fonte: acervo pessoal

Inicialmente os participantes seriam convidados através da escola do Município. Contudo, com advento da pandemia de Covid-19, as atividades escolares foram suspensas, com a volta constantemente adiada, o que forçou a mudança na estratégia de coleta para a técnica metodológica Bola de Neve (Velasco & Díaz De Rada, 1997). A técnica consiste em, a partir dos primeiros participantes ou dos

próprios pesquisadores, provocar indicações de novas pessoas, iniciando e aumentando assim, a Bola de Neve. O processo se repete até alcançar o número de participantes proposto (Baldin & Munhoz, 2011; Velasco & Díaz De Rada, 1997).

Aqui, buscamos contatos pessoais já conhecidos que se encaixavam nos critérios de inclusão e fizemos os convites via telefone celular. O convidado, quando não aceitava, indicava ou mediava novos possíveis participantes. Quando aceito, agendávamos uma visita no sítio do participante, onde era realizada a entrevista.

A participante da entrevista piloto, por sua vez, indicou outros potenciais entrevistados. Assim se iniciou a primeira Bola de Neve. Foram necessárias 6 bolas de neve para atingir a amostragem proposta de 6 pessoas.

Aspectos éticos

Em conformidade com as Resoluções nº 466 e nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016), os princípios éticos do Código de Ética do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005) e as demais resoluções do Conselho Federal de Psicologia. O estudo foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da USP e aprovado (parecer número 40.049.580; CAAE: 29910519.0.0000.5407).

Aos jovens que demonstraram interesse na participação da pesquisa fora apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), informando os objetivos do projeto, procedimentos a serem realizados, garantia do sigilo, formas de tratamento das informações coletadas, bem como participação de caráter voluntário e sem prejuízos. Os esclarecimentos foram feitos com linguagem compreensível. Aos participantes menores de idade fora apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), enquanto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos seus responsáveis (Apêndice C).

Os procedimentos não acarretaram custo algum aos participantes. O deslocamento para os locais de entrevista foram custeados através de recursos próprios do pesquisador.

Caso fossem encontradas situações que violassem os direitos dos participantes ou os colocassem em risco durante a pesquisa ou através dela, a família, ou ao menos um familiar, seria orientado a procurar o devido serviço no território: Centro de

Referência da Assistência Social (CRAS), Unidade de Saúde da Família (USF), Conselho Tutelar ou Defensoria Pública, porém não houve necessidade.

Cabe ressaltar que quatro entrevistas foram realizadas em período de pandemia de Covid-19. Contudo, nenhuma delas foi feita em fase de contra-indicação de contatos sociais. Além disso, em todas as quatro utilizamos de medidas sanitárias indicadas: distanciamento, máscaras, presença de álcool em gel e a garantia da não existência de sintomas gripais.

Análise do material produzido

De acordo com o já exposto, nos afastamos da ciência representacional e não reproduziremos generalizações metódicas fechadas. Para elucidar e discutir os agenciamentos existentes nas entrevistas a partir da temática adotada, a análise foi realizada em 4 movimentos.

Primeiramente, fizemos a escuta e transcrição dos áudios para textos seguidos de revisão. Aqui foi possível iniciar a re-experimentação dos encontros e adentrar o processo para assim, expressar em palavras escritas a entrevista. É importante ressaltar que não é nosso objetivo analisar o texto, não fizemos análise textual ou do conteúdo. O áudio e o diário de campo continuaram sendo os norteadores.

O segundo movimento foi o de explorar o material produzido à luz de conceitos esquizoanalíticos. Procuramos identificar o que se destacava como *agenciamentos de enunciação* e *agenciamentos maquínicos*. Para aquele destacamos cada seguimento de enunciação, buscando a palavra de ordem e a transformação incorpórea envolvida; bem como identificar o regime de signos que seguiu aquela a voz. Para o outro, destacamos o processo de agenciamento de corpos, expressão gestual e elementos de expressão do corpo com a fala na entrevista, do entrevistado e seu encontro com tudo relacionado: entrevistador, lugar, situações atravessadas.

O movimento seguinte foi para, a partir da exploração dos enunciados, acompanhar e revelar as multiplicidades, ouvindo e descrevendo as vozes ecoadas naquele movimento e qual envolvimento com a ordem incorporada. Consideramos também como resultados de análise, possíveis questionamentos, perguntas decorrentes daquele bloco de segmentos.

Em seguida, olhamos os movimentos das intensidades dos agenciamentos e discorremos sobre as implicações da pesquisa e do pesquisador no processo dos agenciamentos e, por fim, buscamos identificar, processos criativos, índices de desterritorialização e reterritorialização, considerando os regimes de signo relacionados com cada elemento, desbocando no **último movimento: o de expressão dissertativa.**

Tão importante quanto explorar e identificar, é produzir. É na escrita que revisamos, organizamos e refinamos o que foi elucidado, refinando os processos. A análise não foi linear, tampouco uniforme e expressar a produção é o convite para criar e recriar a apresentação de maneira mais próxima da realidade das experiências.

A fim de preservar as singularidades buscadas, optamos pela apresentação dos resultados seguindo a estratégia metodológica de Estudo de Casos Múltiplos. De acordo com Martins (2008), esta estratégia é frequentemente utilizada nas pesquisas em ciências sociais e da saúde, nas quais se busca apreender e descrever profunda e exaustivamente a totalidade e a complexibilidade de casos concretos. O enfoque reside na necessidade de compreender todas as implicações e particularidades de um caso sem precisar produzir categorias de generalização e, conseqüentemente, reduzir a riqueza de dados. Da mesma forma, o presente estudo buscou acompanhar os processos de produção de subjetividade vivenciados sem os generalizar.

RESULTADOS

Nesta seção apresentamos os resultados da pesquisa. Primeiramente expomos nossa pesquisa bibliográfica, em seguida as entrevistas e análises.

Em relação aos relatos obtidos nas entrevistas, como exposto anteriormente, a apresentação dos resultados seguirá aquela dos Estudos de Casos Múltiplos (Martins, 2008). Em cada caso, os temas propostos nos cartões disparadores, estão expressos na ordem em que aconteceram. Para dissertar sobre a análise, os segmentos de enunciação foram agrupados em blocos. Cada conjunto de enunciados é seguido dos elementos maquínicos e implicações ocorridas no campo de agenciamentos. Ao final do tema está a cartografia das redes de signos e movimentos de forças territorializantes e desterritorializantes ocorridos naquele momento da entrevista, e assim, sucessivamente.

Juventude Rural e Futuro: levantamento bibliográfico

Para aprofundar o tema adotado, realizamos uma revisão bibliográfica norteada pelo assunto juventude rural latinoamericana e futuro. Ressaltamos que não se trata de representar a categoria como um todo, mas explorar as produções a partir do ponto de vista da ciência e num determinado espaço e tempo.

A Abordagem da Ciência Latino Americana

Os resultados encontrados indicaram publicações entre os anos de 1995 e 2021, com ausências nos anos 1996, 1997, 1998, 1999, 2000 e 2008 (Gráfico 1).

É nítido o aumento de publicações a partir do ano 2012. Levantamos algumas hipóteses para esse fenômeno. A primeira delas é a maior pluralidade de áreas envolvidas. É sabido que a sociologia e a antropologia, por exemplo, foram duas das principais áreas de estudo sobre o assunto no século passado. Percebemos que a partir dos anos 2000 há maior envolvimento de outras áreas como economia, geografia e psicologia. Além do mais, mesmo a ruralidade sendo estudada há mais tempo, a categoria juventude rural possuía pouco ou nenhum espaço nessas pesquisas. É possível que mais estudos tenham sido desenvolvidos a partir da crítica de autores como Carneiro (1998) e Abramovay et al. (1998), por exemplo.

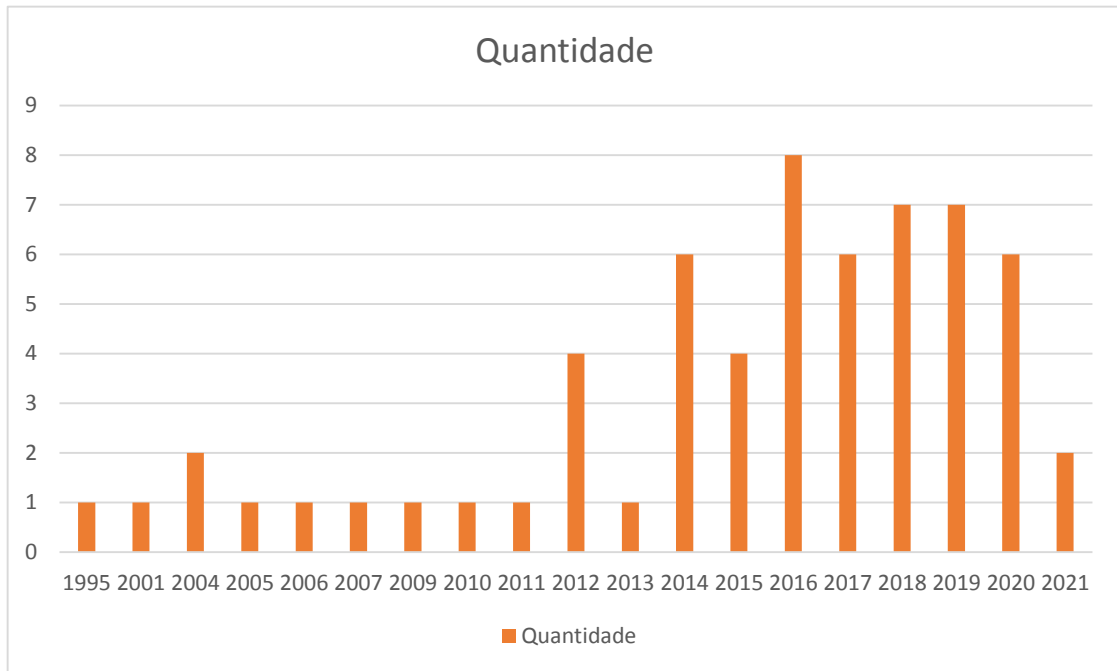


Gráfico 1 – Artigos por ano
Fonte: acervo pessoal

Outra possível explicação vem do aumento da exposição do assunto nos anos 1990 e 2000. Nessas décadas manifestações pela reforma agrária e direito à terra ganharam proporção no cenário midiático e político no Brasil com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MTST) e Comissão Pastoral da Terra (CPT) (Oliveira, 2001; Perli, 2013). Na América Latina assuntos sobre imigração ilegal e direitos humanos também ganharam grande proporção. A partir da exposição é possível que a ciência tenha se organizado para buscar maiores respostas aos debates.

Por fim, também se sabe que durante os anos 2000 houve crescente expansão do ensino superior para o interior do território brasileiro (Bizerril, 2020; Neves & Martins, 2014). É possível que a abertura dos espaços proporcionou também maior representatividade aos povos e comunidades rurais, levando ao aumento de estudos e publicações na área.

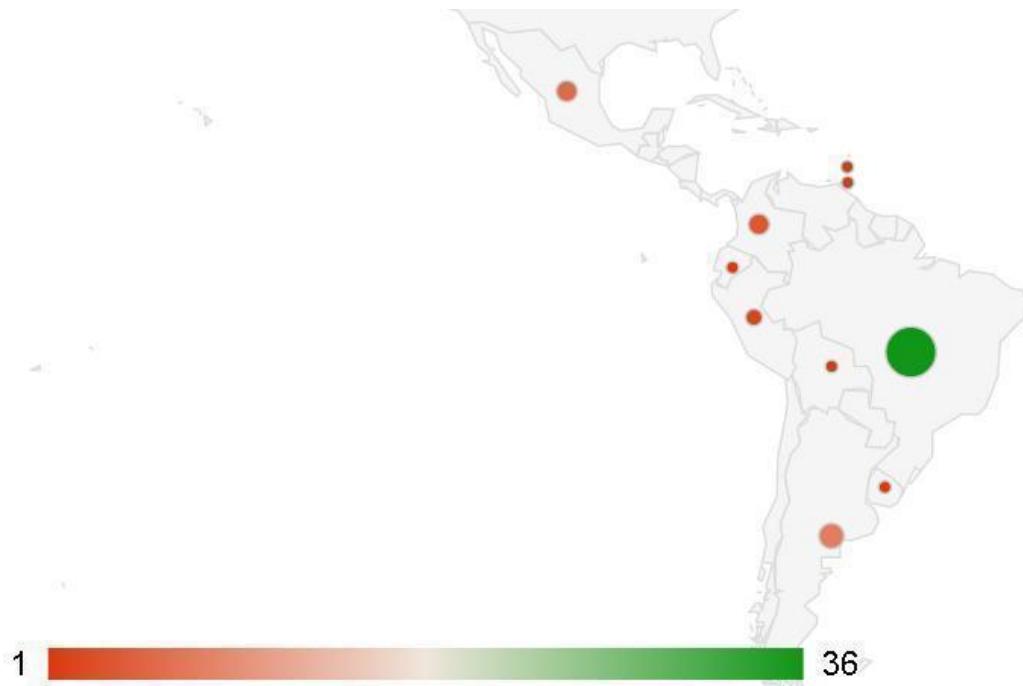


Gráfico 2 - infográfico de artigos por país
Fonte: acervo pessoal

O Gráfico 2 evidencia que os países com mais publicações foram Brasil, Argentina e México, respectivamente. Nota-se que são as nações com maior extensão territorial e com número superior de universidades.

Para análise, os 61 artigos foram lidos na íntegra. O conteúdo foi organizado através de fichamento, no qual as temáticas foram agrupadas por similaridades e reunidas em tabelas correspondentes. Em seguida, o conteúdo das tabelas foi redistribuído de acordo com o subtema e reorganizado para a ordem de sentido do texto. Por fim, foram construídas 5 temáticas gerais, dispostas nos subcapítulos seguintes: Família e gênero; Trabalho e renda; Educação e escola no mundo rural; Outras questões socioespaciais; e Novas ruralidades.

Família e gênero

A moradia e trabalho na terra possuem relações diretas com a família, estão intimamente misturados. Salvo os grandes ruralistas do agronegócio, a lida no campo é familiar, envolve todos em papéis definidos na roça e na casa e a produção gerada depende de seu engajamento, assim como os frutos colhidos também são repartidos para seu sustento e reprodução. Essa dinâmica é chamada de agricultura familiar (Oliveira, Rabello, & Feliciano, 2014).

A juventude ali se constrói. Desde a infância os hábitos e conhecimentos com plantações, hortas, cuidado de animais, relações comerciais, arte, recreações típicas, cozinha e valores morais são passados de uma geração à outra. Inclusive, papéis começam a serem desenhados, geralmente com o garoto predominantemente na roça e a garota no auxílio da mãe em casa (Marioni & Schmuck, 2019; Pizzinato, Uribe Calderón, Da Costa Souza, & Ferreira Burton, 2016; Rodríguez, 2009; Sili, Fachelli, & Meiller, 2016).

Como conjuntura, a família se organiza hierarquicamente aos moldes da tradição patriarcal, ou seja, o pai é detentor do poder de decisões e responsável pelos proventos e o trabalho na agricultura, enquanto a mulher cuida dos serviços domésticos. Portanto, após o pai, quem decide é a mãe, seguida dos filhos homens e por último as filhas mulheres, o que por vezes gera arbitrariedades e desgastes (Kuhn & Brumes, 2017; Oliveira et al., 2014).

Os jovens são frequentemente tidos como ajudantes ou peões e afastados de participação no planejamento e decisões da casa. A dependência direta do pai, impossibilita seus interesses sem prévia aprovação e pressiona o afastamento dos mais novos, vistos como desinteressados (Castro, Martins, Maíra, Almeida, Rodrigues, & Carvalho, 2009; Ferrari, Abramovay, Silvestro, Mello, & Testa, 2004; Foguesatto, Dalzotto Artuzo, Lago, & Dessimon Machado, 2016; Panno & Dessimon Machado, 2014; Stropasolas, 2004).

Cabe ressaltar que há variância nos espaços de participação em diferentes contextos. Famílias capitalizadas, jovens do sexo masculino e locais onde existem formas de organização social possuem maior abertura, enquanto mulheres e famílias com menos recursos financeiros possuem menos. (Castro et al., 2009; Oliveira et al., 2014).

Outra condição da família rural é a reprodução dos papéis a partir de gêneros heteronormativos. Todos os artigos encontrados representaram gênero como masculino e feminino. Assim, a formação dos jovens rurais é evidentemente delineada a partir da força patriarcal, enviesando especificidades na transição para vida adulta de acordo com ser mulher ou homem.

Aos rapazes, interessa reproduzir o papel de chefe. Muitos querem ficar na roça, exaltam trabalhos braçais e com máquinas, além de buscarem o progresso financeiro (Barilari, Siolotto, Tort, & Estelrich, 2012; Martínez-Corona, Méndez-Cadena, & Pérez-Nasser, 2014; Sili et al., 2016).

No trabalho de Pizzinato, Hamann, Maracci-Cardoso e Cezar (2016), ser homem foi idealizado com dinheiro, carros, perfumes e mulheres, situação parecida ocorreu em Martínez-Corona et al. (2014). Foi discutido como os rapazes projetam a vida através da busca pelo poder econômico, *status* e como acabavam objetificando o corpo feminino. Inclusive, verificou-se maior chance de evasão escolar por parte deles, visando sobrar tempo para trabalhar e ganhar dinheiro, seja na roça ou na cidade (Webster & Ganpat, 2014).

Ainda se tratando das diferenciações de gênero, os homens possuem maior liberdade e opções de lugares do que as mulheres. Sob a justificativa de serem meninos, podem andar sozinhos, possuem mais flexibilidade de horário de chegada, vão para lugares mais distantes, bem como mais opções de eventos são autorizadas, como bailes, torneios esportivos e festas em grupo (Kuhn & Brumes, 2017).

Por outro lado, a mulher no âmbito rural, mesmo com grandes mudanças recentes, ainda é levada à submissão, atribuições de cuidado maternalista e com a casa.

Em Pizzinato, Hamann, et al. (2016), as jovens retrataram o feminino como acessórios estéticos, maquiagem e ser uma boa esposa e mãe. A preocupação pela maternidade também foi vista em (Martínez-Corona et al., 2014).

A mulher é tida como mais vulnerável e fraca e, a partir disso, a comunidade e família, com a justificativa de diminuir riscos, bem como a moralidade ao entorno dos papéis atribuídos “ser a melhor esposa e mãe”, criam regras e combinados que submetem as jovens ao maior controle e menores opções (Kuhn & Brumes, 2017; Martínez-Corona et al., 2014; Pizzinato, Uribe Calderón, et al., 2016).

Numa cidade da região sul do Brasil as garotas dificilmente saíam sozinhas. Para eventos, festas ou encontros com amigas era necessário acompanhamento de um familiar, ao menos no trajeto de ida e volta. Elas também relataram formas específicas de se comportar para não “cair na boca do povo” (Kuhn & Brumes, 2017).

Ainda na região, jovens relataram a submissão de forma financeira, exemplificando que o homem gosta de ser provedor, de moças delicadas, por isso elas precisam de dinheiro para cuidados pessoais, mas não para proventos (Pizzinato, Hamann, et al., 2016), situação também vista em diferentes comunidades do México (Azaola, 2012a; Martínez-Corona et al., 2014).

O acesso à terra é outra forma de controle de gênero. Com o argumento de garantir a permanência da família no sítio, quando chega a hora de repassá-la,

geralmente o pai escolhe um sucessor que o acompanhou e aprendeu a trabalhar na roça. Sendo assim, ao menos até meados dos anos 2000, era comum que, antes de falecer, o pai passasse a terra para o filho homem escolhido, ou dividisse em lotes conforme a participação dos mesmos (Ferrari, Abramovay, Silvestro, Mello, & Testa, 2004).

As mulheres aqui recebiam sua parte em forma de bens para casa, uma espécie de enxoval, entendendo que seu sustento estaria garantido pelo marido. Por vezes, quando havia a necessidade de dividir as terras igualmente, as filhas mulheres passavam suas partes para os irmãos. Cabe ressaltar que não se trata de um processo invariável, tampouco calmo e linear. Atualmente a partilha de bens e a sucessão geracional costuma desencadear conflitos entre os irmãos e outros familiares (Carneiro, 2001; Casagrande, Salvaro, & Estevam, 2011).

Evidentemente, as moças colocam em perspectiva: no campo não há posse nem trabalho na terra, quando acontece é demasiadamente penoso; em sua família pouco ou nenhum espaço de participação e renda para si; ao se casarem, submissão ao esposo e sua família. Não por acaso, em todas as pesquisas encontradas sobre o assunto, as jovens com menos de 25 anos, em sua maioria, demonstraram interesse em sair do mundo rural, procurando oportunidades na cidade através de trabalho diretamente ou estudo e permanência para trabalhar (Barilari et al., 2012; Casagrande, Salvaro, & Estevam, 2011; Lopes & De Carvalho, 2015; Martínez-Corona et al., 2014; Sili et al., 2016).

Vimos que a família na roça é central para construção dos modos de vida, visto que desde cedo as crianças são apresentadas para este universo. A dinâmica familiar se organiza de maneira patriarcal, com o poder centrado no pai e papéis definidos desde cedo: homem deve ser provedor dos sustentos, “forte trabalhador de tração”; mulher cuidadora da casa e dos filhos, submissa ao pai ou marido. Dessa forma, a menina costuma migrar muito mais que o menino.

Trabalho e renda

Atravessados com as especificidades, estão as diversas formas de se contratar com a terra. Nem todos que residem na zona rural são proprietários, alguns estão por profissão, empregados de pequenos ou grandes produtores, como diaristas, caseiros, ou arrendatários, que assumem um espaço de solo no período do cultivo em troca de

ceder porcentagem da produção ao dono e alguns, ainda, estão lutando para manter ou conquistar moradia e terra para trabalhar, como movimentos de reforma agrária, por exemplo (Lopes & Carvalho, 2017).

Há divisões na literatura que ressaltam as singularidades da relação família e terra de acordo com a renda. De maneira geral, encontramos três classificações: capitalizados; em ascensão; descapitalizados. Contudo, ficou evidente a existência de maiores discussões sobre as duas primeiras, dando a entender que se trata da maioria dos jovens que participaram. As famílias menos abastadas apresentaram significativas dificuldades de manutenção e reprodução, consequentemente atrapalhando as decisões de sua juventude e seus projetos de vida (Casagrande et al., 2011; Ferrari et al., 2004; Marioni & Schmuck, 2019; Oliveira et al., 2014; Ramos, Angnes, & Costa, 2018).

Muitas vezes a renda gerada pela família não é suficiente para manter uma vida digna para todos. Diferentes variáveis são apontadas como barreiras à segurança e estabilidade financeira. A instabilidade do custo-benefício é uma delas. Por vezes o tempo de cultivo distancia o momento de investimento entre o de coleta e venda, expondo, assim, ao declínio dos preços e pouco lucro gerado ou até prejuízo. Além disso, fenômenos naturais e imprevisibilidade climática, grande desgaste físico, baixa valorização e incentivos e concorrência desleal frente grandes produtores são alguns fatores encontrados que atravessam o trabalho no campo (Barilari et al., 2012; Breitenbach & Corazza, 2017; Pizzinato, Petracco, Hamann, Cé, & Rosa, 2017; Ramos et al., 2018).

Aos jovens as dificuldades se acentuam e alguns sequer encaram o trabalho desempenhado como algo produtivo, pois está ligado ao sustento e sobrevivência mínimos da família, mas não gera salário direto, reproduzindo dependência dos pais para quaisquer decisões que envolvam dinheiro, dando lugar ao chamado “pai-patrão” (Marioni & Schmuck, 2019; Oliveira et al., 2014; Ramos et al., 2018).

É minoria os que veem o futuro como agricultor, invariavelmente o enxergam como reprodutor da terra familiar (Silva, Diniz Filho, Maracajá, Maracaja, & Pereira, 2006; Silva et al., 2006). Há descrença que o sítio possa gerar independência financeira no presente ou futuro, estando fadado ao fracasso. Inclusive familiares também compartilham da mesma opinião, estimulando a construção do futuro na cidade (Eche, 2018; Ramos et al., 2018; Silva et al., 2006).

Dessa forma, muitos procuram complementar a renda intensificando o trabalho na terra; desenvolvendo trabalhos complementares em outras propriedades; procurando funções adicionais na cidade; migrando ou fazendo migração sazonal, como visto em moradores de Minas Gerais e vários estados do nordeste Brasileiro, que mudam para o corte de cana-de-açúcar na região Centro-Oeste, ou da região de Chaquira, no Peru (Mendonça, Ribeiro, Galizoni, & Augusto, 2013; Nunes, da Silva, & Cordeiro, 2016; Quattrini & Rosales, 2012; Sili, 2005). Tais escolhas ocorrem para complementar a renda familiar, ter seu próprio dinheiro ou para acumular recursos e realizar o projeto de saída da roça, ou para atingir algum objetivo de vida (Alves & Dayrell, 2015a; Casagrande et al., 2011; Malheiros, 2018; L. B. De Oliveira et al., 2014).

O trabalho assalariado urbano surge como alternativa mais estável e de independência em oposição a subordinação ao “pai-patrão” e, contraditoriamente, como sinônimo de autonomia, liberdade financeira e associado a melhor qualidade de vida (Jurado Alvarán & Tobasura Acuña, 2012; Panno & Dessimon Machado, 2014; Ramos et al., 2018). Ademais, não é apenas o salário que interessa. Uma vida menos onerosa, com a promessa de algum tempo livre e também a vivência de *status* com carros e bens, festas e animação são atrativos idealizados (Azaola, 2012b; Panno & Dessimon Machado, 2014; Pizzinato et al., 2017; Ramos et al., 2018).

O mercado de trabalho urbano se apropria desses projetos de vida e os aproveita, olhando os jovens camponeses como modos de vida e hábitos altamente produtivos e ao mesmo tempo dóceis, de fácil exploração. Em outras palavras, trabalham mais e questionam menos. Inclusive, em muitos casos, os jovens se expõem a situações de baixa remuneração ou flexibilidade de direitos para conseguir trabalho na cidade (Foguesatto et al., 2016; Jurado Alvarán & Tobasura Acuña, 2012; L. B. De Oliveira et al., 2014; Quattrini & Rosales, 2012).

Tanto que não é todo mercado de trabalho que recebe diretamente a mão de obra rural e pouco experiente. Aos rapazes, os empregos são voltados para indústria, comércio, serviços braçais e mecânicos ou administração. Às garotas: limpeza, comércio e administração (Alves & Dayrell, 2015a; Carneiro, 2001; Ferrari et al., 2004; Marlénm, Luri, & Milena Sandra, 2017; Sili, 2005) - não estamos considerando ainda a intermediação da educação especializada.

Há distância entre desejo, projeto e realidade. Prova disso é que para os jovens com mais idade, 25 e 30 anos, a decisão por continuar na terra é vista mais vezes

(Ferrari et al., 2004; L. B. De Oliveira et al., 2014). São sujeitos mais experientes, conseqüentemente visões mais realistas. Além disso, nessa faixa etária as responsabilidades e necessidades aumentam, pressionando a captação de renda e priorização do dinheiro existente para determinados deveres. Sendo assim, é possível que para essa faixa etária haja maior aceitação das condições atuais e menos possibilidades de decisões arriscadas, optando por permanecer mais próximo da família.

Os trabalhos na cidade representam uma forma de refúgio e alternativas à vida rural, porém, nem sempre trazem autonomia, estabilidade ou ascensão financeira e os jovens continuam mantendo alguma forma de dependência da família.

Em resumo, a instabilidade, onerosidade e dependência da vida rural familiar e sua renda, bem como a idealização urbana, fomentada pelos interesses capitalistas geram verdadeiros dilemas na transição para vida adulta, nos quais o jovem se divide e, pressionado pela busca rápida de independência e admiração, faz sua escolha. Passados alguns anos, aparentemente as decisões são menos variáveis e mais difíceis de mudar (Eche, 2018; Jurado Alvarán & Tobasura Acuña, 2012; Potosí, 2012).

Educação e escola no mundo rural

A educação no mundo rural foi bastante debatida nas últimas décadas e hoje seu acesso passou a ser uma realidade, levando as gerações atuais a frequentarem mais as escolas (Lopes & De Carvalho, 2015; Mendonça et al., 2013). Contudo, quando a educação de forma geral é colocada em perspectiva, o rural ainda se destaca pelos problemas de analfabetismo, evasão escolar e baixos índices de escolaridade (Alves & Dayrell, 2015b; Ferrari et al., 2004; Sili, 2005). Não discorreremos aqui apenas sobre as escolas rurais, considerando também jovens que se locomovem diariamente para estudar na cidade.

Diversos são os motivos que os jovens veem para estudar. A trajetória vista nos pais e parentes é um deles. Vendo as dificuldades das gerações anteriores com a vida, comparando a possibilidade de acesso à educação atualmente, muitos atribuem valor aos estudos (Crivello, 2011; Pizzinato et al., 2017).

Dessa forma, trazem consigo a noção de que a educação pode mudar suas vidas para melhor, mais preparados para a vida. Em Crivello, (2011) os jovens

mostraram o processo educativo como dignificação da vida, através da alfabetização e conhecimento eles teriam maior adaptabilidade e mobilidade, empoderados e capacitados para enfrentar dificuldades. Além da própria formação profissional; e também colaborar com a meta de se tornar alguém.

A formação básica, inclusive, foi vista como essencial “para que não seja um estúpido”, ter mínimas chances no competitivo mercado de trabalho (Crivello, 2011; Pizzinato et al., 2017). Aqui, a escolha profissional geralmente vai para atividades operacionais na indústria ou comércio, braçais pelos rapazes e de limpeza e cuidados domésticos pelas meninas (Foguesatto et al., 2016; Marioni & Schmuck, 2019; Marlénm et al., 2017).

Contudo, nesse sentido, o ensino superior vem ganhando cada vez mais espaço. Ainda que com dificuldades, os (e principalmente as) jovens buscam se tornar profissionais mais capacitados e “fazer faculdade” vem passando a ser realidade. As atividades citadas acima, vêm servindo como transitórias para custear a graduação (Foguesatto et al., 2016; Malheiros, 2018). Os rapazes costumam buscar profissões ligadas à terra ou à força, como ciências agrárias ou polícia. Já as moças, curiosamente, estão em cursos que lembram cuidados maternos, como enfermagem e veterinária (Alves & Dayrell, 2015a, 2015b; Marioni & Schmuck, 2019; Pizzinato, Petracco, Hamann, Cé, & Rosa, 2017).

Nota-se ainda, que a escola não é apenas um local de educação formal. Entre outros pontos da comunidade, é um espaço de convivência, socialização e troca de afetos que possibilita a formação de vida, criação de grupos, troca de experiências e possibilidade de referências existenciais impossíveis de serem passadas em currículo. Aspecto fundamental, sobretudo na vida do campo que é mais isolada (Pizzinato et al., 2017).

Contudo, ainda há o desafio de integralizar o acesso à educação para a juventude rural. Mesmo com direitos adquiridos, os problemas persistem como no caso apresentado por Silva et al. (2006) em que, durante a pesquisa, o transporte público fornecido pelo município não estava transitando por falta de pagamento. Uma das dificuldades em manter o jovem na escola é a distância e condições de mobilidade (estradas ruins, intransitáveis em dias de chuva, custos envolvidos, tempo de deslocamento), tratando-se de um dos principais fatores de evasão ou descontinuação nos estudos (Pizzinato et al., 2017; Rodríguez, 2009; Souza, Bonamigo, & Rossoni, 2018).

As escolas do campo ou de municípios rurais também sofrem com problemas de estrutura, não valorização dos professores e baixa qualidade de ensino, sendo que alunos chegam ao Ensino Médio ou Superior não sabendo ler, com pouca prática de leitura e escassa experiência em interpretação (Janata, 2015; Silva et al., 2006).

Somado aos fatores difíceis, a sobrecarga de trabalho na função rural pressiona a desistência da educação, tanto na interrupção e evasão, quanto a não continuidade após o Ensino Médio (Azaola, 2012b; Marioni & Schmuck, 2019). Os altos custos e baixa renda também foram apontados como fatores que interrompem o ensino (Azaola, 2012).

Talvez a maior problemática do ensino para os jovens rurais esteja na formação do currículo escolar, pensado de forma urbana. O ensino tradicional urbano é alheio aos interesses do jovem do campo, seu calendário, história, necessidades sociais enquanto incentiva valores urbanos. A consequência disso é uma educação que desconstrói a vida no campo e prioriza o estilo de vida urbano, gerando fortemente ideias voltadas para projetos de vida na cidade, além de conflitos geracionais na família e o afastamento do interesse no aprender (Ferrari et al., 2004; Sili et al., 2016; Silva et al., 2006; Webster & Ganpat, 2014).

Não se trata sequer de uma educação única e exclusivamente rural, porém adaptada à realidade de seus alunos com ensinamentos e aprendizagens sobre o mundo como é, contudo, priorizando os modos de vida ali construídos e, talvez ainda mais importante, não os desvalorizando (Alves & Dayrell, 2015b).

Uma consequência do afastamento da educação às realidades vividas no campo pode ser encontrada no fato de que muitos saem para estudar e não voltam, justamente por não ver aplicação do curso no território de origem. Por outro lado, o filho que fica é o que acompanhou a família na lida, não necessariamente desenvolvendo-se em educação formal (Ferrari et al., 2004; Potosí, 2012). Logo, nos faz pensar que não se trata da falta de capacidade ou baixo nível de aprendizagem, mas sim de conteúdos aprendidos na prática do dia-dia. No caso de uma educação formal mais adaptada, provavelmente as condições de decisão, planejamento e qualidade de vida seriam melhores.

A urbanização da educação e a falta de oportunidades próximas acabam atravessando o ideário de educação de qualidade como sinônimo daquela da cidade grande, bem como cursos ou profissões a ela ligada e o fato de que retira o jovem para buscar o estudo, muitas vezes não retornando, ou por seguir com trabalho

conseguido através da universidade ou justamente por não visualizar possível aplicação do que aprendeu no território de origem (Carneiro, 2001; Malheiros, 2018; Pizzinato et al., 2017; Ramos et al., 2018). Muitos inicialmente até planejam voltar, contudo com o passar do curso gradualmente constituem vida na cidade e ali permanecem (Casagrande et al., 2011).

Visto o exposto, percebemos que a educação vinculada ao modo de vida rural possui diversas dificuldades em sua realização. Seja pela dificuldade de acesso, falta de representatividade, pouco alinhamento com a realidade rural ou aos interesses dos jovens. Porém, mesmo de formas diversas e talvez desfiguradas, a educação ainda representa a esperança de um futuro melhor para a maioria desses jovens, principalmente para as mulheres.

Outras questões socioespaciais

O território rural, em oposição ao urbano, muitas vezes é visto como sinônimo de algo atrasado, retrógrado e antiquado. Os jovens refletem isso tanto na idealização do sair, quanto com experiências de discriminação e apreensão ao se inserir em novos territórios. A classe social, o pouco poder econômico, o isolamento e o estigma de garota ou garoto do sítio são alguns medos que os acompanham (Alves & Dayrell, 2015a; Martínez-Corona et al., 2014).

Acontece que espacialmente estão literalmente isolados. O sítio precisa de áreas maiores, conseqüentemente se distancia de aglomerados e o acesso pode ser acidentado. Por isso, a maioria dos problemas buscam ser resolvidos no local ou com vizinhos, indo para cidade o menos possível, na dependência de transporte próprio da família ou as poucas opções públicas quando existem (Marioni & Schmuck, 2019). Mesmo que direitos tenham sido adquiridos, os problemas persistem como no caso apresentado por Silva et al. (2006), no qual, durante a pesquisa, o transporte público fornecido pelo município não estava transitando por falta de pagamento.

Outra característica encontrada na pesquisa é a de que o território rural carece de alternativas de lazer e espaços de convivência ou de participação social como áreas de recreação e esportes, atividades culturais, festas e também como formas de capacitação e discussão sobre a comunidade (Sili, 2005; P. S. e Silva et al., 2006). Tais espaços são inexistentes ou escassos se restringindo à igreja, a própria escola, jogos de futebol, eventos na cidade ou os movimentos organizados. O isolamento é

ainda maior no caso de famílias descapitalizadas, com maiores limitações de possibilidades. (Ferrari et al., 2004; Foguesatto et al., 2016; Kuhn & Brumes, 2017; Marlénm et al., 2017; Miranda, Loreto, & Antonucci, 2012; Pizzinato, Uribe Calderón, et al., 2016; Sili, 2005; Silva et al., 2006).

Movimentos sociais organizados são formas encontradas pelos moradores do campo de somarem forças e lutarem por seus direitos. Os jovens destacam tais movimentos como forma de socialização, compartilhar experiências e aprender sobre o contexto rural e sua história. No material, são citados Sindicatos, Centros Educacionais, Associações Comunitárias e Empresas (Mendonça et al., 2013; Miranda et al., 2012; Sili et al., 2016).

Os trabalhos corroboram a fala de que movimentos organizados contribuem para a valorização da agricultura familiar, fornecendo encontros de reflexão sobre as questões vividas, formas de capacitação e fomentos de maneira mais acessível (Janata, 2015; Lopes & Carvalho, 2017; Mendonça et al., 2013; Miranda et al., 2012; Sili et al., 2016)(Mendonça et al., 2013; E. L. Miranda et al., 2012).

Os movimentos sociais organizados, então, surgem como alternativa importante da comunidade para debater suas questões e caminhar em direção ao desenvolvimento, resistindo à desconstrução vivida dos espaços rurais. Para a categoria juventude rural tais espaços de convivência são vitais, pois sem eles, além das dificuldades, a própria educação e família empurram para projetos de vida na cidade.

Sendo assim, o rural se configura enquanto território predominantemente remoto, com o jovem afastado de grupos o que se agrava pela carência de pontos de encontro, lazer e socialização, desdobrando em escassas referências e opções, inferiorização e discriminação, determinando a busca por reconhecimento, por se tornar alguém na transição para vida adulta. Os movimentos sociais são citados como exemplos da diferença que os grupos podem fazer localmente. Oferecendo oportunidades de recreação e potencialização da juventude em seu território.

Novas ruralidades

Como visto, o espaço rural e sua juventude se configuram com problemáticas históricas e sociais em torno da família, gênero, trabalho, renda, mobilidade,

isolamento e desvalorização frente ao urbano. Contudo, a juventude é sinônimo de atualização. Ser jovem significa ser a nova geração e suas transformações.

Dentre as mudanças que o mundo rural vive, há uma forte desconstrução no conceito de relações intrafamiliares. A autoridade familiar vem sendo descentralizada e perdendo seu poder e espaço para outras possibilidades de trabalho, ideias, valores e conquistas sociais, principalmente femininas. Há novas organizações espaciais e familiares que possibilitam maior autonomia dos filhos em relação aos pais, bem como novas e rápidas transformações tecnológicas – mecanização – que aumenta a dependência dos mais velhos pelos mais novos, acelerando o processo de assunção dos filhos em responsabilidades (Carneiro, 2001; Gili Diez, 2013; Pessotto, Costa, Schwinghamer, Colle, & Corte, 2019).

Existe um certo medo em reproduzir o papel da mãe na casa, inclusive por ainda hoje existirem casos de submissão de diferenças na relação que terminam em abusos como o controle do dinheiro exclusivamente pelo homem; o controle do espaço em que elas frequentam; passividade velada e por medo em relação a traições do esposo; e um controle sobre a sexualidade de maneira geral, pela força ou por deterioração da imagem e autoestima (Pizzinato et al., 2017; Pizzinato, Uribe Calderón, et al., 2016; Stropasolas, 2004).

Sendo assim, o casamento e formação de família, mesmo não excluído pelos jovens, passaram a ser planejados e realizados mais tarde em comparação com outras gerações, por volta dos 28 anos, e com um conceito de família ressignificado, mais justo e recíproco entre o casal (Carneiro, 2001; Stropasolas, 2004). Os (sobretudo as) jovens planejam se dedicar aos estudos, trabalhos e conhecimento de experiências afetivas diversas antes do casamento (Stropasolas, 2004). Por exemplo, no estudo de Peres e Barbosa (2018), em Pernambuco, Região Nordeste do Brasil, em que todos os participantes eram solteiros.

Os estudos mais recentes também sinalizaram diferentes perspectivas da valorização da paisagem rural, ainda que em locais isolados. Há que se dizer que muitos jovens estão vinculados com a paisagem rural, deixando de lado o peso e instabilidade do trabalho, destacam benefícios como calma, segurança e relação com a natureza, animais e roça e até idealizam um futuro ali, seja tradicional, na lida, com destaques à necessidade de atualização e acesso tecnológico, seja inovador (Foguesatto et al., 2016; Jurado Alvarán & Tobasura Acuña, 2012; Marlénm et al., 2017; Miranda et al., 2012; Ramos et al., 2018).

Alguns já veem a roça com bons olhos para o futuro. Há situações de valorização do rural e agricultura familiar em que as respostas foram voltadas para concepções sobre a importância do setor no desenvolvimento do país e região, bem como sua riqueza de bens materiais e culturais (Miranda et al., 2012; Ramos et al., 2018; Sili, 2005). Majoritariamente trata-se de jovens mais capitalizados ou organizados através de movimentos sociais (Ferrari et al., 2004; Miranda et al., 2012). Outros planejam sair, construir estabilidade e voltar, justamente por valorizar os benefícios locais (Malheiros, 2018; Panno & Dessimon Machado, 2014).

Em Miranda et al. (2012), por exemplo, a maioria dos e das jovens, moradoras de Minas Gerais, Brasil, projetara seu futuro na terra, trabalhando com agricultura. Em Oliveira et al. (2014), num estudo realizado no extremo oeste de São Paulo, Brasil, também existem respostas de valorização da paisagem camponesa a partir de encontros em organizações sociais. Em Sili (2005), a partir da Argentina, responderam com otimismo em relação à terra, seus recursos naturais e humanos a serem explorados.

O maior acesso à educação especializada, bem como recursos tecnológicos também traz inovações que viabilizam a superação de dificuldades e permanência no território. Existem destaques para espaços em que estruturas de comunicação e acesso à informação eram integrais, fazendo parte do novo cenário rural, possibilitando alternativas éticas, estéticas e políticas nos modos de ser (Jurado Alvarán & Tobasura Acuña, 2012; Ramos et al., 2018).

Panno e Dessimon Machado (2014) exemplificam o exposto com casos de jovens que se formaram e trabalharam fora. Com experiência voltaram para propriedade e articularam com a família uma nova forma de gestão com planejamento e estratégia. Assim, as famílias ganharam maior autonomia, estabilidade e renda.

As inovações fazem parte não só do trabalho e estudo. A relação com a terra e a vida animal/vegetal vem sendo outra. Há preocupações com fatores climáticos, preservação da natureza e justiça social, ressignificando a exploração dos recursos naturais com alternativas mais sustentáveis e renováveis como turismo ecológico, recursos locais (artesanato, culinária, música, etc), empreendimentos agroecológicos e alternativas ao sacrifício animal como apicultura, produção de queijos (Barilari et al., 2012; Casagrande et al., 2011; Castro et al., 2009; Martínez-Corona et al., 2014; Quattrini & Rosales, 2012; Webster & Ganpat, 2014).

O novo rural não é predominante, embora mudanças venham sendo mais citadas. Contudo, formas diferentes de configurar a família, valorizar os benefícios do campo e inovar para superar as complexas adversidades demonstra que o jovem nem sempre quer sair do lugar de origem, mas o faz porque precisa. Quando recursos para trabalho, estudo e mobilidade são fornecidos, possibilitam a superação e diferenciação e o que é visto como ultrapassado e caquético passa a ser abastado potente em vida e movimento, como a juventude quer ser.

Estudo de Casos Múltiplos

Passaremos agora aos casos pesquisados neste trabalho, iniciando com o caso Jaque.

Caso Jaque

Apresentação:

Jaque tem 18 anos. Foi contatada a partir da participante piloto. A princípio um tanto tímida, mas abraçou a proposta. Foi ela mesma quem recepcionou o entrevistador. A mãe estava em casa, em afazeres domésticos. Conversamos num espaço próximo da cozinha, parecido com sala de jantar, com saída para o quintal e as portas abertas.

Tema 1: rotina

A primeira ficha foi a de rotina. Houve certa tensão pelo início da conversa. Disse gostar de comodismo, preferindo o dia-dia monótono pela segurança que lhe traz. Usou como exemplo trabalho, preferência por emprego estável, com possibilidade de ficar anos na mesma empresa.

Fez pausas, brincadeiras e sorrisos que descontraíram, “quebrando o gelo” do começo.

Acompanhando o movimento de adentrar no processo, o entrevistador apenas repetiu o que foi dito, mas em tom de pergunta, espelhando para provocar. Jaque pausou, retomou o enunciado sobre sua preferência por segurança e passou a falar sobre a rotina que tinha até o ano anterior, estávamos em janeiro.

Fazia curso profissionalizante no SENAI e cursinho preparatório privado pela EaD. Fez questão de dizer que não gostava do primeiro e que o mesmo havia terminado; do segundo gostava e permanecia fazendo para preparação de vestibular. No mesmo segmento, destacou que além dos dois cursos, trabalhava e ainda trabalha. Por fim, agregou à rotina o momento de dormir e como também gosta dessa parte.

Jaque continuou dizendo sobre o ano que passou e como foi se transformando. Com o advento da pandemia, o curso do SENAI sofreu alterações para a modalidade à distância, que acentuou dificuldades nos processos de trabalhos em grupo. Em sua visão, também haviam burocracias desnecessárias, complicando o que poderia ser mais simples no dia-dia. Ainda comentou sobre relações pessoais que teve no curso e não serviram como boas experiências, somando ao fator da não praticidade dos processos de trabalho e da modalidade EaD, afirmou não gostar do curso:

J: Eu não gostava. Porque... era umas pessoas... era umas pessoas assim, que queria... que fingia ser tua amiga, mas queria passar por cima do 'cê e... sabe?

D: Uhum...

J: Eu não gostava muito, também o professor não gostava muito de mim também (risos). E eu, sei lá... era muita, muita pressão... por uma coisa assim, desnecessária, muita dor. É... uma tempestade em copo da água, sabe?

D: Hm...

J: Pra você catar e imprimir esse papel e colocar aqui, cê tinha que fazer um monte processo, que era só você catar e colocar aqui nesse plastiquinho. Invés de você fazer isso, você tinha que fazer um monte de coisa, sabe?

D: Hm?

J: Não era... não era prático, ficava chato... e... aí, não gostava não [risos]. Aí acabou esse ano, era um contrato só de um ano só, aí acabou.

Explicou também que o curso do SENAI, na verdade, era um contrato no qual se prestava serviços a uma empresa parceira com recebimento de salário ao mesmo tempo de profissionalização: apresentação de trabalhos, projetos e bancas avaliadoras.

Aqui ficou mais a vontade, expressou espontaneamente um assunto com pessoalidade, criticando o curso que não gostava. Refletiu na expressão corporal, gestos e sorrisos. Foram implicadas perguntas abertas sobre o que estava falando, buscando acompanhar e flexibilizar agenciamentos.

Passamos então, a falar sobre sua rotina com o curso do SENAI, trabalho e cursinho à noite. Jaque, após pausa, verbalizou que era um tanto quanto sobrecarregada, e que lhe desgastava e deixava nervosa.

Aqui a participante destacou que mesmo com a sobrecarga, aprendeu a não misturar as coisas, tentar deixar o que era de um lugar ali, não levar para outras atividades, separando as cargas. Contou que a princípio sofreu com isso porque não conseguia delimitar questões pessoais, de casa, namoro e levava para o trabalho, por exemplo, descontando em pessoas que não tinham relação de culpa.

Foi quando um senhor, cliente, lhe passou um ensinamento:

“J: aí tinha um senhor que ia fazia curso lá, ele conversava comigo, falava, falava... gostava de conversar com ele. Aí ele falava né, que... ‘cê passava do portão da casa, ‘cê trancava, deixava seus problema lá. Que as pessoas não tinha problema... não tinha a ver com seus problema... e que... se ficar se afundando muito no problema, né, acaba virando... cê acaba... parece que aumentando mais, né?”

Jaque trabalha numa empresa que oferece cursos profissionalizantes, este senhor era um aluno.

As pausas aqui foram importantes para Jaque sintetizar agenciamentos e encontrar o que eventualmente estava em produção.

Por fim os enunciados foram para a rotina no fim de semana, no qual ela contou ajudar a mãe na casa, descansar, visitar o namorado, almoçarem, jantarem e cozinhareem juntos, além de coisas caseiras como assistir um filme. Conta gostar da tranquilidade. Aos domingos vai para a casa da família do namorado, ficando “aéreos”. Finalizamos o assunto rotina.

Movimentos do tema 1

Iniciou tateando o que acontecia, com agenciamentos territorializados de tal forma que a própria enunciação foi sobre a segurança da rotina e o quanto prefere não mudar, permanecer de formas rígidas.

Posteriormente ficou menos tensa, gestos e postura mostraram estar mais à vontade, flexibilizando rigidez. Agenciamentos se movimentaram para uma opinião mais crítica e pessoal sobre rotina no curso do SENAI, trazendo pontos de exercício de sua voz na ordem sobre desnecessária pressão em pequenas burocracias que somadas ao EaD, dificuldades de encontrar pessoas pessoalmente e a atritos com colegas de turma e com o professor, tomaram proporção ainda maior.

Bloco de segmentos ocorreu através de vozes ecoadas em um Regime de Signos de Subjetivação, visto que a menina colocou seus pontos de experiências

personais na rotina do SENAI. Embora tenha existido uma flexibilização em comparação com o primeiro bloco de enunciados, movimentos não revelaram nenhum índice de desterritorialização existente, pois as vozes ocorreram no território conceitual produzido no tecido de subjetivação de Jaque, pontos fechados de experiências pessoais e opiniões territorializadas.

Quando chegamos ao tema sobrecarga na rotina e como, a partir de ensinamentos, conciliou os dois, continuou em um processo menos rígido, no qual forças se evidenciaram nas pausas, gagueira, reticências, indo e voltando.

Acabou retornando a rigidez com assunto mais palatável de rotina parada aos fins de semana e como gosta dessa tranquilidade. Esse movimento revela que, mesmo não havendo desterritorialização, apenas o pequeno grau de flexibilidade já foi o bastante para ameaçar forças territorializadas para em seguida pressionar sua volta ao mais fácil, com assunto rotineiro, convocações e encontros de vozes já conhecidas e seguras, menos medo. O Regime de Signos ocorrido foi o Subjetivante.

Tema 2: a cidade

Jaque iniciou com tom de surpresa ao ler o tema “A cidade. Nossa... é gatilho atrás de gatilho”. Contou não gostar de cidade, não ter paciência para vizinhos e usou como referência a casa de sua avó. Lá sempre tem pessoas entrando ou passando e privacidade não é algo respeitado.

Teve risos ao revelar o tema, foi rápida para responder, mostrou espontaneidade.

Também disse que a rotina da cidade é sempre corrida, não se pára e pensa sobre o que está fazendo, automatizando as atividades “E... eu acho que é muito... muito corrido, sabe? É... igual fala, na correria, “cê nem vê o que cê faz né, parece que cê... nem aconteceu, porque muita correria.”.

Complementa ser este seu sentimento, o de rapidez, correria, excesso de informações e situações uma atrás da outra, sendo um dos motivos de preferir o sítio.

Outro é a noite. A participante falou como a cidade é ruim para se dormir.

Sentenciou a existência de sossego e privacidade no ambiente rural, no urbano as pessoas vigiam a vida alheia, novamente usou o exemplo da casa da avó, verbalizou falta de liberdade ao saber que vizinhas estão olhando e comentando os acontecimentos.

Manteve tom médio, agilidade na fala e ligação fluida entre o que estava dizendo, seus agenciamentos.

Até então o entrevistador manteve silêncio, nesse momento perguntou de qual cidade estavam falando. Jaque respondeu ser de Pirangi, que é uma cidade pequena. Talvez em cidades maiores as coisas que comentou seriam diferentes, não há vigilância e as pessoas pouco se conhecem. Agora, em Pirangi, continuou, de fato, há vigilância. As pessoas ficam literalmente na rua, falando uns com os outros os acontecimentos das pessoas e famílias que conhecem.

A participante determinou que não gosta de ficar em Pirangi justamente por essas conversas e “fofocas”; mas que se não fosse isso talvez teria outra visão sobre o urbano; talvez em outra cidade, mesmo com a correria, poderia ter sua privacidade preservada e não se preocupar tanto com a vigilância alheia, principalmente dentro da própria casa.

Como vemos, diante das falas sobre a cidade, ocorreu no pesquisador a necessidade de compor o processo de agenciamento perguntando qual lugar estava no imaginário de Jaque. Ela respondeu e em seguida voltou para o enunciado das “fofocas”, vigilância da rede de pessoas que residem próximo de sua avó, revelando intensidade na imanência do tema para a entrevistada e ser esta a principal ordem do enunciado. Os movimentos de retomada ao assunto revelam vozes implicantes que ordenam críticas à vizinhança de Jaque, teorizando, inclusive, que municípios rurais são todos assim.

Seguimos com a entrevista e Jaque disse que não se vê morando na cidade, pelo menos não dentro. Talvez, por necessidades que o urbano supre, moraria próximo, mas preservando os benefícios que a fazem preferir o sítio. Que é o que faz agora, passa a semana na cidade, para trabalhar e retorna para o sítio no fim de semana ou quando pode, mostrando ser necessário frequentar a cidade para demandas sociais. Por isso, mesmo preferindo sítio, concilia os dois.

Complementa dizendo que é caro retornar todo dia, além disso não tem CNH então quando transita, o faz de forma irregular e tem medo de ser pega, por isso prefere não abusar na frequência diária.

Continuamos falando sobre isso e Jaque justificou dizendo fazer um trajeto mais tranquilo, com menos riscos para evitar policiais e maior tráfego.

Passa a falar que no sítio a vigilância é mais amena, dando a entender ser comum jovens dirigirem mesmo sem CNH, afinal, costuma ser tranquilo e de criação.

A enunciação neste segmento fala em pontos jaque-rural que escapa do aparelhamento das leis em função de um combinado do território: dirigir antes da idade e tudo bem, não se vigia tanto aqui com isso.

O pesquisador perguntou sobre afazeres no sítio e Jaque respondeu que agora trabalha e estuda, então se resume a isso. Mas quando não trabalhava de forma assalariada, no contraturno da escola costumava ajudar principalmente sua mãe nos afazeres de casa. Nas férias e fins de semana também ajudava o pai na roça.

Teve uma época em que nada fazia, só dormia. Teve a tireóide desregulada e deprimiu, sem disposição para qualquer coisa, não comia, só dormia. Depois que melhorou, voltou ajudar sua mãe em casa e o pai na roça, às vezes dirigindo trator, adubando o cultivo:

Entende? Que teve umas época que eu... só dormia. Que eu tava com a tireoide atacada. Aí então só me dava sono, sono, sono, por causa da tireoide. Aí então tipo, eu não tinha disposição pra fazer nada, só ficar dentro de casa, só dormia... nem comia, sabe? E foi... foi emocional minha tireoide. Foi emocional. Aí deu... aí depois eu sai... aí depois eu fazia sabe, ajudava minha mãe assim... ajudava meu pai, de vez em quando precisava, eu ia... fazer alguma coisa, dirigir trator, precisava de um adubo...

A partir do enunciado sobre dirigir, o entrevistador abordou outras situações que o sítio poderia ter demandado de Jaque, assim, implicou-se na pergunta sobre afazeres na lida. A moça trouxe que possuía afazeres, mas não eram prioridade, fazendo nos fins de semana ou férias. Surgiu a lembrança sobre seu período com tireóide desregulada.

Falamos um pouco sobre sua tireóide. Contou que emagreceu 18kg e que o tipo da patologia poderia gerar grandes alterações de peso para mais ou menos. Ela relatou que mesmo antes da crise, já havia uma questão de imagem corporal distorcida, sobrepeso e sofria com isso. Fez alterações na alimentação e não comia adequadamente, mesmo com fome.

Em seguida, contou que sofreu bastante pelo relacionamento com o namorado e as alterações emocionais afetaram a regulação da tireóide e do peso. Também resultou em isolamento, deixava de ir para escola, só dormia, deixou de fazer atividades básicas. Quando ia para escola, também adormecia e não absorvia nada. Era um martírio acordar para ir à escola.

Aqui Jaque iniciou com gestos e velocidade da fala habituais, por fim, depois de contar sobre namoro e como seu momento de tireóide alterada foi emocional em

decorrência do relacionamento, terminou com uma frase em sorriso tenso e voz tremula, relativizando o drama para retornar ao usual da conversa.

Disse que era complicado ir para escola assim e para piorar, por morar na área rural, o transporte passava de madrugada, acordava cerca de 05:30 da manhã e quando iniciou os remédios levantava meia hora antes, às 05:00. Só assim conseguia se arrumar em tempo para pegar o ônibus escolar na porteira do sítio.

Voltou a falar que nunca pensou em como o emocional poderia mexer em algo como a tireóide e como isso afetaria tanto seu humor e seu dia-a-dia.

Percebendo a ida do processo para o enunciado sobre o namorado, entrevistador perguntou: “Foi o mesmo, era outro namorado... o que que aconteceu?”

Explicou ser o mesmo namorado de hoje, que os acontecimentos foram há tempos, não lembra direito, mas continuou falando:

J: Sabe, ele era... mais, ele era da minha idade, ele era novo, aí sabe... não sei, fala que homem demora mais pra... pra amadurecer, não sei. Não sei se é isso, ou é sem vergonhice memo...

[risos]

J: Aí então surtia bastante, sabe? Aí então eu comecei ficar meio assim, né... meia ruinzinha, assim, só... ficava triste, só... às vezes chorava bastante...

D: Uhum.

J: É difícil, eu conseguir assim, ficar feliz, entendeu, tipo... eu ficava assim o dia inteiro, sabe? Não era mais que isso, eu acho que não mudava minha reação o dia inteiro, então aí... foi onde comecei a... desenvolver né, meio que uma depressão [se alongou na palavra e gesticulou aspas], mas não foi forte assim, sabe, não foi caso de... muito... aí eu tive ansiedade, ansiedade eu tive. Que às vezes eu tenho até hoje um pouquinho né, depende do que... ansiedade naquela época eu tinha bastante, mas depressão acho que não foi tanto, acho que desencadeou mais minha ansiedade, então eu ficava muito ansiosa pras coisa. Então eu ficava mais triste, porque eu ficava assim “ah, será que vai dar certo?”, então como eu já tava... nesse meio assim, que era uma coisa que não tava dando certo pra mim, então eu pensava negativo. Então tipo “ah, não vai dar certo isso, e tal, não vai dar certo”, então eu deixei de fazer bastante coisa por causa disso. Aí então foi que... que eu comecei a não comer, aí desencadeou minha tireoide, foi emocional... aí piorou mais ainda, aí eu fiquei pesando 47kg. Tava só uma vara, porque... [risos], tava bem magra.

Depois da repetição do assunto namoro e da latência da menina em falar sobre, após houve uma pausa. Entrevistador manteve o silêncio, aguardando movimento da participante e quais agenciamentos viriam em seguida. Após alguns segundos de silêncio perguntou se gostaria de falar mais, qualquer coisa, e a participante preferiu não. Finalizamos o tema.

Movimentos do tema 2

O tema despertou movimento de surpresa, seguido de enunciações sobre como a cidade pode ser corrida e vigilante, este, sobretudo em municípios rurais. Comunicou experiências com a vizinha de sua avó ordenando como para ela aquela cidade não tem privacidade e pode servir como um coletivo de sentinelas.

Jaque revela como cidades pequenas são conhecidas como lugares em que todos conhecem todos, sempre possuem estereótipos de pessoas mais velhas que fofocam da vida dos outros. Acontece que não conseguimos dimensionar o quanto isso, para uma jovem, pode ser um coletivo de olhos vigilantes e julgadores dos costumes tradicionais ou como essa rede de vigilância implica seus processos de subjetivação, sobretudo ao ser mulher, no caso de Jaque.

Revelar as revoadas do tecido grupal de câmeras persecutórias em cidades rurais pode ser um tema de interesse para futuras pesquisas, inclusive para compreender como lidam com aqueles que fogem dos padrões da vigilância e como essas vozes são transformadas por esses olhos. Jaque, por exemplo, não se sentia à vontade para se trocar no próprio quarto. Ou seja, sem autonomia nenhuma em seu espaço de concreto ou de carne.

Pontos de subjetivação territorializados, mas com movimentos parcialmente flexibilizados e retornando, em seguida.

O pesquisador percebe vibração a da entrevistada sobre críticas à cidade e faz uma pergunta sobre a possibilidade de Jaque morar lá. Ela define que não pretende ou deseja, mas concilia sua negativa, recuando e passando para a ideia de talvez morar próxima da cidade e conciliar as duas formas.

Ecoando uma voz, talvez a hibridez da articulação de agenciamentos de Jaque seja uma tendência para a sobrevivência e sustentabilidade da vida em comunidade, conciliando os agrupamentos urbanos com as características para assim salvar a vida e convivência das pessoas na próxima crise do capitalismo.

Os agenciamentos se movimentam conectando o assunto sobre a aversão a cidade e saída pela hibridez, com exemplo pessoal em sua atualidade, visto que ela passa a semana na cidade e no fim de semana vai para o sítio. Deixa claro que isso acontece porque ela não tem opções de transporte dentro de seus horários, então, mesmo sem permissão, dirige para se locomover. Assim, não volta para o sítio todo dia para diminuir a chance de ser pega pela polícia.

Com essa temática, Jaque evoca algumas vozes bibliográficas. A primeira sobre a importância de opções de mobilidade para quem mora no sítio (Foguesatto et

al., 2016; Marioni & Schmuck, 2019). Maiores espaços significam maiores trajetos para conectar lugares de oportunidade ou garantia de direitos básicos que vão além da educação, como acesso à saúde ou, como no caso de Jaque, trabalhar e namorar.

Um outro eco (Pizzinato et al., 2017), se agencia com as questões de gênero e de desconstrução do rural . Vimos o quanto a agricultura familiar, mesmo sendo uma minoria, está centralizada na figura do patriarca, a ponto de há pouco mais de vinte anos, serem negados direitos de herança para mulheres sob a justificativa de que essas não seriam capazes de produzir na roça (Carneiro, 2001). Mas a experiência de Jaque demonstra um avanço na autonomia feminina, revelada pela possibilidade de dirigir para se locomover como quer, inclusive para seu trabalho e sustento, mesmo não tendo aval do Estado para isso, em um ato simples e transgressor.

Ainda assim, enquanto índice de desterritorialização, Jaque não emergiu além de uma sobrecodificação de pós-significância com pontos de intensidades de suas próprias experiências. Há uma certa parcela menos rígida do segmento territorializado ao falar com personalidade, contudo linha estratifica ainda mais em seguida, nos segmentos sobre seus afazeresd.

O próximo bloco de segmentos aconteceu a partir de um desdobramento da fala sobre a lida. Agenciamentos ocorreram se movimentado para justificar que em determinada época Jaque só dormia, em decorrência de um período de tireóide desregulada. Os encontros da fala se mexeram mais um pouco, Jaque explicou que perdeu bastante peso, a rotina se alterou bastante, inclusive na escola e afirmou que a alteração na produção de hormônios estava ligada ao seu emocional, surpresa com a não separação dos afetos com o estado corporal. Em um terceiro movimento no mesmo bloco, agenciamentos evocam vozes sobre seu sofrimento com o relacionamento.

O pesquisador, percebendo uma maior intensidade no agenciamento de namoro, estando ali uma faísca de força centrífuga, perguntou sobre como seria essa situação em relacionamentos amorosos. Um movimento de implicação na pesquisa, compondo o diagrama de fluxos para um desdobramento, então, com enunciados mais extensos de uma leve flexibilização da menina sobre o tema, colocando para fora um pouco de tensões acerca de seu período de tristezas e ansiedades imbricadas com situações relacionais, estando ali sua “desregulação”.

Logo em seguida, uma pausa na fala se instaurou. O pesquisador manteve-se em silêncio, dessa vez, observando que a quietude era apenas na boca. Algum tempo depois, perguntou se Jaque gostaria de falar mais. Ela sorriu e respondeu que não.

Novamente não houve nenhuma alteração extra-território. Regime de Signos foi o de Subjetivações.

Tema 3: escola

Começou falando que sentia boas experiências em ir à escola até o período do nono ano. Após, passou a ser massante, pouco interessante e doloroso. Atribui a mudança à transição para o ensino médio e como foram retiradas de sua sala muitas amigas com as quais convivia, então passou a estudar diariamente com pessoas estranhas e se afastou das companheiras de longa data. Assim, sentiu-se desestimulada, o que refletiu no dia-a-dia escolar, aprendizagem e concentração. Foi um ano letivo perdido, não teve mais interesse em se engajar com os estudos. (Durante sua fala manteve movimentos e tom habituais, gaguejou e teve pausas como reticências.)

Já no segundo ano do ensino médio a sala novamente sofreu alterações e fez outras amizades. Conta que os laços a fizeram sentir novamente segurança e interesse em estar na escola:

J: Aí no segundo colegial eu já gostei mais, aí já conheci gente nova, já mudou de novo. Aí já conheci gente nova... fiz mais amizade... aí fluiu mais, sabe, era... pessoas que ajudava, sabe não era pessoas que... que em vez de ajudar, só piorava mais, tendeu, que atrapalhava. Era... eu tinha amiga que somava na verdade, né”

Enunciou sobre relações pessoais na sala de aula que desdobram na experiência com o ensino, sua construção, seu espaço na escola e sua aprendizagem. As mudanças a impactaram negativa e positivamente.

Continuando, o terceiro ano foi novamente ruim. Estudava na mesma sala do namorado e conflitavam bastante por conta de ciúmes. Se separaram durante o ano letivo e contou que o rapaz a provocava bastante, deixando-a nervosa e desestimulada de ir para a escola. Reataram, mas ainda assim os conflitos continuavam, tinha uma colega que a provocava; Jaque supôs ser por interesse no rapaz. Foi um ano bastante difícil, somada a todas essas dificuldades teve a situação

com o descontrole da tireóide, humor e peso. Tudo normalizou-se apenas ao fim do ano.

Relatou que antes de todas as mudanças a escola era uma coisa que gostava bastante. Percebia menos pressão, relações mais espontâneas e alegres, menos falsidade, atividades mais prazerosas.

Sentenciou novamente o quanto as relações pessoais existentes no espaço escolar e que no processo de estudo caminham juntos. Comparou ainda épocas, sinalizando transformações decorrentes de experimentações construídas sobre a juventude como paixões e disputas, em comparação à fase anterior como algo mais ingênuo, alegre, com menos tensão.

Retomou dizendo que a partir do primeiro colegial foi ladeira abaixo. Foi uma época difícil, subiu de peso, vários sofrimentos psicológicos e em seu relacionamento.

Nessa fase seu relacionamento poderia ser chamado de abusivo, o namorado controlava roupa, lugares que poderia frequentar ou quem poderia ver. Concluiu que daí começou sua época difícil:

J: na época... agora eles fala que é relacionamento abusivo né?! Na época não era. É, tipo assim... “ah, você não vai usar tal roupa”, “aquilo lá você não vai usar”. Não tinha liberdade então, pra usar uma roupa que eu queria. “Ah, você não vai no mercado porque lá trabalha bastante moleque” “ah, você não vai na sua vó porque você vai ficar comigo”, entendeu? “Ah, você não vai num café tomar sorvete com a sua amiga porquê... você não vai, não pode ir”. Então tipo... acho que já começou daí, entendeu?

Jaque continuou dizendo que a partir daí o relacionamento perdeu o brilho, foi ficando infeliz e tudo aconteceu na escola: provocações, conflitos, desânimo. Eles voltaram, mas não funcionou. O rapaz continuava falando com meninas que conheceu quando solteiro e acarretou ainda mais sofrimento na participante. Ela até tentou dizer para si mesma que esse tipo de coisa acontece, mas aparentemente continuou em conflito por gostar de uma pessoa que não lhe fazia bem:

J: e aí ‘cê pensa né, nossa uma pessoa que ‘cê gosta né, fazer isso... Até que... errar é humano, mas a partir do momento que você abusa... que é uma coisa assim, você errar porque você não sabia. Agora uma coisa é você errar porque você tem intenção de fazer aquilo, eu penso assim. E ele é uma pessoa que eu sempre gostei, gosto. E assim, não vou falar que assim, teve traição assim, físico, porque ele não saia de casa. Né, porque... eu tinha esse medo, essa insegurança, “ah, eu não saio, mas talvez ele sai escondido”, não sei o que. Só que aí a minha sogra, [nome da sogra] né, minha sogra... ela... falava pra mim, “não, ele fica em casa” e tal, “é só pelo celular mesmo”. Mas mesmo assim né, tipo... não é uma coisa que se faz

Completou a linha do tempo de relacionamento nos estudos. Largaram novamente, mas dessa vez ela ficou mais quieta, se cuidou, focou em estudos, alegando ser uma coisa para ela enquanto investimento, que poderia, assim, ter um futuro melhor.

Durante estes enunciados sobre relacionamento, ela mudou a fluidez da fala e da postura corporal. Mais relaxada, não gaguejou, não desviou o olhar e manteve continuidade de ritmo, como quem, enfim, falasse o que queria, nomeando o namoro como abusivo e que o período ruim que acessou e desviou em diversos momentos era, de fato, composto pelo namoro.

Reataram, não deu certo novamente por conta de ciúme e controle e novamente largaram. Atualmente voltaram e se resolveram com as questões antigas. Jaque trabalha, sai com amigas, frequenta festas e conseguem aproveitar juntos.

Pausou, respirou e falou de como o assunto se transformou a partir do tema escola. Justificou que foi na escola que esses períodos ruins mais marcaram. Muito se refletiu pelo sofrimento e também foram os estudos que lhe deram alguma perspectiva de nova energia, num determinado momento.

A pausa evidenciou o fim de um processo de agenciamento e início de outro, procurando algo mais aceitável, como o assunto inicial. Relacionou, então, ao fato de ser na escola que suas relações íntimas surgiram e marcaram, bem como a ideia de estudar que lhe fortaleceu no momento de fraqueza, dando-lhe perspectiva de futuro e autonomia frente ao relacionamento abusivo.

Neste momento o entrevistador perguntou de qual escola estavam falando, ela respondeu. Estudou a vida toda lá, foi onde conheceu seu namorado, sempre na mesma turma.

Disse que tem professores bons, ao mesmo tempo que alguns deixam a desejar, não passavam o básico, apenas textos. Outros destoavam totalmente da própria função, deu exemplo de uma professora de matemática que por ser mediadora da escola, tentava fazer papel de psicóloga, ficava conversando sobre assuntos pessoais e não dava aula sobre a matéria, a aula não fluía. Finalizou respondendo que se pudesse estudaria em outra escola, sim.

Movimentos do tema 3

As primeiras movimentações foram transições entre afirmar gostar da escola em determinados momentos e ter experiências ruins em outros, com mudanças na

passagem de ano, alterando a composição das colegas de turma. Compondo o bloco de enunciados, colocou também a relação com o namorado e destacou uma garota que a provocava, justamente em decorrência do relacionamento.

A partir desses pontos de subjetivações, Jaque nos levou a refletir o quanto a escola, querendo ou não, foi muito além da relação ensino-aprendizagem para ela. O tema provocou agenciamentos ligados à experiência na sala de aula, suas relações e implicações com a sensação em comparecer ao local de formação ou não e aos processos ocorridos ali enquanto espaço de convivência. Neste segmento, a escola foi sintetizada em experiências relacionais, conceito territorializado na entrevistada.

Fluxos continuaram, culminando na sentença de um período de trevas com destaque para namoro abusivo. Aqui a movimentação dos agenciamentos mostrou uma intensificação da experiência, com a acentuação de gestos e vozes em um primeiro momento e relaxamento ao fim, revelando que Jaque chegou a um assunto que ansiava. Proferiu críticas e detalhes dos abusos, com controle de roupa, dos locais que ela poderia frequentar no dia-a-dia e até familiares que poderia visitar ou não.

Os agenciamentos referiram-se a outras idas e vindas do namoro, afirmando que em um dos rompimentos, foram os estudos no que se concentrou, justamente como uma forma de cuidado e investimento em si para um futuro melhor.

Mais uma vez, as vozes ecoaram experiências pessoais sob o regime de pós-subjetivação, territorializadas, sem processos criativos produzidos. Entretanto, provocaram vozes e dúvidas.

Primeiro, o quanto a escola, para Jaque foi intensa por relações e experiências, sendo, também, formativa enquanto interação com pessoas. Até porque, por morar no sítio, provavelmente a escola foi um dos poucos espaços de socialização.

Além disso, percebendo este acontecido de experiências intensas e com papel formativo de processos de subjetivação, ficou claro a existência, também, de opressões e abusos, nos fazendo questionar o quanto a escola não é um aglomerado social daquele território. Um x que indica o encontro de diversos fluxos que transitam nos mapas e que, por conseguinte, não seria uma peça/máquina produtora de processos micro e macro políticos e psicossociais, tendo, com Jaque a responsabilidade de interromper a reprodução de forças abusivas, ainda mais vendo que lá era um dos poucos locais de novos encontros coletivos-formadores.

Por último e a partir daí, nos questionamos como escolas rurais ou para jovens rurais dimensionam a noção dela ser um dos poucos espaços de socialização.

Acentuando, ainda mais o debate sobre a escola além dos processos de ensino-aprendizagem, mas como um local de formação de subjetivações e de coletivos, espaços e territórios.

Em um último movimento, após pergunta sobre qual escola estava falando, agenciamentos trouxeram críticas e elogios para seu local de estudo, afirmando ter bons professores, mas também docentes ruins, que apenas passavam texto.

Ela mencionou um exemplo em que uma das professoras destoava totalmente de sua função, transformando as aulas de matemática em assuntos pessoais dos alunos, como se fosse uma psicóloga. Ela relatou que a professora era também mediadora da escola.

Jaque trouxe, muito provavelmente, um desdobramento do chamado Novo Ensino Médio (Brasil, 2017). Uma reforma educacional implementada no ano de dois mil e dezessete, que flexibilizou as disciplinas científicas substituindo com conhecimentos mais práticos e eletivos. Entre tantas outras críticas, está a de colocar professores sem formação específica para a realização de atividades diversas, como no exemplo de Jaque. O Novo Ensino Médio vem sendo apontado como trazendo sérios prejuízos para a formação de jovens da escola pública, com impactos sociais imensuráveis (Cássio, 2022)

Sem desterritorialização, signos ocorreram através de Regime de Subjetivação.

Tema 4: futuro e sonhos

Iniciou dizendo que gostaria de conseguir emprego e conseguiu. Também anseia em fazer faculdade para ter melhores oportunidades de trabalho ou então se promover onde está. Depois da faculdade pretende casar, mas não sabe se será com o atual namorado.

Jaque também disse que gosta de passear, fazer viagens, em específico gostaria de visitar Gramado.

Neste momento, externalizou que é difícil pensar sobre o futuro porque é incerto.

J: A gente não sabe o que vai acontecer, porque às vezes você fala "ah, eu quero isso, isso e isso", mas você tem uma experiência que você gosta mais daquilo do que você tinha planejado, entendeu? Às vezes você acaba desviando do caminho, não de tudo né? Mas de algumas coisas né, depende.

Fala com pausas, desvio de olhar, tom baixo e alguns sorrisos. Teorizou sobre a forma de planejar e como o futuro pode ser incerto, mesmo tentando antecipar, ainda assim não exclui a importância de se planejar.

Continuamos e precisamos pensar em Gramado por conta do frio, arquitetura, possibilidade de ver neve. Pensa em lugares mais distantes, mas por conta da acessibilidade, Gramado é o que planeja para mais próximo.

Iniciou tensa, depois detalhou sobre o lugar que gostaria de conhecer, algo pessoal.

Adentramos mais sobre o que ela falou e respondeu; que é ansiosa para seus planejamentos. Agora com trabalho fixo, vive pensando no próximo passo, comprar terreno ou casa, financiar e ir pagando aos poucos, afinal é nova e seria como pagar aluguel.

Também pensa o que precisa passar antes de casar, como estudar, financiar uma casa para ter mais autonomia, mesmo que não more nela e tenha imóvel alugado, mas seu. Provocada sobre faculdade, Jaque respondeu que vai prestar vestibular este ano. Pretende fazer administração ou economia, conciliando a área que gosta, trabalha e que possui cursos mais próximos. Se planeja para fazer faculdade pública em Jaboticabal, indo e voltando todo dia e não pensa em largar o trabalho.

Conta que prestou medicina, era um sonho de mais nova, mas percebeu que o esforço a ser empenhado seria desproporcional à sua realidade, tanto para o vestibular quanto para o decorrer do curso, então desistiu da ideia e focou em algo mais acessível.

Passou a pensar em biologia, pela proximidade com questões anatômicas, disse gostar de neurologia, ciências exatas e estratégicas. Olhando também para a área de trabalho de cidade pequena, prioriza o pensamento em Administração, até porque trabalha em escritório de contabilidade.

Manteve fala fluida, tom mediano. Enunciou planos para formação superior, a princípio idealizada. Por fim considerou as opções da cidade pequena como contexto para embasar sua decisão, afunilando para administração

O pesquisador provocou sobre a consideração em ficar na cidade pequena. Jaque respondeu que, no momento, não pensa em se distanciar, tem o pai, mãe, namorado. Então para sair, teriam de ir juntos, por isso planeja estudar em algum lugar que dê para ir e voltar todo dia. Se um dia, aleatoriamente os dois forem juntos, sim, mas não acredita que um relacionamento à distância funcionaria.

Num sei, eu nunca... nunca presenciei, mas... no meu pensamento, sei lá, é difícil né? Tipo... tipo, ah, eu moro aqui, e cê mora em São Paulo, por exemplo. Ah, então é difícil eu ir, tipo eu, sabe, na vida que eu tenho, é difícil eu ir. E também seria difícil pra você vir, porque é caro, não é perto... entendeu?

Por fim, olhamos mais uma vez a ficha, mas a participante relatou não ter mais nada que gostaria de dizer.

Movimentos do tema 4

A princípio relatou planos para casamento e a dificuldade que é planejar o futuro, em forças territorializantes e desterritorializantes de um regime de signos pós-significante. O titubeio, com a afirmação sobre como é planejar-se, seguido de se desafirmar, ou melhor, afirmar que não dá para dizer, é uma movimentação de seu eixo territorializado para um pequeno grau de desterritorialização. A incerteza do futuro, não permitiu que os conceitos agenciados, ainda que tentassem, ficassem totalmente dentro do seus territórios.

Posteriormente, retorna a uma linha de conhecimentos estabelecidos e ali permanece estagnada, ecoando o surgimento da vontade de conhecer um lugar frio, pensando assim em algo acessível. Revela continuar em territorialização subjetivante ao falar de coisas mais sérias, como comprar casa, terreno e pagar aos poucos.

Provocada pela ação do entrevistador ao perguntar sobre faculdade, manteve movimentos dentro de seu território, mesclando teorizações sobre faculdade e personalidade nos cursos que pretende, bem como quando fala sobre o futuro próximo na cidade em que mora.

Caso Maria Clara

Apresentação:

Maria Clara tem 18 anos, foi contatada através de outra participante. Pouco conversamos antes, ela aceitou rapidamente e no mesmo dia realizamos a entrevista. É estudante de psicologia. O acesso ao sítio foi fácil, o tio estava no quintal e me recebeu. Realizamos a entrevista no alpendre ao fundo da casa.

Tema 1: escola

Ao revelar o tema, sorriu. Disse que iniciou a escola (graduação) presencialmente, mas com menos de um mês passou ao ensino remoto. Está gostando, contudo aprende o necessário, o básico, não tanto quanto deveria. Voz trêmula, postura tímida, respostas curtas. Sentindo o desconforto da participante, o pesquisador novamente exemplificou como poderia olhar para o tema, sem pressa, apenas acompanhando enunciações que pudessem surgir, evitando certo ou errado para conversarmos sobre.

Maria Clara passou a falar sobre como a faculdade lhe trouxe empatia, a olhar sem julgamentos, o que até então tinha, é coisa do ser humano, mas aprendeu a ver as pessoas com melhor entendimento, pois todos passaram por alguma coisa.

Acompanhando o movimento da participante, o entrevistador aproveitou o assunto fazendo uma pergunta aberta, sobre como teria chegado a tal ideia de empatia. Ela respondeu ser no dia-a-dia da escola, com experiências que os professores trouxeram, mostraram e ensinaram sobre o desenvolvimento humano.

O pesquisador perguntou se Maria Clara teria pensando em algum curso antes ou participado de outras escolas. Ela respondeu que não, com voz baixa, quase inaudível. Sempre teve claro que queria fazer faculdade, mas não sabia o quê. Um dia uma amiga da família contou sua experiência no curso, quando ela foi pesquisar e se interessou:

MC: Aí foi no dia a dia, pesquisando, aí uma amiga da família falou sobre, que ela tava fazendo né, aí fui pesquisar e eu me interessei bastante e... hoje o amor cresce mais e mais.

Continuou com fala e expressões tensas, desviou o olhar algumas vezes. Enunciou aqui como deve ser um psicólogo: humanizado, empático, que considera o desenvolvimento do ser e é livre de julgamentos.

Após o momento de silêncio, o entrevistador perguntou em qual escola Maria Clara fez o ensino médio. Ela respondeu e parou. Disse que não tinha muito o que falar, com um pequeno sorriso, em seguida perguntou se não poderia pegar outro tema.

Mais um agenciamento mostrando o quanto não estava à vontade para fluir, tensa e desejando passar ao próximo assunto.

Foi respondido que até poderíamos virar outra ficha temática, mas seria interessante ouvi-la falando mais. O entrevistador refez a pergunta sobre como foi sua experiência com a Escola.

Maria Clara respondeu ter chegado ali no primeiro colegial, antes morava em Vista Alegre do Alto, município vizinho. Foi tranquila sua vinda, já conhecia algumas pessoas e conheceu ainda mais, assim se adaptou.

Por pouco tempo falou de maneira menos rígida, em seguida parou e permaneceu em silêncio. Como provocação a continuar, o pesquisador indagou se sentia diferença entre as escolas.

“Um pouco”, respondeu. Na anterior eles acolhiam mais, por outro lado, em Pirangi o ensino era melhor. Em Vista Alegre a relação entre professor e aluno era que se diferenciava.

Após longa pausa, começou um barulho de motosserra ali por perto, mas não visível. Ela perguntou se atrapalhava, o entrevistador respondeu que não. Um rapaz passou pelo alpendre em direção de onde estava o barulho e nos cumprimentou. Voltamos ao silêncio.

Entrevistador perguntou se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Disse que não e finalizamos o tema.

Movimentos do tema 1:

Iniciou em segmentarização de experiências recentes sobre educação, mudança para o ensino à distância, fala a partir de Regime de Signos Pós-Significante. Agenciamentos enrijecidos, até tensos.

Continuou o processo passando a dizer sobre empatia e postura de psicólogo, replicando teorizações e interpretações de uma Semiótica de Significação. Fez a partir de suas experiências em aulas e com professores o que caracteriza pontos de subjetivação, próprios de uma Semiótica Pós-significante. Portanto, neste enunciado podemos falar em uma Semiótica Mista, já que dois Regimes de Signos se misturaram.

Também cabe ressaltar o quanto a presença do pesquisador, sua apresentação e existência enquanto um psicólogo formado, seguramente implicou como agenciamentos ocorreram em Maria Clara, acontecendo enquanto assuntos voltados para as teorias psicológicas e uma atuação esperada pela sociedade por quem realiza este curso. Por se tratar de uma estudante de psicologia recém ingressante, em

entrevista com um veterano já em prática, é possível que tenha aumentado o nervosismo aparente e uma preocupação em “dizer a coisa certa”. Daí sua inibição neste trecho da entrevista.

A timidez fica ainda mais em evidência quando há uma resposta de maneira furtiva à provocação da pergunta, dizendo não ter muito o que falar e querendo passar para o outro tema. O pesquisador exercita novamente uma das pistas da cartografia e age para encorajar o desejo, respondendo que independente de poder ou não, seria gostoso conversarmos mais um pouco e continuou o assunto refazendo em pergunta aberta.

Em seguida há uma pequena flexibilização. Ensaia falar de maneira personalizada, trazendo a informação de ter mudado de cidade e diferenças que sente nas respectivas escolas.

Pouco tempo depois retorna para seu território habitual. Pausa a fala e aguarda. Barulho próximo, pessoa passando e pergunta sobre atrapalhar ou não. Mais silêncio, até que finalizamos o tema.

Tema 2: cidade

Começou falando que, assim como disse no tema escola, veio de outra cidade, Vista Alegre do Alto. Foi chegando e se adaptando, mas define sentir falta do outro lugar, onde viveu por quase 15 anos. Quando indagada se nasceu lá, disse que sim. Até fez amigos em Pirangi, parentes já moravam ali, então conhecia algumas pessoas, mas define: não é a mesma coisa e sorri. Fala com firmeza, fluida e gestos não se agitaram.

Entrevistador perguntou se lá já morava na área rural. Respondeu que sim, pai trabalhava numa indústria alimentícia de goiaba, por um tempo foi caseiro do sítio sede. Quando ela tinha por volta de 6 anos aconteceu um roubo com armas e reféns no sítio, o que fez irem para a cidade, onde ficou até os 11 anos. Depois foram morar em outro sítio do patrão, voltaram para a cidade e agora estão na casa atual.

Houve uma sequência de perguntas e respostas sobre o assalto. Ela respondeu que saíram após o roubo por medo. Teve reféns, seu pai com arma na cabeça. Ela lembra apenas da mãe a pegando no colo e correndo para o sítio vizinho.

D: Mas cês saíram por causa do roubo?

MC: Sim, foi por causa do roubo, porque foi bem forte né. Apontaram uma arma pra cabeça do meu pai, foi bem complicado.

D: Hm... cês tavam lá então, foi meio que...

MC:Tava, tava em casa, foi a noite.

D: Com refém e tudo...

MC:É, foi.

D: Nossa... cê lembra?

MC:Eu só lembro... ah, porque eu era bem pequenininha, só lembro da minha mãe me pegando no colo e correndo pra casa da vizinha.

O enunciado desviou para a situação do roubo e como marcou a vida da família. Fala se manteve calma, tom médio, discorreu entre os agenciamentos. Tremulou e suspirou quando descreveu a arma na cabeça do pai.

Após pausa na fala, entrevistador perguntou replicando fala da moça sobre diferenças e similaridades entre cidades. Ela diz achar que muda o jeito das pessoas de acordo com os municípios. Não sabe muito bem explicar, mas sente as pessoas de Pirangi com mais liberdade. Sente que tem algumas coisas de idade, época, por mais que seja pouca diferença (está há 3 anos em Pirangi), mas percebe pessoas mais livres ali, antes mesmo de se mudar. Fala, inclusive, que os jovens possuem uma mente mais diferenciada. Indagada, relata que são mais espontâneos, livres na forma de agir, vestir, tudo. Finaliza falando que em Vista Alegre as pessoas são mais metidas e dá risada.

Pesquisador pergunta se Maria Clara estava falando de “fofoqueiras”, vigilância moral. Mas ela responde que não. Isso acontece nos dois lugares, a diferença seria a liberdade de agir mesmo.

Continuou a voz de forma habitual, descontraída. Pesquisador participou com perguntas.

Em seguida, brincamos sobre o assunto e o entrevistador perguntou se nas mudanças e andanças algo a marcou. Disse que tem preferência pela cidade por maior liberdade para sair, proximidade com amigos, lugares para ir. Quando morou na cidade quase não ficava em casa, pois estava junto com alguma amiga. Já no sítio se sente presa. Mais isolada até porque não tem CNH, então depende de alguém para levá-la aos lugares e não é na hora que quer. Até está tirando a Carteira de Motorista, mas por conta da pandemia o processo está suspenso.

Movimentos do tema 2

Iniciou em seguimento sobre mudança de cidade, como se adaptou, mas sente saudade do outro lugar. Trouxe experiências pessoais, características de um regime

de signos pós-significante. Nenhum movimento de diferenciação territorial dos agenciamentos.

Surgiu enunciação sobre assalto ocorrido no sítio por volta dos 6 anos de idade, com ênfase na gravidade do ocorrido e como deixou marcas. Mais uma vez, a partir de uma semiótica subjetivante, vozes são acopladas levando a expressão de um acontecido intenso, transformador e marcante na história de vida da moça, que compôs seu território a partir dali, em uma concentração de massa que dobrou em um ponto de subjetivação.

O plano dos agenciamentos sofreu implicações pelas pausas e perguntas que o pesquisador fez, encaminhando para andanças e comparação entre os dois municípios em questão, Pirangi e Vista Alegre do Alto e comparações com a área rural. O andamento dos acoplamentos permaneceram estratificados em palavras de ordem comunicadas a partir de semiótica pós-significante, enquadrados, fechados em referências assentadas.

Maria Clara nos fez pensar aqui em uma transição ocorrida entre as áreas rurais e urbanas, bem como em andanças entre municípios próximos. Suas experiências foram híbridas, transitando em uma região rural, com algumas possibilidades urbanas, desmistificando uma ideia do pesquisador e que pode ocorrer também no leitor, de uma juventude rural totalmente enraizada e estagnada em um único lugar.

Por fim, a movimentação dos enunciados chegou à preferência por urbano. Para Maria Clara, a cidade revela movimento, possibilidades diversas e oportunidades de mudança. O sítio lhe traz uma sensação de aprisionamento, justamente uma estagnação nas possibilidades únicas daquele espaço, distanciamento de onde as coisas acontecem.

Forças e fluxos mantiveram-se dentro do território, ecoando em Regime de Pós-Significação, com opiniões a partir de suas experiências.

Tema 3: futuro e sonhos

O assunto começou com Maria Clara dizendo basear o futuro em expectativas, muitas. Pensa bastante na parte profissional, em qual ramo atuará dentro da psicologia. Gosta da área organizacional e da clínica, ficando indecisa entre as duas. Conclui estar ainda no segundo ano, então talvez conheça outros campos e se apaixone e se apaixone por algum deles.

Aparecem como ordens aquilo que gosta dentro da área que estuda, mas não definiu qual sua preferência, concluindo que esperará mais para saber. A voz estava um pouco trêmula, gaguejou e ao fim sorriu.

Após uma pausa, sentenciou que ao pensar em futuro, lhe vem mais a carreira, não vida amorosa ou social. Suspirou na pausa, gestos e fala habituais, sem variação.

Quando perguntada se sonhos também estão no mesmo caminho, respondeu que sonhar é alcançar seus objetivos. Ter casa própria, carreira bem sucedida e estabilidade financeira fazendo o que gosta.

A pergunta do pesquisador veio como ação para provocar o assunto e a participação da moça. Maquinicamente, ele se manteve sem mudanças, com gestos, expressões e fala usuais.

Também fala que almeja conseguir ser o que gosta de fazer, pois teme chegar no futuro e não ser o que vai gostar, mesmo alcançando objetivos. Enfatiza ter tal medo, em seguida fala que hoje tem certeza do que quer, mas tudo muda.

O entrevistador fez uma pergunta e Maria Clara continua, dizendo que as vezes tem medo de se frustrar, de não alcançar o que quer ou ficar muito abaixo do que almejou, pois sempre tem um meio termo.

MC: É. Acho que é alcançar meus objetivos, tipo, de ter uma casa, a minha própria casa, de ter minha carreira, uma estabilidade financeira.

D: Uhum.

MC: Fazendo o que eu gosto. E ser o que eu gosto, né, porque depois chega lá na frente, ver que não é... aí é difícil.

D: Uhum.

MC: Tenho medo disso também. Mas hoje eu tenho muita firmeza e sei que é isso, mas tudo muda né?

D: Uhum. Cê tem medo de chegar lá na frente e não ser aquilo?

MC: É. E às vezes de me frustrar também né, de chegar lá e não alcançar o que eu quero... ou ficar muito, muito abaixo do que eu quero. Por que sempre tem um meio termo, né?

D: Uhum.

MC: Acho que é isso, quando eu penso nisso.

Aqui surge inicialmente uma ordem pelo medo do futuro, justamente por não conseguir prevê-lo e controlá-lo. Maria Clara sequer discorreu sobre um só ordenamento, hesitando entre imprevisibilidade, insegurança, certeza de que hoje é o que quer, novamente medo e termina com um meio termo, acordando sua briga de vozes. Teve fala fluida, com pequenas variações de ritmo, falando mais rápido em alguns pontos.

Após momento de silêncio, entrevistador perguntou se, então, tema seria mais sobre carreira e a participante assentiu. Perguntou também se teria algo mais substancial quando pensa no seu futuro, um lugar, cargo ou não.

Maria Clara passou a dizer que pensou algumas vezes no assunto e não acha que Pirangi ou Vista Alegre sejam lugares para ela. Mesmo gostando dali, são espaços em que as coisas estão pré-estabelecidas, os poucos cargos existentes estão ocupados por pessoas que passam a vida toda ali, então acha que suas oportunidades estão em cidades maiores, mesmo não imaginando uma em específico.

Disse que quando decidiu ser psicóloga já se interessava pela área organizacional e uma usina de açúcar e álcool (bastante conhecida nos dois municípios) lhe veio como atrativo. Contudo, quando pesquisou entendeu, justamente, que os empregados são de longa data e que não vão sair tão logo, então repensou, vendo que talvez não seria a melhor opção. Finalizou dizendo que mesmo assim não descarta, afinal seria uma possibilidade.

Definiu, teorizando como as coisas são pré-estabelecidas nos municípios rurais que morou e acha que não conseguirá seu espaço ali. Fala e gestos continuaram fluindo de formas habituais, sem alterações.

Foi perguntado se trabalha. Relatou que ocupa função na granja com o pai e está aguardando ser chamado para um estágio remunerado na Prefeitura. Conversamos brevemente sobre a granja e o entrevistador perguntou se ela teria pensado no Frigorífico (abatedouro de aves, também conhecido em Pirangi por empregar várias pessoas). A moça respondeu achar que lá não ter cargo de psicóloga.

Disse que, inclusive, tem uma familiar de um dos donos que é formada em psicologia, mas não trabalha lá, então imagina que não possuem interesse nesse tipo de profissional. Por fim disse que a empresa vê a necessidade conforme vai crescendo, mas nunca pensou em lá como uma opção.

Encaminhando para o final, o pesquisador perguntou sobre o que tinha despertado interesse na área organizacional. Maria Clara respondeu que gosta do ambiente empresarial, trabalhar com pessoas diferentes, cargos importantes. Também se interessa pela gestão de conflitos.

Sem mais, finalizamos o tema.

Movimentos do tema 3

Os Agenciamentos iniciaram sem desterritorialização. No assunto sobre o futuro com a Psicologia há pequena dúvida entre áreas de interesses, mostrando que linhas de agenciamento e segmentos; não estão totalmente rígidas e finaliza definindo que ainda tem tempo, conhecerá outros campos de atuação da Psicologia.

Em seguida, passa para enunciação com seus pensamentos acerca do futuro apenas na parte profissional, caminhando de volta para um espaço mais conhecido, seguro de conversar e opinar.

A linha de agenciamentos permaneceu segmentada. Há pontos de marcação da história pessoal que ficam bem delimitados nos sonhos que verbaliza ter enquanto metas. Após falar delas, Maria Clara encontra com a realidade em que mesmo replicando um território conhecido, pode não ser nada disso no futuro.

As movimentações ocorrem de maneira que, num primeiro instante teria resposta certa, encontrando dúvida e medo, evidenciando que os agenciamentos estariam se flexibilizando. É puxada a reafirmação, hoje tem firmeza e sabe o que quer, mas fluxos de desterritorialização parecem continuar, pois ainda tem a possibilidade de se frustrar, ficar muito longe do que pretende. Para terminar o conflito, um meio termo seria o bastante, acalentando, então o que a proximidade com a realidade de se desterritorializar trouxe.

Nesta parte da entrevista houve algo próximo dos agenciamentos saírem do território conhecido ao serem chamados pelo assunto sobre futuro, sua imprevisibilidade e existência inevitáveis.

Pausa e silêncio são seguidos de pergunta pelo entrevistador, pedindo por melhor enquadramento, talvez por não enxergar movimento de flexibilização anterior, não o adentrando.

Partindo do lugar que estava, não se imagina ali ficar, pretende morar em uma cidade maior. Teorizações sobre o funcionamento dos municípios e funcionamento das relações empresariais ocorreram a partir de experiências que teve, revelando semiótica mista. Idas e voltas pela incerteza versus convicções aconteceram.

É inevitável o ecoar das vozes bibliográficas sobre migração, aqui (Eche, 2018; Ramos et al., 2018). Maria Clara afirmou e nos incorporou uma sensação de aprisionamento no sítio, uma experiência extremamente violenta e também uma hibridez em seus processos de subjetivação que desdobram, então, na esperança de saída pela tangente para um local de aglomeração de pessoas, possibilidades e, de preferência ainda maior do que aqueles que ela conhece.

Essa movimentação, revela a continuação no campo territorializado, finalizando com novos enunciados sobre interesses na área organizacional. Contudo, por mais corriqueira que seja na categoria de juventude rural, a migração é para a entrevistada, uma esperança de desterritorialização, de se expor a experiências de diferenciação, processos criativos e encontros pelo mundo. Ainda que mesclado com seguridades ilusórias, como uma busca por emprego e vida urbana tradicional, o desejo de saída revela uma faísca, força de linha de fuga virtual.

Tema 4: Rotina

O tema gerou enunciados rotina-trabalho. Tem ocupações nas granjas que o pai cuida, mas agora não está todo dia porque os frangos saíram, foram para o abate. Acorda sempre às seis ou seis e meia da manhã e vai trabalhar. As granjas ficam ao lado de sua casa, separadas por uma cerca.

Referiu-se a implicações da lida com as galinhas em seu dia-dia e ciclos. Tem intervalo a cada duas horas e aproveita para ir em casa, em seguida vai para a granja novamente. Assim é todo dia por quarenta dias, quando se encerra o ciclo dos frangos. Então, por vinte dias limpam e preparam o espaço para uma nova leva. É exatamente por isso que não está trabalhando todo dia atualmente. Falou de maneira fluida, sem pausas ou interrupções. Também não alterou o tom de voz, com gestos habituais.

Em seguida apresentou segmentos sobre a rotina na faculdade. Tem aula toda noite, não estuda todo dia, mas quando possível reserva um tempo para isso. Quase sempre entrando pela madrugada.

Algumas pausas, seguidas de “né?”. Ao final do seguimento, falando sobre madrugada, sorriu.

aí tem a faculdade à noite, estudo assim eu não sou muito de estudar todos os dias, mas sempre que, né, que possível, eu paro pra estudar um pouquinho, mais a noite né, quase de madrugada [risos], e é isso.

Passou então, para assuntos de seu fim de semana. Quando dá pra sair, vai para a Cidade: Vista Alegre ou Pirangi. Mas por conta da pandemia, não está saindo muito. Gosta de se encontrar com amigos para beber, comer e conversar. Nomeia a rotina como simples e suas saídas como coisas básicas.

Fala com gestos habituais. Aqui houve uma entrada do entrevistador, buscando expandir os agenciamentos com pergunta sobre o fim de semana e o que a

participante gosta de fazer. M.C. insistiu em ser apenas coisas básicas. O pesquisador, então, perguntou sobre possíveis diferenças em rotinas anteriores.

Aí quando pode sair, né, final de semana quando dá pra sair, eu vou pra Vista Alegre, ou aqui em Pirangi... agora não muito né, por causa da pandemia.

D: Uhum.

MC: Mas é isso, minha rotina é mais simples.

D: Uhum. E nessas saídas, que que cê gosta de fazer?

MC: Ah, eu gosto de sair com meus amigos pra comer, beber, enfim... conversar.

D: Uhum. É rolê mesmo?

MC: É. Coisa mais básica mesmo.

D: E já foi diferente essa rotina?

Antes a rotina era centrada no curso do Senai. Tinha mais liberdade, podia sair quando quisesse, o dia-a-dia era menos engessado. Agora tem a faculdade e por conta do trabalho não pode sair na maioria dos fins de semana. Definiu que ganhava menos, mas era melhor, tinha mais liberdade, fazia coisas que gostava.

MC: Ah, já né. Quando eu fazia o Senai, lá, eu era mais tranquila, eu tinha mais liberdade pra sair todos os dias. Assim, não todos os dias né, mas quando eu quisesse, né, agora... também tem a faculdade, não tem como sair quando quer, mas... tem final de semana que eu não posso sair... a maioria na verdade, né? (risos).

D: Hm... é, mas e aí?

MC: Ah, era melhor, né? Ganhava menos, mas... eu tinha mais, sentia que eu era mais livre, tinha mais liberdade... fazia uma coisa que eu gostava mais também.

Pausas, reticências com variações na velocidade da fala, diminuindo em seguida falando mais rápido. Gesticulou um pouco mais com as mãos. No fim, o pesquisador pediu para MC explicar melhor o funcionamento do tal Senai.

O Curso funcionava como uma espécie de convênio no qual ela era funcionária de um frigorífico, com carteira registrada, por meio período e também cursava linha de produção. Teria visitas na empresa, funções, alguns dias por semana, mas por conta da pandemia isso não aconteceu. Definiu, inclusive, que a pandemia derrubou muitas coisas.

Após, M.C. teve uma pausa longa e o entrevistador perguntou, então, como ela lida com os fins de semana na pandemia, uma vez que os lugares estão fechados.

Geralmente visita a irmã, na cidade vizinha, ou vice-versa. Também recebe ou visita amigos, sempre com poucas pessoas. Gostaria de fazer “aquela coisa toda”, mas não pode. Finaliza afirmando que o certo nem era fazer, mas é difícil.

Fala com pausas, risos quando falou sobre desejo de fazer algo maior.

MC: Ah, a gente fica em casa né, aí vem minha irmã, que ela mora na cidade, em Vista Alegre. Ou ela vem pra cá, ou... eu vou na casa dos meus amigos, ou eles vêm aqui..., mas assim, uma coisa bem pequena né, porque não pode. A gente queria fazer aquela coisa toda mais... (risos).

D: É.

MC: Quanto menos gente... o certo era não fazer né, mas...

D: É (risos).

MC: Mas é difícil. Haja psicológico.

Entramos, então, num bloco de enunciações sobre a pandemia. Após a entrevistada afirmar sobre a necessidade de preparo emocional para enfrentar os desdobramentos da Covid-19, conversamos também sobre como foi o início das restrições, muitas pessoas comentaram que duraria algumas semanas, mas se passaram um ano e meio. Maria Clara teorizou que informações foram ocultadas; o entrevistador evocou como muitas pessoas não acreditaram e até o momento ainda negam a realidade. A participante afirmou que muitas pessoas possuem cabeça alienada, mas faz parte, e finalizou concluindo como existem pessoas que acreditam em coisas absurdas. Vozes tranquilas, pausadas, fluidas, risos após as coisas absurdas e pausa.

Em seguida, o entrevistador perguntou se Maria Clara gostaria de falar mais alguma coisa. A menina gaguejou e respondeu que não.

O pesquisador novamente insistiu perguntando, como esclarecimento, se seu trabalho na granja acontecia só no horário diurno. Respondeu que, agora que está cursando faculdade, sim. Ela teria que vistoriar uma vez a noite e que é o pai quem vira a madrugada, mas atualmente é o pai quem faz essa vistoria também. Ela fica das oito às cinco. A granja não é deles, são funcionários e caseiros. Maquinismos habituais, sem variações.

Pesquisador, então, apresentou a pergunta sobre o gosto da entrevistada em morar ali. Respondeu que não seria sua primeira opção. As pessoas falam como é gostoso morar no sítio, mas ela não acha tão bom assim. Teorizou como as pessoas fantasiam porque só buscam a área rural para atividades de lazer, como churrascos, festas. Titubeou, prolongando uma sílaba no começo da resposta. Deu risadas ao falar que não seria sua primeira opção. Desta forma, finalizamos o assunto rotina.

Movimentos do tema 4

A partir do cartão temático, surgiram agenciamentos sobre rotina e trabalho. Detalhou como a lida com a granja determina seu dia-a-dia. Continuou, passando para faculdade e estudos, quando consegue tempo e também atividades de lazer aos fins de semana.

Nestes segmentos as vozes em Maria Clara deram-se em um Regime de Signo Subjetivante, revelando acontecimentos que levam ou levaram ela a desterritorializar em algum momento, como buscar fazer faculdade ou alterar a rotina para isso, mas que agora mantém a uniformidade e segurança de conceitos bem estabelecidos, evidente ao traduzir a rotina em descrições das atividades gerais, centrais como trabalho, estudo e fim de semana. Tanto que a própria participante sentencia sua rotina como simples e básica, como quem diz que não agenciou nada de diferença para comunicar.

A implicação do entrevistador ocorreu acompanhando a fala da menina e buscando expandir os agenciamentos que estariam acontecendo sobre rotina, perguntando então de vidas passadas. A participante contou como antes era mais livre, suas atividades eram centradas num curso que fazia. Em comparação, atualmente é engessada, paralisada pela falta de espaços entre as atividades do trabalho e faculdade, enquanto na rotina anterior, conseguia flexibilizar.

Maria Clara nos incorporou aqui uma pergunta sobre suas duas vidas, passando, na atual, em uma maior aproximação da vida dita adulta, com responsabilidades em sua preparação para uma profissão que executará dentro de alguns anos, ao mesmo tempo que já possui um trabalho e, conseqüentemente a uma sensação de aprisionamento. A noção de vida adulta não seria, de fato repleta de aprisionamentos e bloqueios na rotina e no desejo, impedindo saídas do território através do aparelhamento da rotina e das máquinas e peças que produzem essa rotina?

Talvez a ideia de juventude enquanto preparação para a vida adulta revele, em um outro lado, a afirmação de que na vida adulta já estamos preparados para tudo e que, então, não precisaríamos de tempo ou flexibilidade de transições de território. Acontece que nunca estamos finalizados, como vimos ao falar sobre subjetividade, só paramos de nos (trans)formar quando a vida acaba, portanto, assim como o jovem precisa ser visto como um sujeito presente, a ideia de flexibilidade para preparações, precisa ser pulverizada na noção de vida adulta.

Continuando, a pedido do pesquisador, explicou que era um curso profissionalizante do Senai no qual recebia um salário para estudar e trabalhar. Os agenciamentos de Maria Clara aconteceram mais uma vez com pontos de subjetivação, agora em perspectiva de duas rotinas. Vozes sobre a rotina com SENAI, datadas ao ano anterior, brevemente chacoalharam seu território relacionado a rotina ali presente, afirmando que era mais livre, tanto que gestos e fala se alteraram por um fragmento da conversa.

Ainda sobre o curso, disse como as atividades foram alteradas por conta da pandemia de Covid-19. Assim, após pausa, o pesquisador perguntou como ficou, então, os fins de semana com o advento da pandemia. Contou que visitou familiares e amigos ou recebeu visitas, pequenas reuniões, mas que nem deveria fazer.

Entrevistador e entrevistada, juntos, agenciaram um bloco de segmentos sobre a pandemia. Em um Regime de Signos Significante teorizaram como se iniciou em meio a ocultação de informações; sua extensão e a participação de negacionistas nos eventos.

Esse bloco nos remeteu a duas atitudes. Primeiro em uma voz-pergunta a partir dos encontros e reuniões burlando as regras sanitárias de enfrentamento à pandemia, pois nos ocorreu a ideia de que a área rural pode ser vista, por conta de seus maiores espaços, como um espaço de dificuldades de fiscalização, por isso uma espécie de local de fuga para realizar atividades facilmente reprimidas na cidade. Nos perguntamos também, até onde isso é explorado e como implica a juventude. Algumas imaginações seriam a realização de festas, uso de substâncias, encontros proibidos, e mais uma infinidade de aplicações.

Outro eco aqui foi o de uma atitude ativa do pesquisador que agenciou diretamente falas sobre as ações de enfrentamento da pandemia, entendendo como um papel inquestionável e inevitável de se fazer naquele momento, não deixando espaços para a reprodução de notícias falsas ou ações que pudessem continuar colocando em risco vidas próximas.

Continuando, a transição dos agenciamentos de rotina-senai para rotina-pandemia e posteriormente pandemia-achismos demonstra atritos de agenciamentos que tiveram como saída um pequeno grau de desterritorialização, mais como um tropeço dos conceitos evocados, mas que não seguem. Retornam imediatamente ao adentrar os segmentos .

Encaminhamos para finalização, mas o entrevistador retornou ao assunto da granja. O seguimento manteve-se territorializado. Passaram para pergunta sobre o sentimento em morar ali. Maria Clara, firmemente respondeu que não gosta. E discorreu, num misto de teorizações com situações como as pessoas acreditam que viver no sítio seja prazeroso, mas não é tanto assim.

Uma das teorizações de Maria Clara, pode ser vista como uma pergunta de análise. Para ela, as pessoas da cidade veem o sítio como um local de paz, de fuga da rotina agitada, visto ser um local com poucas pessoas, contato com a terra e com a natureza. Contudo, essas pessoas vão justamente em um momento de lazer ou celebração, não vivenciando o trabalho ou as responsabilidades da lida. Não houve desterritorialização. Regime de Signos Misto entre Subjetivação e de Significação.

Caso Gustavo

Apresentação

Gustavo tem 17 anos e foi contatado através de uma professora amiga. Me recebeu na entrada do sítio, que fica na rodovia entre Pirangi e Vista Alegre do Alto, de moto, e me acompanhou pelo trajeto. Em casa, os pais estavam no quintal e a mãe, de passagem, brincou: “tenta convencer ele de estudar, porque eu já tentei e desisti... não tem jeito”. Em seguida iniciamos a entrevista na sala. Sempre participativo, a princípio buscou objetividade na forma de responder, escrevendo e lendo. Após conversarmos, experimentou outras maneiras.

Tema 1 - Rotina

Gustavo iniciou escrevendo dissertativamente sobre rotina e leu. Colocou que acorda cedo, vai para a escola, depois que chega ajuda o avô nas coisas do sítio. Fala trêmula, desconfiada. Ainda receoso sobre o funcionamento da entrevista. Pesquisador fez pergunta de esclarecimento, buscando o assunto.

D: Tá. A tua rotina é baseada na escola...

G: É. Aí eu chego e ajudo meu vô. Aí quando eu não vou pra escola eu já vou cedo né.

D: Uhum.

G: Aí tem bastante coisa pra fazer... Ele é mais velho, aí fico pra ajudar ele.

D: Ah é? Ele tem quantos anos?

G: Ah, tem 54, mas tem que trabalha né. Aí vou ajudar ele. A gente tem que ir aprendendo também, mais pra frente vai ficar pra gente.

D: Uhum.

G: Aprender pra fazer.

Ele então respondeu que no sítio existem muitos afazeres e com o avô sendo mais velho, ajuda. Afirmou também que tem que trabalhar, precisa aprender a lida, afinal no futuro também será responsável pela terra.

Falou de maneira fluida, deixou de lado o papel com escritas. No fim do segmento, ficou em silêncio. Entrevistador buscou aproveitar o assunto e fez pergunta sobre o alimento que eles cultivam.

Disse que é apenas limão, tem maracujá ali perto, mas é da tia dele. Após pergunta, falou ainda que já faz quase de tudo no sítio, com exceção de passar veneno com o trator. Isso apenas o avô que faz.

Afirmou a voz, com maior entonação quando diz que faz quase de tudo. Finalizou sua fala e permaneceu em silêncio, em longa pausa. Pesquisador aguardou possíveis novos agenciamentos. Após alguns minutos, perguntou se vê mais alguma coisa em sua rotina. Gustavo balançou a cabeça de forma negativa, forçando os lábios um contra o outro e continuou em silêncio. Após nova longa pausa, entrevistador perguntou se houve mudanças durante a pandemia.

Respondeu que a escola mudou. Manteve aulas de forma online. Avô apareceu nas falas de Gustavo, ecoando o quanto é importante estudar, pois roça é difícil. Os agenciamentos revelaram vozes de conversa entre o rapaz e o avô, durante o período de aulas online. Colocava as aulas em vídeo e ia fazer outras coisas, o avô o lembrava da aula, mas por fim ele deixava de lado para ajudar o progenitor na lida. Finalizou afirmando que as aulas retornaram ao presencial e então vai para escola. Em seguida, titubeando, revela que lá fica com mais vontade de executar as atividades.

Fala e gestos habituais, sem pausas. Ênfase quando parafraseia o familiar.

G: É, aula online manteve. Foi que nem fala... meu vô fala pra mim "estuda, que roça não é fácil". Aí eu ia assistir aula lá em cima. Aí ele ia. Aí eu colocava lá e ia fazer as coisas, aí eu ia lá falava "vou fazer não", aí eu ia lá ajudar, ele "cê não tem que assistir aula?", eu "tenho". "Você não vai assistir aula?" eu "não. Aí eu ia lá ajudar ele. Aí depois que voltou presencial eu vou pra escola.

D: É?

G: Aí sei lá, parece que dá, dá mais vontade de cê fazer as coisa.

D: É, estando lá?

G: É.

O pesquisador fez uma nova pergunta, sobre seu ânimo nas atividades escolares ser geral ou relativo, em uma atividade ou outra. Se interessa mais por

coisas relacionadas à agronomia, até poderia pensar em estudar algo sobre isso. Mas não gosta de cursos, técnicos, faculdade, como a mãe insinua. Gosta de trator, maquinários agrícolas. Numa conversa com o avô, surgiu a opção de no futuro trabalhar na usina de cana de açúcar. Isso pensa em fazer.

O Agenciamento Maquínico pode ser descrito como: prolongou e entoou a voz ao falar sobre o gosto por agronomia e sobre pensar em estudar. Sentencia avesso aos estudos formais, mas não define por inteiro opções de futuro como algo relacionado à agronomia ou trabalhar na usina, conclui que pensa ou pode fazer.

O pesquisador perguntou sobre escolher entre o sítio ou a usina. Gustavo categoricamente respondeu que não sairia do sítio. Que se tivesse a oportunidade de trabalhar com os maquinários iria, mas em outros momentos trabalharia no sítio.

O entrevistador indagou se o rapaz gostaria de falar mais alguma coisa. Silêncio. Insistiu, perguntando sobre como são os fins de semana. Respondeu que aos fins de semana dá uma acalmada, não faz quase nada. Sai bastante, sexta, sábado, domingo. Conta que vai nas lanchonetes. Fazem churrascos toda semana em casa. Narra como o avô chama ele para fazer churrasco, aceita e preparam tudo, e como é prazeroso comemorar depois de trabalhar.

Gustavo manteve tom de voz baixo, mas se agita levemente, anima, gesticula como se estivesse em um churrasco imaginário, sorri e relaxa gestos falando o quanto é bom. No meio da conversa uma pessoa passa na sala e comprimenta.

D: E... mas aí cê sai... tem lugar pra sair?

G: Tem. Aí sai pra comer, vai no “nome da lanchonete”, no “outra lanchonete”. Tem mais um ou outro aí e vai. Churrasquinho... Churrasco em casa, aqui... três vezes por semana, tá bom.

D: Aoba!

N: Uma pessoa foi até a cozinha e complimentou.

G: Quando ia fazer, meu vô e fala “vamo fazer churrasco?”, “vamo”. Ele vai lá na hora, pega carne [faz barulho de batidas]...

D: E já desenrola.

G: Aí vai churrasco, e vai... É um, é um gosto bom. Cê trabalha pra semana inteira, aí chega no final de semana... Agora...

D: Chegou a hora.

G: Ah, é bão demais.

O pesquisador perguntou se gostaria de falar mais alguma coisa, Gustavo responde que não e encerramos a gravação.

Antes de puxar outra ficha temática, continuou trazendo fala sobre churrasco e fins de semana, livremente. Falou também sobre sua família e que não tem irmão, apenas primos e todos moram próximos, vizinhos de sítio. Apontou onde cada familiar

mora, mudanças que teve entre as casas. Perguntou se na próxima ficha precisaria escrever, novamente orientamos que não, poderia ficar à vontade. Sentenciou que prefere ir conversando.

Movimentos do Tema 1

O tema começou de maneira tímida, ainda exploratória sobre como o processo aconteceria. Gustavo utilizou papel e caneta e leu na íntegra o que escreveu. Apresentou brevemente sua rotina como escola-roça. Foram agenciados pontos de subjetivação e, embora brevemente levantados por um processo desconhecido, recursos de seguridade como a caneta e o papel e pouca informação, mantiveram o fluxo de agenciamentos próximo do seu território conceitual já existente.

O pesquisador acompanhou o movimento de Gustavo e utilizou recursos metodológicos de entrevista cartográfica. Primeiramente replicou em forma de pergunta o que o entrevistado havia dito, revisitando os agenciamentos recentes, porém de maneira menos corrida, a revelar suas experiências. Em uma segunda implicação neste bloco de segmentos, “puxou assunto”, visando deixar a relação menos formal, mais fluida e chegar ao propósito de uma conversa livre dentro da temática, explorar agenciamentos de maneira menos rígida, convidando-o para conversar abertamente.

No movimento seguinte Gustavo deixou de lado o que havia escrito e seguiu conversando abertamente, como desdobramento das implicações do pesquisador. Aprofundou a descrição de sua rotina e afirmou a importância de ter que trabalhar na terra e aprender a lida, afinal no futuro será o responsável.

O enunciado de Gustavo é aquilo que é chamado de reprodução social na terra. Ou seja, desde cedo o garoto é preparado para futuramente assumir as responsabilidades da propriedade da família, caracterizando a chamada agricultura familiar (Oliveira, Rabello, & Feliciano, 2014)

As vozes em Gustavo falaram através de um Regime Misto de Subjetivação, suas atividades e rotina e Significação ao opinar sobre responsabilidades e aprendizagens na terra, ecoando ali família e sociedade. Nada se alterou em relação às territorialidades dos agenciamentos.

Continuando, após nova pergunta do entrevistador, falou sobre os plantios que cultivam e de sua participação. Logo houve silêncio e o pesquisador aguardou possíveis agenciamentos que estivessem ocorrendo. Sem nenhuma fala, perguntou

se gostaria de continuar o assunto. Gustavo sinalizou com a cabeça que não, porém continuou com olhar fixo e mexeu a boca, como alguém que quer falar alguma coisa e permaneceu assim por quase um minuto.

Pesquisador percebeu que o participante poderia desejar expressar seus agenciamentos das pausas, mas ainda estaria tímido pelo início da entrevista. Então novamente “puxou assunto” ecoando voz presente sobre rotina em uma pergunta sobre possíveis mudanças durante a pandemia, flexionando um novo bloco de segmentos rotina-pandemia, que começou com as mudanças no ensino e escola.

Ao responder apareceu nitidamente a voz do avô, afirmando a necessidade de estudar, enquanto Gustavo driblava o ensino à distância provocado pela pandemia. Declarou, ainda, que recentemente as aulas voltaram ao presencial e em comparação com EaD, tem mais vontade de estudar quando vai até a escola.

Aqui podemos questionar o quanto o ensino à distância foi realmente efetivo aos jovens moradores do campo, visto que é possível que muitos não tinha recursos tecnológicos necessários como computadores ou acesso à internet e mesmo aqueles que tinham, como Gustavo, não se viam diante de algo interessante a ser oferecido, enquanto tudo que lhe interessava estava no quintal. O ensino não lhe fazia sentido, visto que as aplicações possíveis não se encaixavam com seu dia a dia e a socialização, uma das poucas coisas que levava Gustavo para a escola, não existia no ensino à distância.

Novamente enunciações ocorreram em Regimes Mistos de subjetivação, opinando com suas experiências sobre ensino à distância e presencial, e Significante, replicando conceituação do familiar acerca da importância de estudar. Assim foram os movimentos territoriais, entre estratos.

Outra vez o pesquisador interveio, perguntando se seu interesse varia dependendo do assunto. Gustavo expressou uma discussão de vozes, evidenciou a aversão ao estudo formal presente nas ordens da mãe e reafirmou que prefere maquinários e tratores. Por fim, apareceu o agenciamento da possibilidade de trabalhar na usina.

O pesquisador, afetado pela informação da possibilidade do rapaz trabalhar na indústria sucroalcooleira, em eco sobre a apreensão do mercado de trabalho industrial-urbano das forças produtivas da juventude visto em outras produções científicas, perguntou sobre escolher entre o sítio ou a usina. Rapidamente e com

ênfase, disse que permaneceria no sítio. A usina seria uma forma de trabalhar com os maquinários, mas não deixaria de produzir na roça.

Aqui vemos enunciados ecoando vozes bibliográficas sobre a reprodução da juventude de maneiras diferentes de acordo com o gênero. Gustavo anuncia em alto e bom tom seu desejo por maquinários e do trabalho pesado, como no papel de chefe forte e másculo encontrado na revisão bibliográfica (Barilari, Siolotto, Tort, & Estelrich, 2012; Martínez-Corona, Méndez-Cadena, & Pérez-Nasser, 2014; Sili et al., 2016)

Segmentos continuaram em Regime Misto evidenciando na conversa signos impostos pela voz da mãe e disponibilidade industrial acoplada ao gosto por máquinas tecnológicas voltadas à produção agrícola. Linha predominantemente rígida, embora por um pequeno instante, tenha relativizado a escolha por usina, agindo para deixar claro que é apenas uma possibilidade.

Por fim, houve movimentação de ambos sobre fim de semana. O participante se agitou ao descrever momentos de lazer, principalmente churrascos no sítio, após expediente e juntamente com seu avô.

Essa passagem revela quais são as opções de lazer no fim de semana para quem mora no sítio ou em pequenos municípios. Alguns autores até associam as poucas opções de lazer ao grande número de problemas de saúde relacionados com uso de álcool, visto que churrascos com bebidas alcoólicas é uma das poucas formas de socializar e divertir (Kuhn & Brumes, 2017; Marlénm et al., 2017).

Mesmo após a finalização do tema, o participante continuou a falar, comentou sobre familiares e onde moram. Perguntou sobre a necessidade do uso do papel e caneta na próxima ficha temática, mostrando já estar à vontade com as estratégias de entrevistas.

Tema 2 - Cidade

Gustavo iniciou o tema Cidade falando como pode ser boa, é mais fácil para locomoção, quando precisa ir para algum lugar, vai e volta rapidamente. Já no sítio é diferente, se decidir sair e chover, não vai mais. Mesmo assim, prefere o sítio. Lugar de maior paz, onde se ocupa com coisas do espaço, o que na cidade não existe tanto e pessoas, por exemplo, que vão para o caminho errado, enquanto no sítio não se pensa muito nisso, a pessoa faz o melhor para ela, o que tem que fazer ali.

Após pausa, a conversa seguiu da seguinte forma:

[pausa]

D: Então, você até percebe que tem umas facilidades ali, mas mesmo assim prefere...

G: Viver em sítio. Tem as facilidades... É que nem eu falei, as facilidades, quer ir num lugar, não sei aonde, “vamo, vamo?”, “vamo”. Põe lá, comer um lanche, na cidade rapidão cê vai, agora cê tá no sítio não, deve ir lá umas meia hora (sorriu), uma hora, pra ir, mas vai.

D: Se não mais ainda, né?

G: É. Tem gente que mora mais longe ainda.

D: É... Aqui é pertinho.

G: Aqui é pertinho, perto do Vista Alegre, Pirangi. Pertinho. Eu acho isso aí né, cada um pensa o que quer. Eu prefiro o sítio.

Neste bloco de segmentos os agenciamentos aconteceram através da ordenação em preferir o sítio, mesmo com facilidades de mobilidade da cidade. A fala ocorreu de forma fluída, gestos calmos e tranquilos.

Continuando, o entrevistador perguntou quanto tempo o rapaz morou na cidade. Sem certeza, Gustavo respondeu ser sete anos. Quando criança vivia no sítio; com 10, 11 ou 12 anos se mudou e voltou entre 15 ou 16. O entrevistador comentou ser bastante tempo e perguntou se era em Pirangi; era em Vista Alegre. Depois foram para onde mora hoje. Na cidade ficava na rua das sete da manhã até às sete da noite, voltava para casa apenas para almoçar. Finalizou: “Aí deu certo de vender lá e comprar aqui, e pronto. Falou “vamo pro sítio?”, “vamo”. Sempre morei, desde criança.”

Neste bloco Gustavo descreveu o período de mudança e volta. Definimos ter sido bastante tempo na área urbana e afirmou como passava o dia na rua. Titubeou, com certa gagueira e não precisão da memória ao mensurar quantos anos morou em Vista Alegre do Alto.

Questionado se estranhou o período na cidade, Gustavo respondeu que no primeiro dia, ao deitar para dormir, chorou a noite toda no quarto. Chamou sua mãe e disse que não queria dormir ali. Dormiu com ela. Afirmou que foi estranho, não era o ambiente que estava acostumado.

Intercalou fala em primeira e terceira pessoa, gesticulou com a mão. A fala manteve o mesmo tom e velocidade.

Continuou, afirmando que sítio é paz. Buscou exemplo com pescaria. Na cidade é ir em um “pesque e pague”, pagar. Ali no sítio, não. Vai, pesca, pega o peixe, come e pronto. Conclui ser outra coisa, outro tipo de vida. Diz que prefere a cidade, mas corrige, sendo o sítio na verdade. Por fim, afirma que cada um tem suas vantagens.

Ainda quando é uma cidade pequena, dá para morar. Cidade grande não, muito movimento, carro, barulho, não dá certo. O pesquisador compõe a conversa, falando informalmente sobre o quanto a saúde mental pode ser pior em pessoas que moram em cidades grandes, como São Paulo, por exemplo. O rapaz respondeu que São Paulo, Catanduva, Ribeirão e exemplificou quando sua mãe o chama para sair e ele não gosta. Só vai a esses lugares quando necessita ir para médico e conclui: “Tá aí uma coisa né. Morar no sítio, tem que correr pra ir no médico, agora tá na cidade é rápido. Mas que não gosto, não gosto não”.

Durante a fala manteve gestos habituais, fala fluida, tom estável. Após, pausou. Pesquisador, então perguntou se o menino sempre foi de Pirangi, se nasceu ali.

Respondeu que nasceu em Catanduva, morava em Vista Alegre, estudou ali mesmo quando mudou para aquele sítio. Como fica no meio do caminho, entre os dois municípios, tanto o transporte escolar de uma quanto da outra cidade passam ali.

Em Vista Alegre estudava à tarde e a turma estava “desandada”. Estava dando trabalho na escola, não fazia nenhuma atividade, então a mãe decidiu transferi-lo. Desde o oitavo ano estuda de manhã em Pirangi. Conclui que é melhor, prefere, sempre preferiu quando morava na cidade. É outra coisa.

D: E... E Pirangi, cê sempre foi de Pirangi? Nasceu aqui?

G: Não, nasci.... nasci acho que em Catanduva. Aí vim morar em Vista Alegre.

D: Sim, mas sempre aqui, na...

G: É, eu morava em Vista Alegre, aí eu estudava em Vista Alegre. Quando eu vim pra cá pro sítio eu estudava em Vista Alegre, que a perua busca metade né, pega Pirangi, pega Pirangi, pega aqui, e Vista Alegre também. Aí eu ia estudar em Vista Alegre. Aí eu estudava de tarde. Aí de tarde lá é uma desandação que não tem condições. Aí minha mãe falou “não”. Não fazia nada, só dava trabalho, ela falou “não, vai pra de manhã”. Aí desde o oitavo eu fui pra lá de manhã, pra Pirangi de manhã, e fiquei de manhã. Mas é... é melhor, eu prefiro estudar de manhã, eu sempre estudava de manhã, quando eu morava em cidade. Aí colocaram eu à tarde, aí vai, vai... De manhã é outra coisa, cê acorda, cê tá com a mente mais... é outra coisa.

O pesquisador brincou, contou que estudou a vida toda pela manhã, preferia, mas não gostava de acordar cedo. Gustavo riu e respondeu que ninguém gosta. Continuou, afirmando que pela tarde é um horário ruim porque não aproveita o dia. Chega na escola meio-dia e sai às seis da tarde, chega em casa, janta e dorme. E ainda dorme até tarde, onze horas da manhã. Era assim quando estudava à tarde. Continuando falando das diferenças de estudar no período da tarde:

G: Aí quando eu ia pra escola eu me escondia, ali ó. Quando a perua vinha me buscar, que eu não queria ir pra escola, acha! Catava, corria lá pra trás da moita de banana, daqui a pouco é meu vô descendo. A escola.

D: (risos).

G: Aí ele chegava lá “tem que ir”. Eu não gostava. Acordava muito tarde, acordava 10h, a perua passava aí 11h30. Chegava, acordava, tomava banho. Chegava seis hora, sete ora, sete e meia. Aproveitava nada. Agora de manhã não, manhã cê acorda né que, é quase 6h, acorda 5h, toma um banho, tomo um café e vou. Aí quando é meio dia, uma hora, tô em casa, aproveito o dia inteiro.

Risos, gesticulou e apontou o lugar onde se escondia. Fala e movimentos descontraídos.

Após pausa, o pesquisador perguntou se gostaria de falar mais alguma coisa sobre a cidade. Respondeu que não e encerramos o tema.

Movimentos do Tema 2

O tema Cidade se iniciou com movimentos de afirmações entre pontos positivos e negativos da cidade e do sítio, concluindo com preferência pela área rural.

Ocorreram pontos de subjetivação característicos do Regime de Signos Subjetivante quando dá exemplos pessoais como a chuva, o lanche, mas também se misturam com a sobrecodificação em Signos Significantes, pois intercala com exemplos que outras pessoas lhe contaram “como eles falam” “como dizem”, ecoando signos de signos.

Os defeitos relatados por Gustavo ecoam outras experiências da literatura, do quão importante é a mobilidade para pessoas que moram na área rural, para minimamente conectá-las com pessoas, lugares e possibilidades, evitando o isolamento social (Pizzinato et al., 2017; Rodríguez, 2009; Souza, Bonamigo, & Rossoni, 2018).

O pesquisador fez colocações que, num primeiro instante, buscavam acompanhar o mergulho no tema, replicando o que acabava de ser dito pelo rapaz, convidando-o a seguir os agenciamentos. Em um segundo momento interveio na fala, dobrando o fluxo dos agenciamentos de enunciação para o segmento de proximidade com a cidade, enquanto outras pessoas moravam ainda mais longe.

Assim, segmentos continuaram no caminho de moradia cidade-sítio e estranhamento do urbano. Não recordou com clareza quantos anos morou na área urbana. Este bloco aconteceu no Regime de Signos Subjetivante, nada ocorreu além dos já estratificados conceitos no rapaz.

Continuou o tema; reafirmando sua preferência pelo sítio, utilizou exemplo de pescaria e a paz e liberdade da área rural. Com a intervenção do pesquisador sobre dificuldades de saúde mental nas grandes cidades, Gustavo trouxe exemplos próprios, de municípios que têm como referência, concluiu que não gosta de ir, só vai quando necessário para sua saúde. Houve, em tom de surpresa, agenciamento sobre o acesso à saúde como importante para proximidade com a área urbana. Período de conversa continuou acontecendo em Regime de Signos Subjetivantes, sem flexibilização ou diferenciação nos segmentos.

É impossível não ecoar aqui um dos segmentos dos resultados bibliográficos sobre a nova ruralidade. Ou seja, Gustavo prefere o sítio e ali pretende ficar, mostrando mudanças no paradigma da juventude rural enquanto categoria social, como em Miranda et al. (2012), Ramos et al. (2018) e Sili, (2005).

A entrevista continuou com pausa, conversa sobre onde Gustavo nasceu e o menino trouxe agenciamentos sobre a escola. Estudava em uma cidade, à tarde, mas estava em direção a um caminho ruim, mãe tremendo futuro problemático, transferiu-o para outro município, com aulas pela manhã. Preferiu, pois assim assim consegue aproveitar mais o dia, enquanto que, quando estudar a tarde era o contrário e até se escondia para não ir à escola.

Trecho com agenciamentos de enunciação e maquínicos comunicando bom-humor. Regime de Signos de Subjetivação.

Tema 3 – Escola

O tema escola foi iniciado com risos. Olhou novamente a ficha e falou seu ponto de vista, sua mãe sempre lhe diz que tem que estudar porque sem estudo hoje em dia não é nada. Concorda, mas não lhe entra na cabeça fazer faculdade, cursos, essas coisas. Sabe que a escola é um lugar bom, aprende coisas, melhora e tem inteligência, mas na verdade mesmo, não gosta de ir. Não que não se sinta bem, até se sente, é uma coisa estranha. É um lugar bom para encontrar os amigos. A escola é um lugar bom, mas que não deu certo para ele. Finalizou este bloco afirmando que não gosta de estudar.

Tom de voz se manteve mediano, sem gestualidades que chamaram atenção. Existiram algumas pausas e reticências e sorriu quando falou de encontrar os amigos.

Os segmentos sobre escola oscilaram entre as vozes da mãe e outros, estudar para ser alguém e seus pontos de subjetivação afirmando não ser para ele e não gostar deste universo.

Após momento de silêncio, o pesquisador perguntou se a escola seria, então, um lugar para encontrar os amigos. Gustavo respondeu que é mais para isso, estudar mesmo não gosta muito e retornou ao que estava falando. Escuta que sem estudo não se é nada, mas fazer o quê. Sua avó mesmo conta que filho de alguém virou doutor, não sabe o quê. Aí ele se estressa e responde para a avó que escola é para quem é doutor, ele não vai virar doutor então não vai estudar. Conclui que falar de escola é isso, um lugar bom para quem gosta de estudar.

Entoou voz e corpo ao falar da avó e como a responde, estressado. Seguiu, afirmando que tem que estudar. Uma hora ou outra terá que estudar. Sua mãe mesmo fala isso, ela com trinta e poucos anos entrou para faculdade. Ele não gosta, não. Pesquisador perguntou se a mãe de Gustavo tinha entrado para a faculdade. Ele respondeu que ela vai trocar de área no trabalho, portanto terá que fazer graduação.

Variou voz, diminuiu ritmo e tom “desanimando” ao falar que sua mãe foi para universidade. Teve pausa, seguido da conclusão “falar da escola é isso aí” e permaneceu em silêncio.

O entrevistador replicou o que foi dito em forma de pergunta. Se por um lado Gustavo entendia a necessidade de uma formação. Ele respondeu que hoje em dia se não for formado, nem para varrer rua, varre mais. Tem que no mínimo formar. Que nem seu avô fala, estudo é tudo, tem que estudar.

Ao dizer que o avô pega ele para falar coisas, bateu com o dedo indicador no polegar, gesticulando de forma a ilustrar que o avô “malha” ele com o assunto.

Seguindo, o pesquisador perguntou se Gustavo tem alguma formação, mas que não aprendeu na escola. O rapaz não entendeu, então foi utilizado um exemplo, em analogia à matéria de língua portuguesa, que se aprende na escola, mas a fala se aprende no dia a dia e novamente foi perguntado como ele adquire seu aprendizado. Gustavo respondeu que se fosse fazer alguma coisa seria agronomia, mas as coisas que ele aprendeu como mexer em trator, lida no sítio, aprendeu com o avô. Desde muito pequeno, dez, doze anos levava junto, mandava fazer isso, catar aquilo e ele fazia.

Manteve fala e gestos habituais, com expressão de dúvida no início. No fim falou em terceira pessoa, como se fosse o próprio avô lhe dando ordens.

Expressou agenciamentos sobre uma experiência positiva que com educação:

G: Aí na escola, faz umas coisa, planta lá, umas coisa assim, de ciência da natureza, coisa lá. Aí dá pra dar uma aprendida. Aí que nem, a gente foi semana passada, nós foi numa palestra, lá na... ali de frente, um pouco pra trás do Verona ali, sabe? Indo para Monte Alto

D: Sei, sei.

G: Aí tava tendo uma palestra lá um negócio de agronomia. Aí nós foi. Foi bastante coisa lá, ensinou... como é que o... que o pé de limão, é... absorve o veneno... foi um monte de coisa boa lá. [pausa] Coisa que eu gosto de pensar.

D: Aí cê sentiu alguma diferença? Falou “opa, peraí isso aqui já...”?

G: Cê fala de... como assim de atenção?

D: Pode ser.

G: Aham. É, tipo... eu sabia, eu... pra mim eu passava o veneno no pomar e o... coisava pelo tronco né? Falou que não, é das folhas que vai puxar, que vai tudo pro tronco. Aí, ah, “agora entendi”, não sabia. Outra coisa né. Agora do resto, normal.

D: Cê acha que se a escola normal ali, tivesse mais desses assuntos, seria... diferente?

Velocidade e tom de voz sereno. Pausa antes do questionamento do pesquisador, também depois junto com gagueira.

O pesquisador perguntou se o rapaz achava que caso a escola normal tivesse mais desses assuntos, para ele seria diferente.

D: Cê acha que se a escola normal ali, tivesse mais desses assuntos, seria... diferente?

G: Eu falo que seria. Se desse mais negócio de agronomia, essas coisa aí... aí eu ia... Que nem uma vez ali, fui fazer um curso lá na... em Pirangi, eu fui fazer um curso. Aí, nós saia da escola entrava uma hora e saia acho que quatro e meia. Aí fomo fazer o curso. Aí nós chegava lá no curso, um curso acho que de agronomia, uma coisa assim. Aí fomo lá fazer, aí depois de fazer um curso tem uma sala lá, fazia um monte de pergunta, respondia. Aí nós foi pra uma, tipo numa área experimental, vamo supor assim, que aí tinha um espaço grandão e... pra nós limpar lá, pra nós plantar o que quisesse plantar. Aí nós foi lá. Aí ia uns que ajudava e os que não fazia nada, né? (risos).

D: (risos).

G: Aí era aquilo, de enxada lá. Aí limpamo tudo, deixamo tudo bonitinho. Deixamo limpinho, lá. Era um espaço grandão, aí fomo. Ai, depois de um tempo a mulher foi lá, passou uma massa lá e falou assim “ó, nós vai pra agrishow”. Falei, ah, já tem uma coisa boa, né? Esse negócio de maquinário, falou assim. Aí pedia os documento, as coisa lá...

Fala fluida, sorriu quando disse que alguns colegas não faziam nada nas atividades.

Continuando, disse que já tinham pedido os documentos para a visita à feira, quando foi esquecido na cidade. Ele tinha que ir embora e foi esquecido. O pesquisador perguntou se foi esquecido em Ribeirão Preto. Ele disse que não, em Pirangi. Olhou a hora no celular, era três e meia, quatro horas e ela (motorista) não

veio. Quatro e pouco, começou a chegar gente da escolinha, cinco horas. Ele se perguntou o que fazer. Quando foi até a casa de um amigo que o levou até o sítio. Aí passou, quando outra vez de novo a motorista esqueceu ele. Ele então foi até o almoxarifado municipal (onde ficam os veículos), viu a motorista entrando na perua (veículo), Gustavo pediu licença e entrou também. A motorista olhou para trás e falou para ele descer, que não era obrigada a levar ele embora. Ele pensou que ela ia levar ele, mas desceu e foi embora a pé até o sítio.

Depois desse dia não teve mais vontade de participar do curso. Esqueceram ele três vezes, aí não deu mais não. Dessa vez estava com vontade de aprender, mas depois disso não deu, não dá certo. Completou que quando chegou em casa seu avô ligou e falou com o responsável, explicou o que aconteceu. Pediram para ele voltar, continuar com o curso, mas preferiu não. Já era a terceira vez e se acontecesse a quarta ia ficar muito difícil. Era um lugar que gostava de ir, aprendia bastante coisa, mas não deu certo por isso. Finalizou com “fazer o quê” e pausou a fala.

O pesquisador, num movimento de acolhimento, verbalizou o quanto é difícil depender dessa forma de terceiros. Gustavo disse que é difícil depender para ele, pausou, suspirou e determinou: “é foda”. Permaneceu em silêncio. Foi perguntado se gostaria de dizer mais alguma coisa, ele respondeu que não. Finalizamos o tema Escola.

Agenciamentos de enunciação aconteceram com fluidez, gestos habituais, exceto ao final, quando abaixou o corpo, olhou para o chão, voz desacelerou e tremulou ao dizer que foi embora de a pé e depois desse dia não teve mais vontade de ir ao curso.

Movimentos do Tema 3

A revelação da ficha temática sobre a escola trouxe risadas. Agenciamentos oscilaram em duplos, se contradizendo. Ecoou a voz da mãe sobre a importância de estudar. Contudo discorda, não é para ele, não gosta e não consegue se ver fazendo cursos. Novamente complementa, pois sabe que a escola é um lugar bom, em seguida ressalta que não gosta de frequentar, mas justifica, não que não se sintam bem, é uma coisa estranha.

Concluindo o diálogo de discordâncias, define que a escola é boa para encontrar os amigos, e diplomaticamente sintetiza a afirmação de que a escola é sim importante, mas para quem ele é não funcionou e que não sente gosto em estudar.

A risada ao falar sobre amigos chamou a atenção do pesquisador que replicou o texto em forma de pergunta. A Movimentação trouxe resposta de que vai para escola para isso, porque estudar, não. Ecoou a voz da avó comparando Gustavo com outros rapazes que se formaram, hoje são doutores, o que irrita o entrevistado. Também repercutiu a situação da mãe que atualmente entrou para a faculdade por conta do trabalho, agenciando conclusão de que uma hora ou outra ele terá que estudar.

É importante ressaltar que expressões gestuais revelaram agenciamentos maquímicos de frustração, como se a situação da mãe tivesse contra argumentado de maneira irrefutável a necessidade dos estudos, invalidando naquele momento seu argumento no debate de vozes.

Blocos aconteceram em misto entre Regime de Signos Significantes e Subjetivantes. Oscilações revelaram que o tema retirou o entrevistado do enquadramento territorial. Quando chegava em alguma resposta, discordava. Mesmo com a conciliação entre as enunciações com uma saída que respondia a ambas, assim que novamente provocado, os agenciamentos novamente discordavam.

Há aqui uma indiscernibilidade dos segmentos, em que o participante traz experiências de aversão à educação formal ao mesmo tempo em que reconhece a necessidade e importância dos estudos.

Diante disso, o pesquisador perguntou justamente se o rapaz achava que caso a escola tivesse mais assuntos práticos, para ele seria diferente. A pergunta foi uma implicação provocada ao eco de uma voz conhecida na revisão bibliográfica sobre aprendizagem não formal (Ferrari et al., 2004; Sili et al., 2016; Silva et al., 2006; Webster & Ganpat, 2014). O pesquisador se perguntou se não estaria diante de um acontecimento de afastamento da educação, justamente pelo afastamento do currículo escolar da realidade do jovem, quando Gustavo reclama da escola e fala que aprendeu tudo com o avô. Assim, o pesquisador pergunta se o rapaz achava que caso a escola normal tivesse mais desses assuntos, para ele seria diferente.

A conversa continuou desdobrando em agenciamentos sobre alternativas ao ensino formal tradicional. Uma experiência positiva envolvendo um assunto de interesse, uma prática ativa e a expectativa da participação em um evento/ visita técnica mostraram que Gustavo não é avesso a escola, mas que ensinos que não integram sua rotina não lhe interessam, sobretudo quando passado de maneira puramente teórica e centralizada na sala de aula, distante da realidade.

Acontece que a experiência desembocou na desistência do participante com o curso por conta de problemas que teve com o transporte, em três momentos diferentes foi deixado para trás na cidade, no último, inclusive foi embora caminhando, mesmo tendo ido até o veículo e, segundo ele, a motorista se negou a levá-lo naquele momento.

Tema 4 – Futuro e Sonhos

Gustavo leu o tema e o repetiu em voz alta três vezes. Primeiro disse que seu futuro só depende dele, em seguida contradisse. Ninguém sabe o amanhã, só pertence a Deus.

Início do tema com fala pouco fluida, várias pausas e reticências, tom e velocidade sem alteração. Iniciou com um segmento, em seguida outro se agenciou, contradizendo-se, formando bloco sobre futuro e mérito ou futuro variável, no qual nada depende dele, transferindo para Deus.

Seguiu dizendo que pretende ter sucesso com agricultura e roça. Sonha em ter um confinamento bovino, seria o suficiente.

Continuou com pausas e certa gagueira. Ao fim, quando concluiu sua fala sobre sonho, sorriu. Neste momento, o pesquisador interveio, perguntando se seus sonhos, então, estariam voltados para o trabalho.

Para Gustavo, se der certo sua roça atual de limão, já está bom. Seu avô também fará uma piscina para alugar, dando certo podem fazer outra. E afirmou que quando a pessoa tem força de vontade, uma hora vem. Fala e gestos habituais, sem alteração.

Sobre o futuro, quem sabe é Deus. Ninguém sabe o dia de amanhã. Hoje pode estar aqui, amanhã não. É uma coisa difícil de entender. Retorna para sonhos. Ter bois bons e melhorar a vida da família.

Agenciamentos maquínicos sem mudanças que chamassem a atenção. Ao fim faz pausa, fala que é isso aí mesmo e seguimos de uma pausa ainda maior. Em seguida, o pesquisador perguntou se gostaria de falar mais alguma coisa.

Sobre sonhos é isso aí mesmo, respondeu Gustavo. Adiante, fala que também sonha em ter um barco. Seu avô gosta de pescar e é um sonho conseguir comprar um barco para ele.

Neste bloco sintetizam-se novos agenciamentos sobre sonhos. Após pausa e fala encaminhando para finalização, o participante trouxe novo sonho material com a

presença da voz do avô-pescador. O entrevistador aproveitou e perguntou se o participante costumava acompanhar as pescarias.

Respondeu, bem-humorado, que quando vai é muito mosquito, não tem condições. Sua mãe também vai e quando Gustavo era pequeno estava sempre atrás, era o moleque deles. Perguntado sobre onde pescavam, disse que na maioria das vezes era por perto, poucas vezes foi para o Rio Grande. Duas vezes com amigos da mãe e uma vez com um rapaz que ia no sítio. Foram, é gostoso. Finaliza dizendo que gosta de pescar.

Gargalhadas na fala sobre os mosquitos. Subiu o tom de voz ao falar que vivia atrás do avô e da mãe quando era criança. Sem alterações gestuais. Fez pausa no fim do bloco, afirmou não ter muitos sonhos e nova pausa. Em seguida, o pesquisador perguntou como estava para pescar nos rios da região.

Disse que quase não tem mais água. No Rio Turvo, não sabe, perguntou ao pesquisador como está, que por sua vez comentou que conhece alguns lugares que ainda tem mais água, outros nem tanto. Gustavo completou dizendo que recentemente foi no Rio da Onça e ainda havia um pouco d'água, mas em um trecho estava seco. Também comentou sobre um pequeno rio em direção a cidade de Catanduva, não recorda o nome, que estava quase que completamente seco, com as chuvas recentes vem voltando ao leito antigo.

O que acaba com a água é a quantidade de poço fundo. Tem usina que fura poço de quase um quilômetro de profundidade e nem é só um, são vários. Vão até o fundo e puxam a água. Vai indo até acabar.

Afirmou a voz ao falar sobre a secura do rio indo para Catanduva, em seguida acelerou um pouco a fala. Sobre gestualidades, nada a acrescentar.

Pesquisador, então perguntou se Gustavo gostaria de falar mais alguma coisa, viu que o rapaz fez algumas pausas, talvez pensando e pensando. Gustavo disse que ficou pensando sobre a temática. Também sonha em ter uma moto, um carro. Há pouco tempo começou a pagar uma moto e daqui dois anos, quando fizer dezoito, estará paga. Esse é um sonho de criança. Falou com seu avô, ele aceitou, foram e fizeram o consórcio.

Perguntado sobre renda, tem o dinheiro da lida com o avô quando o ajuda, duzentos ou trezentos reais por semana. Também trabalhava em um mercado aos sábados ou na semana, mas não compensava. É muito trabalho e ganha pouco. Era das sete horas da manhã até às oito, oito e meia da noite e ganhava setenta reais.

Era sessenta e subiu para setenta. No sítio é das sete às três da tarde, quando não tem aula, ganhando duzentos, trezentos reais, então mercado não compensa. É um lugar bom, mas é muita cobrança, muita coisa e não é da família. Neste bloco iniciou com pausas, em seguida fluiu voz e gestos de forma habitual. O pesquisador perguntou se o mercado ficava em Pirangi, Gustavo respondeu que era na cidade de Vista Alegre. E continuou:

- D: Ficava em Pirangi?
 G: Não, Vista Alegre. [pausa] Pirangi parece que é meio bão de serviço, nunca fui lá ver pra mim.
 D: Cê comentou que um tempo cê estudou em Vista Alegre né?
 G: Uhum.
 D: E agora, cê estuda em Pirangi.
 G: É.
 D: Ah, mas mudou que cê morava lá, né?
 G: Não. Tipo assim, que... Cê já foi pra Vista Alegre, né? Cê viu que tem uma marca ali, tem uma placa de cimento ali que é o limite do município, né?
 D: Aham.
 G: Aí o limite do município dá aqui no meio. Aí ele vem buscar aqui e ele lá. Pirangi vem até aqui, e o Vista Alegre também. Dá no meio.
 D: Ah, então cê pode escolher, bem dizer.
 G: É. Tanto faz. Eles vem... tanto faz o de lá, aqui. Aí falei, "ah, vou estudar no Vista Alegre mesmo". Só que aí que tá o problema, lá em Vista Alegre só estuda de tarde, quem mora no sítio só é de tarde.
 D: Ah...
 G: E Pirangi quem mora no sítio é só de manhã. Falei, "bom... manhã...".
 D: Tendi. Cada um tem um dia. Ainda bem que cê tem escolha né?
 G: É, falei acha, tarde muito ruim.

Gestos habituais. Finalizamos o tema Futuro e Sonhos.

Movimentos do Tema 4

Movimentos iniciais se intercalaram com afirmações ordenativas de controlar o futuro, seguidas de incorporações sobre controle nenhum. Agenciamentos maquínicos acompanharam movimentos de incerteza, com pausas e gagueira. Falou através do Regime de Signos Significante.

No bloco seguinte também vibrou inseguranças, processando buscas de sínteses de agenciamentos e encontrou um sonho material, voltado ao trabalho com roça e ter um confinamento bovino seria o suficiente. Mas não era o suficiente, afinal alguns segundos depois a roça atual de limão já seria o suficiente ou o dinheiro dos aluguéis que a piscina do avô está fazendo.

Acontece que o tema levantou o enquadramento de conceitos prévios nos quais acontecem os agenciamentos habituais do menino, levando-o a agitar e procurar

formas de criar com futuro e sonhos. Momento vibrátil de desterritorialização neste instante, retornando rapidamente ao suportável, com planos materiais, no trabalho, demonstram tentativas de voltar ao conhecido o mais rápido possível, antes de algo novo ou diferente, desdobrando na interrupção no processo de devir. Tanto que ao continuar, Gustavo recorre a uma solução mágica e rápida para a incerteza trazida, invocando Deus como único que sabe o futuro e a Ele tudo pertence.

Há que se considerar, também, que Gustavo estava em um diálogo instrumentalizado, que se mantinha “neutro”, por se tratar de pesquisa, não emitindo pareceres sobre os movimentos deles. Então, permanecer no movimento (Devir) seria muito difícil, sem saber se aquilo iria agradar ou não ao entrevistador. Talvez, sozinho, consigo mesmo, o pensamento voaria para bem longe de tudo que existe, mas não numa entrevista.

A Movimentação seguinte foi novamente procurando pontos materiais para seus sonhos, compondo agora com melhorias para a família, e agenciamentos se direcionaram para lembrança, histórias sobre pescaria e sua infância e bate-papo sobre rios da região. Misto de Regime de Signos Significante e Regime de Signos Subjetivante.

Durante uma pausa, o pesquisador percebeu silêncio buscando agenciamentos e perguntou se gostaria de falar mais alguma coisa, parecia pensativo. De fato, falou sobre novas formas materiais, respostas enquadradas como carro, moto e relatou consórcio que fez com avô. Momento territorializado.

Antes de terminar, o pesquisador tirou dúvidas sobre a renda, trabalhos e transição dos estudos de uma cidade para a outra, finalizando as movimentações do tema.

Caso Felipa

Apresentação

Felipa tem 18 anos e foi contatada através de outra participante. O trajeto até a casa foi relativamente longo, acesso difícil pela distância do asfalto e terrenos acidentados. A casa estava bastante desgastada. O pesquisador foi recepcionado pela avó. Felipa havia quebrado a perna no abate de um porco, passou por cirurgia e estava em recuperação. A entrevista ocorreu em seu quarto, sentada na cama com a

perna imobilizada, mesmo assim foi extremamente participativa, descontraída e engajada. Não economizou energia na conversa.

Tema 1 - Rotina

Felipa iniciou lendo a ficha temática, dizendo que sua rotina varia bastante, teve fases. Em uma delas, apenas ia para a escola, chegava tarde e fazia algo em casa. Logo começou também a trabalhar, passando o dia todo na cidade, praticamente indo para sua moradia apenas para visitar.

Começou o tema com pequena pausa, enquanto que no restante do bloco falou fluidamente, conectando frases rapidamente, com tom de voz mediano e sem nenhuma ênfase. Estava sentada na cama, mas conforme conversava, movimentava o pescoço e as mãos.

Para ela, a parte ruim do sítio é essa de passar o dia todo fora, não almoça em casa, muitas vezes não toma nem o café da manhã porque saí muito cedo. A partir do momento em que saí, só vai voltar para ficar de vez, não compensa ficar indo e voltando por conta de a cidade ser muito longe. Fala levemente mais rápida, enfatizou tom e gestos do rosto ao falar sobre a distância para com a área urbana.

Mais recentemente, Felipa disse que passou o ano fazendo curso do Senai em *home office* e foi uma coisa totalmente diferente, pois permanecia em casa ao mesmo tempo que estava fazendo algo na cidade. Foi uma junção interessante, conseguir conciliar as coisas. Inclusive, quando tinha reunião tinha que procurar um ponto alto para melhorar a qualidade da internet e as pessoas comentavam, perguntavam onde ela estava: “E aí os outros falavam assim “nossa, mas onde cê tá?”, aí tava lá no meio da cana, que é onde pegava, e tipo... ‘não, ah, essa menina é da roça’, tipo assim, esses os termos que se usava.”. Ao falar sobre estar nos dois lugares ao mesmo tempo, gesticulou aspas. Também mexeu o pescoço em vários momentos. Tremulou fala e variou tom de voz enquanto ecoava pergunta sobre onde ela estava e exemplo de comentário, ao mesmo tempo que sorriu.

Continuou falando das variações na rotina, como acontece de maneira natural e relatou que quem cuida de tudo é o pai.

E assim, vai muito variando. Teve uma época que eu cuidava de gado, de tarde...

D: Uhum.

F: Não sei como acontece essas coisa, teve época de eu cuidar de, tipo assim, tomar conta dos porco... essas coisa que acontece, mas assim, é tudo

muito... varia muito as coisas dependendo do que eu preciso fazer... e meio que eu escolho o que eu vou fazer quando eu tenho tempo.

D: Uhum.

F: E assim vai, mas quem cuida mesmo de tudo é o meu pai, ele deixa eu escolher pra mim fazer só o que eu gosto... e a maioria das vezes mesmo eu fico assim, só... tipo, ah sei lá, “quero ver as vaca hoje”, aí eu vou lá e vejo, faço as coisa que tem que fazer.

Pequenas pausas, gaguejou quando falava sobre variações na rotina de acordo com o que precisa ser feito. A voz ficou mais aguda ao explicar que seu pai lhe deixa livre para fazer o que gosta. Não aconteceram gestos expressivos com as mãos.

Em seguida, transitamos para um bloco de segmentos sobre sua rotina atual com a perna quebrada. Relatou que passa o dia todo praticamente assistindo televisão, pensando ou dormindo. De repente recordou que também sente dor e exemplificou que na noite anterior acordou às 04:00 da manhã com uma dor insuportável porque tinha enroscado a perna em um travesseiro. Finalizou falando novamente que não está fazendo mais nada. Afirmou o tom de voz ao falar de sua dor. Após finalizar o bloco, deu risadas e suspirou dizendo “ai... ai...”, seguido de pausa.

O pesquisador aproveitou a pausa após Felipa ter falado bastante, para conectar agenciamentos e perguntou replicando trecho sobre naturalidade da rotina em forma de pergunta aberta. Felipa explicou comparando com situações urbanas. Para ela, as pessoas na cidade não programam uma ida eventual até a padaria ou o mercado, vão quando precisam, enquanto que Felipa não tem tais possibilidades, não lhe é natural. Quando precisa de algo, precisa esperar até o dia programado para ir na cidade e então resolver o mercado. Então da mesma forma que cuida da casa, lava um banheiro ou uma louça, faz o cuidado dos animais e do sítio. Da mesma forma que as pessoas resolvem alguma coisa no dia a dia, no comércio, uma coisinha aqui ou ali, ela trabalha na lida da roça. A rotina de trabalho no sítio acontece conforme vai acontecendo. Alguns espasmos vocais, gagueiras e reticências. Oscilou tom de voz, gesticulou bastante com as mãos enquanto falava.

Novamente o pesquisador perguntou, buscando dar continuidade aos agenciamentos, desta vez sobre a fala da rotina atual.

D: Cê falou também que atualmente só está assistindo TV, pensando e sentindo dor? (risos)

F: É (risos).

D: E que que cê costuma pensar nesse tempo...?

F: Ah, eu fiz um plano... eu fiz uma planta de uma casa todinha (risos).

D: É? (risos)

F:Vendo medida no Google.

D: Ah?!

F:Tipo assim, as medidas do Google, aí eu achava várias plantas, aí eu falava assim “ah, esse quarto aqui é do tamanho que eu quero”, aí fazia um quarto lá, medindo de centímetro assim, na planta, lá da minha planta né. Aí fazia e ia fazendo desse jeito, aí eu fiz uma todinha[...]

Risadas, fala fluida, sem alterações no tom ou velocidade. Gestualidades habituais.

Disse que também pensou em várias outras coisas. Pesquisou sobre investimentos na bolsa de valores, sobre formas de ganhar dinheiro. Não lembrou o nome correto, era alguma coisa digital que estão dizendo que dá dinheiro, entra em um site e começa a trabalhar com vendas e ganha comissão, algo assim.

Afirmou ainda que às vezes cria hipóteses sobre sua situação com a perna, se perguntando o que teria acontecido se na hora do acidente estivesse em outro lugar, se ainda assim teria se fraturado. Quando se aproxima da data de retorno médico, se pergunta o que vai acontecer. Cria expectativas, mas quando chega lá nada acontece, não era nada do que ela gostaria. Complementou dizendo que tudo tem seu tempo para melhorar. Referiu-se a dúvidas para recordar o que pesquisou. Desacelerou e abaixou o tom ao falar de expectativas e frustrações com tratamento da perna. Continuou dizendo sobre a aleatoriedade dos pensamentos e teorias que cria.

F: Fora as teoria que vem assim do nada, cê fica tipo? Que que isso, mas como que-? E tipo assim, eu assisto muito novela, né?

D: Uhum.

F:Aí eu tava assistindo Gênesis, aí lá, tipo assim, normal irmão casar com irmã, tudo da mesma família, eu ficava assim “gente, como é que a humanidade chegou até aqui com esse povo tudo casando com os irmão, né? Tudo na mesma família?” e eu ficava assim pensando, aí eu ficava lá, na teoria assim. Aí tem a parte que a Sara, ela não pode ter filho, que aí depois acontece o milagre e Deus dá um filho pra ela e pra Abraão. Aí eu ficava assim “será que não era Abraão que não podia ter filho?” (risos).

D: (risos).

F:Tipo assim, umas coisa nada a ver, que só eu que não tenho nada pra fazer que fico pensando, né?

D: (risos).

F:Aí eu fico pensando essas coisa muito louca assim.

D: É...?

Fluxo da fala com oscilações. Começou mais lento, depois acelerou. Gestos habituais, expressões no rosto de sorriso enquanto falava. Ênfase ao falar sobre como as pessoas se casavam entre familiares, prolongando e tonificando sílabas.

Encaminhando para o fim, Felipa relatou que já pensou tanto e em tantos assuntos, que cansou. Leu livros até enjoar e não quer mais. Finalizamos comentando

que a rotina mudou bastante. Pesquisador perguntou se a participante gostaria de falar mais, respondeu que não e encerramos o tema.

Movimentos do Tema 1

No primeiro bloco de segmentos, Felipa discorreu sobre rotinas em variação: escola-casa; e escola-trabalho-casa. Foi com suas vozes, em períodos diferentes, que conversou e ecoou, mostrando que os agenciamentos ocorreram pelo caminho do Regime de Signo Subjetivante. Nada ocorreu fora desses signos territorializados.

Em seguida a conversa desenha o quanto é difícil ter atividades fora do sítio, pois não é viável retornar várias vezes para casa, então acaba passando o dia todo fora.

Os segmentos continuam se desdobrando em uma rotina mais recente e, para ela, totalmente diferente. O ensino à distância foi um desafio, considerando sua falta de infraestrutura tecnológica e episódios de procurar pontos pelo sítio em que o sinal da internet pegava melhor. Destacou como os colegas percebiam e comentavam. Nas vozes aqui agenciadas, existem momentos de subjetivação, claros com os exemplos que dá e como foi para seu processo subjetivante.

Aqui nos ecoa estudos sobre a precariedade das áreas rurais em relação a vários aspectos (Janata, 2015) e ainda nos perguntamos que chance esses jovens têm de aderir a um ensino à distância ou mesmo híbrido. Quais as consequências ao longo do país para vozes como as de Felipa, em comparação com a chamada elite socioeconômica, quais implicações uma não educação pode causar nas gerações atuais?

Não nos cabe criticar as tentativas de manter a educação de pé enquanto medidas sanitárias de enfrentamento ao Covid-19 foram necessárias. Mas Felipa nos alerta em dois pontos aqui: sobre a resistente dificuldade de conectar tecnologias já estabelecidas, em áreas rurais - mesmo em uma das regiões mais ricas do país; e sobre os efeitos sociais de possíveis projetos de obrigatoriedade da integração do EaD no ensino público, visto sua disseminação atual.

Enunciados se movimentaram para um outro segmento-rotina, no qual Felipa fala do cuidado com os animais do sítio. Esta é variável tal qual as necessidades chegam, escolhe no tempo livre o que vai fazer, acoplando com as demandas do que precisa ser feito. Por fim, explica que quem comanda a gestão das tarefas é o pai e ele a deixa livre para escolher.

O curto segmento em que fala das escolhas livres, conforme tem vontade ou necessidade, marca uma voz que experimentou o escapar, rapidamente, do território. Sem planejamento ou cobrança, eram produções para seu desejo no território. Talvez a vida no campo possibilite experiências como essa, de executar, no tempo, atividades conforme necessidades do território, voltadas diretamente para o usufruto daqueles que ali residem, bem diferente de produzir uma peça para um produto do qual aquele produtor não sabe chegar, tampouco tem a possibilidade de usufruir no final, como um carro, por exemplo.

Muitas vezes o que se produz na agricultura familiar, a própria família consome, talvez isso estreite os laços de produtor e produção, ou possibilite o melhor manejo do tempo de acordo com as necessidades, não necessariamente dos lucros ou das ordens.

Os agenciamentos maquínicos acompanham as enunciações com gagueira, e aumento do volume ao falar do pai, como uma ascensão ao desencontro das explicações que posteriormente reencontra, justificando sua “não rotina”.

Há então, nos desencontros do bloco, uma voz que causa certa movimentação sísmica em relação aos signos agenciados, claro, cercado de estratificações subjetivantes, como as justificativas de que o pai é quem realmente cuida, ou de ser apenas uma época, quando tem tempo; porém que escapa, sim, à rotina produtivista do capital e depois reterritorializa.

Felipa passa, então, para seu dia a dia atual. Com a perna quebrada, com ócio e dor, mas o pesquisador sentiu a necessidade de explorar os agenciamentos sobre a rotina desregrada.

Redobrando os agenciamentos, a menina concentrou-se em conceituar sua experiência em um exemplo simulando a situação no mundo urbano. Em outro exemplo, utilizou os cuidados com a casa, que faz conforme necessário.

Contudo, cabe duvidar da naturalidade dos exemplos em comparação com a vida urbana, pois, com variações, nem todos os amontoados de pessoas dispõem desse fluxo espontâneo, sendo necessário sim um planejamento mesmo que para ações mínimas, como mercado e cuidado com a casa. Entretanto, acompanhando os agenciamentos de Felipa, talvez ela esteja utilizando, no exemplo, sua pólis de referência, Pirangi. Um município-rural, com diferentes máquinas em funcionamento, onde seus comparativos revelam, então, esta realidade.

Independentemente, os exemplos efetuaram a movimentação de Felipa em tentar organizar aquele sopro do devir. Neutralizá-la, fazendo-a comum em outras situações. Houve a tentativa de utilizar seus signos já conceitualizados para explicar uma pequena voz sem explicação. A experimentação do devir ainda reflete na gagueira, reticências, oscilações, espasmos e agitação, seguidos por buscas em referências subjetivadas ou significantes prontas. Mesmo após o jogo de forças ir e vir, o bloco de segmentos finalizou com uma definição sem a tal explicação: acontece conforme vai acontecendo.

Continuando os movimentos, o pesquisador flexionou a conversa com a pergunta sobre a rotina com a perna quebrada. Felipa passa o dia refletindo e imaginando. Planejou construir uma casa, aprendeu sobre investimentos e também formas de ganhar dinheiro pela internet. Territorializada, utilizou Regime de Signos Subjetivante, contando suas ações.

Imaginou se algo diferente no seu dia, teria evitado o acidente em que fraturou a perna. Também afirmou expectativas e frustrações acerca do tratamento, ordenando ânsia por melhora e a retornar às possibilidades que as pernas lhe trazem. Continuou a comunicação através de Regime Subjetivante, sem destoar dos conceitos territorializados.

Aleatoriamente, agenciamentos encaminharam para o questionamento que faz sobre religião, através de uma novela que assiste. Com brincadeiras e através de uma novela, implicitamente, Felipa questionou escritos bíblicos e posicionou-se politicamente contra a hegemonia masculina na religião e da maneira que a história estava sendo contada. Movimentou-se para fora de seu território, colocando em dúvida conceitos fortemente estabelecidos, inclusive pelo gênero de comunicação que estava consumindo. Através de uma *razão inadequada*, a entrevistada incorporou seus processos de pensamento, sentimento e ação, criando uma ideia para além daquela que estava estabilizada e, diga-se de passagem, bem fortalecida visto a disseminação das forças religiosas no campo coletivo, por isso inadequada, ou seja, que a maioria ficaria desconfortável.

Cabe ressaltar que ela não afirma que a bíblia não corresponde ao que aconteceu na realidade, também não coloca uma interpretação daqueles fatos. Ela apenas questiona e sorri, como quem acessou uma experiência e gostou, logo veio outra, reterritorializando, e pronto.

Encaminhando para o fim do tema, Felipa sorriu das aleatoriedades de seus pensamentos e deu mais exemplos, até finalizar o assunto.

Tema 2 - Escola

Felipa sempre acordou cedo para ir à escola, por volta de quinze para às cinco da manhã. No último ano, passou a acordar cinco e quinze, cinco e vinte, e para pegar o ônibus, cinco e meia. Apenas acordava, trocava de roupa e deixava para escovar os dentes na escola. Diz que não estava aguentando mais, muito cansaço, parecia que fechava os olhos e já estava na hora de levantar.

Sempre foi assim, acordava muito cedo para chegar na escola quinze minutos antes das sete. Seu transporte demorava duas horas, às vezes duas horas e meia pegando outros alunos. Conta que no começo era ainda mais difícil porque enjoava bastante, também tinha muita enxaqueca, por vezes chovia e o ônibus atolava; sofria com todos esses empecilhos. Iniciou o tema lendo e em seguida pausando. Rapidamente os agendamentos sobre horários foram expressados. Deu ênfase acerca da demora para chegar na escola, também gaguejou ao definir tempo do trajeto, provavelmente pensando em duas horas como possibilidade, depois ordenando como fato. A fala aconteceu de forma fluida e sem variações no tom, pequenas mudanças na velocidade, diminuindo durante a gagueira e depois acelerando.

Continuando, na parte sobre a escola mesmo nunca teve problema com os professores. O problema era quando precisava fazer um trabalho impresso, por exemplo, tinha que ir até a tia para poder imprimir ou mesmo que pudesse apenas copiar, mas tinha que pesquisar, fazia antes de ir para casa, seja na tia, ou no trabalho porque em casa a internet nunca pegava bem, não sabia como ia ser, sendo esta a sua única dificuldade. Fala e gestos habituais. Continuou com fluidez e tom médio, algumas vezes acelerando e voltando.

Afirmou que sempre foi uma boa aluna, sempre se esforçou para aprender. Inclusive sua avó lhe falava bastante sobre a importância de se estudar pois logo logo não existirá mais a roça e completava “se pra quem estuda já tá difícil, imagina pra quem não estuda”. Felipa sempre levou isso consigo, tinha que estudar e assim foi até o terceiro ano do ensino médio. Reafirmou com a cabeça fala da avó, enfatizando o ter que estudar.

Segundo Felipa, quando terminou o ensino médio, prestou diversos vestibulares, mas encontrou dificuldades para conciliar trabalho e estudo. Ninguém lhe ajudou para a formatura do ensino médio, mesmo sendo para todos irem, foi uma correria. Com isso não conseguiu ser aprovada em nenhuma universidade pública. Passou em Barretos para zootecnia, em Araraquara para Medicina Veterinária e mais uma, mas não lembrava o nome. Enfatizou a quantidade de vestibulares que prestou, desacelerou na fala sobre ninguém ter ajudado e sobre não ter passado em cursos públicos.

Felipa continuou expondo agenciamentos sobre dificuldades de acessar o ensino superior para quem vive na roça com a família.

Aí foi onde que eu falei né, “ah, todo mundo fala, fala, fala que é importante estudar, vamo ver né, quem vai me ajudar agora”, porque eu sei que não dava pra eu levar nas costas sozinha. Aí foi onde que eu deparei com um problema assim: “tá, cê vai estudar. Mas como é que cê vai estudar se você mora no sítio, você ainda não tem carta, e você vai estudar a noite, e você precisa pegar o ônibus e você chega quase um hora da manhã”, porque se fosse em Araraquara, por exemplo, chega quase uma hora da manhã. “E que que cê vai fazer, cê vai alugar uma casa?” Aí além do preço da faculdade, vai sair o preço da casa, e de você comer, tudo. “Ah, cê vai morar lá?” Mas aí é o mesmo problema. “Ah, cê vai ficar na sua tia? Mas cê vai ficar cinco anos lá na sua tia?” Aí foi aquilo, aquilo, aquilo... e aí todo mundo falando assim que... ah, todo mundo tirando da reta assim, “não, não dá pra ajudar”, e que não sei o quê, “ah se fosse pública a gente ajudava, a gente dava um jeito”. Aí eu comecei enfezar, assim, sabe, porque eu falei assim, “gente..., mas se fosse uma pública, que eu tivesse que mudar lá pra... qualquer cidade, nem se fosse pra Jaboticabal, que é lá do lado, eu vou ter que gastar o mesmo tanto, da faculdade que eu vou ir e voltar todo dia, porque eu ia ter que morar lá realmente, eu ia ter que comer, eu ia ter que ter todos os instrumentos, tudo... então? Qual que é a lógica? Não tô entendendo qual que é a lógica, porque ia sair o mesmo preço.” Aí todo mundo não, não, não... Aí eu acabei desistindo.

A fala aconteceu de maneira pausada, tom baixo e sem pressa. Neste bloco de segmento, iniciaram barulhos na cozinha de pratos e panelas batendo, o que pode ter composto o direcionamento dos agenciamentos para com a presença dos familiares no tema, no caso, vestibulares.

Sem sucesso com as universidades, Felipa relatou que começou a fazer um curso no Senai de auxiliar de linha de produção. Fez o ano todo, aprendeu bastante, cresceu seu olhar para a empresa conveniada (frigorífico de aves), realizou visitas e lhe prometeram que no fim do ano seria empregada, mas não foi assim. Fala e gestos habituais, realçou, em tom de surpresa, o quanto absorveu conhecimento no período.

Também enfatizou, desta vez de forma mais ríspida, elevando a voz, a ruptura com a promessa de emprego.

Essa era uma outra ilusão de Felipa. De que após o ensino médio iria trabalhar. Mas, descobriu que não é verdade, se não tiver nenhuma formação específica não consegue emprego. Foi para o curso, mas nem assim conseguiu emprego. Então é esse o ciclo, procura, vai até o fim, tenta outra coisa e assim vai o tempo todo. Lembrou que no final, antes ainda de terminar o curso do Senai, prestou o processo seletivo para o curso de fisioterapia em Bebedouro, mas era tudo muito caro para ela fazer. Tom, velocidade e movimentos com rosto durante a fala oscilaram. Inicialmente mais acelerada e repetindo palavras como forma de enfatizar o não conseguir emprego. Ao fim, mais lenta, abaixando tom e prolongando palavras, acompanhando com o balançar da cabeça gesticulando um não, enquanto falava que tudo era muito caro.

Quando acabou o contrato com o frigorífico, procurou outros empregos, começou a trabalhar como babá, mas depois de quinze dias percebeu que não era para ela e interrompeu para procurar outro emprego. Foi nesse meio tempo que quebrou a perna. Ao final do bloco, gargalhou quando disse que quebrou a perna.

Felipa contou que por sorte não fez matrícula na faculdade, pois com a perna quebrada teria “se lascado” (sic). Chegou a passar no vestibular de agronomia em Catanduva com 50% de bolsa pelo ProUni, mas quando foi avisada já estava com a perna quebrada. Tentou conversar com o coordenador, explicou a situação, pois com a cirurgia não conseguiria correr atrás dos documentos e pediu quinze dias, pois era o tempo de poder abaixar a perna. Contudo foi negado. O coordenador até entendia a situação de Felipa, mas não tinha o que fazer. A entrevistada até tentou fazer através de uma terceira pessoa, mas não deu certo, então desistiu também. Manteve gestos e fala sem grandes alterações. Enfatizou a negativa do coordenador do curso, repetindo três vezes a palavra não. Ao fim do bloco, desacelerou e assentiu com o rosto sua desistência.

Recordou que tinha prestado o ENEM, mas na sexta-feira anterior à segunda prova, se acidentou com a perna. No fim de semana seguinte tinha prova da UNESP, já tinha até pago, também não deu para fazer. Concluiu dizendo que perdeu duas provas importantes para ela, além de uma ótima oportunidade que não sabe se conseguirá novamente no outro ano.

Segundo Felipa, é muito complicado morar no sítio e querer estudar. Por mais que tivesse a infraestrutura de morar ali e conseguir estudar, uma vez que ela não tem computador, nem internet, nada, mas mesmo que tivesse, para fazer uma faculdade teria que se deslocar todo dia até a cidade, pegar ônibus para ir para a outra cidade, voltar de ônibus para casa, tudo muito cansativo. É muito difícil pensar em fazer isso por cinco anos, quatro ou cinco anos. Por isso é preciso ponderar muito antes. Aqui Felipa começou em tom mediano, foi acelerando, subia e descia a voz, enquanto enumerava com as mãos cada dificuldade enfrentada. Ao fim interrompeu os gestos e tremulou a voz, enfatizando o quanto é cansativo e necessário pensar antes dessa decisão.

Além de tudo, é necessário apoio dentro de casa, ponderou Felipa. Até porque se alguém fizer só para graça, só porque dá dinheiro, acaba desistindo. Se fizer só para agradar pai e mãe, não dá conta. É muito difícil estudar estando no sítio, ainda mais quando é necessário ir para outro município. É assim que acaba se acuando, deixando de lado e apostando em outros meios de vida. Felipa conta que juntou uma quantidade de dinheiro quando estava trabalhando e resolveu comprar gado. A arroba está em trezentos reais, então é um dinheiro que se gasta, mas volta. Assim, vai começando a aceitar seu meio de vida, seu ambiente, já que está ali. É onde começa a trabalhar na roça mesmo, se interessar mais porque já que não tem jeito, tem que trabalhar com o que tem. Fixou o olhar no pesquisador e pausou antes de dizer o valor da arroba do gado. Ao fim, suavizou o tom e deu com os ombros, em gesto de aceitação.

Afirmou que às vezes aparece algum cursinho na cidade, como esse do Senai ou aqueles que tem por aí de três meses, coisas pequenas de secretária, empreendimento e por aí vai.

Felipa novamente discorreu sobre a dificuldade de pensar no ensino superior estando no sítio:

F: Mas falar que estudar depois que acaba o terceiro colegial, que acaba esse negócio de buscar você na porta da casa e te trazer de novo, é muito difícil estudar. É muito difícil... ou você abre mão da sua casa, da sua vida, da sua família aqui e vai morar na cidade, e vai se bancar, que aqui em Pirangi não tem jeito, de você se bancar na cidade, porque... não tem trabalho... ainda mais na crise, não tá tendo, muito menos ainda, e... normalmente já não tem trabalho, então até você achar um trabalho que dê pra você pagar uma faculdade baratinha, uma faculdade que não chega aí a seiscentos conto, e você poder bancar uma casa com você morando dentro e você comendo, ah... vai tá uns 25 anos já. Aí é onde que a pessoa desiste, a pessoa

desanima... a pessoa não tem tempo, não tem oportunidade de fazer um cursinho, desde o segundo colegial, porque já tem o mesmo problema. Já é o mesmo problema de você estudar a noite numa faculdade, é o mesmo problema que você encara quando você tá no segundo colegial e aparece um cursinho pra você fazer a noite.

F: E ainda você é menor ainda, como você vai sair a noite, e depois você vai voltar pra casa como, você vai ficar na casa de quem? E aí é vários problemas em cima disso.

D: Uhum.

F: Vários problemas.

D: Uma coisa puxando a outra.

F: É. Sempre assim. Aí faz desanimar.

Fala pausada e tremulando. Revirou os olhos no momento da fala sobre vinte e cinco anos. Pausou ao fim, antes de dizer o quanto tudo a faz desanimar.

Ainda se tiver alguém para ajudar, mesmo cansado vai rastejando, levando, mas vai, afirmou a entrevistada. Do contrário dá pra desistir. Esse ano prestou novamente, começou todo o processo, mas quebrou a perna. Esse ano talvez até daria certo, pois com a bolsa pagaria apenas trezentos e pouco. Também não sabe se deu errado, uma vez que não sabe o que a aguardaria se a perna não tivesse quebrado. O pesquisador perguntou o que imagina que tivesse acontecido, caso não tivesse quebrado a perna. Respondeu que poderiam ser vários empecilhos, teria de matar um leão por dia. Mesmo com a bolsa, a primeira coisa que iria ouvir seria por quê não conseguiu cem por cento, ao invés de cinquenta. Isso já era uma coisa que a família falava quando passou na faculdade em Araraquara com trinta por cento de desconto, na época comentaram ser uma pena não ter passado na UNESP de Jaboticabal. Em tais ocasiões, Felipa ficava sem resposta, se esforçando para estudar. Finaliza dizendo: “ah, é sempre assim, tipo assim, ‘tá, tá bom, você quer estudar, nossa que legal, mas nossa você não conseguiu passar numa faculdade pública, né?’. Aí você fica sabe, morde de um lado e assopra do outro.”. Fala acelerou, fez expressão de surpresa ao contar e falar dos familiares.

Depois dessa fase, Felipa contou que enfrentou outros questionamentos como com quem ir, como ir, onde ficar quando não der para voltar para casa, como voltar para casa. Quando surgiram respostas, seguiram questões. Poderia ficar na casa da tia, que mora na cidade, mas então deveria auxiliar nas despesas e cuidados com a casa, dar satisfações de horário, entre outras coisas. Neste bloco, Felipa expressou perguntas e respostas em forma de conversa, performando familiares questionando e ela respondendo.

Continuou com segmentos sobre as dificuldades que os familiares colocaram no processo de tentativas em ingressar no ensino superior.

F: Tipo... é sempre uma coisa levando a outra, nunca você vai poder ir tá fazendo tudo, sempre eles vão procurar alguma coisa pra falar assim: "ah, mas então porque essa faculdade é desse jeito? Ah, mas porque tá acontecendo isso, porque você tá tendo que ir de sábado?". Sabe, umas coisa assim, que fica sempre te cercando, sempre tipo assim... não, cês quer que eu paro? Eu acho que eu ia tá nesse ciclo assim, de eu chegar, estourar e falar assim: "cês quer que eu paro? Cês quiser que eu abandono minha faculdade de Catanduva, eu vou abandonar então. Porque cês ficam me questionando tanto, tanto, tanto sobre isso, que não tem porquê. Cês quer ir junto, quer levar igual criança de maternal, ficar lá olhando que que acontece...". Sabe, eu sinto que é assim que vai ser, por que das outras vezes foi assim também.

Para fazer os vestibulares, foi Felipa quem procurou ônibus e caronas, ninguém lhe ajudou para nada e quando os resultados saíram, ainda lhe julgaram porque não tinha passado em universidade pública ou porque era muito longe. Todos davam opiniões, mas nenhuma ajuda. Complementa que se tivesse iniciado em Catanduva, estaria na mesma situação, confrontando com os familiares que não ajudam e ainda criticam. Continuou performando conversa com os familiares, tremulou a voz em algumas respostas, também aumentou o tom, ao mesmo tempo que movimentava o pescoço. Ao fim, aliviou a fala, pausando, diminuindo o tom, suspirou e sorriu ao falar que estaria novamente na situação de conflito, caso estivesse iniciado na universidade.

Após pequena pausa, recordou que quando estava no nono ano do ensino fundamental, queria fazer escola agrícola em Mirassol. Ninguém deixou sequer prestar a prova. Disseram que era muito nova, que era menina e diziam "onde já se viu ir em um lugar desse, ficar em alojamento". Felipa então pensou em tentar a ETEC em Catanduva, sua prima estudava lá. Mas não sabia as opções de curso e quando olhou não encontrou nada de seu interesse. Já na época os parentes questionaram sobre o horário de chegada, necessidade de ir buscar na cidade todo dia. Desistiu também. Enfatizou as negativas, repetiu três vezes que ninguém deixou e prolongou palavras durante as justificativas que os familiares deram para não permitirem a tentativa na escola agrícola.

Felipa destacou como uma adolescente do nono ano vivia com toda essa pressão na cabeça de o que fazer para ir embora de casa. Na época desistiu fácil, nas

faculdades ainda insistiu bastante antes de desistir. Seguiu verbalizando seu cansaço mental:

F: mas ah, a gente, tipo assim, dá um cansaço psicológico de você ficar argumentando com a pessoa porque que você quer estudar! Não tem lógica de você argumentar com uma pessoa porque você quer estudar. Tem que argumentar porque você não quer é uma coisa, agora você quer estudar e a pessoa ficar tipo “ah, mas por quê?”, “ah, mas por que você quer fazer isso?”, “ah, mas não sei quê?” e fica em cima tipo, te perguntando e eu... gente? Não tem lógica de uma coisa dessa que acontece.

Iniciou o bloco com voz trêmula, baixa. Aumentou a velocidade, o tom e expressou indignação com o rosto quando falou sobre a inversão de lógica na necessidade de convencer os familiares sobre a importância dos estudos.

Por tudo isso, Felipa acha que mesmo se não tivesse quebrado a perna, talvez não teria adentrado de vez na faculdade em Catanduva. E mesmo que tivesse, estaria passando por tais questionamentos a toda hora e sempre tendo que mudar.

Tipo assim “ah, não tá dando certo aqui”. Ah, então amanhã vou ter que dormir lá na casa da minha outra tia. “ah, não. Ó, hoje eu vou, sábado vou precisar ir de carro”, “ah, arruma algum amigo teu que vai também, se vira, dá teus pulos”, é assim, sempre foi. Sempre eu me virando e dando meus pulos.

Fala constante, aguda. Após última frase, Felipa pausou, aguardou e sorriu. Continuou em silêncio.

O entrevistador perguntou se gostaria de falar mais sobre o tema, respondeu que não. Para ter certeza, perguntou outra vez e obteve a mesma resposta. Finalizamos a gravação, contudo antes do próximo tema falou mais um pouco sobre escola. Contou que sente saudade de onde estudou, fez amizades com as professoras e funcionárias. Disse ainda que não levava muito a sério, pois empurrava com a barriga.

Movimentos do Tema 2

Os Agenciamentos começaram com enunciados sobre os horários que Felipa acordava para ir à escola. Acordava de madrugada e demorava duas horas e meia para sua chegada. Enfatizou o quanto essa rotina era exaustiva.

Felipa mostra um dos principais problemas sobre a relação entre aluno e escola. Ecoando uma voz bibliográfica, os problemas com mobilidade estão entre os principais motivos de evasão escolar do jovem rural, justamente por conta das longa

distâncias, poucas opções e intempéries do trajeto (Azaola, 2012b; Marioni & Schmuck, 2019). Falou através do Regime de Signos Subjetivante, territorializando.

Os agenciamentos se modularam para abordar os problemas que tinha com a falta de tecnologia disponível em casa. Recorria a sua tia ou aproveitava os recursos de onde trabalhava, na cidade, para realização de tarefas escolares, pesquisa e impressão. Continuou com pontos de subjetivação sobre seu processo escolar, falando sem diferenciação de conceitos já estabelecidos.

No próximo bloco de segmentos, a entrevistada sentenciou-nos como uma boa aluna, transformada e construída assim pelas vozes de sua avó, que insistia que a lida na roça estaria próxima de se extinguir e as dificuldades para quem não estuda são ainda maiores.

Aqui a entrevistada nos atingiu com uma pergunta: a roça vai acabar? Essa sentença, aplicada pela predecessora da família, é, certamente ecoada pelas gerações mais antigas de moradores rurais, talvez por passarem pelos exodus e revoluções industriais, mas décadas se passam e a roça se mantém.

Depois do ensino médio, Felipa enfatizou três segmentos: a dificuldade de conciliar trabalho e estudo; a falta de apoio e referências na família; a quantidade de vestibulares que prestou, tentativas que investiu. Sua fala rápida fluía agenciamentos com intensidade, desdobrando estes segmentos com energia, numa tensão para encontrar uma forma de extrapolar, encontrar uma saída para o que quer, mas ainda ressoando e procurando em signos subjetivados, sem se voltar para o diferente.

Enunciados se movimentaram para mostrar como foi Impulsionada pelas vozes como a da avó, que estimulava o estudo, e foi em busca de uma graduação imaginando apoio dos familiares. Contudo, se deparou com um paredão de problemas. Não possuíam dinheiro suficiente para custear uma faculdade particular mais o custo de vida no local, com moradia, alimentação e transporte.

Uma solução seria trabalhar e estudar à noite, indo e voltando para a cidade da universidade com o transporte fornecido pelo município, mas, ecoando as vozes dos familiares em forma de perguntas, Felipa pontuou que não tinha habilitação para dirigir e morando no sítio e estudando a noite, não teria como voltar para casa, visto que chegaria na cidade por volta de meia noite e meia, dependendo de onde estudasse, mais o tempo até sua casa; ninguém se dispôs a buscá-la todas as noites. Uma solução seria ficar na casa de sua tia, que mora em Pirangi, mas problematizaram como um favor poderia ser um problema, visto que a universidade duraria até cinco

anos. Cercada de dificuldades e vendo o apoio imaginário se esvaír, mesmo após tantas tentativas, desistiu.

Neste bloco, mesmo sem criar conceitos ou escapar das redes de signos que passou, mista entre subjetivante e significante, a entrevistada revelou uma série de perguntas que nos servem como um resultado de pesquisa: afinal como poderia Felipa se graduar? Além disso, sentenciam o contraste de pressões que a menina passou pelos familiares que, por um lado a convenceram da necessidade do conhecimento formal, mas por outro, não possuíam referências para enfrentar as dificuldades que a busca por este trouxe, sucumbindo a essas forças, mantendo a formação geracional no jeito mais conhecido e ficando por ali mesmo. Ecoando uma prisão real engendrada nos detalhes em que ela e seu coletivo-família se encontram.

Continuou, movimentando-se agora para curso profissionalizante que fez em um convênio com uma empresa e desapontando-se com a promessa não cumprida de emprego ao fim do programa. Vozes falaram através de Regime de Signos Subjetivante, sem desterritorialização.

Teorizou mais uma desilusão da vida pós-ensino médio, de que se vai trabalhar, mas sem formação não consegue, foi para o curso e nem assim. Por fim, prestou serviço como babá, parou e em seguida quebrou a perna.

Os fluxos acompanhados nesse bloco de segmentos, mostra o itinerário da apreensão dos jovens rurais, pelo mercado de trabalho urbano em funções de base como a de babá, como visto em Foguesatto et al., (2016). Além de ecoar a diferenciação dos papéis de gênero no trabalho, como visto em Alves & Dayrell, (2015a) e Marlénm, Luri, e Milena Sandra (2017).

Agenciamentos movimentaram-se com Felipa enunciando que chegou ganhar bolsa do ProUni, mas já estava com a perna quebrada e não conseguiu entrar. Modulou para outras tentativas que a perna quebrada afetou, sendo o ENEM e o vestibular da UNESP. Definiu, concluindo segmento, que perdeu oportunidades que talvez não terá novamente.

Continuando, a entrevistada adentrou novas dificuldades de morar no sítio e querer continuar estudando. Além da falta de infraestrutura e tecnologia, a dificuldade de locomoção é cansativa, ainda mais pensando por quatro a cinco anos.

Signos provindos das vivências, pontos de subjetivação, ainda enclausurada nesse território, evidenciada pela forma da fala que mostra, ao fim, como as forças instauradas permanecem, com cansaço de Felipa em uma pausa e tremulação da

voz, como quem se rende e vai descansar. O desdobramento é num segmento que ordena a desistência para quem tenta a faculdade por status, agradar pais ou puramente para ganhar dinheiro.

Felipa repete, em um eco gritante de sua prisão, que é muito difícil estudar morando no sítio. Dessa vez, desdobra segmento sobre desistência dos estudos. Assentindo a outros meios de vida, mais próximos de sua realidade montada. Exemplificou com experiência na compra de gado, com dinheiro que juntou quando trabalhava. Realçou o valor da arroba do gado, seguindo da sentença para começar a aceitar seu ambiente atual, trabalhar por ali mesmo, com o que tem e pronto.

O bloco de segmentos ecoa um enunciado de adestramento do processo de produção de subjetividade de Felipa. Conduzida pelas dificuldades, pressionada pela dita vida adulta e encantada com um ponto monetário oferecido em seu quintal, sucumbe e incorpora sua condição geracional a terminar a juventude e seus devaneios, entrar na vida adulta e pronto. Ou seja, esquecer o que deseja criar e pronto.

A voz agenciada seguinte diz se contentar com algum cursinho que apareça na cidade. E novamente discorreu como é contraproducente pensar no ensino superior estando no sítio. Quando acaba o ensino médio, não tem van na porta para buscar. Para se graduar é necessário abrir mão da vida, sobretudo rural e migrar para a cidade, e ainda se bancar enquanto pessoa, mas não tem oferta de trabalho; as mensalidades dos cursos são altas e ainda há a necessidade de custear a vida. Para chegar à disponibilidade de sustentar tais pontos, já estaria com vinte e cinco anos. Misturando tudo, a pessoa desanima e desiste, afirma Felipa.

Ainda que a entrevistada fale em terceira pessoa, como se estivesse teorizando sobre um processo de moradoras da área rural em busca do ensino superior, não está. A terceira pessoa é ela mesma, em outra voz. Está, ao mesmo tempo, ecoando seus pontos de subjetivação sobre os bloqueios que enfrentou, experienciando a criação de um novo ponto. A reflexão a partir da ficha temática levou a agenciamentos de uma nova experiência. A de ser entrevistada abertamente e ressoar suas vozes, experiências, pensamentos e projetos em questão ao mesmo tempo que tenta respondê-los.

Não há nada de novo enquanto conceituação de signos aqui. Contudo, existe a inflexão de um ponto, uma voz, que pode ecoar incontrolavelmente, sendo um

resultado da pesquisa, mas em forma de sua existência, evidente implicação gerada na realidade de Felipa.

Felipa modulou agenciamentos para a falha na ajuda dos familiares. Teorizou que mesmo com todos os problemas, se tivesse o apoio familiar, conseguiria. Chama a atenção que neste segmento, coloca a possibilidade de desistir, mas não como decisão, talvez porque não tenha desistido ainda. Inclusive, no segmento seguinte, ela fala como prestou novamente vestibulares e tentou todo o processo, pela segunda vez, e ia assumir o curso de agronomia, com o ProUni, mas se acidentou. Territorializada, falou através de Regime de Signos Significantes.

Deslizaram-se os agenciamentos, questionando se o fato de não ter iniciado o curso seria uma coisa ruim ou boa. Neste momento o pesquisador se afetou, pois, afinal seria o que Felipa estava correndo atrás, depois de diversas tentativas frustradas em vestibulares, uma bolsa de estudos. Então questionou à entrevistada o que teria acontecido caso ela iniciasse a faculdade.

Felipa trouxe exemplos passados para responder. Primeiro com a família pressionando; depois com o transporte, moradia, o que fazia lá e até sobre horários.

É interessante como neste bloco a entrevistada acessa as vozes nos agenciamentos coletivos de enunciação de uma maneira tão clara que se torna prática. Os ecos saíram em forma de perguntas dos familiares, seguido de respostas de Felipa, rebatidas por novas perguntas e novas respostas, mostrando pontos de subjetivação passados.

Continuou se queixando sobre a pressão dos familiares, afirmando agora que sempre haverá algum problema imposto por eles, como o jeito da faculdade, por que tem que ir de sábado, até a jovem chegar ao limite e explodir, perguntando se o que gostariam era que ela desistisse, afinal seria mais fácil abandonar, então.

Os agenciamentos maquínicos acompanharam a performance de chegada ao limite e explosão. Tom, velocidade e inquietação dos gestos aumentaram até o momento em que ela “extrapola”, depois alivia e explica que pensa que seria isso que aconteceria.

Quando Felipa enunciou tais questionamentos, escapou em uma fala irônica se os familiares não gostariam de ir junto, levar igual bebê e vigiar o que acontece.

Aqui sobrevoam questionamentos sobre como os agenciamentos dos familiares teriam acontecido. Estariam falando de pontos de subjetivação em que a família não a coloca como adulta? Estariam supondo que Felipa não estaria contando

o que ocorre na faculdade? Estariam desmoralizando a fala por desconfiar sobre o que uma mulher faz sozinha em outra cidade à noite, aos sábados?

Mesmo sem respostas, cabe nos perguntar se a condição de Felipa ser mulher não estaria atravessando as falas e ações dos familiares como máquinas de controle da sexualidade, impregnada em toda a jornada de idas e voltas da entrevistada para fuga pela educação, sendo uma nova forma de machismo. Não se nega o direito de estudar, mas se dificulta.

Ainda neste segmento, Felipa exemplificou falta de apoio e como buscou sozinha suas tentativas, mas quando conseguia, vinham os julgamentos. Conclui que estaria, caso iniciado universidade, nestes conflitos, confrontando seus familiares para conseguir estudar. Falou através do Regime de Signos Subjetivantes, com indícios de recorrências de desterritorializações, aparentes em suas tentativas de saídas do território machista aparelhado pela família.

Uma pausa e novos agenciamentos se iniciaram, agora com segmento-recordação sobre quando queria tentar o ensino médio em uma escola agrícola em Mirassol, mas ninguém deixou sequer prestar o vestibulinho. Felipa ecoou as justificativas sobre a pouca idade e enfatizou uma voz que dizia como absurdo uma mulher morar longe e em alojamento. Novamente aparece um eco que nos questiona o quanto o fato de Felipa ser mulher ordena as palavras vindas dos familiares, neste segmento já não mais como pergunta, mas evidentemente, somada a pouca idade e distância, os estudos da jovem foram bloqueados por ser mulher, soando como absurdo uma moça morar em alojamento, mesmo sendo sua vontade.

O bloco de segmentos continuou com a entrevistada dizendo que, não podendo visualizar o ensino médio na escola agrícola, considerou tentar em uma ETEC (Escola Técnica Estadual - política pública do Governo do Estado de São Paulo na qual é possível realizar concomitantemente o ensino médio e um curso técnico.) em Catanduva. Contudo não se identificou com nenhuma opção de curso.

Os agenciamentos ocorreram através do Regime de Signos Subjetivante, com experiências que a entrevistada teve ao tentar cursar o ensino médio em outras opções que a de sua cidade, juntamente com um curso de seu interesse, tratando de conceitos territorializados.

A conversa se movimentou em um novo segmento, agora em agenciamentos substanciados no cansaço mental gerado em uma adolescente que tentou se formar,

ir embora de casa, de várias formas, mas acabou pressionada por diversos detalhes a ficar.

Surge, pelos enunciados e gestualidades, uma indignação conceituada na contra-lógica de ter que gastar energia para convencer os familiares da importância de estudar.

Aqui Felipa falou através de suas experiências subjetivantes, mas escapou ao fim de uma fala, uma criação conceitual ainda sem nome. Embora a maior parte do segmento seja repetindo problemas enfrentados, enclausurada pela prisão territorial de seus coletivos de vozes enunciadas ou fisicamente relacionais, acoplou sua insistência frustrada em uma explicação que lhe trouxe alívio, ao falar do contra-sentido, demonstrando que saiu, antes, levemente de seu território conceitual para, posteriormente, encontrar lógica no que estava acontecendo durante sua fala, reterritorializando.

O contra-sentido de convencer os adultos conceituou o emaranhado rizomático do segmento estudos-família, iluminando em algumas palavras parte do processo de subjetivação de Felipa, bem como criou um novo ponto, agora implicado em sua rede de agenciamentos, signos e segmentos.

Tema 3 – Meu Futuro e Sonhos

Puxou a ficha temática, leu-a em voz alta e disse que não tinha a mínima ideia. Perguntou a que se referia e o pesquisador respondeu que a basicamente qualquer coisa que lhe viesse à cabeça ao olhar o tema.

Felipa perguntou novamente, aparentemente buscando compreender e ao mesmo tempo dando espaço para os agenciamentos acontecerem.

O que ela mencionou foi que sobre estudar, anulou. Quando tiver dinheiro “para se pagar e pagar a faculdade”, volta a pensar em fazer. Enquanto isso, sabe que não tem chance nenhuma. De início gagueira como se agenciamentos estivessem procurando encaixes para se expressarem. Discorreu com voz oscilando, com agudos no fim de cada frase. No rosto um sorriso e sobrancelhas suspensas, balançando o pescoço enquanto falava, acompanhando as variações no tom da voz.

Entrevistador perguntou se mesmo desistindo por hora, seria um de seus sonhos. Felipa respondeu que sim, queria fazer medicina veterinária, mas nunca deu certo. A princípio queria fazer zootecnia, mas para algumas ações este profissional necessita da permissão de um médico veterinário, porque o zootécnico é tipo um

nutricionista dos bichos. É como a nutricionista de pessoas, cuida da alimentação, porém se alguém passar mal a profissional sabe dar os primeiros socorros e cuidar da situação até chegar uma ambulância, por exemplo. O zootécnico é mais ou menos isso, sabe atender um animal, fazer o básico, identificar algo, realizar parto, mesmo focando na nutrição.

A fala não foi fluida. Respondeu sobre seu sonho afirmando com a cabeça ao mesmo tempo que repuxava a boca. Depois, gaguejou até chegar ao agenciamento zootecnia e novamente, as funções da profissão e sua decisão, parecia engasgar-se com as palavras até a analogia com nutricionismo. Seguindo, sua fala fluiu, voz e gestos não se alteraram.

Felipa queria fazer isso, contudo pela necessidade da liberação do médico veterinário para algumas ações, pensou em ser veterinária, logo de uma vez, que não ia precisar dessas liberações de ninguém. Depois faria uma pós-graduação em zootecnia. Mas acontece que é muito caro e a zootecnia também não é muito barata, então acabou deixando este sonho para mais distante.

Neste bloco, agentes maquínicos mostraram energia, uma narrativa aguda e entusiasmada no início. Ao fim o tom, velocidade e intensidade diminuíram, acompanhando o sonho deixado de lado.

Se aproximou da área de fisioterapia. Foi neste curso que foi aprovada em Bebedouro. É mais ou menos o mesmo preço dos outros, porém mais fácil de levar, de conseguir emprego, comparado ao trabalho com animais. Com bichos, às vezes um único veterinário cuida de duas, três fazendas, então é mais difícil. Mas foi outra tentativa que não deu certo. Aqui Felipa manteve fala e gestos habituais, com fala marcada por pausas marcadas, sem variações ou oscilações demais.

Tentou, então, agronomia. Mas tentou por tentar. Não uma coisa que gosta, mas já vive no meio, daria para trabalhar na propriedade que mora, cuidar de suas coisas e seria um gasto a menos. Já que não tinha mais nada, pensou nesse mesmo, mas não fez questão. Continuou envolvida em agenciamentos maquínicos sem variações em relação ao bloco anterior, contudo ao fim do segmento, estendeu palavras, deu de ombros, acompanhando a indiferença pela opção de agronomia.

Agora seu sonho mesmo é fazer medicina veterinária e pós-graduação em zootecnia. Finaliza dizendo que talvez até mude, está pesquisando sobre várias profissões. Sua voz ficou mais firme, tom mediano e pausas rítmicas. Gestos não chamaram a atenção. Houve um pequeno suspiro, continuado por uma pausa.

O pesquisador perguntou qual das profissões mencionadas mexe mais com a entrevistada. Não sabe, respondeu. Titubea bastante com fisioterapia, mas é avessa a trabalhar com pessoas. Suas amigas até falam que ela se daria bem com psicologia, mas para ela nunca foi uma possibilidade. Se disser que em algum momento de sua vida pensou em ser psicóloga, estaria mentindo. Mas elas falam que conversa de um jeito diferente, mas Felipa não quer. A princípio a conjuntura dos agenciamentos maquínicos de Felipa revelaram desinteresse. Fala arrastada, olhos cerrados com boca levemente envergada para baixo. Ao performatizar exemplo em que estaria mentindo se falasse do interesse na psicologia, agudizou a voz, prolongando sílabas finais de algumas palavras de forma anasalada.

Sem pausas, Felipa ainda contou sobre o sonho de construir uma casa:

Um sonho meu que... a minha vó e meu vô ganhou um lote... de presente do sócio do meu vô. Aí, o meu sonho que eu tenho mesmo é construir a casa do jeito que eu queria. Porque eu sei que aqui não vai dar pra eu continuar muito tempo, dá pra ver que as parede já tá caíndo, que é uma casa antiga, que a infraestrutura daqui é bem precária... e que eu vi o que eu passei por ter quebrado a perna aqui. Então eu queria construir essa casa dentro de quatro anos, fiz os plano, fiz as contas, vi o tanto que tinha que juntar tudo... e só vi mesmo, porque não depende só de mim. O dinheiro não ia nem vir de mim, porque eu nem tô trabalhando. Mas eu fiz tipo assim, a economia toda pra dar certo pra juntar esse dinheiro pra fazer essa casa, que eu queria muito essa casa. Porque é um sonho, não um sonho assim... é um sonho de ter algum lugar pra mim ficar, aonde na cidade, pra mim trabalhar, pra mim estudar, pra mim poder fazer tudo minhas coisas e ter minha independência, porque aqui não tem jeito, não tem assim como, então esse era um sonho meu. Mas que também, por enquanto dei um... taquei uma toalha quente em cima e tô deixando assim, até... vou esperar, quando eu melhorar, se der pra eu juntar algum dinheiro pra isso eu vou juntando devagar[...]

Desta vez, falou de forma tranquila, rítmica, tom de voz baixo e desacelerada. Enfatizou a voz no momento que fala da estrutura da casa e como foi ficar ali com a perna quebrada.

A entrevistada afirmou que cada vez mais percebe como ninguém vai ajudá-la e se não for por ela, nada de novo acontecerá. É independente nesse sentido e já cansou de pedir, implorar o auxílio das pessoas em seus planos. Por isso, entende que enquanto não tiver seu dinheiro, não vai fazer. Em seu planejamento, precisa primeiro conseguir o dinheiro para depois realizar outras coisas. Sua fala e gestos serenos, entoou voz e olhar ao falar sobre cansaço em implorar ajuda. Após pequena pausa, verbalizou que queria pensar em outro sonho.

Fez silêncio por alguns segundos e disse não saber se isso se enquadraria na proposta, mas ao morar no sítio, as pessoas não têm contato com sua casa, só vai quem ela realmente quer. Com isso, Felipa nunca namorou. Pelo menos não de forma mais íntima, como levar em casa e apresentar para a família, para simplesmente decidir como se morasse numa esquina próxima. Então, ninguém de sua família chegou a conhecer alguém com quem ela estivesse se relacionando.

Acontece que agora, com a perna quebrada, se vê em um dilema porque a pessoa com quem está quer lhe ver, apresentar os pais, mas ela nunca fez isso. Imagina o rapaz como namorado no futuro, mas a necessidade de trazer ele e seus familiares até sua casa, com seus familiares, lhe apavora um pouco. Felipa ainda brincou: “quebrou a perna matando porco e tem medo de trazer o menino pra conhecer a família”. Enfatizou como nunca teve relacionamento ao ponto de levar para casa. Do mais, fala e gestos habituais.

O pesquisador perguntou o que lhe amedronta na situação e a moça disse que não sabe exatamente. Sempre foi meio que bicho mesmo, vai a caça, faz o que quer e depois volta para sua toca. Só entra na sua casa quem ela quer, em quem ela tenha plena confiança. Agora uma pessoa assim não é a mesma coisa. É uma situação inédita, não sabe como serão as reações, não sabe o que vai acontecer. Odeia qualquer situação que lhe escape ao controle, isso lhe apavora, dá um negócio ruim e fica tentando em sua cabeça planejar as possibilidades. Nenhuma alteração na forma de falar ou movimentos que expressassem modificações.

Afirma que é uma pessoa do planejamento. Planeja algo, pensa o que fazer para aquilo acontecer. Pensa em como fazer para antes de tudo, ir falar com o rapaz, já que ele faz tanta questão das apresentações e depois, quando se recuperar da cirurgia e estiver caminhando novamente, ele ir até o sítio. Mas não consegue, não tem jeito de fazer isso. E assim fica, parece que lhe sufoca, nada vai dar certo, não sabe nem o que interfere, o que lhe impede, qual é o seu bloqueio com isso. O que sabe é que é algo que incomoda muito.

A princípio oscilou entre intensificar o tom ao falar sobre ser planejadora, e diminuir o ritmo ao falar sobre seu plano. Depois, continuou com fala mais pausada, tom mais baixo e um tanto trêmula ao não saber o que lhe bloqueia e como sufoca.

Não que não queira que aconteça, afinal sabe que uma hora terá que acontecer e que de muitas pessoas em muitos anos, escolheu ele para essa possibilidade. Mas

ainda assim, fica travada e analisando tudo antes. Acelerou, intensificou o ritmo e volume ao falar como não quer passar a ideia de que não quer.

F: Ah, mas eu sei lá. Acho que a falta de controle sobre a situação, sobre o fato de o que... que vai envolver muitas outras pessoas, porque não é eu e ele e a minha mãe e meu pai, ou o pai dele a madrasta dele, é tipo assim, é muita... vai tá todo mundo junto, vai tá todo mundo conhecendo todo mundo ao mesmo tempo, e isso é um evento pra mim, na minha cabeça, a probabilidade de dar tudo errado é enorme! Aí eu vou ver, tipo assim, não dá, eu não consigo pensar numa forma de dar certo. Mas não tem jeito de pular essa parte.

D: Hum.

F: E aí tá difícil, eu tô meio caducando em cima disso, não tá fácil.

Neste bloco começou falando pausadamente, aos poucos. Conforme foi construindo a situação dos encontros, a fala se acelerou, os olhos arregalaram, gesticulou com as mãos e até deu um tapa em sua coxa quando falava da madrasta. O tom também aumentou gradativamente, atingindo o ápice ao dizer que seria tudo ao mesmo tempo. Depois aliviou e sorriu, mesmo diante de certo nervosismo quando enfatizou o tamanho da probabilidade de dar errado. Com pequeno sorriso, continuou até o fim do segmento.

O pesquisador perguntou se o sonho, então, seria ter o controle de toda a situação. Felipa pausou e falou que o sonho seria ser independente para caminhar com a relação de uma forma mais lenta. Não devagar, mais suave, com as coisas acontecendo uma de cada vez e não abruptamente. Exemplifica com primeiro uma conversa, olhar para os detalhes, confirmar se é isso mesmo e, se for, aí sim conhecer os pais. Aí marca com calma, um almoço ou um horário no sítio, mas tudo espaçado, detalhando cada coisa. Em sua cabeça, se for tudo de uma vez vai dar errado. Com entaves a princípio. Depois de afirmar a necessidade de suavidade, fala e gestos movimentaram-se ao explicar os detalhes tal qual pequenas ondas, indo e vindo conforme início e fim da frase. No último trecho novamente acelerou.

Sabe que a maioria das pessoas fazem assim, mas para ela fazer de uma vez lhe causa impotência sobre sua própria vida, que vai dar tudo errado e ainda seria sua culpa, mesmo sendo impossível controlar todo mundo. Para ela, se pudesse controlar, planejar a situação, estaria ótimo. Ao fim, quando ordena vontade de planejar a situação, gargalha. O pesquisador interveio comentando que não que tudo saia como planejado e pausa, Felipa continua:

F: É, não, é. Mas eu tenho que, só de eu separar as coisas e cada coisa ser claramente aquilo, eu já fico esperando só o de ruim que pode acontecer exatamente naquilo. Não tem tipo quatro situações na mesma, que aí tem quatro situação e tem mil situação atrás que pode acontecer. Então aí, quando a gente vai separando, a gente tem problemas separados também e menos problema por situação.

D: Uhum.

F: Agora quando tá tudo junto é complicado...Acho que o sonho seria só namorar com ele mesmo, assim, e fingir que nunca aconteceu nada, demência... sem envolver família, sem envolver ninguém.

Agenciamentos maquínicos revelaram tranquilidade ao falar como seria se acontecesse de forma controlada, isolando possibilidade de problemas. Ao fim, continuou tranquila, porém com olhar furtivo, sorriso de canto, fala mansa e lúdica.

Acontece que ela está com a perna quebrada e o rapaz não tem CNH. Ela tem, ele não, mas ela está com a perna quebrada. Se não fosse por isso estaria tudo certo, ela iria de carro ver ele na cidade e estava tudo certo. Ele também depende do pai e da madrasta para se locomover, ela não. Mas não tem como dirigir. Continuou com sorriso de canto, fala pausada e lúdica, estendendo as palavras que finalizavam as frases. Ao fim usou tom e expressão de brincadeira “aí o bonito não tem carta, aí a gente fica onde? tamo no sal”.

Pensa que se tentar dirigir, conseguiria mesmo com a perna quebrada. Mas sua mãe não deixa, na cabeça dela uma pessoa com a perna quebrada não consegue fazer nada. Se sair de casa vai ser um peixe fora d'água, vai morrer. Para sua mãe é assim. Fala e gestos habituais.

Dessa forma, Felipa vai adiando sua decisão porque, como ela diz, não tem psicológico para isso, por aí vai. Após pausa, verbalizou que logo ele desiste, igual todo mundo. Nunca namorou porque as pessoas desistiram dela. Ela ficava enrolando, demorando... brincou que enrolou quando estava andando, agora com a perna quebrada aparece um que ela não quer enrolar. Mas com outros foi assim, desistiram de tanto ela demorar para decidir, por ela ter isso na cabeça, que algo vai fugir de seu controle e então será péssimo. Afirmou a voz ao dizer que logo o rapaz desiste. Em seguida continuou de maneira acelerada. Intensificou ao fim, quando se referiu a coisa que existe em sua cabeça que lhe convence que tudo sairá do controle.

Felipa afirma que é um sonho:

Mas é um sonho, que eu nunca namorei ninguém assim pra poder pôr dentro da minha casa e falar “ah, o meu namorado vai vir almoçar aqui domingo”, nunca. Isso pra mim é uma coisa inédita, aí eu fico assim, gente... ou eu falar

assim “ah, semana que vem eu vou na casa do meu namorado”. Nunca aconteceu isso na minha vida.

Além das alegrias, estão vindo as dores também. Sabe que não é sempre só aquela coisa bonitinha de andar de mãos dadas, falar que tem namorado, tem todo um outro contexto de desafios. Mas por enquanto a única coisa ruim que está tendo é essa de fazer a junção das duas famílias, que não está achando uma coisa legal. Sente como se estivessem entrando na jaula do leão e o leão não está gostando. Está invadindo seu espaço, já. Todo bloco em tom de brincadeira, oscilando a voz com idas e voltas na altura. E com sorriso no rosto.

Por fim, diz que não sabe explicar direito, é esquisita assim mesmo.

F: Eu acho que muito acostumada a morar num lugar sozinho, que você não tem vizinho pra ouvir assim nada, você não tem toda hora algum carro, alguma moto passando na frente da tua casa, sabe, que cê... cê só traz, só vem na sua casa mesmo quem você traz ou quem você convida, não é um lugar que você tem livre acesso. Ou que as pessoas passam na frente da tua casa toda hora, não é um lugar que as pessoa pode pegar e falar assim “não, vou te levar em casa”, mesmo se fosse seu amigo mesmo, qualquer pessoa, o pai da sua amiga “ah, vou te levar em casa”, não é, não é assim. É um lugar que você fica ali, isolado, então... o mesmo lugar que traz paz, é o mesmo lugar que cê escolhe detalhadamente quem vai tá ali, aí é onde que começa esses bloqueios, porque praticamente eu vivo numa jaula assim, solta né, uma toca.

Neste bloco, a fala foi mais baixa, pausada e entoada. Não teve expressões faciais que chamaram a atenção. Enfatizou a última palavra.

O fato de trazer pessoas estranhas, familiares dele, é o que mais causa estranhamento. Sempre levou para sua casa uma pessoa por vez, uma amiga, algo assim. Nunca passou por esse tipo de situação. Além de ser algo novo é uma relação nova, em um formato que não experimentou, cogitou ou planejou. Manteve tom mediando, fala pausada e gestos habituais.

Além de tudo, ainda junta a pandemia, não tem rolê, sua perna está quebrada. Aí aconteceu esse rolo. Mas vai resolver. Sonha em resolver e ficar em paz, tudo certo e sem maiores problemas. Ao fim, revelou tom brando, gestos sem aceleração.

O futuro que quer mesmo é ser independente. Totalmente independente, morar consigo mesma, trabalhar para si e para sustentar seus luxos. Se for estudar, estudar. Se for trabalhar, que trabalhe e consiga manter tudo o que deseje. Esse é seu sonho real, só isso. Não pede muito mais que isso.

Fala rítmica, sem oscilações no volume ou intensidade. Ao fim suspirou e disse que até cansou de falar. Sorrimos e encerramos.

Movimentos do Tema 3

De partida, Felipa não adentrou ao tema, sendo necessário olhar novamente para a ficha, perguntar ao pesquisador e ter tempo para expressar os agenciamentos.

O primeiro bloco de segmentos enunciados teve como material os estudos. Afirmou que anulou o assunto estudo por hora, quando tiver mais autonomia pode voltar a pensar sobre.

Acompanhando o movimento da entrevistada, o pesquisador perguntou se o que estava desistindo era um sonho, como o tema proposto da pergunta. A menina então respondeu com as formações, cursos que sonhou em fazer: zootecnia/veterinária.

Nesses movimentos iniciais, Felipa gaguejou, demorou a se aprofundar no assunto, não por não estar territorializada, mas por estar em outro território. É possível super que a surpresa do tema em questão a fez buscar novos agenciamentos, então se iniciou uma varredura aleatória em que tenta se encaixar e, por proximidade, se deparou com os estudos, assunto tratado anteriormente e ainda ressoando. Encontrou alívio nas explicações das funções que pretendia cursar e continuou, contando outras áreas de formação das quais se aproximou.

Falou como tentou fisioterapia, pois estrategicamente seria mais fácil de manter na rotina, e conseguir emprego depois. Foi para agronomia. Mesmo não sendo sua vontade, teria mais chances de trabalhar, por já vivenciar o meio rural, ou até aplicar na propriedade em que mora. Define que o sonho é veterinária com pós em zootecnia, mas talvez mude porque pesquisa bastante sobre profissões.

Falas ocorreram através do Regime de Signos Subjetivante, mantendo-se nos respectivos territórios. Chamou a atenção do pesquisador o desinteresse na agronomia, então ele perguntou qual das opções lhe chamava mais atenção.

A princípio não sabia, depois disse fisioterapia, mas não gostaria de trabalhar com pessoas. As amigas até falam que seria uma boa psicóloga, mas nunca pretendeu ou pretende essa formação.

A entrevistada agenciou um novo bloco, agora sobre o sonho de ter sua casa própria. A partir da decadência da moradia no sítio e o sofrimento ocorrido com as necessidades que a perna quebrada lhe trouxe, somadas à vontade de ter seu lugar

na cidade, para facilitar seus outros planos de trabalhar e estudar, Felipa programou com detalhes como construir uma casa. Sabe o terreno, planta, projeção de gastos e em quanto tempo teriam condições de iniciar a construção. Contudo, não depende só dela, afinal nem trabalho tem, então por enquanto fica apenas no papel e quando voltar a trabalhar, talvez retome o sonho.

Felipa nos incorpora aqui um processo de subjetivação que ordena plano de migração, como ocorre em outros tantos estudos (Marioni & Schmuck, 2019; Oliveira et al., 2014; Ramos et al., 2018). A precariedade da moradia, da estrada e do acesso a locais e profissionais de saúde, fecharam em Felipa pontos de territorialização que, por óbvio, a convenceram de se aproximar da cidade, como em outras experiências (Eche, 2018; Ramos et al., 2018)

A conversa se movimentou sem pausas para este novo bloco de segmentos, passando para um novo sonho de Felipa. O Regime de Signos Subjetivante foi o que aconteceu e não houve desterritorialização.

Continuando, no bloco seguinte a menina afirmou como concluiu que ninguém lhe ajudará com seus projetos, para o novo acontecer terá de ser por ela. Dessa forma, enquanto não tiver dinheiro, não vai conseguir nada. Para seus planos, primeiro precisa de dinheiro. Manteve-se em territorialização, Regime de Signos Subjetivante ao falar de seus planos e necessidade monetária para realizá-los.

Felipa nunca namorou e viu aí um sonho. Mesmo desajeitada, deixando claro que não sabe se encaixa bem no tema, materializou o bloco de segmentos justificando que por morar no sítio não tem contato com muitas pessoas, e seleciona quem quer que vá até sua casa, assim sua família nunca conheceu as pessoas que ela se relacionou de forma mais íntima.

Contou os percalços do relacionamento com as imposições da perna quebrada e os encontros entre as duas famílias.

Felipa enfatizou como morar no sítio lhe permitiu, por um lado, escolher quem chega até sua casa, mas por outro lado, dificultou algumas formas de relações e socializações. Nenhum índice de desterritorialização apresentado, Regime de Signos Subjetivante.

Afirmou querer que aconteça o encontro com sua família e a do pretendente a namorado, mas visualiza o acontecimento como um evento que vai movimentar muitas pessoas. Assim, diante das inúmeras variáveis das quais a chance de dar algo

errado é muito grande e que não consegue controlar, não consegue ver uma forma de dar certo, ficando travada, repetindo problematizações.

A Fala da entrevistada nos afetou enquanto pergunta sobre a participação da dificuldade de socialização que o isolamento do sítio lhe trouxe. Os poucos pontos de encontro com pessoas, a ausência de troca de experiências com amigas em sua casa, ou mesmo de paqueras, marcou seus processos de subjetivação, os territórios conceituais e como seus fluxos de agenciamentos acontecem, limitando ainda mais processos criativos de vida em movimento com outras vidas, pelo menos no que diz respeito a seu íntimo domiciliar, também expelindo para fora dali as possíveis experiências que deseja.

Continuando, o pesquisador queria voltar ao tema e perguntou se o sonho não seria ter o controle. Arriscou o fluxo dos agenciamentos, implicando de maneira contrária ao objetivo da pesquisa. Neste bloco de segmentos, não ocorreu nenhum índice de desterritorialização, os agenciamentos de Felipa aconteceram através do Regime de Signos Subjetivante.

A entrevistada respondeu que seu sonho seria ter independência, ir mais suave com o relacionamento. Se comparou, dizendo saber que todas as pessoas fazem assim, mas para ela é muito abrupto. Exemplificou como ir mais devagar iria ajuda-lá a enfrentar as situações de maneira fragmentada, um problema por vez ao invés do turbilhão de possibilidades que um encontro de famílias agora é para ela.

Um dos motivos que pressionam o encontro, além de sua perna quebrada, é o de o rapaz não possuir carteira de motorista e depende da madrasta para se locomover. Ela até pensa em dirigir mesmo com a perna quebrada, mas sua mãe proíbe. Para sua mãe qualquer coisa que fizer além de repouso, seria imprudência.

Chama a atenção como um segmento mostra oposição ao outro em relação a independência de Felipa, que se vê com certa autonomia, pois dirige sozinha, mas o carro é dos pais e eles quem definem se vai ou não, sobretudo agora com a recuperação da perna. Falou através de Regime de Signos Subjetivante, totalmente territorializando.

Em um novo movimento, a entrevistada afirmou que posterga continuamente sua decisão sobre o encontro das famílias e, após pausa, os agenciamentos se flexionaram, imaginando que seu pretendente logo desiste, como fizeram os outros. O Bloco continuou assim, com Felipa declarando que demora com suas decisões

afetivas, por não enfrentar a possibilidade de não controlar as situações, então os rapazes terminaram.

Aqui surge uma nova dúvida do quanto o isolamento social do sítio está implicando nos processos de subjetivação de Felipa. Seu território conceitual limita o passo adiante nos relacionamentos, enunciando que todos desistem, pois ela não desterritorializa seu passo seguinte.

Já deslizando para outro segmento, define que é um sonho ter uma relação íntima, com experiências em sua casa ou onde o namorado morar, visto que nunca fez isso. Agenciamentos territorializados. Ocorreram através de Regime de Signos Subjetivante, misto com Regime de Signos Significantes, quando replica em seu sonho, uma idealização de relacionamento.

No segmento seguinte, comenta sobre parte ruim de relacionamentos, pois sabe que nem tudo são flores, mas por enquanto o problema é a situação de junção das famílias.

Por fim, define como viver mais isolada, sem vizinhos, carro passando ou movimento de pessoas próximo, dificulta até a socialização entre amigos, visto que é difícil pessoas virem a sua casa, o que levou a ter bloqueios com relações mais íntimas. Ao mesmo tempo que lhe traz paz, traz dificuldades.

Em sua casa, vinha no máximo uma pessoa por vez, quando era de confiança, então visualizar uma situação com muitas pessoas estranhas, lhe é algo novo.

Os agenciamentos de Felipa mostram como morar no sítio dificultou algumas formas de relações sociais, inclusive utiliza analogias com bichos para exemplificar a forma arredia de enfrentar uma ameaça, voltando para sua toca.

Define, concluindo o tema, que o futuro que deseja é o de independência. Seja trabalhando, estudando, morando onde for, que consiga se sustentar, apenas, nada mais que isso. Não houve desterritorializações no bloco de segmentos, continuou se comunicando através do Regime de Signos Subjetivante.

Tema 4 - Cidade

Entre seus amigos e familiares, brinca que a cidade é a capital. Que ficam no sítio e quando saem, estão indo para a capital. Cidade é algo que oferece muito para eles, mas ao mesmo tempo tem um contragolpe. Às vezes a cidade precisa deles. Assim, eles conseguem vender bicho lá, leite, queijo, verdura, fruta na cidade. Mas ao mesmo tempo que eles vivem isolados ali, que precisam da cidade para comprar

insumos, a cidade também precisa deles. Vão até eles para buscar as frutas, coisas. Da mesma forma que eles do sítio precisam da cidade, ela também precisa deles. E vê bastante isso, um precisar do outro ao mesmo tempo. Ela não vai todo dia para a cidade e quando demora muito para ir, a cidade busca por eles.

F: “ah, não ó, busca uma carga de limão”, “não, busca uma carga de goiaba”. Ah, “eu queria duas galinha”, aí vem buscar as galinha, ovo, queijo, não sei quê. Então assim, quando a gente não tá precisando dela, às vezes a gente vai pra levar os nossos produtos pra ela lá né, pras pessoas que mora lá. Então acho que é bem uma troca mesmo.

A entrevistada falou de maneira fluida, tom médio, rítmica e sem oscilações. Gestos e movimentos corporais não aconteceram.

Felipa afirma que não é assim deles acharem que quem mora aqui depende deles, não. Eles dependem mais do pessoal do sítio do que vice-versa. Se param de plantar, eles na cidade não terão nada para processar. Mas também não é achar que quem mora no sítio não viveria caso não pudesse ir até a cidade, bem como não dá para achar que a cidade vai parar porque um sítio, ela, Felipa, interrompeu a roça. Existe uma troca mútua, na qual os dois se dependem e precisam viver um com o outro. No início do bloco falou de forma pausada, sem alterações. Enfatizou a voz ao falar que as dependências não são tão grandes ao ponto de pararem. Voltou a suavizar a voz e aumentou o tom, com afirmação na necessidade de os dois ambientes viverem em troca mútua.

A cidade também é um lugar onde se pode estudar, precisa ir para fazer compras, quando necessida uma roupa, às vezes comer algo diferente é lá. É tudo na cidade. Aumentou a voz e gesticulou com olhos e cabeça, apontando a direção da cidade, ao fim de cada frase.

Particularmente, se pudesse ficar no sítio, fazer tudo o que precisa ali, se manteria ali. A cidade não mostra paz, não gostaria de morar se não for por necessidade. Agora, caso necessite morar, moraria. Até porque não tem jeito de trabalhar no sítio e na cidade ao mesmo tempo. Contudo não gostaria de sair de sua casa para morar na cidade, não. Oscilou a voz começando com tom mediano, acompanhando a afirmação de preferência pelo rural. Aumentou levemente a voz e velocidade ao agenciar adaptação ao urbano, se necessário.

Lembrou de pessoas que moram ainda mais longe que ela e vai todo dia para a cidade trabalhar. A cidade também oferece isso, emprego. Verbaliza a dificuldade que é se manter nos dois lugares.

F: Mas é difícil. Você conseguir, é... fazer a junção dos dois, fazer o equilíbrio de você morar no sítio, de você cuidar de um sítio, de você ter suas coisa no sítio e de você morar ou de você trabalhar na cidade. É muito difícil. Mas tem quem consiga conciliar né, eu acho que eu não consigo. Ah, eu consegui conciliar isso por quatro anos (risos), então já é um tempo bom já.

D: Uhum.

F: Mas eu sei que é muito difícil, é muito cansativo, é uma coisa que você sai da sua casa cinco e meia da manhã e volta seis hora da tarde. Cê não tem mais vida, é tipo morar em São Paulo. Que cê pega aquele trânsito, tudo, aí cê chega. Aí na hora de cê voltar é a mesma coisa, cê tem que voltar tudo de novo, então... é meio que isso, meio difícil, é muito... não é fácil...

Pausa após dizer o quanto é difícil conciliar a rotina híbrida. Fala fluida e tranquila. Após o dizer sobre achar que não consegue, gesto e tom mostraram agenciamento repentino, lembrando o que conseguiu fazer por quatro anos. Em seguida, gargalhou. Afinou e prolongou a voz, enquanto levantava as mãos tremendo-as ao falar que esse tipo de rotina é não ter vida.

Felipa afirmou que a paz que sente no fim de semana no sítio é excelente, ninguém lhe incomoda. Em seguida, se contradiz, relatando que muitas vezes os parentes da cidade vão para lá, também em busca do sossego. Ela critica, pois para conseguir a tranquilidade deles, acaba tirando a de quem mora lá. Mesmo assim, Felipa aguenta sem problemas. Principalmente agora na pandemia. Replicou a fala dos familiares que visitam no fim de semana, ironizando a procura por paz, enquanto estão tirando a dos que lá estão.

O pesquisador aproveitou para perguntar em forma de repetição da fala da menina, se ela sabe que depende de outras pessoas, mas tem preferência por passar mais tempo no sítio. Respondeu que sim, seguido de uma longa pausa e risos ao fim. O entrevistador perguntou também se enquanto cidade, estávamos falando de Pirangi. Felipa disse que sim, mas já foi para Frutal, Campinas e Ribeirão Preto, acha que só. Algumas cidades, como Frutal é grande, mas é uma cidade meio que universitária, então ainda não é tão movimentada. Gestos e fala habituais.

Agora em se tratando de Ribeirão Preto, Felipa considera que é meio frenética, enquanto sobre Campinas, quando ficou lá, não podia nem sair do portão, pois fora foi avisada a ficar dentro de casa, não abrir o portão para ninguém e nem sair na rua.

A voz agudizou e, olhos e rosto de espanto, ao dizer que não saiam no portão em Campinas.

O tempo que passou nas cidades maiores foi referido como um grande choque de realidade para Felipa porque, em Pirangi, as pessoas por vezes deixam as portas abertas ou apenas encostadas. A maioria não tem tranca adicional no portão ou só encosta e deixa lá. De repente chega em uma cidade que não pode sair na rua, pois é perigoso, não pode andar sozinha, ir ao mercado desacompanhada, que era a duas quadras. Fala fluida. Enfatizou explicações sobre deixar porta aberta ou portão destrancado, com canto da boca repuxado e balançando a cabeça em desdém. Ao contrário, elevou sobrancelhas, apontou um lugar e aumentou a voz ao dizer que o mercado ficava há duas quadras de onde morava.

Felipa contou que em Ribeirão Preto morou em um prédio e foi algo totalmente diferente. Ficava em um prédio no qual poderia encontrar várias pessoas no corredor, qualquer coisa que precisava fazer tinha que pegar o elevador. Quando voltava tinha que amontoar tudo para dentro do elevador, subir, chegar e ir para o apartamento, que era pequeno, para uma pessoa só. Apresentou pausa após informar que morou em um prédio. O tom oscilou no início e fim da frase ao descrever como carregava itens para o apartamento via elevador.

Relatou ainda que tinha muita correria também. Quando ficou lá, foi sem fazer nada, então sempre olhava, observava as pessoas. Era assim, trabalha o dia todo, chega em casa às seis ou seis e meia da tarde, faz alguma coisa que precisa fazer, toma banho ou sai para caminhar e volta para casa. Aí depois se solicita um *delivery* e pronto. De manhã lá se vão as pessoas de novo e fica nesse ciclo para sempre. Ao mesmo tempo que praticamente não tem vida, não se tem tempo para fazer nada. Voz mais aguda ao explicar que ficou a passeio, não fazia nada. Gesticulou variavelmente com as mãos enquanto explicava as rotinas que observou.

Felipa afirmou a variedade de opções em cidades maiores, dizendo:

Cê tem muitas opção quando cê tem pra fazer, tipo quando sobra um tempinho que você quiser comer o que você quiser, é uma cidade que te proporciona muita coisa, proporciona tipo várias comidas diferente, vários lugar diferente, às vezes ambiente totalmente diferente, com vários tipos de comida, então é um lugar que você tem muita liberdade pra quando você sair, você aproveitar bastante. Porém difícil é ter o tempo pra você ir aproveitar essas coisa né? Aí eu fiquei observando bastante isso.

Falou de maneira fluida, habitual. Enfatizou todas as palavras “várias” que utilizou. Ao fim, desacelerou, afirmou sua observação e pausou.

Continuou, contando que sua prima a levou em diversos locais diferentes como shopping. Percebeu, inclusive, que cada shopping é para um público diferente, o que os tornam também diferentes. Até as praças de alimentação; a forma de andar, os jeitos das lojas, mudam totalmente de um para o outro. Enfatizou como é diferente, em um vê pessoas das camadas mais populares ou médias, com opções para todo mundo, em outro já é uma coisa para alta sociedade. Aumentou o tom ao dizer sobre percepção na diferença entre os *shoppings* que conheceu. Não recordava como se chama o lugar que as pessoas comem e o entrevistador sugeriu se seria a praça de alimentação, Felipa consentiu que era a palavra que procurava. Enfatizou as diferenças com a voz mais elevada e gestos de surpresa, terminando o bloco com fala mais serena.

Felipa destacou que as opções nas cidades maiores tem suas separações por renda. Tem para todo mundo, porém a diferença de preço e qualidade é enorme. Deu exemplo com pizza, na qual achava uma de quinze reais e também de cento e cinquenta reais, mas claro a diferença é gritante, desde o ambiente, sabor, tudo. Conversa e movimentos de costume.

Continuou contando as diferenças que percebeu. Viu muito carro, muita casa, loja, cidades muito grandes. Ela acha que “do jeito jeca que é” (sic), conseguiria viver assim, pois claro, todo mundo se adapta, mas seria muito difícil mesmo morar em um lugar lugar que não para, onde todos estão correndo, tudo muito rápido. Então para conseguir se encaixar nesse estilo de vida demoraria bastante. Bloco com fala em pausas, sem fluidez, sendo a com reticências a pausa maior.

Felipa brincou, dizendo estar acostumada com uma cidade na qual pode até deitar na rua e ali ficar o dia todo que ninguém vai se importar, não passa nem carro pela rua, mal tem movimento de veículos. Ênfase ao falar do dia todo que poderia ficar deitada, desacelerou ao fim.

Comparou com uma cidade que não para, fica vinte e quatro horas funcionando, e que as pessoas trabalham em turnos que nem sabia que existia. Ficou assustada, perguntou onde estava e o que fazer ali. Começou o bloco com fala rápida, destacou altura da voz ao falar dos turnos que mal sabia que existiam. Ao fim, desacelerou e abaixou o volume.

Contou assim sua experiência com Campinas.

F: Agora pra mim, Campinas foi mais tranquilo, não é muita gente, é muito carro, as pessoas lá já deu uma, tipo, "peraí não é assim também, vamos começar aproveitar mais". Então lá eles tipo assim, eu tenho a impressão que eles trabalha, não mais nem menos, mas eles trabalha e consegue aproveitar mais ainda; que o povo de Ribeirão. Que eu acho que Ribeirão é um lugar onde as pessoas vai pra trabalhar, e pra levantar dinheiro mesmo, e pronto. Agora, acho que campinas, as pessoas que tá lá, já tá indo mais assim... não sei, acho que é a parte da cidade que eu vi. Então vai mais devagar, tá trabalhando só pra se manter mesmo ali, e tal, tá levando a vida um pouco mais devagar.

Gagueiras ao opinar como as pessoas de Campinas já estão repensando e começando a aproveitar mais; também quando compara com moradores de Ribeirão Preto. Ao fim, desacelerou, esticou palavras, acompanhando o ritmo de quem vai mais devagar.

Para Felipa, Campinas também parece ser uma cidade perigosa. Quando foi ao centro da cidade, fazer compras em uma loja de temática japonesa, sua tia a advertiu a tomar muito cuidado com a bolsa, entre outras coisas. Ela não estava acostumada. Comparou com uma loja no centro da cidade de Pirangi em que dá para ir, às vezes esquece a carteira no caixa, passeia nos corredores, escolher diversos itens e aí que lembra onde está a carteira. Quando vê a mocinha do caixa está atrás, chamando para entregar. Todo mundo conhece todo mundo. Fala empostada no início, ditou ritmicamente as dicas que a tia deu, expressões do rosto demonstraram preocupação. Em seguida, ao falar de Pirangi, sorriu, esticou palavras e gesticulou passeio pela loja, apontando com as mãos quando fala do caixa, e dos corredores da loja.

A entrevistada disse que em cidades maiores acontece de as pessoas não se olharem, não reparam umas nas outras. Cada um vive sua vida, se quiser fazer algo muito diferente, como deitar no chão do nada, ninguém vai ligar. Felipa completa que existe algo bom nisso, também. Ser meio invisível. Ainda mais para ela que cresceu em um lugar onde todos conhecem todos e sabem da vida de todos, comentam e tudo mais. Ser invisível alguns dias é legal. A maior parte, manteve fala e gestos habituais. Entoou voz ao mesmo tempo que afirmou a cabeça enquanto falava como em sua cidade todos sabem da vida de todos. Em seguida, desacelerou, a fala ficou mais pausada.

O pesquisador perguntou se seria, então, apenas alguns dias, existindo um limite. Não acha. A entrevistada respondeu que se adaptaria conforme fosse

necessário, entretanto seria difícil. A partir de um certo tempo, uma quantidade maior de dias, surgiriam dificuldades.

Continua:

porque eu tô muito acostumada assim “ah, preciso de ir no banco”, eu pego e vou no banco. Eu não preciso ficar dependendo de ninguém. Agora lá, numa cidade que eu não conheço, não sei onde que tá as coisa, eu ia depender de alguém pra fazer. Porque por mais que eu conseguisse o endereço do lugar, eu ia precisar do que, de alguém me levar.

Aumentou o tom de voz, dando ênfase a como vai ao banco, faz o que precisa quando precisa. Ao expressar como em uma cidade desconhecida estaria dependente, passou a falar mais rápido, em seguida desacelerou, retornando ao habitual.

Felipa contou que não possui ônibus na sua cidade. Contam, mais ou menos, com os interurbanos, mas não circulares, então não faz ideia de como é se locomover assim dentro de uma área urbana. Isso seria um tipo de coisa que precisaria de alguém para ensiná-la em uma cidade maior, pois não sabe. Fala e gestos habituais.

Para Felipa, a partir do momento em que necessitar da ajuda de outras pessoas, se iniciarão as dificuldades porque odeia depender dos outros. Odeia não ter o controle do que está e irá fazer. Exemplifica que quando precisa ir ao banco, vai, faz isso e aquilo e pronto. Volta para a casa. A partir do momento que envolve outra pessoa no plano, já começa a sair de seu controle e lhe traz desconforto. Reafirmou a voz ao falar sobre o necessitar de ajuda. Enfatizou, sílaba por sílaba a palavra “odeio”, enfatizando a aversão a falta de autonomia. Ao exemplificar com ida ao banco, gesticulou com as mãos, batendo a lateral da mão direita na palma da mão esquerda, acompanhando como faz isso, aquilo e pronto.

Mas acha que seria só até se acostumar. Se considera uma pessoa bem independente, então aprenderia o mais rápido possível, depois disso ia ficar tranquila, como se estivesse nascido ali. Afinou a voz e deu de ombros ao dizer que depois que se acostumar ficaria tranquila. Ao fim, pausou.

Após espera, o pesquisador perguntou se gostaria de falar mais alguma coisa. Continuou em pausa, então seguiu:

F: Não sei... Acho que aqui devia ter mais oportunidade de trabalho pra gente não precisar pensar em sair daqui.

D: Uhum.

F: Acho que deveria ter mais oportunidade, mais incentivo às profissões que eles precisa aqui. Não pegar e ficar incentivando a gente a fazer umas coisas,

que eles sabe que eles não vão, eles que são eles que incentiva, não vai dar trabalho pra gente. Pra quê isso? Eu acho que a cidade podia oferecer não só quem é do sítio, mas quem é da própria cidade mesmo, emprego, curso profissionalizante pra pessoa poder trabalhar aqui, não precisar sair de casa pra ir trabalhar em Catanduva, Bebedouro... sair de cidade, mudar pra outro estado... não precisa disso, acho que eles devia oferecer isso, pra cidade poder crescer.

D: Uhum.

F: E pra gente não precisar sair daqui, se deslocando. É só isso.

D: Uhum. Que legal. Parece uma coisa tão simples, né?

F: Tão simples que em anos e anos que eu, 18, 19 anos que eu moro aqui eu nunca vi eles

Logo no início do bloco, Felipa, após responder que não sabia, manteve-se em silêncio por mais alguns segundos, então se agenciam segmentos sobre oportunidades locais. Enfatizou sobre incentivo à formação de pessoas para necessidades locais. Ao se perguntar para que incentivar a saída dos jovens, mesmo em tom baixo e de forma pausada, as expressões foram de dúvida e indignação.

Após este bloco de segmentos, encerramos a entrevista.

Movimentos do tema 4

No primeiro bloco do tema sobre cidade, Felipa agencia a co-dependência de um pelo outro. Ao mesmo tempo que a cidade oferece oportunidades, também precisa do campo. Ou seja, existe uma mutualidade.

Neste primeiro bloco, os agenciamentos ecoaram através de um misto de regime de signos subjetivante, quando dá exemplos próprios de ida para cidade e comércio de insumos e mantimentos, bem como signifiante ao teorizar a relação cidade-sítio e suas trocas e dependências. Nenhum índice de desterritorialização foi encontrado.

Continuou afirmando preferência pelo sítio, visto a paz que não encontra na área urbana. Se pudesse ficar só no sítio, ficaria. Por outro lado, se necessário morar na cidade, se adaptaria sem problema, afinal não tem como viver em ambos ambientes ao mesmo tempo.

Aqui vemos acontecer o mesmo que em outros ecos bibliográficos, de uma nova ruralidade que, ao contrário de antes, até prefere o sítio e ali quer ficar, mas falta viabilidade (Foguesatto et al., 2016; Ramos et al., 2018)

Lembrou de pessoas que moram ainda mais longe que ela e conciliam a vida no sítio com trabalho na cidade. Mas afirmou que é muito difícil, não têm tempo para mais nada e ela não conseguiria.

Ironicamente comparou esse tipo de rotina a de quem mora na cidade de São Paulo, com toda a demora para ir ao trabalho e voltar para casa, tendo em vista o trânsito, tornando o dia a dia, que poderia ter a tranquilidade da roça ou de um município rural, parecido com a insalubridade da rotina da maior cidade da América Latina.

Regime de Signos utilizado foi misto. Subjetivante com lembranças, exemplificação sobre paz e preferência; Significante quando compara a São Paulo mesmo sem nunca ter vivenciado aquilo, replicando um esteriótipo de que quem mora na cidade grande não tem vida, só fica no trânsito ou trabalhando. A fala foi através de suas referências consolidadas, mostrando que os agenciamentos ocorreram de maneira territorializada.

Continuando, os agenciamentos se movimentaram para nos incorporar o quanto a vida na roça é tranquila e satisfatória, sobretudo aos fins de semana. Neste momento, o fluxo da fala foi alterado, com lembrança de familiares que a visitam nos fins de semana, interrompendo a sua paz. Por fim, Felipa lida e conclui que faz parte da vida na roça, até porque na pandemia está tranquilo, não passa por esse problema.

Aqui Felipa falou através do Regime de Signos Subjetivante, sem desterritorialização. Após pausa na fala, o pesquisador colocou em forma de pergunta aberta, um resumo do que Felipa havia falado até então. Ela apenas concordou e seguiu com pausa. A fim de explorar mais segmentos sobre o tema, o pesquisador perguntou se o município referência para as falas até ali, seria Pirangi. Felipa respondeu que sim, e emendou segmentos sobre outras cidades em que teve experiências.

Uma delas, Frutal-MG, afirmou até ser grande, mas voltada para o público universitário, então pouco movimentada. Outras duas que conheceu eram maiores: Ribeirão Preto, frenética; e Campinas, perigosa ao ponto de ser orientada a não sair sequer no portão. Também sentenciou o quanto essas experiências foram choques de realidade, visto que Pirangi as pessoas praticamente deixam as casas abertas.

Permaneceu em território conceitual, a comunicação ocorreu através do Regime de Signos Subjetivante, com seus pontos de subjetivação sobre cidades que experienciou.

Agenciamentos adentraram ao segmento relativo ao período que residiu em Ribeirão Preto. Lá morou em prédio, movimentando os agenciamentos, com destaque de que além da cidade, a configuração de moradia também era diferente, implicando

menos conforto e espaço, bem como a necessidade do elevador, que dificultava quando estava carregando algo.

Além disso, a cidade era muito corrida. Ao observar, via pessoas em uma rotina apertada e repetitiva, com pouco espaço de tempo para produções desejantes ou descanso.

Ainda no mesmo bloco de segmentos, modulou para como havia muitas opções de lazer, diversidade gastronômica e possibilidades de ambientes diferentes, contudo, pouco tempo para aproveitar.

Com sua prima visitou alguns shoppings e percebeu diferenças nas propostas de cada um, voltados para classes sociais diferentes, concluindo que a diversidade de opções nas cidades maiores é acompanhada por uma separação por renda, o que desdobra opções para todos, ao mesmo tempo que classifica a qualidade de acordo com quem paga mais.

Felipa tem dúvida se conseguiria viver com tanto movimento, tem um jeito mais jeca. Talvez até se adaptaria, mas é muita correria, demoraria para se encaixar.

A entrevistada fala de um jeito jeca, que nos chama a atenção de onde vem. Jeca Tatu é um personagem criado pelo escritor brasileiro Monteiro Lobato, protagonista do conto "Urupês", de 1918, e também aparece em outras obras do autor. Contudo, ficou mais conhecido por ser interpretado pelo cineasta brasileiro Amácio Mazzaropi, em diversos filmes que fizeram muito sucesso nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Mazzaropi retratava o personagem Jeca Tatu como um homem simples e ingênuo, mas também corajoso e "matuto", que encontrava formas de sobreviver (Gouvêa, 2001). Provavelmente Felipa não conhece o personagem, mas ecoa as vozes de seus antepassados que consolidaram Jeca, como um conceito, coletivamente utilizado para aquela pessoa do interior, caipira, de jeito simplório e às vezes até ignorante (Gouvêa, 2001).

Agenciamentos territorializados, Regime de Signos Subjetivante.

Comparou a possibilidade de adaptação com hábitos de morar em Pirangi, onde as pessoas podem deitar na rua que nem passa carro para atropelar, em tom de brincadeira.

Sua experiência em Campinas foi diferente, lá as pessoas vão um pouco mais devagar, aproveitam mais. Enfatiza que talvez seja a parte da cidade que conheceu. Por outro lado, lá parece ser mais perigoso. Foi fortemente advertida para tomar cuidado com os bens pessoais ao sair de casa, o que lhe chocou pois em Pirangi

nunca pensou sobre isso. Pode ir até as lojas e esquecer a carteira no balcão que as pessoas correm atrás para devolver. Falou através de experiências pessoais, em um Regime de Signos Subjetivantes, sem alteração territorial.

Sentenciou que as pessoas da cidade grande pouco se olham, ninguém está preocupado com o outro, cada um segue sua vida. Para ela, existiu algo de bom nisso, visto que onde cresceu todos se conhecem, sabem das intimidades e comentam.

Ao responder, disse que se adaptaria conforme necessidade, mas sabe que com o tempo, novas dificuldades surgiriam. Uma delas seria a de conhecer o território, saber se locomover, como chegar aos lugares. Deu como exemplo o transporte público. Em Pirangi não existe ônibus que circula na cidade, nunca utilizou esse tipo de transporte, seria algo totalmente novo e ainda em uma cidade maior, com mais detalhes.

Mais dificuldades aconteceriam, justamente por não aceitar a dependência alheia, perder o controle do que fazer, o que em um momento de adaptação, conhecimento em um local novo, estaria bastante dependente de pessoas que já estariam inseridas ali. Por outro lado, problemáticas ocorreriam até se acostumar com o lugar. É uma pessoa independente, aprenderia rápido e em pouco tempo seria como se estivesse nascido lá. Nenhum índice de desterritorialização aconteceu, comunicação através do Regime de Signos Subjetivante.

Após pausa, sentenciou que Pirangi deveria ter mais oportunidades de trabalho, incentivo às profissões que ali demandam, assim não seria necessário pensar em sair. E vale para todos os jovens, inclusive os da cidade. A cidade, ao contrário, acaba motivando a saída.

Caso Bruno

Apresentação

Bruno tem 17 anos. Foi contatado através de uma amiga professora que se disponibilizou a ajudar. Tem leve gagueira, o que poderia desmotivar a participação, mas colaborou e se envolveu com a proposta. Antes da primeira ficha, nas apresentações e esclarecimentos éticos, o tio se apresentou, contou que é nordestino e estão em Pirangi há seis anos. Perguntou sobre o pesquisador, conhecidos em comum na cidade e sobre os objetivos da pesquisa e o que seria feito com os dados. A conversa se passou na sala da casa.

Tema 1 - A Cidade

Virou a ficha temática e perguntou se era para falar de Pirangi. Pesquisador respondeu que poderia ser qualquer coisa que lhe viesse, sobre qualquer cidade. Utilizou o papel e em seguida falou.

Afirmou achar importante dois assuntos sobre a cidade. Um é sobre o transporte, acha que as pessoas que moram no sítio ficam limitadas. Onde mora só passa um ônibus pela manhã, sendo que à tarde ou noite não tem, assim fica complicado para quem trabalha de manhã e estuda pela tarde, por exemplo. Em sua opinião, o transporte público em Pirangi precisa ser revisto para quem mora no sítio e precisa ir para a cidade.

O pesquisador fez pergunta aberta sobre os horários dos ônibus, buscando explorar o assunto e compreender melhor.

Bruno respondeu que o ônibus só passa pela manhã, à tarde não tem. Se precisar, vai de carro ou fica em casa. Além disso, como não passa só naquele sítio, o ônibus precisa estar ali por volta de seis e quinze da manhã. Para se levantar, comer e se preparar, acorda por volta de cinco horas da manhã, no mínimo.

E quanto mais distante da cidade fica o sítio, mais cedo a pessoa precisa se levantar, da mesma forma que a volta demora mais, chegando mais tarde em casa. Entre os alunos, as aulas da manhã terminam ao meio dia e quarenta e cinco minutos, mas tem pessoa que chega em casa duas horas da tarde, porque mora muito longe. Por isso o transporte para os moradores do sítio precisa ser revisto.

A fala do entrevistado aconteceu acompanhada de interrupções, repetições e prolongamentos em algumas palavras, desdobramento da disfemia (vulgo gagueira) que o acompanha. Este mecanismo o acompanhou durante toda a entrevista, contudo não será descrita repetidamente; acompanharemos suas linhas, flexões, intensidades e retrações. Utilizou como recurso a escrita antes da fala, tom estável, sem aceleração. Postura inicial com joelhos levemente próximos um do outro e as duas mãos entrelaçadas, encaixadas entre as coxas da perna. Conforme falou, gesticulou com a mão direita, na altura de seu peito, com a palma voltada para seu rosto, fazendo círculos no ar. Passou para o seguimento subsequente sem pausas.

Outra coisa que colocou no papel, foi sobre oportunidade. Para o jovem que mora na cidade, as oportunidades são maiores, visto que para quem mora no sítio não é tão grande assim. Quem está no dia a dia da cidade, fica mais próximo do que está

acontecendo, dos assuntos centrais e do que precisa ser tratado. Gagueira aumentou neste seguimento, acompanhada do movimento de piscar o olho com maior intensidade, involuntariamente. Enfatizou o tom de voz ao falar que quem está na rotina urbana, fica mais próximo dos acontecimentos.

Bruno ficou em silêncio, então o pesquisador perguntou sobre o que lhe vinha. Respondeu que lhe vem o que foi dito, transporte e oportunidades. Entrevistador, então, perguntou se Bruno gostaria de morar na cidade. Respondeu:

D: Se você puder escolher, você gostaria de morar na cidade?

G: Sim. Por causa da oportunidade. Ela é mais ampla, você tem mais. Agora, negócio de... ambiente, assim, prefiro o sítio porque o ambiente é mais calmo, você não tem tanto barulho de carro, ônibus, então acho que você se concentra mais em tudo, entendeu?

D: Uhum...

G: Então é isso em pauta.

Suavizou a voz ao falar do sítio como lugar calmo, enfatizou como pode se concentrar mais ali. Finalizou dizendo sobre a pauta, de maneira abrupta. Novamente pausou sua fala e permaneceu em silêncio.

O entrevistador, então, perguntou se não teria mais nada que lhe ocorreu ao olhar para a ficha com o assunto cidade. Respondeu que não, apenas os já falados. Assim, finalizamos a gravação.

Instantaneamente após desligar o gravador, Bruno comentou que teve outras experiências com a cidade. Antes de morar em Pirangi, residiu na área urbana, no estado do Mato Grosso. Lá que percebeu como as pessoas da cidade possuem mais oportunidades, mais agilidade para se aproximar delas, bem como ficava sabendo mais rápido de tudo, enquanto que no sítio é o último a saber.

Movimentos do tema 1

Na primeira ficha temática da entrevista o participante perguntou como deveria responder, se deveria falar sobre a cidade em que mora atualmente, Pirangi. O entrevistador respondeu que poderia ser qualquer coisa que lhe fosse despertado, da forma que preferir. Ainda assim utilizou caneta e papel e categorizou já de início os segmentos sobre cidade: transporte e oportunidades.

O pesquisador fez pergunta aberta sobre o segmento transporte, que estava em agenciamentos. Entrevistado respondeu, menos robotizado, como sua mobilidade é limitada. Mais um vez, nos ecoam vozes sobre a importância da mobilidade

enquanto conectivos entre as pessoas e as possibilidades (Foguesatto et al., 2016; Marioni & Schmuck, 2019)

Bruno ecoou vozes através de um misto entre os Regimes de Signos. Utiliza pontos de seu processo de subjetivação ao falar sobre suas experiências com transporte, horários e preparação, mas também fala através de Signos de Significação, teorizando como algo que precisa ser revisto para todos, replicando generalizações por suposições, como se fosse necessário falar para opinar soluções para todos do meio rural. Os segmentos mostraram agenciamentos totalmente territorializados, sem alterações.

Cabe ressaltar que antes de sua primeira movimentação, seu tio, responsável legal, tirou dúvidas sobre a pesquisa e assinou o TCLE. As conversas sobre as possibilidades de utilização do material da entrevista e as formalidades existentes em papéis timbrados, assinaturas formais em três vias, etc. Ainda pairavam no ar ao início da fala, reverberando ao menos a princípio e desdobrando em como Bruno se movimentou com certa rigidez, com a escrita, categorização das ideias e formulações como se fossem soluções gerais, respondendo, ilusoriamente, aos objetivos apresentados no TCLE.

O rapaz falou de seu segundo ponto em pauta, movendo-se para o bloco seguinte, oportunidades. Para ele, quem mora na cidade está mais próximo dos acontecimentos e de demandas emergentes, deixando quem mora na área rural com menos oportunidades, o que precisaria ser tratado.

Bruno não expandiu vozes sobre oportunidades. Não sabemos se o assunto a ser discutido é a distância ou demora dos acontecimentos serem disponibilizados aos jovens rurais, talvez seria melhor discutir outras formas de oportunidades; ao falar sobre a necessidade de o assunto ser tratado, estaria se referindo decerto ao pesquisador mais a pesquisa? Ou às lideranças e políticos? Os enunciados pouco explorados, despertam um movimento a partir de um misto entre Regime de Signos Significante e Regime de Signos Subjetivante. Este pelo rapaz estar expressando um problema em que possivelmente passou e aquele por acompanhar seu movimento de ensaio à teorização, mas dessa vez seguido de uma rápida finalização, mostrando então uma permanência no território.

Após a fala, os agenciamentos se flexionaram à força centrípeta do silêncio. O pesquisador ainda tentou retomar fluxos do tema, mas a resposta monossilábica de Bruno mostrou a finitude dos assuntos organizados e certa timidez em experimentar

mais novos agenciamentos com o tema. Assim, o entrevistador buscou convidar o rapaz de outra forma, mais próxima de seu território conceitual e formulou uma pergunta diretiva, sobre a possibilidade de morar na cidade.

Se pudesse escolher, moraria sim na cidade por conta da amplitude das oportunidades. Contudo, prefere o sítio quando o assunto é o ambiente, visto a calma e quietude, que possibilitam maior concentração. Sem desterritorialização, os agenciamentos ocorreram através de Regime de Signos Subjetivante.

Após o encerramento da gravação, Bruno falou mais sobre o tema. Contou que morou em outros municípios, inclusive na área urbana, quando presenciou proximidade dos fatos, dito em outro segmento. O movimento revelou que o entrevistado ficou mais à vontade depois de desplugar o cerimonial da conversa formal. Flexibilidade iluminou também a modulação anterior, mostrando o quanto estava endurecido. Bruno buscou encerrar o tema de maneira mais rápida possível, utilizou termos como “pauta”, evidenciando signos de poder formatado na figura do suposto saber que a produção de conhecimento carrega e ecoa.

Tema 2 - Futuro e Sonhos

Na segunda ficha, não utilizou a escrita. Disse que o que lhe vem é a atualidade do país. Para quem pensa em futuro e sonhos, hoje o país limita algumas coisas. Tem amigos que são formados e ao conversar com eles, dizem que no Brasil está complicado ter um sonho de ser alguém grande, pois hoje passa por uma situação que não é uma crise profunda, mas dá um passo para frente e dois para trás, então está travado. E precisa resolver coisas do passado para tentar solucionar o hoje, então é algo que vai demorar muito ainda. Gestos habituais, com gagueira e piscadas involuntárias.

Também falou como a dedicação envolve o assunto:

E pra quem tem sonho e pensa no seu futuro, assim... aí já surge outro que é dedicação. Na questão como tá o país atual, acho que quem não se dedica um pouco mais do que já se dedica, acho que sente mais dificuldade, assim, pra conseguir realizar sonho... e ter um bom futuro aqui no país. Então acho que nosso país é um pouco precário, é... precário nisso.

Não que seja impossível sonhar no Brasil. Conhece várias pessoas que tem, conseguiram se formar com muita dedicação, mesmo não tendo tanta ajuda do

Governo. Seja o atual ou o passado, não tem diferença, o Governo não dá tanta força assim.

Disse que tem o ENEM, tal, mas só tem isso. Depois nada. Então o Governo não dá tanta força para quem pensa alto. Ou a pessoa se dedica, corre atrás, ou as coisas poderão ser complicadas. Manteve gestos com as mãos, fala habitual.

O pesquisador repetiu, em forma de pergunta, o que Bruno falou. O entrevistado disse ser exatamente aquilo. As pessoas precisam se dedicar em dobro. Antes já era difícil e com a pandemia piorou.

Em seguida concluiu que era isso que tinha para falar sobre futuro e sonhos. O pesquisador buscou explorar mais o tema, a partir de vozes que ecoaram, resultando no seguinte diálogo:

G: Então é isso, sonhos e Futuro.

D: E pessoalmente, Bruno. Você tem esses sonhos?

G: Tenho.

D: E você acha que dá pra realizar?

G: Eu acho que dá. Acho que independente, assim, acho que quem quer corre atrás. Então tipo, se tratando, novamente, dedicação. Quem tem esse foco, quem tem o foco do que quer... e corre atrás, independente de estar num país em crise ou não, ele consegue chegar, assim. A gente tem muitos exemplos assim no país, de gente que em meio a dificuldade do país, foi lá, batalhou e conseguiu, assim.

Disse que quer se formar. Está em dúvida entre os cursos de administração e astronomia. Se não se dedicar totalmente ao que escolher, ficará mais complicado para ele, mas não que não dê para tentar. Tem que se dedicar, ter o foco de ir, batalhar e chegar. Finalizou dizendo que quem quer, consegue. Titubeou ao falar sobre as dúvidas sobre opções de curso, único momento em que o tom de voz variou para cima e houve reticências.

O pesquisador, em tom de pergunta, repetindo as opções de curso que Bruno afirmou. Pensa nos dois? Tem as duas alternativas. Já pensou na própria psicologia, também. Disse que pensar nas opções de curso é como um quebra-cabeças. Uma hora tem um, outra está em outro, mexe com a cabeça da pessoa. Finalizou, concluindo que os assuntos são esses. País atual e dedicação. Gaguejou ao falar que já pensou em psicologia, mas dessa vez por não recordar o termo correto. Perguntou em voz alta “como que é o nome”. Ele mesmo respondendo em seguida. Sorriu ao fim do segmento.

O pesquisador questionou se teria algum sonho pessoal, além da formação profissional. Bruno se perguntou em voz alta. Em seguida, respondeu que tem o sonho de constituir uma família e de conquistar suas coisas. Acredita que em relação a esses pontos, vai depender mais dele, não de como está o país. Depende mais da pessoa, de como ela é e se comporta, como trata o próximo. É algo mais individual.

Sonhos com educação e trabalho, tem que ter sua dedicação, mas depende bastante da situação do país, também. Teve pausa, depois de falar sobre o país. Depois nova pausa ao término do bloco. Aqui a fala fluiu menos, retornando a alguns pontos para falar novamente.

Mais uma vez buscando adentrar ao tema, o pesquisador, em tom de pergunta, falou que quando fala em família, e prolongou a palavra, como reticências, criando uma deixa para agenciamentos do entrevistado.

Continuou, quer dizer que depende mais dele, não precisa de uma ajuda do Governo. Utilizou como exemplo, uma pessoa arrogante, pois quem perde é a pessoa. Agora ele sabendo tratar o próximo, sabendo se comportar, conquistará alguém. Sendo uma pessoa boa, ficará mais fácil de encontrar alguém bom também.

Em seguida, o entrevistado concluiu dizendo que são esses os pontos e perguntou se iríamos para o próximo. Assim, fechamos o tema.

Modulou sua voz para cima ao opinar sobre como deve se comportar, ser uma boa pessoa para encontrar alguém. Após o silêncio, o entrevistado rapidamente expressou vontade de ir para o próximo.

Movimentos do tema 2

O primeiro movimento foi o de relacionar as dificuldades de sonhar com o futuro com a situação nacional. Para Bruno o Brasil não estaria vivenciando uma crise profunda, mas um momento de estagnação em que seria necessário resolver problemas históricos e vai demorar bastante.

O entrevistado deixa claro que ecoam vozes de amigos, esses que lhe falaram sobre a dificuldade de sonhar alto porque o país acaba limitando. Bruno reverberou signos significantes em seu território conceitual, sem desterritorializações.

No bloco seguinte, deslizou para enunciados sobre a importância de se dedicar e, acoplado às dificuldades do contexto nacional, dedicar-se ainda mais para realizar um sonho. Após pequena pausa, enunciou sobre a presença do governo, o ENEM, apenas. Depois disso não teria mais nada.

Para citar algumas políticas públicas na área do ensino superior, além do ENEM, existe o FIES (Financiamento Estudantil), PROUNI (Programa Universidade Para Todos) e o SISU (Sistema de Seleção Unificada). Somado ao discurso de dedicação e ao de precariedade do país, ambos generalistas, sem substanciar ou exemplificar desdobras do enunciado, movimento revela como o entrevistado não tinha total conhecimento do que estava falando, ou seja, não teve experiências com aquelas situações, replicando vozes outras, Regime de Signos Significante.

No mesmo bloco, misturou um ponto de subjetivação quando lembrou de pessoas que conhece que conseguiram se formar, por isso não é impossível. Em nenhum movimento os agenciamentos mostraram qualquer índice de desterritorialização.

O pesquisador espelhou as falas do rapaz, que apenas concordou, resumiu o que disse e buscou a finalização do tema. Contudo, percebendo que o entrevistado até o momento apenas teorizou significantes molares e não falou sobre seus sonhos e futuro que busca, perguntou se Bruno tinha sonhos e se seria possível realizá-los.

Respondeu que sim e novos agenciamentos flexionaram para segmento sobre dedicação. Para realizar seus planos, precisaria correr atrás, independente do país. Regime de Signos Significante, territorializado.

Estava em dúvida sobre estudar administração ou astronomia. Pensou até em psicologia e que escolher um curso é como um quebra-cabeças, tamanha dificuldade. O que mexe com a cabeça. Nenhuma desterritorialização, agenciamentos ocorreram através de Regime de Signo Subjetivante.

Em outro bloco de segmentos, o entrevistador questionou ao participante se teria mais algum sonho, além da formação. Se perguntou e falou sobre constituir família e conquistar suas coisas. Contudo nesse ponto, diferente de trabalho e educação, que dependem de poderes maiores empenhados em promover, este depende mais dele.

Bruno reiniciou o assunto algumas vezes, após gaguejar, mostrando necessidade de começar de novo para processar o que estava falando e comunicar novamente. O pesquisador foi provocativo, replicando em pergunta aberta o que estaria dizendo sobre família, até que Bruno enunciou que acredita depender mais dele enquanto valores pessoais. Disse que sendo uma pessoa boa, encontrará outra pessoa boa e sua família nascerá.

Com um momento de silêncio, Bruno perguntou se poderia ir para o próximo, conduzindo ao fim do tema.

Tema 3 - Rotina

Se animou ao ver o tema, disse que esse é bom. Hoje em dia sua rotina não está como antes. Divide-se entre antes da pandemia e depois que ela começou.

Antes era uma rotina não tão organizada. Lá na hora que queria. Com a chegada da pandemia parou para pensar e concluiu que precisaria ter uma rotina, saber o que faz em um dia. Foi aí que passou a colocar em foco, notar algumas coisas. Não utilizou a escrita, deixando a folha e o papel de lado. Fala e gestos habituais, sem alterações.

Atualmente acorda, tem aula, chega em casa no começo da tarde. Aí almoça, vê o que tem para fazer em casa e faz. Por volta das três da tarde, vai para seus estudos sobre as aulas, atividades que precisa fazer. Quando chega a noite, vai ler. Conta que tem livros em sua rotina para sempre estar lendo e conseguir mais conhecimento. Acha que hoje em dia é muito importante uma pessoa ter conhecimento, então o prioriza. Mesmo nos dias em que surgem imprevistos, tem que ler pelo menos uma página.

Assim, sua rotina é escola, casa, trabalhos de casa e da escola e estudos noturnos. Conclui que esta é sua rotina. Até o momento em que conta suas atividades diárias, a fala fluiu sem entraves, suave e contínua. Depois, teve algumas reticências.

Após pausa, o pesquisador perguntou como era antes da pandemia. Bruno respondeu que antes não possuía essa visão. As coisas fluíam mais conforme acontecia. Com a pandemia se tocou, disse a si mesmo para ter calma, se ficar parado não chegará em lugar nenhum, teria que parar, se organizar e colocar o que quer em foco. Foi aí que reorganizou sua rotina e agora é para seu crescimento. Antes era mais livre, tinha dia que lia, dia que não. Era meio pausado, não evoluía muito. E continuou:

Aí depois da pandemia eu comecei a parar pra pensar que meu futuro só depende de mim. O que eu faço hoje vai determinar amanhã. Então eu tenho que ter foco hoje, dedicação hoje, estudo hoje, para amanhã ser alguém. Então acho que a minha rotina foi meio que criada nesse aspecto. Negócio de rotina é isso.

Aqui aumentou a gagueira e o movimento de fechar os olhos. O pesquisador perguntou ao que se referia quando disse que realizava tarefas em casa. Bruno disse que são trabalhos diários como varrer a casa, o quintal ou limpar pratos, por exemplo.

Após responder à pergunta, também relatou que mudaram para aquele sítio, um ano antes da pandemia. Que seu tio cuida do sítio. Falou um pouco sobre quem era o dono, o descreveu para saber se o entrevistador conhecia, mas não. E disse que o casal de proprietários mora em Ribeirão Preto e permanece a maior parte do tempo lá.

Complementa que suas tarefas são mais na casa, não na roça porque seu tio falou para ele focar nos estudos, ser alguém. Que quando completar seus dezoito anos, aí pensará em trabalhar, afinal uma hora precisará ser independente. Mas até lá, deverá estudar para ser alguém. Então seu foco hoje em dia é o estudo. A princípio, descreveu atividades domésticas sem pausar ou interromper. Depois aumentou entraves, voltando a maior fluidez quando descreveu o patrão do tio. Enfatizou fala sobre focar em estudo, utilizada pelo tio.

Sem mais nada, finalizamos o tema.

Movimentos do tema 3

Bruno gostou do tema, expressando como sua rotina se divide entre antes e depois da pandemia de Covid-19. Antes era menos organizado, a pandemia lhe fez focar e recompor as atividades diárias.

Pela primeira vez o rapaz não utilizou a escrita, indo diretamente da ficha temática para a fala, mostrando que estava mais à vontade com a proposta.

Enunciou os detalhes de sua rotina: acorda, vai para a escola, volta para casa, almoça, faz atividades de casa, faz atividades escolares; e à noite lê.

Enfatizou que lê toda noite e como prioriza adquirir conhecimentos. Esse destaque revela sua palavra de ordem e como os agenciamentos demonstraram uma performance em incorporar no entrevistador como Bruno é uma máquina-inteligente, máquina-estudiosa, leitora e culta. Regime de Signos composto por pontos de Subjetivação, sem desterritorialização.

Provocado pelo pesquisador, movimentos modularam para rotina do rapaz antes da pandemia. Para ele, o dia a dia fluía conforme os eventos iam acontecendo. Flexionou novamente para pandemia, como com a chegada dos acontecimentos

pandêmicos conversou consigo mesmo, se organizou e colocou em foco, para uma rotina a favor de seu crescimento pessoal.

Viu que seu futuro depende dele mesmo, que é um desdobramento do presente e passou a se dedicar no hoje para amanhã ser alguém.

Regime misto, com pontos de subjetivação como experiências pré e pós início da pandemia, mas replicando signos significantes como exclusiva responsabilidade para conseguir alcançar seus objetivos, o que alguma voz lhe incorporou. Sem desterritorialização.

No bloco seguinte, Bruno, após ser provocado por perguntas, enunciou mais detalhes de suas tarefas em casa, como limpeza de louças, casa e quintal. Explicou que mudaram para o sítio em questão um ano antes de iniciar a pandemia e falou um pouco sobre o dono. Suas atividades são domésticas porque o tio quis assim. Para ele, ir para a roça atrapalharia nos estudos, então Bruno só deverá pensar nesse tipo de trabalho depois dos dezoito anos.

Aqui nos ecoam vozes da revisão bibliográfica. Nos estudos encontrados, a organização dos trabalhos de acordo com o gênero foi hegemônica: meninos na roça, meninas na casa (Marioni & Schmuck, 2019; Sili, Fachelli, & Meiller, 2016). Com Bruno é diferente, mostrando que para seu tio não interessa o gênero para organizar os trabalhos familiares, deixando o rapaz mais livre para focar nos estudos, sem deixar de contribuir com os trabalhos de casa.

Ainda sobre família e gênero, a figura de poder centrada no tio, revela, por um lado, uma outra configuração familiar, visto que os pais não estão presentes, mas outro, a reprodução do poder centrado no homem, sendo um coletivo família diferente, mas ainda atravessado da mesmice.

Bloco de segmentos ocorreu com Regime de Signos Subjetivante. Mesmo que o participante fale da voz de seu tio, o faz enunciando sua experiência com a ordem recebida. Seguiu territorializando.

Tema 4 - Escola

Inicia o bloco de segmentos enunciando que a escola de Pirangi é boa, mas peca na chamativa com o aluno. Dá para ver que é uma escola que passa projetos para atrair os alunos. No fim do ano tem jogos e tal. Mas um projeto que faça o jovem pensar mais, se enturmar mais, falta. Isso não é só em Pirangi, é em vários estados, várias cidades.

Algumas escolas até têm projetos, no ano corrente, mesmo, se iniciaram na escola em que estuda, alguns relacionados a projeto de vida e inovação. As escolas precisam ter mais trabalhos como esse, para atrair o aluno, fazer com que ele participe mais da aula. Hoje em dia o aluno chega, senta, não conversa com ninguém, não é participativo na aula. O professor chega, passa a aula e sai. Fica nisso. Se tivesse uma aula com o ponto de vista do aluno, sua fala, em que ele se expressa, sua participação seria maior, ia se enturmar, sentir-se com sua voz ouvida.

Sendo assim, Bruno acha que as escolas são boas hoje em dia, mas peca em termos de projetos de participação com os colegas. Continuou:

Que hoje em dia, já ouvi de alguns... gente, assim que dá aula: "a eu chego, passo isso meu, quem entendeu, entendeu". E assim eu não concordo. Tem que fazer com que o aluno participe, com que eles falem, com que ele tenha noção do que ele tá fazendo ali, pra quê ele tá ali. Tipo assim, a gente tem que ter a voz da juventude sendo ouvida. Isso é bem importante pro futuro do próprio país. Entendeu, então as escolas são boas hoje. Você tem coisa ali importante lá, mas quando se trata da participação do aluno. Quando se trata da voz do aluno ser ouvida, acho que pega um pouco nessa parte. Entende? Então acho que a parte fundamental de escola é a participação do aluno. No interior do assunto, pra ele não ir lá só assistir aula, mas pra ele participar da aula. Entendeu? Então a parte que ela peca.

A voz distorceu ao citar a fala de um professor. Enfatizou momento em que diz sobre a importância de fazer o aluno participar. No mais, manteve mesmo tom e velocidade, gestos habituais.

Por outro lado, vê que hoje em dia existe uma evolução em relação a novos projetos. Já tem, terão mais no ano que vem, já pediram para ter. Acha que é importante, para fazer com que ele, o aluno, participe da aula, não só assista de forma passiva, porque assim aprende mais.

Conclui que este é seu ponto de vista sobre a escola. É boa, mas peca quando o assunto é fazer com que o aluno participe da aula. Sem variações na fala ou gestos.

O entrevistador, então, perguntou a Bruno se gostaria de participar mais.

Respondeu que sim. Acredita que uma aula participativa é boa. Não é aquela aula chata, em que apenas ouve e acabou. O aluno passa, fala por experiência dele, a detestar a aula. Já teve aula em que chegou e disse "essa aula denovo. Só ele fala, fala e a gente não fala nada". Disse que os alunos não tinham ponto de vista ali, não eram ouvidos e só ouviam.

Acha que quando não consegue passar o que entendeu, a aula é incompleta, não é uma aula completa. Então, acredita que quanto mais participação, melhor é o

engajamento do aluno, notas, tudo em se tratando de escola. Repetiu a palavra “sim” algumas vezes para responder ao questionamento, variando tom para baixo e desacelerando a fala. Voltou a falar mais rapidamente em seguida, utilizando exemplo próprio para falar que gosta mais de aulas participativas. Empestou a voz, enfatizando como a aula fica incompleta quando é de maneira passiva.

O pesquisador perguntou se Bruno já havia passado por outras escolas. Disse que sim, algumas eram ainda mais precárias. Não tinha participação nenhuma.

Continuou, agora dizendo que parte muito do professor. Alguns não possuem esse ponto de vista de fazer com que o aluno participe, apenas passa sua aula.

Ele chega, escreve, copia. Eu já ouvi de um professor assim: “vou passar no quadro, copia o texto. O que você entendeu, entendeu. O que você não entendeu, bola pra frente”. Então quando você faz isso, acho que você mata o ensino. Acho que o ensino fica muito em decadência. Você precisa por o aluno para participar, pra ele entender o que ele tá sendo instruído, alí. Seja em qualquer área, matemática, português, assim.

Fala fluida, sem variações ou oscilações. Gestos habituais.

Sem pausas, passou para novo bloco de agenciamentos. Entende que hoje em dia, é algo bem importante colocar dentro da sala de aula o assunto de política no Brasil porque todos precisam entender quem escolhemos e colocamos no poder. Se entendem, não vão colocar qualquer um. Também se a pessoa entende quem está colocando, por que, para que, ela vai parar para pensar em quem vai colocar para exercer tal cargo. Peca em não colocar o aluno para participar de assuntos sobre política. Alguns alunos não podem nem conversar sobre o tema que outros criticam. Mas Bruno acredita que se pode conversar sobre política sem criticar o Governo atual. Dá para falar como funciona um governo, para que serve, quem escolhem.

O pesquisador perguntou se seria falar sobre política sem falar de um político em específico. Bruno respondeu que sim. Após, permaneceu em silêncio. Sem mais falas, a entrevista foi encerrada.

Movimentos do Tema 4

O primeiro movimento foi com o bloco de segmentos escola e projetos de participação, no qual sentenciava necessidade de projetos em que o aluno deve ser ouvido, seria melhor para aprender, engajar-se e se sentir parte daquilo, enturmado. Outras segmentações agenciam destaques para projetos que já buscam fazer da

escola em que estuda, um local mais colaborativo, como sobre projeto de vida, inovação e jogos interclasses.

Ecoou a voz de um professor que definiu uma metodologia totalmente assimétrica, colocando sua voz e escrita como centrais, enquanto alunos apenas copiam, estando indiferente aos estudantes que não aprendam com aquele formato.

Bruno se opõe à experiência exposta pelo professor e considera como fundamental, para uma escola, que seus alunos participem para esclarecerem o que estão fazendo.

Vozes ecoadas revelaram pontos de subjetivação, com falas em Regime de Signos Subjetivantes. Nada apresentado esteve próximo de sair do território. No próximo movimento, o pesquisador perguntou se o rapaz gostaria de participar mais.

O entrevistado expôs como metodologias ativas podem ser mais interessantes, enquanto as em que apenas ouve, passam a ser chatas. Trouxe uma experiência nesse sentido. Também afirmou que quando não passa o que entendeu, a aula não se completa, por isso quando há engajamento do aluno, a escola melhora em tudo.

O pesquisador interveio, perguntando se Bruno havia estudado em outras escolas. Respondeu que sim, mas nas outras era ainda pior. Deu novo exemplo da fala de um professor. Nenhuma diferenciação territorial, Regime de Signos Significante.

Por fim, os agenciamentos modularam para a importância de se falar de política na escola. Comentou, inclusive, existência de críticas para aqueles alunos que tentam tocar no assunto. Emendou que seria possível, ainda, falar do assunto sem criticar o Governo atual, pois seria para entender a função, para que serve.

Enunciados revelaram Regime Misto de Signos Significantes e de Subjetivação. Não houve desterritorialização.

Caso Ricardo

Apresentação

Ricardo tem 15 anos, foi contatado através de outra participante. O entrevistador foi recepcionado pelo participante, juntamente com a mãe que posteriormente se retirou para voltar ao trabalho, em outro sítio. Antes da entrevista houve troca de mensagens de texto e o rapaz perguntou se teria que estudar algo. Na chegada, durante explicações sobre ética na pesquisa, a mãe perguntou se ele

ganharia algum curso na USP. Todas as dúvidas foram esclarecidas e o TCLE preenchido.

Tema 1 - A Cidade

Ricardo, antes de iniciar a conversa, permaneceu cerca de oito minutos olhando e escrevendo sobre o tema. Elaborou alguns fatores que poderiam fazer a cidade ter um melhor aproveitamento.

Sua fala foi intercalada com trechos literais do que escreveu:

Coloquei “minha cidade é uma cidade pequena, assim como existem bons fatores também existem maus”... [sorriu] “Um ponto muito bom de ser analisado é a questão dos serviços de saúde” é... que é muito importante nos serviços... né? O que uma cidade tem para oferecer né, pra você analisar. Aí eu coloquei “para ter um bom aproveitamento é necessário organizar todos os setores de uma cidade”.

Tom de voz baixo, com algumas reticências e prolongamentos de palavras. Explorou bastante a escrita, olhou repetidamente para o entrevistador e em alguns momentos sorriu e estava trêmulo.

Após o bloco anterior, pausou a sua fala, então o pesquisador fez uma pergunta, que resultou em resposta monossilábica, desdobrando em outras perguntas e respostas.

Primeiro o entrevistado foi perguntado sobre qual cidade estava falando, respondeu ser Pirangi. Assim, em tom de pergunta, o entrevistador replicou o que foi dito, pois trata-se de uma cidade pequena que tem coisas boas e ruins. Ricardo disse apenas que sim e permaneceu calado. Mais uma vez uma pergunta espelho, agora com a fala sobre a saúde. Com mais uma resposta curta, o entrevistador perguntou o porquê de o entrevistado achar que a saúde é boa no município.

O rapaz respondeu que por ser uma cidade pequena, tem vários serviços oferecidos. Tem hospital e outros equipamentos de saúde pública. Ricardo interagiu de maneira furtiva, com respostas diretas, breves e entrecortadas. Continuou olhando repetidamente para o pesquisador.

Em seguida, o pesquisador buscou explorar o que seriam os outros itens a serem analisados na cidade, colocados por Ricardo, que respondeu que tem problemas voltados para o serviço. Para ele é uma cidade considerada boa, tem uma certa escassez de opções de trabalho, mas na questão de saúde acha que é ótima e

a escola também é grande. Titubeou no começo. Falou em tom de pergunta, finalizando com “né” quando fala do trabalho, ao mesmo tempo que olha algumas vezes para o pesquisador. Ao fim sorriu. Pesquisador brincou após fala sobre a escola ser grande, dizendo o quanto definitivamente o prédio é enorme, destoando das construções pequenas de Pirangi.

Com outra pausa, o entrevistador perguntou se o rapaz sempre morou no sítio. Contou que até seus três anos, morava na cidade vizinha, Vista Alegre do Alto. Depois, a família mudou para o sítio em que estão, em Pirangi. Ricardo contou que tem poucas memórias da época, mas lembra que morava na cidade. Fala fluida, tom de voz baixo. Gestos não chamaram a atenção. Ao fim, pausou novamente a fala. Foi perguntado sobre como vivencia a cidade, se vai muito.

Para Ricardo é um pouco difícil ir sempre ou sair à noite. Vai para a escola, às vezes para comprar algo ou quando é muito necessário, mas não sai muito, justamente por conta de morar no sítio.

O diálogo continuou:

D: Entendi. E sozinho não rola?

R: Sozinho? [risos] A pé?

D: É, não sei. Se tem ônibus, se tem...

R: Ah sim, de ônibus, de ônibus... ônibus vem buscar a gente, pra ir na escola.

Aí passa aqui... aí chego lá na escola sete horas, em ponto.

[pausa]

D: Tá... Beleza, quer falar mais alguma coisa, de cidade...?

R: Acho que é só isso mesmo, que veio na minha cabeça.

D: Uhum. Vou pausar aqui.

R: Bom.

No início do bloco Ricardo repetiu o quanto é difícil ir para a cidade. Fala tranquila e tom de voz baixo. Algumas pausas com sorrisos, quando, então, o pesquisador entra com perguntas. Finalizamos o tema.

Movimentos do Tema 1

Com longos minutos antecedendo a fala, Ricardo iniciou em um movimento de exploração. Referenciado na segurança do papel e da caneta, evocou signos significantes firmados no território da escola.

Assim continuou, desdobrando significantes mistos com signos subjetivantes. Vozes ecoaram experiências próprias ao emitir segmentos específicos de sua opinião, chamando a cidade de pequena e demonstrando aspectos bons e ruins. Por outro

lado, Ricardo opinou sobre uma necessidade de melhorar, pré estabelecendo um ranking como se fosse aquilo que estivesse sendo provocado a responder. Essa é uma voz em Regime de Signos Significantes.

O uso extenso do papel e caneta, os signos em agenciamento e os repetidos olhares ao entrevistador, demonstraram uma total territorialização dos segmentos.

No bloco seguinte, os movimentos ocorreram com tentativas do entrevistador de acompanhar e ao mesmo tempo de provocar composições para que o entrevistado continuasse, mas a composição territorial de Ricardo permaneceu estagnada, em respostas curtas, furtivas e com voz e gestos tímidos, como os de quem gostaria que o assunto não continuasse.

Ricardo ecoou vozes argumentando como a saúde pública em Pirangi é boa. Mesmo com um número baixo de habitantes, conta com vários equipamentos e um hospital. Após mais uma investida do pesquisador, o entrevistado disse que outro ponto a ser analisado na cidade seria o de falta de oportunidades de trabalho, mas assim como a saúde, a escola também é ótima e grande.

Em seguida, a conversa movimentou-se com a pergunta do entrevistador sobre a relação entre sítio e cidade. Ele morou na cidade até os três anos, mas pouco se recorda. Ir até a cidade é difícil, vai apenas quando precisam de algo. Não utiliza muito o transporte público para outras atividades que não ir à escola.

Falou atravessado por Regime de Signos Subjetivante, sem nenhuma desterritorialização.

Tema 2 – Escola

Ricardo viu a nova ficha temática e ia novamente se debruçando no caderno, quando o pesquisador interveio e explicou novamente a proposta metodológica, com exemplos e esclarecimento sobre a ideia do papel e caneta servirem como apoio, mas que não necessariamente deveria ser usado. O entrevistado perguntou se poderia fazer um mapa mental, e foi respondido que sim, poderia ficar à vontade para fazer como achasse melhor.

Quando o entrevistado ia começar a falar, a mãe interrompeu perguntando se seria necessária sua presença na casa ou se poderia voltar ao trabalho, em um sítio ao lado que é de outro familiar. O entrevistador e a mãe puxaram conversa sobre seus parentescos e possíveis conhecidos em comum com o pesquisador. Contou a história de que na infância, Ricardo teve uma doença grave e realizaram uma promessa,

buscando a cura. Em seguida a mãe se retirou e continuamos, iniciando de vez o tema.

Ricardo começou dizendo o nome da escola em que estuda. Acredita ser muito boa. Algumas disciplinas ele gosta mais que outras, como história, geografia, português e filosofia. Prefere a parte das ciências humanas, com a qual mais se identifica.

Com pausa, o pesquisador fez pergunta espelho, sobre preferência por temas de ciências humanas. Ricardo perguntou, a confirmar se humanas era tipo português. Pesquisador disse que de uma maneira geral, sim. Mas tinham outras divisões e subdivisões. Curioso, questionou quando tinha iniciado contato com a filosofia. Ricardo respondeu que naquele ano, não tinha estudado muito, mas gostou. Fala fluida, tom de voz mediano, velocidade lenta e modulações suaves. Proveniente do início do tema, o bloco aconteceu mais como conversa, com entrevistado e pesquisador trocando falas.

Sem pausas, começou a falar sobre as professoras e professores que ensinam determinadas matérias:

R: Biologia é a [nome da professora], conhece? [trecho retirado]. Um pouco pesado né, essa matéria dela. Mas eu gosto também. Conhece a [nome da professora]?

D: Conheço.

R: É a professora que eu menos gosto.

D: Por quê?

R: Não sei, antes eu adorava ela, na escola, adorava. Tanto é que ela me deu, começou me dar [nome da disciplina] no nono ano, pra mim. Antes era a [nome da professora]. Aí, assim, eu não... não ia muito com a cara da [nome da professora] também, aí passou ela, e aí eu comecei gostar dela, falei "nossa que legal". Aí, é... ela começou puxar meu saco, começou puxar saco de mim. Aí eu já cortei [risos].

D: Sêrio?

R: Não gosto, sabe? Aí então ela pegou birra de mim, não sei [risos]. Eu começo, peço pra ir no banheiro, ela fala que eu to conversando, que eu to coisando...Tudo eu. Não é os outros não, é tudo eu. Aí eu... acho que por isso... não sei por quê ela ficou assim. Não sei mesmo. Aí ela... não gosto dela por causa disso.

D: Uhum. Virou uma relação...

R: Esquisita.

Os Agenciamentos se conectaram com fluidez. A velocidade oscilou, acelerando ao contar a história da professora que possui relação esquisita. Gestos habituais.

Após pausa, o pesquisador perguntou se Ricardo gostaria de falar mais alguma coisa sobre a escola. O menino respondeu que não, mas continuou. Falou sobre os professores preferidos. Trouxe uma professora que tinha aposentado, em seguida

perguntou ao pesquisador se ele tinha sido aluno de outro professor, um que dormia na sala de aula. Falou de um apelido que os alunos o chamavam. Também contou que às vezes jogava bolinhas de papel e o educador ficava irritado e que as aulas dele lhe davam sono.

Passou a falar sobre outra professora, descreveu-a para o pesquisador. Disse que essa era a melhor professora da escola. Em seguida, perguntou ao entrevistador se tinha tido aula com outra professora, pois ele não tinha. Contou que algumas pessoas reclamam dela, que não aprendem nada. Suas aulas se resumiam a texto na lousa. Comparou com a docente que gosta, pois esta explica, dá exemplos e conversa com a turma. Fala fluiu livremente, conectando agenciamentos sem interrupções. Sorriu bastante ao falar dos professores, principalmente no momento em que descreveu o que dormia em sala de aula. Gesticulou com movimentações do corpo, se rearranjando na cadeira.

Cabe ressaltar que maiores descrições do bloco não foram possíveis para preservar o anonimato do entrevistado e dos professores citados.

Ricardo sorriu e perguntou se estava gravando. O pesquisador respondeu que sim, mas poderia ficar tranquilo porque qualquer informação que pudesse identificar as pessoas, não seria utilizada. Por fim suspirou, ainda sorrindo e finalizamos o tema.

Movimentos do Tema 2

Ricardo iniciou o segundo tema movimentando-se ao encoramento no papel e caneta. O pesquisador interveio, novamente explicando a ideia do funcionamento da entrevista e alternativas à escrita dissertativa para possibilitar agenciamentos em devir. Definiu utilizar um mapa mental como ferramenta para iniciar o tema. Um movimento acontecido em Regime de Signos Significante, com agenciamentos em direção de referências seguras como o papel e a caneta, como sendo o mais certo a se fazer, pois assim lhe foi ensinado, totalmente territorializando.

A entrevista se desdobrou na implicação da mãe de Ricardo na entrevista. Em seguida, a movimentação de Ricardo foi de trazer elogios à escola e preferência por matérias relacionadas às ciências humanas. Em seguida buscou confirmação sobre o que seriam as ciências humanas e, questionado, respondeu que havia iniciado filosofia há alguns meses. Outra vez ancorado em segmentos territorializados, referenciados em suas experiências com as disciplinas citadas.

Os Agenciamentos se moveram para as professoras de cada disciplina. Ricardo falou da didática pesada da docente de Biologia, que gosta. Em seguida, trouxe a professora que menos gosta. Contou a história, pois era uma profissional que ele adorava, contudo por bajulá-lo demais, então Ricardo colocou limites, desdobrando em birra por parte da docente.

A movimentação do entrevistado encontra palavras que conduzem o segmento para sua relação com professores, sobretudo uma que Ricardo teve uma relação estranha, relatando esta como um dos fatores que lhe atravessam no processo de subjetivação na escola. Este bloco de segmentos aconteceu no Regime de Signos Subjetivante, sem desterritorialização.

Mesmo respondendo não ter mais o que falar, continuou em comentários sobre os professores. Comentou sobre uma que aposentou, outro que dorme durante a aula, que ele e os colegas jogam bolinhas de papel, e que o irritam chamando-o de um apelido, depois os relatos moveram-se para a melhor professora da escola, deu exemplos de sua didática envolvente e a contrastar com outra docente, que os alunos não aprendem nada.

Mais uma vez, Ricardo comunicou-se através em Regime de Signos Subjetivantes, com suas experiências com os professores. Para Ricardo, falar sobre sua relação com os professores, suas disciplinas e didáticas é falar sobre a escola e como acontecem seus processos de subjetivação ali.

Nos faz pensar o que educadores, especialistas e outros adultos respondem sobre escola e se algum falaria do professor que dorme em aula e de como o apelidam, ou seja, a possibilidade de comunicar sobre uma realidade sem de fato ser ela. Se a experiência com os professores é o que compõe a escola para Ricardo, então não deveriam ser levados em consideração para seus processos de aprendizagem ou para outros processos escolares de forma geral? Não é um dado mais real do que um índice representativo sobre reproduções mecânicas de um determinado conhecimento?

Por fim, o entrevistado perguntou se estava sendo gravado, assustado por falar sem pudor, de alguns professores. O entrevistador respondeu e encerramos a entrevista sobre aquele tema.

Tema 3 - Minha Rotina

Acorda cedo, se alimenta e faz atividades da escola, depois fica com tempo livre até o almoço. Também trabalha como jovem aprendiz em um programa chamado CRAJ (Centro de Referência e Atenção à Juventude). No caso, Ricardo trabalha em uma Escola Municipal, onde estudam crianças entre o primeiro e o quinto ano do ensino fundamental. Falou de maneira fluida, tranquila e com tom de voz estável. Gesticulou apenas com a cabeça, enquanto falava, mas sem nenhum movimento que chamou a atenção.

Ricardo disse que após a entrevista ia para seu trabalho:

R: Hoje mesmo eu vou, lá pra... é... acho que entrar uma hora lá, da uma às quatro eu trabalho.

D: Mas aí cê vai todo dia?

R: Todo dia, menos de sábado e domingo. Aí assino a folha de ponto, no final de mês cai lá pra gente, o pagamento.

D: E o que você faz lá?

R: Eu fico lá à toa... praticamente, né, porque eu fico... porque não tem aula, não tem aluno né? Professores também não vão, só fica uma secretária e a gente. Aí fico lá até... dar o horário.

No início do bloco, falou com tom de voz levemente grave, assumindo uma postura mais formal. Ao fim, sorriu, passou a falar mais suavemente.

Após ser perguntado, o entrevistado explicou que quando entrou, a rotina na escola em que trabalha era diferente:

D: E quando cê entrou já tava assim?

R: Não, eu entrei ano passado... já tinha... ano retrasado, se eu não me engano; tinha aula. Aí eu era o guardinha, ficava lá na frente, né, abria o portão, dava sinal. Aí descia pra pegar papel. Mas agora, praticamente tô parado. Devia ter acrescentado isso na rotina também.

D: É. Faz parte né, da rotina.

R: Aham.

D: E você gostava assim, de trabalhar na escola?

R: Trabalho, gosto... [risos].

D: Sim, mas eu falo... quando tá na rotina de escola.

R: Ah, sim, sim. Não eu gostava sim, bastante. A gente descia, pro recreio lá, ficava lá com as criança... se alguma criança fizer alguma coisa, levava pra... [risos].

D: Levava pra diretoria [risos].

R: É, mas eu não fazia muito isso, só quando precisava mesmo.

Na primeira parte do bloco, falou de maneira pausada, movimentou os olhos para cima, como se estivesse procurando o que falar. Em seguida, ao falar sobre bater o sinal e buscar papéis, sorriu e suspirou. Ao fim, sorriu bastante.

Sem pausas, o entrevistado passou a falar sobre um rapaz que havia morrido e que trabalhava com ele. Narrou parentescos na tentativa de que o entrevistador reconhecesse a pessoa. Usou tom de voz um pouco mais baixo, desacelerou a fala e mostrou a foto do rapaz em seu celular.

O pesquisador perguntou se antes de conseguir o trabalho, frequentou as atividades do programa CRAJ. Respondeu que sim, frequentou bastante, mas até que conseguiu o emprego rapidamente. Alguns jovens lá possuíam dezesseis anos e até então não foram chamados para trabalhar. Ricardo, ao contrário, conseguiu na mesma semana que iniciou. Fala e gestos habituais. Pesquisador perguntou se Ricardo gostaria de falar mais alguma coisa sobre rotina. Respondeu que não, poderíamos passar para o último tema.

Movimentos do Tema 3

No primeiro movimento, Ricardo incorporou um resumo de sua rotina com acordar cedo, atividades escolares e ir para o trabalho.

Os agenciamentos se desdobraram em um novo bloco de enunciações, no qual Ricardo falou um pouco mais sobre seu trabalho que é de segunda a sexta e que na ocasião, com as medidas sanitárias para o enfrentamento da pandemia, não fazia praticamente nada, apenas cumpria seu horário de trabalho no local, juntamente com uma secretária. Nem mesmo os professores iam.

Nos agenciamentos existentes, o Regime de Signo utilizado foi o de Subjetivação. O entrevistado ecoa experiências na rotina, intensificadas no assunto trabalho, como chegou ao cargo de menor aprendiz e a rotina parada por conta da pandemia. Nenhum índice de desterritorialização foi revelado.

Uma nova modulação aparece com o pesquisador perguntando se Ricardo já havia começado a trabalhar na escola com as aulas suspensas. Disse que não e descreveu algumas atividades que fazia. Sorriu e mudou seus gestos ao falar como ficava com as crianças no recreio e até às levava às vezes para a diretoria.

O entrevistado sorriu na última parte do bloco, mostrando mudança ao agenciar experiências diretamente com as crianças, no recreio. Podemos nos perguntar se sua intensificação ao ecoar essas experiências foi por conta de afetos positivos, acessando o brincar e interagir com infâncias; seja por conta de levar crianças para a diretoria, momento em que ele pode ter sido evidenciado pelo poder ali exercido e que, geralmente, se torna um evento para outras crianças presentes, com grande

barulho e chacotas, o que pode ter uma pitada engraçada para Ricardo. Mais uma vez o Regime de Signo Subjetivante foi utilizado. Manteve-se em seu território conceitual.

Em seguida, sem pausas, enunciações se movimentaram para um rapaz que Ricardo trabalhou e que havia falecido. Mostrou fotos, deu detalhes do moço e de parentes. Nesse pequeno trecho o entrevistado se mostrou com tom de voz mais sério, contudo rapidamente o assunto se esvaiu, seguido de pausa. Foi quando, então, o pesquisador perguntou sobre as atividades do CRAJ.

Quando não existem vagas de emprego para Menor Aprendiz, os jovens frequentam atividades no local, em contraturno escolar. Assim, é comum que pessoas que estão há menos tempo nas atividades não ocupem as vagas que aparecem, pois são prioridade os jovens que chegaram antes. Ricardo disse que foi bastante no CRAJ, mas conseguiu emprego rápido. Em uma semana já estava trabalhando, enquanto alguns meninos já estavam com dezesseis anos e não conseguiram.

Tema 4 – Meu Futuro e Sonhos

Ricardo gosta muito da profissão de ator e dublador. Pensa em outras, como com música, também. Contudo, a que mais se identifica e gosta é a de ator, da parte da arte. Também pretende ter uma vida boa no futuro, viajar... mas para isso terá de construir e conquistar o que quer.

Permaneceu cerca de cinco minutos em silêncio, rabiscando no papel, antes de iniciar a entrevista. Ao falar, olhou algumas vezes para suas escritas. Após o bloco, pausou a fala e permaneceu em silêncio.

Pesquisador buscou explorar as ideias sobre profissões:

D: Uhum. E como que cê chegou nessa ideia de ator, dublador...?

R: Ah... eu sempre gostei sabe? Sempre gostei.

D: Mas como que você chegou nela?

R: Como que cheguei... acho que vendo assim, na televisão, assim... sabe? Por eu ter contato assim com esse pessoal, né, eu também já perguntei, já tirei dúvidas com eles, eles são muito... ah, porque a profissão de dublador é assim, é muito, eles são muito educados, são muito...? Sabe? É difícil ver uma pessoa, um dublador que não... que você já não tenha uma simpatia, sabe?

D: Uhum. Criou afinidade.

R: Isso.

D: E como que você conseguiu esses contatos?

R: Internet. Instagram, Facebook. E por aí, Whatsapp, né? Conversa.

D: Você mesmo?

R: Eu mesmo.

D: Que foi indo...?

R: Mando áudio, vídeo... [risos] escrevo... eles mandam vídeo pra mim...

Na primeira parte do bloco de segmentos, a fala do entrevistado estava entrecortada, monossilábica e pausada. Mudou ao falar que tem contato com esse pessoal, acelerando e conectando frases com fluidez. Gestos habituais.

O pesquisador perguntou se algum dos profissionais se destacava para Ricardo. O menino respondeu que interagem apenas para tirar dúvidas, mas a artista *Gaga de Ilhéus* é bastante simpática. Também conversa com *Cremilda*, com quem tem mais amizade. Com outro pessoal, apenas conversa, mas com *Cremilda* tem dia que liga, conversa por chamada de vídeo. Completou que até com o *Raul Gil* já conversou, mas foram apenas três vezes. Tom de voz mediano, fala rítmica e sem pausas. Se movimentou na cadeira

O entrevistador questionou se, além das brincadeiras, chegou a fazer algo profissional com dublagem. Respondeu que não. Gostaria, mas apenas brincou em aplicativos. Com atuação também não. Sabe que na cidade de Bebedouro existe um curso de teatro. Os dubladores falam que para dublar é preciso ser ator. Acha que tem que ter até uma carteirinha, não tem certeza se o nome é R.A. Fala e gestos habituais. Sem pausas, declara gostar bastante de história, até pensou em ser professor, o que seria uma espécie de Plano B.

Também gosta bastante de música. Pois, canta e toca. Se assusta e diz que mais brinca de canta mesmo. Perguntado, responde que toca flauta e está aprendendo saxofone. Com a flauta “manja” bastante. Aprendeu quando estudava em outra escola, Sampaio Vidal, de ensino básico. Fala habitual. Sorriu ao falar sobre como brinca de cantar e de sua habilidade com flauta.

D: Legal, legal. Cê acha que a educação pode te... viabilizar esses sonhos?

R: Educação?

D: É.

R: Tipo...?

D: De forma geral, mesmo.

R: Sim. O estudo também.

D: Cê pretende, por exemplo, que nem... no seu Plano B, digamos assim, de História né, aí é inevitável, teria que fazer uma faculdade...

R: Sim, sim, com certeza.

D: Mas quando cê fala em atuar, dublar, cê acha que a educação teria uma participação nisso, ou não?

R: Sim, sim, é... tem que ter também, é, estudar né, pra... pra ser ator né, pra interpretar, fazer... Acho que também, é... na arte, no... é na arte, né? Bom, tem várias profissões, né? Mas... (risos). Não penso muito sobre isso.

Fala furtiva, risos. Gestos habituais.

Ricardo ainda diz que tem mais vários sonhos. O de conhecer a neve, viajar bastante, aparecer na televisão... e finaliza, incorporando que todo mundo tem um sonho. Diz que sobre o tema é isso e encerramos.

Movimentos do Tema 4

Ricardo iniciou o tema falando sobre o gosto pela música e as profissões de ator e dublador.

Os agenciamentos ocorreram disparados pelo cartão temático sobre futuro e sonhos, em seguida com o entrevistado falando de seu gosto. Ricardo não falou que pretende ser um ator, músico ou dublador, mas que gosta disso. Ao fim, o entrevistado define também que deseja ter uma vida boa e viajar, mas que terá que construir e conquistar.

Os segmentos mostraram que ele quer produzir o que sonha, mas sabe que não vai. Que provavelmente abrirá mão da arte, para contrapartida do “construir e conquistar”, revelando um movimento de leve escapada do território, retornando enquadramento conceitual em seguida. Regime de Signos Significantes.

Percebendo um fluxo a ser acompanhado, o pesquisador insistiu na fala sobre profissões. Ricardo sempre gostou de dublagem e atuação, talvez por ver na televisão. Tem contato com alguns famosos e dubladores, o que aumentou ainda mais a admiração. Buscou os contatos através de redes sociais via internet. Os contatos são geralmente para tirar dúvidas, mas duas profissionais se destacaram para ele pela simpatia e acessibilidade. Sem desterritorialização. Falou através do Regime de Signos Subjetivantes.

Em um desdobramento das movimentações, vendo que Ricardo teve contato com profissionais da área e seu interesse na área, o pesquisador perguntou sobre a existência de experiências profissionais. Ricardo não teve, apenas brincou com aplicativos de dublagem e atuação. Em seguida, enunciou segmento sobre a profissionalização do interesse. Imagina que necessita ter um registro de filiação ou carteira de identificação profissional filiada a algum conselho regulador, formalizar a profissão de ator para poder dublar. Na cidade vizinha, Bebedouro, Ricardo sabe que existe um curso de teatro.

Os agenciamentos ocorreram através do Regime de Signos Subjetivantes, com Ricardo comunicando suas experiências e suposições sobre a regulamentação

profissional e curso na cidade vizinha. Não houve nenhuma disruptura nos índices de território.

Sem pausas, o fluxo de agenciamentos flexionou para uma segunda opção de profissão para Ricardo, que é relacionado a ser professor de história. Continuou, agora com gosto por música. Afirmou que canta e toca, mas em seguida, percebendo performance para incorporar ao pesquisador seu convencimento como musicista e cantor, desdobrou novamente dizendo que apenas brinca de cantar e que toca flauta e está aprendendo saxofone. Novo desdobramento enuncia, agora sim, firmeza como flautista, dizendo que manja bastante e que, inclusive, aprendeu na escola infantil.

Ricardo contou que teve suas primeiras experiências com a música no Ensino Fundamental, revelando como a implicação das artes através do som o afetou e criou em seu universo uma nova galáxia, com novas aspirações, desejos e produções para si e seu futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os conceitos utilizados e a apresentação por estudo de caso, não cabe-nos aqui conclusões generalizadoras, mas algumas considerações sobre as singularizações dos processos de subjetivação acompanhados.

No caso Jaque a entrevista se iniciou com tateios, mas rapidamente adentrou fluxos dos temas propostos, com oscilações entre momentos mais flexibilizados e outros mais rígidos. Os agenciamentos se repetiram principalmente na fala sobre o relacionamento com o namorado abusivo. Ao teorizar sobre planejamento futuro, agenciamentos tiveram movimentos de ida e volta, com dificuldade em significar algo, ou seja, saindo do substrato de signos e subjetivações e se aproximando, ainda que rapidamente, de uma desterritorialização. Jaque também destacou o quanto os relacionamentos com seu namorado, amigas e desafetos foram termômetros de seu estado emocional e de sua participação escolar.

Maria Clara, no primeiro tema, se mostrou inibida na conversa. Foram tentadas dobras e provocações nos agenciamentos, o que parece ter proporcionado maior fluidez. Quando das enunciações sobre futuro, elas parecem ter sido deslocadas para um espaço ainda indefinido, deixando brevemente o território contextual das Redes Semióticas. A incerteza do futuro a puxou para fora. Há em seu território, conceitos estratificados na ideia de uma vida baseada no mercado de trabalho.

A entrevista de Gustavo se destaca com enunciados sobre reprodução social na terra, com seus principais aprendizados vindos da família e ocorridos no dia a dia rural, através de seu avô. Gustavo também reproduz papéis masculinos bem característicos, com seus interesses e opiniões. A relação com a educação formal também chamou a atenção, visto que tem aversão a sala de aula, mas teve experiências positivas quando estratégias pedagógicas práticas, no campo e envolvendo atividades de seu interesse apareceram. Cabe ressaltar que quando foi obrigado a utilizar o ensino à distância, sua aversão aumentou ainda mais.

A participante Felipa, produziu extenso material. Destacou, também, como o ensino à distância foi dificultoso pela falta de estrutura de sua casa e de acessibilidade a tecnologias básicas. Outra passagem que chamou a atenção foi como experimentou a rotina na lida com a roça de maneira espontaneamente fluida, oportunizando sopros de Devir em oposição à rotina urbana e engessada que o adulto produz. Mais um momento de desterritorialização foi quando questionou passagens bíblicas lhe comunicadas, acompanhando os próprios agenciamentos sem bloqueá-los. Felipa

sentenciou com afincos suas dificuldades para tentar continuar os estudos, experienciando e pontuando muros a serem quebrados para sua desterritorialização através de um curso de ensino superior. Entre elas, a falta de referências e apoio familiar apareceu com maior intensidade de experiências, revelando, inclusive, uma reprodução de agenciamentos territorializados sobre gênero nas resistências e dificuldades que os familiares colocavam ou não apoiavam, visto se tratar de uma mulher querendo estudar em outra cidade, sozinha. A falta de mobilidade e possibilidades financeiras também se destacaram como empecilhos. Por fim, ainda se tratando da entrevista com Felipa, seu relacionamento amoroso, e dúvidas acerca das possíveis experiências futuras, revelaram o quanto o isolamento social implicou nos processos de produção de subjetividade da entrevistada, acompanhando-a nas idiosincrasias da rotina e da vida com pessoas.

O caso Bruno não apresentou nenhum índice de desterritorialização. O entrevistado fez teorizações sobre o estado do país, dificuldades e possibilidades de sonhar, performando como com dedicação poderia conseguir o que quisesse. A ausência de experiências com os assuntos que teorizava, revelou agenciamentos com vozes replicantes caracterizando seu território. As tarefas em casa, mostraram acontecimentos do novo rural, ou seja, uma desconstrução dos papéis de gênero e de família, primeiro por morar com seu tio, segundo por não ter responsabilidades na roça para conseguir focar seu tempo e energia nos estudos. Bruno também trouxe teorização sobre a importância das participações ativas dos alunos na escola, taxando o ensino passivo como ultrapassado e pouco efetivo para os alunos.

O último caso, Ricardo, foi o participante mais novo. Chamou a atenção sua tensão e imaginações acerca da entrevista, com sua mãe até perguntando se abriria alguma porta para ele na universidade. Ricardo também destacou como a relação com suas professoras e professores criou pontos de intensidade nas experiências com a escola e a educação. Seu futuro com a arte, levantou índices de desterritorialização, projetando aspirações como ator, dublador ou músico, revelando como o rural não precisa ser, necessariamente, isolado e reprodutor de apenas suas culturas, mas para que isso aconteça é necessário espaços de conexão com experiências com o diferente. No caso, a escola de ensino fundamental e a tecnologia, implicaram os processos de Ricardo.

Alguns destaques gerais ainda merecem ser pontuados. Primeiro, o quanto o falar sobre futuro levou à abstrações, desorganizou a rigidez dos substratos e

possibilitou processos de criação nas entrevistas, mostrando como o tempo “em branco” pode ser um espaço para o novo.

Vale ressaltar, também, como todos os entrevistados, com exceção de Maria Clara, tinham apreço pelo espaço rural e gostariam de continuar ali se possível. Teorizaram formas de viver de maneira híbrida, ou saída e depois volta, mostrando o quanto nem sempre são os jovens que desejam sair da vida rural, mas estão apenas procurando oportunidades de realizar desejos e encontrar aquilo que lhes pressionam para alcançar enquanto vida adulta e que está na área urbana enquanto futuro.

Enunciados sobre o ensino à distância se repetiram, acompanhados de intensidades que elucidaram como o EaD é penoso para a juventude que está nas áreas rurais. Seja pela falta de estrutura acessível, instabilidade das tecnologias ou mesmo por contribuir com um isolamento social que já é prejudicial.

Por último, também não poderíamos deixar de enunciar os destaques que os entrevistados deram para a escola enquanto multiplicidades além do ensino de disciplinas. Nesse estudo a escola se consolidou como um dos poucos locais de socialização por se tratar de jovens moradores da área rural. Sendo onde se criam experiências com amigos, singularidades nas relações com professores, onde ocorre as movimentações nos namoros, se movimentam participações coletivas e até onde se procura ajuda para diversos problemas. É inegável que para o jovem rural a escola seja um dos poucos centros comunitários e que com isso se torne um canal rizomático de diversas possibilidades nos processos de subjetivação.

Visto o exposto, podemos concluir que os objetivos foram alcançados, uma vez que foi possível realizar encontros com jovens moradores da área rural, acompanhar e conhecer seus movimentos, revelar e discutir sobre as especificidades do universo rural e as participações deste nos processos de subjetivação. Acompanhar agenciamentos, implicações e produções acerca da escola em suas vidas, enquanto experiências, produções e virtualidades. Conseguimos, nos limites da pesquisa, produzir e cartografar as multiplicidades dos enunciados e seus índices de desterritorialização.

Por outro lado, nos cabe reconhecer que, embora seja uma análise desafiadora, trata-se de um trabalho com uma amostra pequena, fazendo-se necessário a existência de outros trabalhos cartográficos com a juventude rural, para se reforçar as criações e descobertas aqui produzidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramo, H. W. (2005). O uso das noções de adolescência e juventude no contexto. In M. V. Freitas (Org.), *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais* (1 ed., p. 40). São Paulo: Ação Educativa.
- Abramovay, R., Silvestro, M., Cortina, N., Baldissera, I. T., Ferrari, D., & Testa, V. M. (1998). *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padroes sucessórios*. Brasília: Edições UNESCO.
- Adaime, R. D. (2007). *Clínica Experimental: programas para máquinas desejanter*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Agostinho, L. D. (2020). Guattari e a Psicoterapia Institucional. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 23(1), 2–11. Retirado de <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001001>
- Alves, M. Z., & Dayrell, J. (2015a). Ser alguém na vida: Um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educacao e Pesquisa*, 41(2), 375–390. Retirado de <https://doi.org/10.1590/s1517-97022015021851>
- Alves, M. Z., & Dayrell, J. T. (2015b). Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. *Educacao e Pesquisa*, 41(Specialissue), 1455–1471. Retirado de <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201508143396>
- Amorim, A. K. de M. A., Severo, A. K. de S., & Romagnol, R. C. (2015). Cartografia de um grupo-pensamento em saúde mental: Experimentações rizomáticas no que a vida pode mais. *Physis*, 25(2), 657–678. Retirado de <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000200017>
- Azaola, M. C. (2012). Becoming a migrant: Aspirations of youths during their transition to adulthood in rural Mexico. *Journal of Youth Studies*, 15(7), 875–889. Retirado de <https://doi.org/10.1080/13676261.2012.677813>
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) - I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação (SIRSSE) (Vol. 1, pp. 329–

- 341). Retirado de http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf
- Balica, S. F., Popescu, I., Beevers, L., Wright, N. G., Herrera Marcano, T., Ancorar, I. (2014). A ENTREVISTA DE MANEJO CARTOGRÁFICO: APREENSÃO DE UM TERRITÓRIO DE FRONTEIRA., 2014 (June), 1–2. Retirado de <https://doi.org/10.1038/132817a0>
- Barilari, M. Z., Siolotto, R. J., Tort, M. I., & Estelrich, C. (2012). La continuidad del joven rural en su medio y su relacion con la mano de obra 1, 10, 54–57.
- Barros, L. P., & Kastrup, V. (2015). Cartografar é acompanhar processos. In M. E. B. de Barros, V. Kastrup, & L. Escóssia (Eds.), *Pistas do Método da Cartografia* (pp. 52–75). Porto Alegre: Sulina.
- Bassanezzi, M. S. (1995). Imigrações no Brasil: um panorama histórico. In: Patarra, Neide Lopes (coord.org.) *Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo-SP: FNUAP.
- Bizerril, M. X. A. (2020). O processo de expansão e interiorização das universidades federais brasileiras e seus desdobramentos. *Revista Tempos e Espaços Em Educação*, 13(32), 1–15. Retirado de <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.13456>
- Brasil (2003). Decreto nº 4.873, de 11 de novembro de 2003. Institui o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica - "Luz Para Todos" e dá Outras Providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4873.htm
- Brasil, M. do D. S. e C. à F. (MDS); S. N. de R. e C. (Senarc). (2015). Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate. – N. 23. *A Inclusão Produtiva Rural No Brasil Sem Miséria: O Desafio Da Superação Da Pobreza No Campo*, 162. Retirado de <https://fpabramo.org.br/acervosocial/wp-content/uploads/sites/7/2017/08/194.pdf>
- Brasil, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466/12 (2012). Brasília. Retirado de: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html
- Brasil, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510/16

- (2016). Brasília. Retirado de:
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Breitenbach, R., & Corazza, G. (2017). Perspectiva de permanência no campo: Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. *Espacios*, 38(29).
- Buonfiglio, L. (2022). PROGRAMA NACIONAL DE HABITAÇÃO RURAL (PNHR): FRONTEIRA DA POLÍTICA HABITACIONAL NO BRASIL. *GEOgraphia*, 24(52), 1–16. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i52.a51223>
- Carneiro, M. J. (1998). Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 53–75. Retirado de
<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/135/131>
- Carneiro, M. J. (2001). Herança e gênero entre agricultores familiares. *Revista Estudos Feministas*, 9(1), 22–55. Retirado de <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2001000100003>
- Casagrande, D. P., Salvaro, G. I. J., & Estevam, D. de O. (2011). Projetos profissionais de jovens universitários/as que residem no meio rural: estudo de caso dos/as jovens do município de Meleiro, SC. *INTERAÇÕES*, 13(2), 261–271.
- Cassio, F. D. C. G. (2022). A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: *Revista Retratos Da Escola*, 16(35), 285–293.
- Castro, E. G. de, & Macedo, S. C. (2019). Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças. *Revista Direito e Práxis*, 10(2), 1214–1238. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2019/40670>
- Castro, E. G., Martins, Maíra, Almeida, S. L. F., Rodrigues, M. E. B., & Carvalho, J. G. (2009). *Os jovens estão indo embora ? Juventude rural e a construção de um ator político* (1st ed.). Rio de Janeiro: Edur.
- Castro, V. M. V., & Melo, C. C. (2014). Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera): uma proposta de avaliação em profundidade. *Aval - Revista Avaliação de Políticas Públicas*, 7(2), 96–107.

- Cazella, A. A., Capellesso, A. J., Medeiros, M., Tecchio, A., Sencébé, Y., & Búrigo, F. L. (2017). Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil: o dilema entre inclusão produtiva e assistência social. *Política & Sociedade*, 15, 49. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p49>
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). Resolução CFP nº 010/2005. Código de Ética Profissional do Psicólogo, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP.
- Corrêa, S. L. (2006). *Análise da crítica de Deleuze e Guattari à noção psicanalítica de sexualidade como modo de constituição da subjetividade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, FFCLRP-USP. Retirado de https://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/01_06_2010__14_36_03__43.pdf
- Crivello, G. (2011). 'Becoming somebody': Youth transitions through education and migration in Peru. *Journal of Youth Studies*, 14(4), 395–411. Retirado de <https://doi.org/10.1080/13676261.2010.538043>
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995a). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol.2* (Vol.2). São Paulo: editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995b). *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia Vol.1* (Vol. 1). Rio de Janeiro: editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *O que é a Filosofia?* São Paulo: editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *O Anti-Édipo*. São Paulo: editora 34.
- Dosse, F. (2010). *Gilles Deleuze & Félix Guattari Biografia Cruzada* (Vol. 4).
- Eche, D. (2018). Migración y trabajo digno en la agricultura familiar del norte del Ecuador a lo largo del año 2016. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, 14(80), 30–51. Retirado de <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cdr14-80.mtda>
- Evangelista, J. C. S., Santos, A. R. dos, Santos, C. R. C., & Silva, L. R. (2021). A POLÍTICA DO TRANSPORTE ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: IMPACTOS E DESAFIOS NA REALIDADE ESCOLAR. In J. C. S. Evangelista, A. R. dos Santos, C. R. C. Santos, & L. R. Silva (Eds.), *Políticas Públicas, Educação e Diversidade: uma compreensão científica do real - Volume 2* (2nd ed., pp. 39–53). <https://doi.org/10.37885/210605158>

- Ferrari, D. L., Abramovay, R., Silvestro, M. L., Mello, M. A. De, & Testa, V. M. (2004). Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? *Estudos Sociedade e Agricultura*, 12(2), 237–271. Retirado de <https://doi.org/ISSN 1413-0580>
- Foguesatto, C., Dalzotto Artuzo, F., Lago, A., & Dessimon Machado, J. (2016). Fatores Relevantes para a Tomada de Decisão dos Jovens no Processo de Sucessão Geracional na Agricultura Familiar. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, 37(130), 15–28.
- Freitas, M. V. (2005). Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais (1ed.; M. V. Freitas, Org.). São Paulo: Ação Educativa.
- Furlani, D. D., & Bomfim, Z. Á. C. (2013). Jovens de ambiente rural e urbano e sua relação com projetos de vida. In J. F. Leite & M. Dimenstein (Eds.), *Psicologia e contextos rurais* (pp. 117–142). Natal: EDUFRN.
- Furiati, N. M. de Á. (2010). Juventude e Estado no Brasil: a lógica constitutiva do Conselho Nacional da Juventude no governo Lula. Universidade de Brasília (UNB).
- Gallo, S. (2003). Deleuze e a educação. *Belo Horizonte: Autêntica*, 34.
- Gili Diez, V. (2013). El proceso de transición a la vida adulta: reflexiones en torno a los itinerarios familiares, educativos y laborales de jóvenes productores rurales sanjuaninos. *RevIISE: Revista de Ciencias Sociales y Humanas*, 5(5), 79–92.
- Gouvêa, L. G. (2001). O homem caipira nas obras de Lobato e de Mazzaropi: a construção de um imaginário (Universidade Estadual de Campinas). Retirado de <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/238530>
- Hur, Domênico Uhng, & Júnior, F. L. (2016). *Psicologia, políticas e movimentos sociais* (1st ed.). Petrópolis: Vozes.
- Hur, Domenico Uhng, & Sabucedo, J. M. (2020). *Psicologia dos extremismos políticos*. Petrópolis: Vozes.
- Hur, D. U. (2019). *Psicologia, política e esquizoanálise*. Campinas: Editora Alínea.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018a). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população

residente com data de referência 1º de julho de 2018. Retirado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101609.pdf>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018b). Área territorial brasileira. Rio de Janeiro: IBGE.

Janata, N. E. (2015). A formação de jovens do campo e o vínculo entre conhecimento, trabalho e educação: um estudo do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak. *Educar Em Revista*, (55), 111–127. Retirado de <https://doi.org/10.1590/0104-4060.39819>

Jurado Alvarán, C., & Tobasura Acuña, I. (2012). Dilema de la juventud en territorios rurales de Colombia: ¿campo o ciudad? *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 10(1), 63–77.

Kuhn, C., & Brumes, K. R. (2017). Juventude Rural e Relações de Gênero: Uma Breve Discussão pela Ótica do Lazer, Trabalho e Projetos de Futuro. *Revista Latino-Americana de Geografia e Genero*, 8(1), 79–103. Retirado de <https://doi.org/10.5212/rlagg.v.8.i1.0006>

Liblik, C. S. da F. K. (2015). Entre o público e o privado a biografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari - Liblik. *Revista Anima*, 5(6), 89–97.

Lopes, L. G. R., & Carvalho, D. B. de. (2017). Juventude assentada e a identidade vinculada com a terra. *Psicol. Soc. (Online)*, 29, 1–10. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100228

Lopes, L. G. R., & De Carvalho, D. B. (2015). Dinâmica temporal do assentamento e os projetos de vida da juventude rural. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 53(4), 571–588. Retirado de <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-9479005304001>

Lourenço, S. (2006). Esquizoanálise: clínica e subjetividade. *Avesso Do Avesso*, 4(4), 33–51. Retirado de <https://doi.org/10.6005/2179-5991.2006v4p33>

Malheiros, C. (2018). Entre ficar e sair do meio rural : o que dizem os / as jovens estudantes da Bahia In between staying and leaving the countryside environment : what the young Bahía, 90–109.

- Mansano, S. R. V. (2009). Sujeito , subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia Da UNESP*, 8(2), 110–117.
- Marioni, L., & Schmuck, E. (2019). JÓVENES RURALES TRABAJO Y MOVILIDADES ESPACIALES EN UNA REGIÓN HORTÍCOLA EN ARGENTINA. *Rev. Ciencias Sociales* 163, 2019(I), 117–130.
- Marlénm, S. P., Luri, S. P., & Milena Sandra, Z. V. (2017). Emprendimiento de jóvenes rurales en Boyacá - Colombia: Un compromiso de la educación y kis gobiernos locales. *Revista de Ciencias Sociales (RCS)*, 4, 23–32.
- Martínez-Corona, B., Méndez-Cadena, E., & Pérez-Nasser, E. (2014). Expectativas de vida, género y ruralidad de jóvenes en una comunidad migrante del Estado de Puebla, México. *Agricultura Sociedad y Desarrollo*, 11(3), 337. Retirado de <https://doi.org/10.22231/asyd.v11i3.86>
- Martin, L., Vitagliano, F., Campos, A., Nacional, C., Bouzan, E., Rodrigues, F., ... Forlini, L. A. (2019). Juventude no Brasil (L. Martin & F. Vitagliano, orgs.). Retrieved from <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2019/05/Juventude-Final.pdf>
- Martins, G. A. (2008). Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. *Revista De Contabilidade E Organizações*, 2(2), 9-18. <https://doi.org/10.11606/rco.v2i2.34702>
- Martins, J. de S. (2010). *O cativeiro da terra* (9th ed.). São Paulo: Contexto.
- Martins, L. R. (2021). Juventude rural no Brasil: referências para debate. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 29(1), 94. <https://doi.org/10.36920/esa-v29n1-7>
- Massabni, A. L. (1988). *Pirangi, cidade em flor*. Catanduva: Gráfica e Editora Santa Cecília.
- Massabni, A. L. (1989). *Fatos e Personagens da História de Pirangi*. Sem informações sobre editora ou cidade.
- Massabni, A. L. (1995). *Centenário de Pirangi*. Catanduva: Gráfica e Editora Santa Cecília.
- Mendonça, K. F. C., Ribeiro, E. M., Galizoni, F. M., & Augusto, H. A. (2013).

- Formação, sucessão e migração : trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto. *R. Bras. Est. Pop.*, 30(2), 445–463.
- Miranda, C., & Tiburcio, B. (2013). *A nova cara da Pobreza Rural Desenvolvimento e a Questão Regional* (17th ed.). Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. Retirado de <http://www.iica.int>
- Miranda, E. L., Loreto, M. das D. S., & Antonucci, L. A. (2012). A influência dos movimentos sociais nos projetos de vida dos jovens rurais do município de Araponga-MG. *Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável (RBAS)*, 2(2), 189–195.
- Moraes, M. D. C. de, & Vilela, S. L. de O. (2013). Trilhas De Um Debate Contemporâneo: Ruralidades, Campesinato, Novo Nominalismo. *Revista FSA*, 10(1), 59–85. Retirado de <https://doi.org/10.12819/2013.10.1.4>
- Neves, C. E. B., & Martins, C. B. (2014). Ensino Superior no Brasil: uma visão abrangente. *Educação Superior e Os Desafios No Novo Século: Contextos e Diálogos Brasil-Portugal*, 95–124.
- Nunes, D. M. P., da Silva, M. S., & Cordeiro, R. de L. M. (2016). A experiência de trabalho e dos riscos entre os trabalhadores-migrantes nordestinos nos canaviais paulistas. *Saude e Sociedade*, 25(4), 1122–1135. Retirado de <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016145485>
- Oliveira, A. U. de. (2001). A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. *Estudos Avançados*, 15(43), 185–206. Retirado de <https://doi.org/10.1590/s0103-40142001000300015>
- Oliveira, L. B. De, Rabello, D., & Feliciano, C. A. (2014). Permanecer Ou Sair Do Campo? Um Dilema Da Juventude Camponesa. *Revista Pegada Eletrônica*, 15(1), 136–150. Retirado de <https://doi.org/10.33026/peg.v15i1.3032>
- Oneto, P. D. (2015). Estoicismo e epicurismo na filosofia de Gilles Deleuze: uma 'identidade discreta'. *Revista Trágica: Estudos Da Filosofia Da Imanência*, 8(2), 105–127. Retirado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26819>
- Otero, M. (2013). Prefácio IICA. In C. Miranda & H. Silva (Eds.), *Concepções da Ruralidade Contemporânea: as singularidades brasileiras* (Vol. 21, pp. 9–10).

- Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA).
- Panno, F., & Dessimon Machado, J. A. (2014). Influências na Decisão do Jovem Trabalhador Rural: Partir ou Ficar no Campo. *Desenvolvimento Em Questão*, 12(27), 264–297. Retirado de <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2014.27.264-297>
- Passos, E., & Barros, R. B. (2015). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Eds.), *Pistas do método da cartografia* (pp. 17–31). Porto Alegre: Sulina. Retirado de http://www.prandiano.com.br/html/fr_dic.htm
- Passos, E., & Eirado, A. (2015). Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In E. Passos, M. E. B. de Barros, & V. Kastrup (Eds.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 109–130). Porto Alegre.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2014). *Pistas do método da cartografia*.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2015). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Passos, E., Kastrup, V., & Tedesco, S. (2016). *Pistas do método da cartografia - vol. 2: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina.
- Peres, F. M. de A., & Barbosa, E. A. (2018). Projetos De Vida E Educação De Jovens Rurais: Implicações Do Campo Em Suas Escolhas. *Teoria e Prática Da Educação*, 20(3), 117–130. Retirado de <https://doi.org/10.0000/rtpe.v20i3.34552>
- Perli, F. (2013). Um sem-terra ideal para um movimento nacional: representações políticas do MST nas páginas do Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Anos 90*, 20(38), 327–352. Retirado de <https://doi.org/10.22456/1983-201x.31032>
- Pessotto, A. P., Costa, C., Schwinghamer, T., Colle, G., & Corte, V. F. D. (2019). Factors influencing intergenerational succession in family farm businesses in Brazil. *Land Use Policy*, 87(June), 104045. Retirado de <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2019.104045>
- Pizzinato, A., Hamann, C., Maracci-Cardoso, J. G., & Cezar, M. M. (2016). Jovens

- mulheres do âmbito rural: Gênero, projetos de vida e território em fotocomposições. *Psicologia e Sociedade*, 28(3), 473–483. Retirado de <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p473>
- Pizzinato, A., Petracco, M. M., Hamann, C., Cé, J. P., & Rosa, E. N. (2017). Juventude feminina do meio rural: Sentidos sobre educação e perspectivas sobre futuro. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1), 41–51. Retirado de <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2017/02111066>
- Pizzinato, A., Uribe Calderón, M., Da Costa Souza, L. A., & Ferreira Burton, L. (2016). Proyecciones De Futuro Y Vida Familiar De Jóvenes Mujeres Del Campo. *Ciencias Psicológicas*, 10(2), 143. Retirado de <https://doi.org/10.22235/cp.v10i2.1259>
- Potosí, L. (2012). Juventudes emergentes: percepciones en torno a la familia, la escuela, el trabajo y el ocio en jóvenes en contextos rurales en San Luis Potosí, México. *Cuicuilco*, 19(53), 73–95.
- Prado Filho, K., & Teti, M. M. (2013). A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, 0(38), 45–59. Retirado de <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i38.2471>
- Quattrini, D., & Rosales, C. D. (2012). ¿En qué te capacitás?: Educación y trabajo en jóvenes rurales. Tensiones frente a las transformaciones agrarias en el noreste mendocino. *Astrolabio*, 8, 406–436.
- Queiroz, J. B. P. de. (2011). A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo. *Revista Nera*, 14(18), 37–46. Retirado de <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/1347/1335/3845>
- Ramos, E. B. (2009). Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock. *Revista Ágora*, (10), p. 1–20.
- Ramos, V. S. de, Angnes, J. S., & Costa, Z. (2018). O Futuro da Fumicultura: O Jovem Rural e o Dilema da Sucessão Geracional. *Desenvolvimento Em Questão*, 16(43), 548. Retirado de <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2018.43.548-572>
- Rodríguez, O. (2009). Juventud rural y lucha por la ciudadanía: límites y

- posibilidades en los procesos de socialización. *Anthropologica*, 27(27), 7–24.
- Rolnik, S., & Guattari, F. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Petrópolis.
- Rolnik, S. (1997). Psicologia: subjetividade, ética e cultura. In A. E. Silva, C. A. B. Neves, C. Rauter, E. Passos, R. B. Barros, & S. C. Josephson (Orgs.), *SaúdeLoucura*, 6 - subjetividade (2nd ed., Vol. 6, pp. 13–21). São Paulo: HUCITEC.
- Sant'Anna, A. L. de O. de, Castro, A. de C., & Jacó-Vilela, A. M. (2019). Fragmentos históricos do índio como trabalhador rural na Psicologia do Trabalho de meados do século XX. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(3), 36–47. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000300005
- Sauer, S. (2008). *Agricultura familiar versus agronegócio: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro*. Brasília: Embrapa.
- Santos, S. G. (2017). *Cuidado da saúde mental na atenção básica : cartografia de uma gestão*. Tese de Doutorado em Ciências, Universidade de São Paulo.
- Sili, M. (2005). La Juventud frente a la crisis del mundo rural. *Revista Universitaria de Geografía*, 14(1–2), 137–152.
- Sili, M., Fachelli, S., & Meiller, A. (2016). Juventud Rural: Factores que influyen en el desarrollo de la actividad agropecuaria. Reflexiones sobre el caso argentino 1,2. *Revista de Economía e Sociología Rural*, 54(4), 635–652. Retirado de <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-94790540403>
- Silva, K. de B. e, & Macedo, J. P. (2017). Psicologia e Ruralidades no Brasil: Contribuições para o Debate. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 815–830. Retirado de <https://doi.org/10.1590/1982-3703002982016>
- Silva, P. S. e, Diniz Filho, E. T., Maracajá, V. P. B. B., Maracaja, P. B., & Pereira, T. F. C. (2006). Agricultura Familiar: um estudo sobre a juventude rural no Município de Serra do Mel - RN. *Revista Verde*, 1(1), 54–66.
- Silva Sobrinho, J. G. (2016). *A Potência do Afeto: por uma clínica da gestão*. (Tese

- de doutorado) Apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP. Retirado de <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/876#preview-link0>
- Souza, B. L. De. (2016). A reprodução social nos assentamentos de reforma agrária: os desafios e perspectivas dos jovens do Assentamento Reunidas em Promissão/SP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)). Retirado de: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144320/souza_bl_me_ippri.pdf?sequence=3&isAllowed=y
- Souza, V. de, Bonamigo, I. S., & Rossoni, O. T. de O. (2018). Entre sonhos, desejos e incertezas: Cartografia de encontros com jovens rurais. *Revista AMAzônica*, XXII, 30–46.
- Stropasolas, V. L. (2004). O valor (do) casamento na agricultura familiar. *Revista Estudos Feministas*, 12(1), 253–267. Retirado de <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2004000100013>
- Tedesco, S. H. (2015). A ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações. *Polis e Psique*, 5(2), 32–47. Retirado de http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/viewFile/53952/pdf_23
- Tedesco, S. H., Sade, C., & Caliman, L. V. (2013). A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal : Revista de Psicologia*, 25(2), 299–322. Retirado de <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>
- Veiga, J. E. (2001). O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. *Estudos Avançados*, 15(43), 101–119. Retirado de <https://doi.org/1806-9592>
- Veiga, J. E. (2003). Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados.
- Velasco, H., & Díaz De Rada, Á. (1997). La lógica de la investigación etnográfica. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela.
- Vinci, C. F. R. G. (2014). *Deleuze-Guattarinianas: experimentações educacionais com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1990-2013)*. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de

Concentração: Sociologia da Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Webster, N., & Ganpat, W. (2014). St Vincent Youth and Careers in Agriculture. *Journal of Agricultural Education and Extension*, 20(1), 49–64. Retirado de <https://doi.org/10.1080/1389224X.2013.775952>

Ximenes, V. M., & Moura Junior, J. F. (2013). Psicologia Comunitária e comunidades rurais do Ceará: caminhos, práticas e vivências em extensão universitária. In J. F. Leite & M. Dimenstein (Eds.), *Psicologia e contextos rurais* (Vol. 1, pp. 453–476). Natal: EDUFERN. Retirado de https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37774622/CAPITULO_17_-_Psicologia_Comunitaria_e_comunidades_rurais_do_Ceara.pdf?1432925134=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DPsicologia_Comunitaria_e_comunidades_rur.pdf&Expires=1600474532&Signature=Y

Zamboni, J., Balduci, R. R., & (Org). (2013). *Currículos, Gêneros e Sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas*. Vitória: EDUFES. Retirado de <http://marefateadyan.nashriyat.ir/node/150>

Zaninelli, T., Caldeira, G., & Fonseca, D. L. de S. (2022). Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa. *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, 16, e02143. <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2022.v16.e02143>

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar do estudo intitulado “**Juventude do contexto rural: perspectivas sobre escola no processo dos projetos de vida**”, desenvolvido pelo pesquisador *Wanderson Diego Bramé*, sob orientação do *Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade*, vinculado ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. O estudo tem como objetivo compreender as significações de jovens moradores da área rural sobre a influência da escola para os projetos de futuro. Buscaremos conhecer e articular os detalhes do contexto de vida do jovem, suas ideias, história e considerações sobre a educação escolar, bem como suas aspirações, motivações e planos para o futuro. São critérios para inclusão nesta pesquisa: ter entre 15 e 18 anos e morar na área rural. São critérios de exclusão: possuir menos de 15 anos ou mais de 18 e/ou morar no perímetro urbano. Caso concorde em participar, serão realizadas entrevistas semiestruturadas no local de sua moradia, com previsão de 2 a 3 encontros com duração entre 50 minutos e 1 hora e 30 minutos. A entrevista tem o objetivo de conhecer detalhadamente os três temas abordados: contexto de vida, escola e futuro. A entrevista será audiogravada. Buscaremos, por meio da discussão gerada em torno destes dados, levantar demandas identificadas relacionadas a educação voltada para população rural, assim como os aspectos relacionados ao seus projetos de vida. O material produzido na pesquisa será transcrito pelo pesquisador, ficará guardado em seus arquivos pessoais e não comporá nenhum banco de dados, não podendo ser usado em outras pesquisas. A análise do material será utilizada exclusivamente para fins de divulgação científica, não havendo a utilização das informações em prejuízo das pessoas ou da comunidade. Caso seja encontrada alguma violação de direitos, os participantes serão orientados sobre meios públicos disponíveis. A participação na pesquisa é livre e não prevê riscos ou benefícios para os participantes. Caso a permanência do pesquisador gere algum incômodo ou desconforto aos envolvidos, poderão retirar o consentimento a qualquer momento da pesquisa. A identidade dos participantes será mantida em sigilo. O processo de participação não prevê nenhum tipo de gasto ou risco, contudo, caso despesas inesperadas ocorram, os envolvidos serão devidamente ressarcidos; em eventuais situações de vulnerabilidade geradas ou encontradas pela pesquisa, os familiares serão comunicados e orientados sobre serviços públicos disponíveis no território, como Posto de Saúde ou Assistência Social, por exemplo. Todos(as) os(as) participantes da pesquisa terão acesso ao resultado do estudo e uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Qualquer dúvida, esclarecimento ou informação referente à pesquisa, o pesquisador e seu orientador se colocam à disposição, a qualquer momento, pelo telefone **(17) 99765-2703** ou pelo endereço: **Av. Bandeirantes, 3900 – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto da USP - Bloco 3 - Ribeirão Preto, SP**. O Comitê de Ética em Pesquisa da FFCL-RPⁱ também poderá ser consultado em caso de eventuais dúvidas referentes as questões éticas do projeto.

Eu, _____,
portador do RG _____, estou ciente,
esclarecido e aceito participar da pesquisa.

Pirangi-SP, ____ de _____ de _____.

Wanderson Diego Bramé (Pesquisador): _____

ⁱ Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP - Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 –Prédio da Administração – sala 07 14040-901 - Ribeirão Preto - SP – Brasil, Fone: (16) 3315-4811 – E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br
Atendimento de 2ª a 6ª das 13h30 às 17h30

APÊNDICE B

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar do estudo intitulado “**Juventude do contexto rural: perspectivas sobre escola no processo dos projetos de vida**”, desenvolvido pelo pesquisador *Wanderson Diego Bramé*, sob orientação do *Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade*, vinculado ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. O estudo tem como objetivo compreender as significações de jovens moradores da área rural sobre a influência da escola para os projetos de futuro. Buscaremos conhecer e articular os detalhes do contexto de vida do jovem, suas ideias, história e considerações sobre a educação escolar, bem como suas aspirações, motivações e planos para o futuro. São critérios para inclusão nesta pesquisa: ter entre 15 e 18 anos e morar na área rural. São critérios de exclusão: possuir menos de 15 anos ou mais de 18 e/ou morar no perímetro urbano. Caso você e seu responsável concorde em participar, serão realizadas entrevista semiestruturadas no local de sua moradia, com previsão de 2 a 3 encontros com duração entre 50 minutos e 1 hora e 30 minutos. A entrevista tem o objetivo de conhecer detalhadamente os três temas abordados: contexto de vida, escola e futuro. A entrevista será áudiogravada. Buscaremos, por meio da discussão gerada em torno destes dados, levantar demandas identificadas relacionadas a educação voltada para população rural, assim como os aspectos relacionados aos seus projetos de vida. O material produzido na pesquisa será transcrito pelo pesquisador, ficará guardado em seus arquivos pessoais e não comporá nenhum banco de dados, não podendo ser usado em outras pesquisas. A análise do material será utilizada exclusivamente para fins de divulgação científica, não havendo a utilização das informações em prejuízo das pessoas ou da comunidade. Caso seja encontrada alguma violação de direitos, os participantes serão orientados sobre meios públicos disponíveis. A participação na pesquisa é livre e não prevê riscos ou benefícios para os participantes. Caso a permanência do pesquisador gere algum incômodo ou desconforto aos envolvidos, poderão retirar o consentimento a qualquer momento da pesquisa. A identidade dos participantes será mantida em sigilo. O processo de participação não prevê nenhum tipo de gasto ou risco, contudo, caso despesas inesperadas ocorram, os envolvidos serão devidamente ressarcidos; em eventuais situações de vulnerabilidade geradas ou encontradas pela pesquisa, os familiares serão comunicados e orientados sobre serviços públicos disponíveis no território, como Posto de Saúde ou Assistência Social, por exemplo. Também não há previsão de riscos. Todos(as) os(as) participantes da pesquisa terão acesso ao resultado do estudo e uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Qualquer dúvida, esclarecimento ou informação referente à pesquisa, o pesquisador e seu orientador se colocam à disposição, a qualquer momento, pelo telefone **(17) 99765-2703** ou pelo endereço: **Av. Bandeirantes, 3900 – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto da USP - Bloco 3 - Ribeirão Preto, SP**. O Comitê de Ética em Pesquisa da FFCL-RPⁱ também poderá ser consultado em caso de eventuais dúvidas referentes às questões éticas do projeto.

Eu, _____,
portador do RG _____, estou ciente,
esclarecido e aceito participar da pesquisa.

Pirangi-SP, ____ de _____ de _____.

Wanderson Diego Bramé (Pesquisador): _____

ⁱ Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP - Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 –Prédio da Administração – sala 07 14040-901 - Ribeirão Preto - SP – Brasil, Fone: (16) 3315-4811 – E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br
Atendimento de 2ª a 6ª das 13h30 às 17h30

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Responsável pelos jovens participantes das entrevistas)

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado a participar do estudo intitulado “**Juventude do contexto rural: perspectivas sobre escola no processo dos projetos de vida**”, desenvolvido pelo pesquisador *Wanderson Diego Bramé*, sob orientação do *Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade*, vinculado ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. O estudo tem como objetivo compreender as significações de jovens moradores da área rural sobre a influência da escola para os projetos de futuro. Buscaremos conhecer e articular os detalhes do contexto de vida do jovem, suas ideias, história e considerações sobre a educação escolar, bem como suas aspirações, motivações e planos para o futuro. São critérios para inclusão nesta pesquisa: ter entre 15 e 18 anos e; morar na área rural. São critérios de exclusão: possuir menos de 15 anos ou mais de 18 e; morar no perímetro urbano. Caso concorde com a participação de seu (a) filho (a), serão realizadas entrevista semiestruturadas com seu (sua) filho(a), no local em que ele (a) mora. Prevemos de 2 a 3 encontros com duração entre 50 minutos e 1 hora e 30 minutos. A entrevista tem o objetivo de conhecer detalhadamente os três temas abordados: contexto de vida, escola e futuro. A entrevista será áudiogravada. Buscaremos, por meio da discussão gerada em torno destes dados, levantar demandas identificadas relacionadas à educação voltada para população rural, assim como os aspectos relacionados ao seus projetos de vida. O material produzido na pesquisa será transcrito pelo pesquisador, ficará guardado em seus arquivos pessoais e não comporá nenhum banco de dados, não podendo ser usado em outras pesquisas. A análise do material será utilizada exclusivamente para fins de divulgação científica, não havendo a utilização das informações em prejuízo das pessoas ou da comunidade. Caso seja encontrada alguma violação de direitos, os participantes serão orientados sobre meios públicos disponíveis. A participação na pesquisa é livre e não prevê riscos ou benefícios para os participantes. Caso a permanência do pesquisador gere algum incômodo ou desconforto aos envolvidos, poderão retirar o consentimento a qualquer momento da pesquisa. A identidade dos participantes será mantida em sigilo. O processo de participação não prevê nenhum tipo de gasto ou risco, contudo, caso despesas inesperadas ocorram, os envolvidos serão devidamente ressarcidos; em eventuais situações de vulnerabilidade geradas ou encontradas pela pesquisa, os familiares serão comunicados e orientados sobre serviços públicos disponíveis no território. Todos(as) os(as) participantes da pesquisa terão acesso ao resultado do estudo e uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Qualquer dúvida, esclarecimento ou informação referente à pesquisa, o pesquisador e seu orientador se colocam à disposição, a qualquer momento, pelo telefone **(17) 99765-2703** ou pelo endereço: **Av. Bandeirantes, 3900 – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto da USP - Bloco 3 - Ribeirão Preto, SP**. O Comitê de Ética em Pesquisa da FFCL-RPⁱ também poderá ser consultado em caso de eventuais dúvidas referentes as questões éticas do projeto.

Eu, _____,
portador do RG _____, responsável legal
pelo jovem _____, estou ciente,
esclarecido e autorizo a sua participação na pesquisa.

Pirangi-SP, ____ de _____ de _____.

Wanderson Diego Bramé (Pesquisador): _____

Responsável pelo jovem: _____

ⁱ Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 –Prédio da Administração – sala 07 14040-901 - Ribeirão Preto - SP – Brasil, Fone: (16) 3315-4811 – E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br
Atendimento de 2ª a 6ª das 13h30 às 17h30